



play along

LIZ TOMFORDE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

The background of the entire image is a night-time photograph of the Chicago skyline, viewed from across a body of water. The city lights are reflected in the water. A large, stylized white lightning bolt strikes down from the top right, extending across the sky. Overlaid on the sky is the phrase "play along." repeated many times in a small, purple, cursive font. In the center, the words "play along" are written in a large, white, thick, hand-drawn script font. The word "play" is on the top line and "along" is on the bottom line, with the letters of "along" being significantly larger and more prominent.

play along

LIZ TOMFORDE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Kennedy

Sou a única mulher na equipe médica dos Windy City Warriors, e depois de anos aturando um médico machista, estou desesperada para conseguir o emprego dos sonhos em outro time no ano que vem.

Só preciso manter minha reputação profissional nessa última temporada em Chicago.

Mas um encontro maluco em Las Vegas com o shortstop do time coloca tudo a perder, deixando-me com uma memória nebulosa e um anel na mão esquerda.

Agora, não só estou legalmente casada com o homem mais insistente que já conheci, mas graças ao plano de Isaiah para salvar meu emprego, tenho que fingir que tudo foi um casamento planejado e não um erro bêbado.

Isaiah Rhodes é imprudente, impulsivo e irritantemente charmoso.

Ele também é meu novo marido.

Eles erraram no ditado.

O que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas...

Às vezes, segue você de volta para casa.

Isaiah

Como shortstop do time de beisebol profissional de Chicago, tive minha cota de diversão.

Mas tudo acabou no dia em que Kennedy Kay se tornou uma mulher solteira.

Estou apaixonado pela fisioterapeuta do time há anos.

Flertei sem sucesso, então imagine minha surpresa quando acordei em Las Vegas com uma aliança no dedo e minha ruiva favorita na cama.

Combinamos de ficar casados por uma temporada de beisebol, tempo suficiente para manter o emprego dela seguro, mas na minha cabeça, estou usando esse tempo juntos para provar que sou um bom partido.

Kennedy pode estar relutante em entrar no meu jogo, mas é um jogo que eu me recuso a perder.

Então, vamos lá, esposa... entre no jogo.

PLAYLIST

Love On the Run – Sons of Zion feat. Jackson Owens	2:57
Drunk & I'm Drunk – Marc E. Bassy	3:56
Obsessed – Mariah Carey	4:02
You Got It – Jamieboy & Myles Parrish	3:36
Lose Control – Teddy Swims	3:30
Bad Side – iyla	2:40
Home – Good Neighbours	2:37
Ms. Poli Sci – Paul Russell & Khary	2:08
Classic – MKTO	2:55
Trial By Fire – Marc E. Bassy feat. Bibi Bourelly	2:34
Seasons – VEDO	3:20
DFMU – Ella Mai	3:17
Must Be Mine – Kiana Ledé feat. Ant Clemons	2:31
MARS – Mario	3:48
Abracadabra, Pt. 2 – Wes Nelson	2:47
6 months – John K	3:37
Make Me Wanna – VEDO	3:40
Naked – James Arthur	3:53
This City Remix – Sam Fischer feat. Anne-Marie	3:17
Comfortable – H.E.R.	4:15
Love Like This – Natasha Bedingfield feat. Sean Kingston	3:42

PRÓLOGO

Isaiah

TRÊS ANOS ATRÁS

É o pior dia do ano.

É o pior dia de *todos* os anos.

Normalmente, passo esse dia viajando com meus colegas de equipe em uma viagem de confraternização da pré-temporada. Eu deveria estar em Cancun ou Miami, tomando um coquetel à beira de uma piscina, totalmente distraído com a festa que me cerca.

Só que, neste ano, não estou à beira da piscina, bêbado ou distraído. Estou escondido no banheiro feminino na sede do time, porque a temporada começa cedo e, infelizmente, o primeiro dia de beisebol não é distração suficiente para mim.

O banheiro feminino é impecável e infinitamente mais limpo do que o nosso. Tem um sofá de veludo aqui e pequenos frascos de perfume no balcão. Toalhas de mão bem dobradas e balas de menta em uma tigela de vidro. O cheiro é infinitamente melhor do que o do banheiro masculino, e minha única esperança é que os outros rapazes não percebam como é bom estar aqui, porque esse é o *meu esconderijo secreto* e tem sido assim nos últimos seis anos – desde que fui convocado para jogar como shortstop¹ no Windy City Warriors.

Não há mulheres na equipe aqui, então ninguém usa esse banheiro além de mim, quando preciso de um momento sozinho.

Pode-se dizer que sou o selvagem da equipe. Aquele que é um

pouco imprudente e muito arrogante. O cara que se torna o alvo da piada, desde que isso faça todos ao seu redor sorrirem. Portanto, começar a temporada tendo um colapso ou potencialmente chorando como uma cadelinha na frente dos meus colegas de equipe não seria exatamente uma característica minha.

Sou um homem de 28 anos e não tenho vergonha de admitir que, mesmo depois de todos esses anos, este dia é difícil para mim. Eu tinha apenas 13 anos de idade quando meu irmão, dois anos mais velho, teve que dar a notícia de que o carro de nossa mãe havia batido em uma árvore enquanto ela voltava para casa durante uma tempestade e que nunca mais a veríamos.

Então, sim... é o pior dia do ano.

Com os joelhos balançando, eu me sento na tampa do vaso sanitário fechado em um dos banheiros, precisando me recompor. Precisando voltar a ser o Isaiah Rhodes palhaço, que faz de tudo. Aquele que sabe como fazer todos ao seu redor felizes. Aquele que todos aqui esperam ver quando entro na sede do clube.

Gosto de ser esse tipo de pessoa. 99% do tempo, eu *sou* naturalmente esse cara. Quando era jovem, descobri que conseguia fazer meu irmão rir mesmo quando ele estava estressado demais para sorrir, e eu prosperava com isso. Era como se eu tivesse encontrado meu propósito na vida – fazer as pessoas ao meu redor felizes, por isso costumo manter os momentos tristes e melosos em particular.

Dou a mim um último momento de tristeza antes de me retirar, jogar um pouco de água no rosto na pia e sair do banheiro feminino.

Mas assim que abro a porta, vozes soam do lado de fora. Essa parte da sede geralmente está vazia, então faço uma pausa, reconhecendo a voz do Dr. Fredrick. Eu me mantenho escondido e fora de vista, não querendo que ninguém saiba que acabei de ter uma crise de choro particular.

— Você mentiu em sua inscrição.

— Eu não menti — ouço uma mulher dizer em resposta.

O Dr. Fredrick abaixa o tom de voz na tentativa de manter essa conversa apenas entre eles, mas consigo ouvi-lo perfeitamente. — Você me enganou e sabe disso.

— Kenny é o apelido de Kennedy.

Quando vejo o Dr. Fredrick olhando para uma mulher, com uma expressão de irritação no rosto, dou uma olhada na pequena divisória.

Não consigo ver sua aparência, pois ela está de costas para mim, mas de pé, em sua altura máxima, ela mal chega ao queixo do Dr. Fredrick, e ele não é considerado um homem alto. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo grosso, caindo no meio das costas. Não consigo distinguir a cor, mas posso dizer que é um tom diferente de uma loira ou morena comum. Só não tenho certeza de como você o classificaria.

Os olhos do Dr. Fredrick passam por seus arredores, certificando-se de que estão sozinhos, então eu rapidamente me escondo atrás da divisória para ouvir mais uma vez.

— Este não é o lugar para você. Sugiro que recuse a oferta de emprego e encontre um cargo em algum lugar mais adequado para... alguém como você.

— Alguém como eu, ou seja, uma mulher?

Mas que diabos?

O Dr. Fredrick nunca foi meu favorito. Ele é o chefe do nosso Departamento de Saúde e Bem-Estar e o principal médico da equipe. Todos os outros médicos, nutricionistas e treinadores esportivos se reportam a ele, e qualquer respeito que eu possa ter tido por ele foi por água abaixo com sua insinuação.

Um momento de silêncio se prolonga, como se ele estivesse calculando a coisa certa a dizer sem se meter em problemas.

— O cargo para o qual eu estava contratando originalmente não precisa mais ser preenchido. Pelo que os recursos humanos me disseram, não posso rescindir a oferta, mas posso alterá-la. Neste momento, estou procurando contratar apenas um treinador esportivo.

— O quê? — ela pergunta com uma risada chocada. — Mas eu sou médica. Você está esperando que eu entre na equipe como treinadora esportiva?

— Não estou esperando que você entre na equipe de forma alguma.

— Dr. Fredrick, acabei de me mudar para Chicago por causa desse emprego. Você viu minhas referências. Viu os estágios que fiz. Foi por isso que o senhor me contratou em primeiro lugar.

— Na época, eu tinha uma ideia diferente de quem estava contratando.

— Porque você pensou que eu era um homem.

— Não vou mais discutir isso com você. Se quiser trabalhar para o Windy City Warriors, poderá fazê-lo como treinadora esportiva de nível básico. Esse é o cargo para o qual estou contratando.

Ela hesita e quase posso imaginar seus ombros se endireitando com a forma como ela pergunta com confiança: — Quando você precisa da minha resposta?

— Até o fim do dia.

— Está bem. Eu lhe direi minha decisão em breve.

Há um momento de silêncio, o que me leva a crer que a conversa terminou, mas então ouço o Dr. Fredrick interromper e dizer: — Srta. Kay, se a senhorita decidir vir para a equipe, este será o único aviso que lhe darei. Se houver qualquer indício de algum tipo de bobagem entre você e um dos jogadores, seu cargo será encerrado. Há uma razão para eu não contratar mulheres para trabalhar comigo. Você estará nos vestiários, nos aviões e nos hotéis com eles. Espero que você se certifique de não ser uma distração.

Há uma razão para eu não contratar mulheres. Idiota de merda.

— Com todo o respeito, Dr. Fredrick, passei os últimos dois anos como uma dos três únicos médicos de todo o programa esportivo da Universidade de Connecticut. Não há nada em meu histórico que o

faça questionar meu profissionalismo.

— Eram jovens. Estes são homens — diz ele em resposta. — Acho que você sabe exatamente aonde quero chegar.

Ela limpa a garganta, e há algo a ser dito sobre o profissionalismo que ele está questionando, porque se fosse eu, provavelmente estaria aplicando um gancho de direita em sua mandíbula.

Sou um pouco impulsivo nesse sentido.

— Você terá minha resposta ao meio-dia — diz ela para terminar.

Passos ecoam à distância, ficando cada vez mais altos a cada investida, na minha direção. Não há rota de fuga sem ser pego espionando, e embora eu pretenda levar essa informação a Monty, nosso gerente de campo, não quero alertar o Dr. Fredrick antes.

Então, por segurança, volto para a cabine do banheiro feminino até que eu saiba que ele não está mais por perto.

Eu já não era fã do nosso médico-chefe. Ele é um pouco *lambe-botas*, se você quer saber, sempre querendo ser amiguinho dos caras da equipe, mas a maneira como ele falou com essa mulher, como se fosse melhor do que ela, só me deixou com vontade de dizer a cada pessoa da diretoria do Warriors que ele é um sexista de merda.

— Sexista de merda.

Ouçó meu próprio diálogo interno ser respondido em um tom aterrorizante do outro lado da porta da cabine.

A mulher do corredor entra no banheiro que nunca é usado no momento em que me escondo atrás de uma cabine. Não me sento. Fico de pé, como um completo canalha, porque não tenho ideia de como me coloquei nessa situação.

Observando pela fresta da porta da cabine, encontro seu reflexo no espelho. As mãos apoiadas no balcão da pia e a cabeça baixa, ainda escondendo o rosto que não vi.

Ela ri para si mesma. — Que porra acabou de acontecer?

Em seguida, ela respira fundo e finalmente se endireita, olhando-

se no espelho e me dando a mesma visão... só que toda a tristeza que eu estava sentindo em relação a esse dia foi suspensão, porque agora estou completamente absorto.

Essa mulher minúscula, com uma cor de cabelo que não consigo classificar e um tom de voz que faria as bolas de qualquer homem se encolherem de medo, *é impressionante*.

As sardas pontilham cada centímetro da pele corada e macia. Olhos que eu poderia supor com conhecimento de causa e chamá-los de castanhos, já que são muito parecidos com os meus. E os lábios... lábios presos sob os dentes para não chorar, porque ela está claramente querendo ficar com raiva em vez de triste.

Pode ser por instinto, mas imagino que o sorriso dela poderia me iluminar se não estivesse atualmente franzido.

Aqueles olhos começam a brilhar enquanto ela se observa.

— Não — ela implora. — Aqui não. Controle-se, Kennedy.

Kennedy.

Respirando fundo, ela balança a cabeça. — E pare de falar sozinha, sua esquisita.

E, sem mais nem menos, no pior dia do ano, sinto meus lábios se inclinarem em sinal de diversão.

Observo com atenção extasiada enquanto ela pega o celular e liga para alguém, colocando-o no viva-voz enquanto caminha pelo banheiro.

Eu provavelmente deveria anunciar minha presença. Isso parece uma invasão de privacidade, mas não tenho ideia de como explicar minha situação atual.

Ei, eu só gosto de ficar no banheiro feminino. Não se preocupe comigo. Vou lavar minhas mãos rapidinho. Pode se afastar?

Ouvi sua conversa com o chefe do Departamento de Saúde e Bem-Estar. Posso ir ao RH com você, se quiser. Além disso, você é muito bonita.

— *Ei, o que está acontecendo?* — diz uma voz masculina do outro lado do telefone.

Eu o odeio imediatamente.

— Você tem tempo para conversar? — pergunta ela. — Eu meio que preciso conversar.

— *Tenho fotos da equipe agora, e eu sou o próximo. Você está bem?*

Ela fecha os olhos por um momento, recompondo-se. — Sim, é claro. Eu só queria dizer oi para o meu meio-irmão.

Meio-irmão. Anotado.

— *Bem, olá. Senti sua falta. Seu primeiro dia está indo bem?*

Ela olha para si mesma no espelho e mente. — Está indo muito bem.

— *Ótimo. Ei, tenho que ir. Estou pronto para tirar fotos, mas me ligue mais tarde para conversarmos.*

Ela dá um sorriso que até eu, um completo estranho, sei que é falso. — Vou fazer isso. — Kennedy desliga o telefone e abaixa a cabeça com um discreto *foda-se*.

Não sei nada sobre essa garota, mas sei que ela precisa de alguém que a faça sorrir, e essa é a minha especialidade. Também acredito um pouco no destino e, embora esse dia seja a minha data menos favorita no calendário, tenho a tendência de encontrar significado nas coisas nesse dia.

Talvez eu devesse ter ouvido essa conversa.

Talvez eu tenha ficado preso no banheiro feminino porque ela precisava de alguém para conversar.

Talvez minha mãe tenha me enviado até ela hoje.

Essa última crença me faz fechar os olhos e abrir a boca antes de pensar completamente no assunto. — Se você precisar de alguém para conversar sobre a oferta de emprego, eu posso ajudar.

Meu Deus, o quanto isso foi assustador?

Abro novamente os olhos para ver os dela dispararem para o espelho antes de encontrarem meus pés no reflexo.

— O que está fazendo no banheiro feminino?

— Será que o tamanho 44 me denunciou?

— Você está me espionando?

— Bem, tecnicamente, eu estava aqui primeiro. Lembra?

Seus olhos se estreitam à medida que sobem pela cabine, encontrando os meus pela fresta estreita. — Você vai responder a alguma das minhas perguntas ou vai continuar respondendo com as suas?

Um grunhido de riso me escapa. Eu gosto desta.

— Eu estou me escondendo no banheiro feminino porque estou tendo um dia de merda e, pelo que ouvi, você também está.

Seus ombros, que estavam levantados perto das orelhas, voltam ao lugar. — Oh.

Destrancando a porta, eu a abro para dentro até que ela fique bem à vista.

Legging preta abraça cada centímetro de suas pernas tonificadas. Uma blusa cinza-escura com zíper se enrola em torno dos cotovelos, terminando com tênis brancos perfeitamente limpos nos pés. Suas sardas continuam em seus antebraços e tornozelos, fazendo-me acreditar que sua pele pálida está repleta delas.

Bem-vestida apesar de estar usando roupa de ginástica. E bonita. Muito, muito bonita.

Seu tom é menos intimidador quando ela pergunta: — O quanto do meu dia de merda você ouviu?

Ao encontrá-la na pia, apoio o quadril no balcão e a encaro. — Ouvi sua conversa no corredor com o Dr. Fredrick. Voltei para cá para que ele não me visse.

— Oh. — Ela acena com a cabeça, desviando os olhos de mim. —

Então, tudo.

— Devemos falar com o RH, ou posso falar com o gerente de campo, Monty. Ele pode levar o assunto ao presidente da equipe...

— Não. Não, não quero dizer nada. Essa não é a primeira vez que lido com um chefe machista. Afinal, sou uma mulher que trabalha com esportes.

Faço uma pausa. — Chefe? Então você está aceitando o trabalho?

— Eu não... — Ela para, os olhos examinando todo o meu corpo. Eu me elevo sobre ela com meu corpo de 1,80 m, mas usando minhas roupas normais, não me destaco. — Quem é você?

Foi então que percebi que ela não fazia ideia de que eu era titular do time para o qual ela poderia trabalhar e que eu tinha a intenção de usar minha identidade desconhecida a meu favor.

— No momento, sou apenas alguém com quem conversar. Você disse que precisava conversar.

Há um indício de desconfiança em seu olhar enquanto ela tenta me avaliar, mas a necessidade de resolver sua situação difícil supera qualquer suspeita que ela tenha em relação a mim.

— Não consigo emprego em nenhum lugar no esporte profissional. — Sua admissão paira no ar por um momento. — Não importa que eu tenha me formado como a melhor da minha turma em Columbia. Não importa que os médicos sob os quais fiz minha residência médica me elogiem quando me pedem referências. Não importa que eu tenha sido a pessoa mais jovem a se tornar médica-chefe em uma faculdade da primeira divisão com programas esportivos vencedores de campeonatos nacionais. Não, nada disso importa, porque tenho dois seios e uma vagina.

Meus olhos se arregalam com sua franqueza.

— Oh, meu Deus. — Ela faz uma careta antes de cobrir o rosto com a mão direita. — Não acredito que acabei de dizer a um completo estranho que tenho dois seios.

— Eu teria ficado muito mais impressionado se você tivesse dito que tinha três.

Ela espreita por entre os dedos, e eu dou meu sorriso mais maroto. Aqueles olhos brilhantes não estão em lugar nenhum quando a mão dela escorrega do rosto, revelando um sorriso envergonhado.

De vergonha, sim. Mas um sorriso, mesmo assim.

Estendo minha mão para apertar a dela. — Isaiah.

Ela retribui o gesto. — Kennedy.

— Bem, Kennedy, agora que não sou mais um estranho, conte-me mais sobre esses seus dois peitos.

Ela tenta conter o sorriso, mas dessa vez ele é grande e genuíno, tentando transparecer. — Isso vai me marcar por um tempo, né?

— Com certeza. — Inclino minha cabeça para o lado. — Pensei ter ouvido que seu nome era Kenny?

Ela dá uma risadinha, um som bonito, mas um tanto constrangido. — Ninguém nunca me chamou de Kenny. Acabei de adotar esse nome depois de receber seis cartas de negação diferentes quando usei o nome Kennedy.

— Bem, Kenny...

— Não...

— Fale-me sobre a oferta de emprego.

Ela solta um suspiro exausto. — Estou tentando entrar no esporte profissional desde que terminei a residência. Meu objetivo é ser a médica-chefe de um time um dia, mas não consegui colocar o pé na porta em lugar nenhum. Caras que estudaram comigo, que mal se formaram e têm referências bem piores do que as minhas, estão conseguindo empregos para os quais estou me candidatando. Então, quando me ofereceram a posição de segunda médica aqui, eu agarrei a chance. Arrumei minhas coisas e me mudei para um prédio no centro de Chicago no final de semana passado. O Dr. Fredrick e eu só conversávamos por e-mail, porque ele estava de folga durante a

entressaíra. Minhas referências não devem ter mencionado que eu sou mulher, não tenho certeza. Mas esta manhã, quando me apresentei a ele, ele imediatamente retirou a oferta de emprego.

Então, ela é bonita e incrivelmente inteligente. Entendi.

— Quando ele disse ao chefe do RH que tinha havido um erro e que o emprego não estava disponível, o Dr. Fredrick foi informado de que, legalmente, ele tinha que me contratar de alguma forma. Acho que o RH não sabe que a sua repentina decisão de não contratar um segundo médico na equipe teve algo a ver com ele acidentalmente ter contratado uma mulher.

As palavras saem de sua boca e ela parece não conseguir parar.

— E agora me ofereceram o emprego de treinador esportivo iniciante, o que, não me entenda mal, é um ótimo emprego, mas não passei toda a minha vida adulta me tornando uma médica esportiva para ter de recorrer a outra pessoa para criar planos de tratamento, sabe? — Ela me olha da cabeça aos pés. — E por que diabos estou lhe contando tudo isso?

Eu dou uma risadinha. Ela está nervosa. Isso é cativante.

— Porque sou um bom ouvinte.

Aquele sorriso tímido se abre novamente. — Então, o que você acha que eu deveria fazer?

Ela está *me* perguntando? Claramente, ela não sabe nada sobre mim, porque normalmente sou a última pessoa que alguém procura quando precisa de conselhos. Sou o cara a quem recorrem quando precisam rir ou alguém que proporcione momentos de diversão.

Meu irmão é o mais sério e, se Kai estivesse aqui e não estivesse jogando beisebol pelo Seattle Saints, eu perguntaria a *ele* que conselho eu deveria dar a essa garota. Ele é minha válvula de escape e sinto muita falta dele.

Mas ele não está aqui, então esse conselho é meu.

Pessoalmente, acho que ela deveria ir até o Dr. Fredrick e lhe dar

uma joelhada nas bolas, mas também gosto muito da ideia de ela trabalhar aqui. Gosto da ideia de ver esse rosto sardento aparecendo em todos os meus jogos.

É fácil conversar com ela e, no pior dia do ano, ela tornou tudo suportável. Até mesmo bom.

— O que você quer fazer? — pergunto em vez de dar minha opinião.

— Você realmente adora responder a uma pergunta com outra pergunta, não é? — Eu sorrio com isso. — Quero trabalhar em esportes profissionais — ela diz claramente. — Os empregos raramente ficam disponíveis, porque essa é uma carreira para toda a vida para a maioria das pessoas.

— Você quer trabalhar em esportes profissionais — digo para que ela ouça.

Ela acena com a cabeça ao perceber isso. — Eu deveria aceitar o emprego. Pelo menos, colocarei meu pé na porta. Mas Deus, o Dr. Fredrick é o pior e se ele trata as mulheres dessa forma, não consigo nem imaginar como os jogadores da equipe são horríveis.

Que *droga*.

É verdade que somos um bando de idiotas, mas nenhum dos caras é desrespeitoso.

— Eu vou... — Limpo minha garganta. — Vou me certificar de que nenhum dos outros caras da equipe lhe dê trabalho.

Seus olhos se estreitam em confusão, mas ainda assim ela tem aquele lindo sorriso estampado nos lábios e isso está fazendo todo tipo de coisa em meu interior.

— Quem é você?

— Dois seios e uma memória de curto prazo, não é, Kenny? Eu já lhe disse meu nome.

— Você trabalha no escritório principal ou para...

— Eu devo ir. — Faço um gesto para a porta do banheiro. —

Posso acompanhá-la até a saída?

Seus olhos se fixam em mim com desconfiança, e tudo o que posso fazer é sorrir como um idiota só de ter a atenção dessa garota inteligente em mim.

Não sou ingênuo. Sei que ela vai descobrir que sou um dos jogadores e, se o aviso do Dr. Fredrick foi alguma indicação, quando ela souber a verdade, nunca mais me dará atenção. Portanto, por enquanto, vou aproveitar o pouco tempo que me resta.

Abro a porta do banheiro para ela e, sem precisar se abaixar, ela passa por baixo do meu braço e sai para o corredor.

— Você não pode contar a ninguém — diz ela rapidamente.

— Sobre o quê?

— Se eu aceitar o emprego. Você não pode contar a ninguém sobre o que o Dr. Fredrick disse ou sobre minhas qualificações.

— Talvez você seja a primeira médica que eu conheço que não quer que todos saibam que é médica.

— Isaiah, por favor.

Essas três palavrinhas me fazem parar no meio do caminho.

Meu nome. Ela soa bem dizendo meu nome.

Ela também soa bem implorando.

Olho para seu rosto, com o desespero estampado nele. — Eu não vou dizer nada.

— E sobre o que você ouviu?

— Você quer dizer a parte em que eu soube que o Dr. Idiota odeia mulheres?

— Sim, essa parte.

— Não, estou dizendo algo sobre isso. Na verdade, agora mesmo.

Ela agarra meu antebraço para me deter com sua mão pálida e sardenta, contrastando fortemente com minha pele bronzeada de tanto

tempo jogando beisebol ao ar livre.

Mas antes que eu possa memorizar as diferenças, ela se afasta em um instante. — Se eu for trabalhar para ele, já será bastante difícil. Não posso começar essa relação de trabalho com uma reclamação para o gerente de campo ou para o proprietário da equipe. Posso lidar com isso sozinha.

Independência e determinação irradiam dela e, embora ela deva ter cerca de 1,65 m de altura, seus ombros estão retos e empurrados para trás, dando-lhe o máximo de altura possível. Tornando-a tão *grande* quanto possível.

Isso é bom. Ela vai precisar dessa determinação para trabalhar com aquele pedaço de merda.

— *Quando* — eu corrijo. — *Quando* você trabalhar para ele.

Seu sorriso de satisfação combina com o meu, como se houvesse um segredo que só eu e ela soubéssemos.

— Verei você por aí? — pergunta ela.

— Oh, tenho quase certeza de que você me verá bastante.

— Rhodes! — Cody, nosso jogador da primeira base, grita quando vira o corredor e me encontra em frente ao banheiro feminino. Ele está com o uniforme completo, pronto para as fotos da equipe hoje. — Aí está você. Apresse-se! As fotos começam daqui a cinco minutos e seu uniforme está pendurado no armário. Monty me mandou vir procurá-lo.

Cody se vira com isso e corre de volta para o vestiário.

Lentamente, encaro Kennedy, com meu sorriso mais inocente estampado nos lábios.

Sua pele, que já era pálida, está ainda mais clara. — Você é um jogador?

— Shortstop. — Eu dou uma piscadela.

Qualquer sinal de um sorriso anterior desapareceu há muito tempo, e seu comportamento mudou instantaneamente. Posso sentir

fisicamente o gelo no ar ao redor dela. Ela está chocada. Confusa. Um pouco irritada.

— Essa conversa nunca aconteceu. — Ela não hesita e se afasta de mim, com a advertência do Dr. Fredrick em sua mente, tenho certeza.

— Ei, Kenny! — eu chamo e ela para, relutante em me encarar. — Prometi que me certificaria de que os outros caras não lhe dariam trabalho, mas nunca disse nada sobre mim. — Seus lábios se separam ligeiramente e dou outra piscadela para ela. — Vejo você por aí, doutora.

* * *

— Onde você esteve? — Travis, nosso apanhador novato, pergunta enquanto eu passo minha camiseta sobre a cabeça e deixo minha calça jeans no meu armário, precisando vestir meu novo uniforme como o resto dos meus colegas de equipe.

O armário dele fica à esquerda do meu, enquanto o de Cody fica à minha direita.

— Eu estava ocupado.

Uma foto minha, da minha mãe e do meu irmão está colada na parte superior do meu armário, escondida da vista de qualquer outra pessoa, e meu polegar passa sobre ela quando coloco meu relógio em uma das prateleiras.

— Sim. — Cody ri, apontando para o outro lado do vestiário. — Ocupado com ela.

Apenas de cueca boxer, viro-me para encontrar Kennedy falando com o Dr. Fredrick. Observo como ele cerra a mandíbula e dilata as narinas, e noto o momento exato em que ela lhe diz que está aceitando o emprego.

Travis solta um assobio baixo. — Bonita.

— Inteligente também — acrescento, mas não conto a eles o que

sei, porque Kennedy me pediu para não contar, e eu gosto de saber algo sobre a nova treinadora esportiva que ninguém mais sabe. — Ei, de que cor você diria que é o cabelo dela?

— Vermelho — responde Travis com simplicidade.

— Vamos, Trav. Eu já disse a você. Você tem que ser mais descritivo do que isso para ele. — Cody a estuda por um momento. — Eu o chamaria de ruivo. É uma mistura de vermelho-quente e marrom-terroso, mas ela também tem um pouco de cobre.

— Como uma moeda de um centavo?

— Exatamente.

É por isso que pergunto essas coisas ao Cody. Ele entende que eu preciso dos detalhes.

Mantendo meus olhos fixos nela do outro lado da sala, eu a vejo me encontrar ao mesmo tempo em que o Dr. Fredrick está gritando algo para ela. Sua atenção começa nos meus pés e sobe pelas minhas pernas nuas, para depois se deter na minha cueca boxer e se demorar no meu peito sem camisa. Mas quando ela se aproxima do meu rosto, sorrio da forma mais ousada possível, certificando-me de que ela saiba que a peguei.

Ela desvia o olhar instantaneamente, e eu não consigo evitar um sorriso.

Travis cutuca meu ombro. — Então, quem é ela?

Neste dia, em que tudo parece ser um sinal, não hesito em dizer: — Minha futura esposa.

Os caras caem na gargalhada, mas eu mantenho meus olhos na única mulher em toda a sala.

Kennedy coloca uma mecha de cabelo ruivo atrás da orelha, e é aí que eu vejo: um anel de diamante impossível de ser esquecido em seu dedo anelar esquerdo. Embora, de alguma forma, eu não o tenha notado antes desse momento.

— Desculpe, cara. — Cody ri de novo, com a palma da mão

encostada em meu ombro. — Parece que alguém já chegou antes de você.

E, sem mais nem menos, é o pior dia do ano novamente.

CAPÍTULO 1

Isaiah

PRESENTE

— Aqui estão meus rapazes. — Passo o braço sobre os ombros do Cody e do Travis quando os encontro no andar do cassino do nosso hotel. — Para onde estamos indo?

— Já não era sem tempo, Rhodes. — Travis, nosso apanhador, encolhe-se debaixo de mim. — Você leva mais tempo para se arrumar do que qualquer outra pessoa que conheço, e suas meias ainda não combinam.

Olho para baixo, para os meus pés, onde a calça chega até os tornozelos. — Elas combinam comigo.

— Temos uma mesa reservada com serviço de bebidas no clube do Caesars Palace. — Cody gesticula para a rua. — Vamos lá.

Nosso primeiro homem da base sai com passos entusiasmados, o restante da equipe segue logo atrás, e eu fico na retaguarda do grupo.

Estamos em Las Vegas há alguns dias e esta é nossa última noite aqui. Todos os anos, antes do início da temporada, os caras e eu fazemos uma viagem de pré-temporada como desculpa para reunirmos a equipe. Normalmente é para algum lugar quente ou tropical, como recompensa por termos sobrevivido ao inverno de Chicago e, embora Las Vegas não seja muito quente nessa época do ano, os clubes abafados e as bebidas alcoólicas caras demais estão nos mantendo bem aquecidos.

Não que tenhamos tido que nos preocupar com o preço do álcool ou pagar por quase nada. Como um time de beisebol profissional, fomos presenteados com mesas em clubes e bebidas sem fim todas as noites em que estivemos aqui.

Há dois anos, meu irmão mais velho, Kai, foi contratado pelo Windy City Warriors, o que finalmente nos colocou no mesmo time. Ele não está conosco em Las Vegas, optando por ficar em Chicago com seu filho e sua futura noiva, mas tenho o resto do meu pessoal aqui e, além de passar tempo com minha família, não há nada que eu goste mais do que estar com meus amigos e tomar alguns drinques.

— É hoje à noite? — Travis diminui a velocidade de seus passos para caminhar comigo na parte de trás do grupo.

— Hoje à noite o quê?

— Hoje é a noite em que você vai conversar com alguém que não seja seu colega de equipe no clube?

— Não vejo razão para isso. Estou em uma viagem de reunião da equipe. Estou criando laços com a equipe.

— Sim, estamos todos em uma viagem de reunião da equipe, mas você é o único de nós que foi embora sozinho nas duas noites aqui.

— Não estou interessado — falo com um encolher de ombros casual. — E isso não é verdade. Lautner, o novato de Oregon, também não foi embora com ninguém. O garoto não tem nenhuma paquera.

— Quem diabos é você e o que você fez com Isaiah Rhodes? Quando foi que você *não se interessou*? E desde quando você deixou de ser a vida da festa? Ano passado em Miami, tivemos que prometer a um policial dois ingressos atrás da base do batedor só para ele não prender você. Você começou a se despir na Ocean Drive.

— Estávamos na Flórida. Estava quente. E eu ainda sou a vida da festa. Só não continuo a festa quando saímos do bar.

Travis me lança um olhar incisivo com o canto do olho, o que me diz que ele sabe exatamente o motivo.

Na verdade, toda a equipe sabe o motivo.

Houve apenas uma mulher que manteve meu interesse e, agora que ela não está mais usando o anel de noivado de outro homem, passar meu tempo com qualquer outra pessoa não me atrai.

Meus colegas de equipe também me incentivaram a deixar de lado esse sonho impossível porque, na cabeça deles, isso nunca vai acontecer. Eles acreditam que a única mulher da nossa equipe jamais tentaria algo com um de nós, muito menos comigo. Claro, eu atormento Kennedy Kay mais do que qualquer outro no time, mas só porque prometi a ela que faria isso.

E eu sempre cumpro minhas promessas.

Quando chegamos ao próximo hotel, a fila para entrar na boate parece interminável, enrolando e dando voltas, os corpos se espremendo na tentativa de entrar mais rápido, mas, felizmente, Cody recebe um telefonema dizendo para usarmos a entrada dos fundos, o que nos permite evitar a fila.

Quando passamos pelos clientes que aguardavam, caminhando na direção oposta, uma mão se estende para agarrar meu bíceps.

— Ei, eu conheço você — diz uma voz feminina. — Você joga beisebol pelo Chicago. Número dezenove.

Sigo a mão dela para encontrar uma mulher de cabelos claros e maquiagem brilhante.

— Sou eu.

Sua mão percorre meu braço. — Rhodes, certo?

— Há dois Rhodes jogando pelo Chicago agora, mas sim, eu sou Isaiah. — Estendo minha mão para que ela a aperte, certificando-me de usar aquela que a forçaria a parar de me tocar.

— Bridget. Então, o que o traz a Vegas?

— Viagem de reunião da equipe. — Faço um gesto para os rapazes parados ao meu redor.

Seus olhos brilham antes de apontar para as outras poucas

garotas ao seu redor. — Estamos aqui para o meu aniversário.

— Bem, então, feliz aniversário para você. — Pisco para ela, porque os velhos hábitos costumam a morrer e sou um idiota do caralho, e agora ela acha que estou interessado, a julgar pelo sorriso em sua boca.

— Vocês têm uma mesa? Gostaríamos muito de nos juntar a vocês.

— Nós temos uma mesa. — Tento usar meu melhor tom de desapontamento, esperando não ferir seus sentimentos. — Mas é a noite dos rapazes.

— Definitivamente, *não é* a noite dos rapazes — ouço Cody falar de algum lugar atrás de mim.

— Você entende, certo? — continuo como se ninguém o tivesse ouvido.

— Claro que sim. — Os olhos de Bridget piscam e acho que é mais por constrangimento do que por decepção.

— Mas ei — interrompo seu processo de pensamento. — Encontre-nos lá dentro e eu me certificarei de que o barman coloque todas as suas bebidas na minha conta, sim? Não podemos deixar que a aniversariante pague por todas as suas bebidas, não é?

Seus ombros se endireitam, e um pouco de confiança retorna ao seu rosto. — Não, absolutamente não podemos.

— Divirtam-se, senhoras, e feliz aniversário, Bridget.

Seu corpo balança de uma forma sedutora. — Obrigada, Isaiah. Vejo você lá dentro.

Com as mãos nos bolsos, continuo em direção à porta dos fundos como se nada fora do comum tivesse acontecido. Porque nada fora do comum *aconteceu*.

— Antes de mais nada — diz Cody, continuando a caminhar comigo. — Como diabos você pode recusar alguém e conseguir que ela continue babando por você depois disso? Preciso de um pouco

desse charme Isaiah Rhodes.

Eu zombo. — Você pega mais pessoas do que eu jamais peguei.

— Ela era linda, por sinal.

— Você deveria ir atrás dela.

— Talvez eu vá.

— E em segundo lugar — interrompe Travis. — Você é um idiota. Por favor, pelo amor de Deus, deixe isso para lá. Cody, se você não usar seu pau, ele vai cair? Isaiah vai morrer como um virgem de novo?

— Eu não saberia lhe dizer. Eu uso muito o meu pau. — Cody para em seu caminho. — Espere, virgem de novo? Ainda? Isso lá atrás foi por causa da Kennedy?

— Vocês dois podem ir à merda.

Travis ri para si mesmo.

— Isaiah, você tem que esquecer isso. Já se passaram três anos.

— Não faz nem três anos.

— Você está interessado naquela garota desde o dia em que ela entrou na sede do clube pela primeira vez.

— Sim, mas só percebi que ela era solteira há oito meses, portanto, *tecnicamente*, só estou há oito meses nessa história toda.

— Uau. — Cody acena com a cabeça. — Trav tem razão. Você é um idiota.

Dou um tapa em sua nuca. — Lembram-se de ontem à noite, quando estávamos bebendo um pouco e eu disse que vocês eram meus melhores amigos?

— Sim?

— Retiro o que disse. Vocês dois não prestam.

A porta dos fundos da boate se abre e o segurança acena na direção de Cody, permitindo que a equipe comece a entrar, nós três na

retaguarda.

— Estamos só cuidando de você. — Cody passa o braço sobre meus ombros. — Há anos que você vem se esforçando ao máximo e veja como isso deu certo.

Eu não estava me esforçando. Claro, talvez eu tenha flertado descaradamente com a garota nos últimos três anos, mas nada disso era sério. Ela tinha um noivo. Mas agora ... agora ela não tem mais. Agora estou falando muito sério sobre minhas intenções, mas ela acha que ainda estou brincando.

Chame-me de ridículo. Chame-me de supersticioso, mas aquele dia em que a conheci, há três anos, parecia o destino. O que eu normalmente considero o pior dia do ano teve uma luz brilhante pela primeira vez.

Aquele dia tão esperado no calendário já está chegando, faltam só alguns minutos e, ainda assim, nos dezoito anos desde que perdi minha mãe, houve apenas uma vez em que eu sorri genuinamente nesse dia, e foi na manhã em que Kennedy Kay entrou no banheiro feminino e, posteriormente, na minha vida.

Eu me arrasto para a frente, seguindo meus colegas de equipe para dentro do clube, tendo que projetar minha voz sobre a música que está tocando. — Vocês não acreditam em destino?

— Pelo amor de Deus, Rhodes. — Travis balança a cabeça para mim. — Você realmente acabou de gritar *vocês não acreditam no destino* no meio de uma maldita boate? Por favor, pelo amor de Deus, vá transar.

Cody não pode deixar de rir quando o segurança fecha a porta dos fundos atrás de nós. — Vou começar a acreditar no destino no momento em que a Kennedy decidir voluntariamente passar um tempo com você fora do trabalho.

Travis concorda. — Esqueça passar tempo com ele. A essa altura, eu consideraria um destino se Kennedy dissesse uma única palavra a ele fora do trabalho.

Andando para trás, encaro meus amigos enquanto continuo a seguir nosso grupo até a mesa particular do clube movimentado. — Vocês não têm fé. Um dia vocês vão ver. — Eu estendo minhas mãos. — Está destinado a acontecer!

Sem olhar, esbarro em alguém atrás de mim, pisando em seu pé. Tropeço, mas recupero o equilíbrio e, mesmo com a música, consigo ouvir seu chiado baixo de dor.

— Oh, merda. — Eu me viro bem a tempo de agarrar seus braços, impedindo-a de cair. — Desculpe! Sinto muito mesmo. Eu não estava olhando.

— Claramente.

O cabelo da mulher cobre seu rosto enquanto ela cuida de seu pé machucado, mancando em um único salto alto em agonia.

Esse cabelo.

Mesmo na escuridão do clube, eu conheço esse cabelo. A tonalidade é uma das que memorizei. *Auburn*², como Cody me ensinou pela primeira vez.

Kennedy Kay Auburn, como me refiro a ela agora.

— Kenny?

Observo seu corpo enrijecer instantaneamente antes de seus olhos castanhos se erguerem cautelosamente para olhar para mim. — Isaiah?

— Oi.

Sua expressão de choque não impede que meus olhos percorram todo o seu corpo.

Meu Deus, ela é deslumbrante. Nunca a vi sem roupas esportivas, ou seja, com o uniforme da equipe, uma polo do Warriors e legging preta. Mas esta noite, o cabelo está solto e perfeitamente penteado, seus braços e pernas sardentos estão totalmente expostos graças ao minivestido branco e aos saltos brancos combinando.

Ela está muito bem. Sua roupa parece cara e refinada, feita sob

medida para seu corpo.

— Isaiah.

— Sim?

— Eu perguntei o que você está fazendo aqui.

Minha atenção se volta imediatamente para o pé que acabei de pisar. Kennedy ainda está evitando seu peso sobre ele, claramente com dor. Eu me abaixo antes de me deter e perceber que olhar o pé de alguém em uma boate é muito estranho, não importa o quanto eu esteja apaixonado pela pessoa a quem ele está ligado.

— Seu pé está bom? Vou pegar um pouco de gelo com o barman.

— Está tudo bem. Surpreendentemente, meu pé está mais dolorido por estar usando salto alto do que por ter sido pisado por 90 quilos de músculos.

Um sorriso presunçoso surge em meus lábios. — Acompanhando as estatísticas do meu corpo, não é, Ken? Eu sabia que você era obcecada por mim.

— Não se iluda, Rhodes. É literalmente meu trabalho conhecer os registros de seu corpo. O que está fazendo aqui?

— É a nossa viagem de reunião da pré-temporada. Bem, antes da temporada regular e depois do treinamento da primavera. — Faço um gesto para os meus colegas de equipe, os quais estão sendo levados para um canto isolado do clube. Cody e Travis acenam para ela do outro lado da sala.

É difícil perceber com a iluminação fraca, mas Trav balança a cabeça em descrença ao mesmo tempo em que Cody diz: *Você só pode estar brincando comigo.*

— Oh — diz Kennedy ao perceber. — Todos da equipe estão aqui.

— Todos, menos Kai. Ele está em casa com Max e Miller. — Apontando em direção à nossa mesa, acrescento: — Você tem de vir ficar com a gente.

— Parece que é a noite dos rapazes.

Eu zombo. — Definitivamente, não é a noite dos rapazes.

Kennedy olha de volta para a nossa mesa, com um pouco de desejo brilhando em seus olhos, como se ela realmente quisesse ficar conosco. É um grande contraste com o *não* imediato que recebo sempre que a convido para fazer algo fora do trabalho.

— Não posso. — Ela joga um polegar por cima do ombro para um grupo de garotas, todas vestidas de branco, menos uma que usa um vestido prateado brilhante e ofuscante. — Estou aqui para uma despedida de solteira.

Silver Sparkles está usando um véu falso com uma faixa no peito onde se lê *Futura Sra. Danforth*, posando para uma foto com todas as suas amigas vestindo branco ao seu redor.

Posando com todas, menos com Kennedy.

— Eu estava indo para o bar para pegar outra garrafa de champanhe para elas — continua ela.

Os flashes de luz estroboscópica tornam a sala escura clara o suficiente para ver a fila interminável ao redor do bar, esperando para pedir bebidas.

— Vocês não têm um garçom de mesa? Essa fila no bar vai demorar uma hora.

— Era isso que eu estava esperando.

Meus olhos se estreitam em confusão. — Venha para a nossa mesa. Posso fazer o pedido para você lá.

— Isaiah — ela suspira. — Sabe que eu não posso fazer isso. Eu trabalho para a equipe.

— E você é a única pessoa da equipe que acha que não pode sair conosco. Não há regras que nos impeçam de sermos amigos.

— É diferente para mim, e você sabe disso.

Por mais que eu não queira concordar com ela, sei que, de certa forma, é diferente. Não, nenhum dos rapazes da equipe jamais pensaria diferente sobre ela se ela bebesse um pouco conosco. Todos

nós ainda concordaríamos que ela é a melhor treinadora atlética da equipe, e eu ainda seria a única pessoa que saberia disso, porque ela é extremamente superqualificada.

Ela não teria problemas com isso, mas trabalha com um médico chefe que não quer outra coisa senão encontrar um motivo para demiti-la. Mesmo que esse motivo seja uma história inventada, derivada de fotos que caíram na Internet, em que ela passa um tempo conosco na Cidade do Pecado.

Kennedy, ao contrário de qualquer um dos funcionários do sexo masculino, precisa se esforçar mais para garantir que a linha profissional seja claramente traçada.

As pessoas se aglomeram em torno de nós, empurrando e abrindo caminho para a pista de dança, e tudo o que isso faz é fazer com que Kennedy se incline para o meu espaço para se livrar da multidão, buscando um pouco de abrigo dos corpos que se aglomeram em torno dela. Com os olhos voltados para o grupo de mulheres que a acompanhava, ela se aproxima um pouco mais de mim.

É a coisa mais estranha que ela já fez.

O fato de eu não ser, pela primeira vez, a última pessoa na sala com quem ela quer estar é surpreendente e preocupante ao mesmo tempo.

— Kenny, você está bem?

— Sim, é que está meio quente aqui, eu acho.

— E é por isso que você está tentando se aconchegar a mim em uma boate agora? Podemos voltar para o meu quarto, se você quiser.
— Inclinando-me para baixo, sussurro: — Sou um grande fã de se aconchegar depois.

— Por favor, cale a boca. — Sua voz não é firme e ela nem sequer tenta se afastar de mim.

— Ken, com quem você está aqui?

Ela não olha de volta para a mesa, mas gesticula cegamente para

a pessoa alta com um vestido brilhante. — Minha meia-irmã. É a despedida de solteira dela.

— E vocês duas não se dão bem?

— É complicado. — Ela engole. — Você poderia ficar aqui comigo por um minuto ou dois? Só preciso de um tempo antes de voltar.

Isso é o que os outros não veem. É por isso que não desisti de minha pequena paixão. Kennedy se sente confortável comigo. Claro, ela pode agir como se me odiasse. Eu posso deixá-la louca de propósito, mas há momentos como este em que ela recorre a mim. Desde aquele encontro no banheiro, tem havido um entendimento silencioso entre nós. Talvez seja porque eu saiba um segredo dela e o tenha guardado para mim, não tenho certeza. Mas no fundo, Kennedy confia em mim.

Olhando para a nossa mesa, Cody faz um gesto para que eu me junte ao grupo, mas quando olho para a minha treinadora esportiva favorita, que está perto de mim enquanto as pessoas se empurram ao nosso redor, aquela mulher confiante que estou acostumado a ver no trabalho não está em lugar nenhum. Ela está desconfortável e eu odeio isso.

Inclino-me para perto de seu ouvido, dando em cima dela pelo que parece ser a milésima vez nos últimos oito meses. — Você quer sair daqui?

Seus grandes olhos castanhos se voltam para os meus. — Por favor.

Tenho quase certeza de que meu coração disparou, porque a última coisa que eu esperava quando essa noite começou era que Kennedy Kay concordasse em sair comigo.

Mas já passa da meia-noite e é oficialmente o pior dia do ano, então considero isso como um sinal.

Sua meia-irmã e todas as outras mulheres vestidas de branco estão agora cercadas por uma fileira de garotas carregando

quantidades infinitas de champanhe acesas com faíscas, dançando e aplaudindo enquanto celebram a futura noiva.

— Vamos — digo, com a mão em suas costas, conduzindo-a até a porta.

Ela estremece um pouco quando fazemos o primeiro contato, mas se acomoda na minha palma, deixando que eu a guie para fora.

Quando estamos do lado de fora, abro o texto em grupo com meus dois melhores amigos e encontro mensagens já esperando por mim.

Cody: *Put a merda.*

Travis: *Não acredito que nossa Kennedy está aqui.*

Eu: *Minha Kennedy está aqui. E nós estamos indo embora.*

Travis: *Quanto tempo você vai demorar?*

Eu: *Não vou voltar.*

Cody: *Cale a boca.*

Eu: *Vejo vocês no aeroporto amanhã.*

Cody: *Sinto-me como se estivesse vivendo em uma realidade alternativa. Isso não pode ser real.*

Travis: *Isaiah Rhodes, filho da puta. O que aconteceu com a noite dos rapazes que você tanto defendia?*

Eu: *O destino aconteceu.*

CAPÍTULO 2

Kennedy

Se você tivesse me dito, há um ano, que Isaiah Rhodes, dentre todas as pessoas, estaria andando ao meu lado na Strip de Las Vegas, eu teria presumido que você estava louco.

E se você tivesse me dito que o motivo de eu estar em Las Vegas era a despedida de solteira da minha meia-irmã, teria rido da sua cara.

E se você tivesse me dito que o homem com quem ela vai se casar é o meu ex-noivo, eu teria procurado interná-lo.

Porque, durante toda a minha vida adulta, Connor Danforth e eu sabíamos que íamos nos casar um com o outro.

E minha meia-irmã e eu nunca fomos próximas o suficiente para convidar a outra para nossos eventos íntimos.

E eu não suporto Isaiah Rhodes na maior parte do tempo.

Mas aqui estou eu, com todas essas três coisas sendo minha realidade atual.

Isaiah fecha a porta dos fundos da boate quando saímos, e a música estridente se reduz a uma vibração baixa, aliviando o pânico que eu estava sentindo lá dentro.

Que diabos eu estava fazendo ao concordar em ir embora com ele? Eu estava desesperada para sair dali, isso sim. E, embora eu nunca admita isso em voz alta, há um entendimento entre mim e Isaiah que ninguém mais conhece.

Mas o homem é despreocupado, arrogante e até mesmo infantil às

vezes, e isso me deixa louca. Sou muito do tipo “A” para ele e, quando o ar fresco de Nevada bate em meu rosto, limpa minha névoa cerebral e me faz lembrar exatamente disso.

— Eu estou hospedada em um dos hotéis aqui perto. Vou dar a noite por encerrada. — Levanto a mão para chamar o táxi mais próximo, mas com a mesma rapidez, Isaiah a puxa para baixo.

— Um drinque, Ken.

— Não.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro. — Vamos tentar essa resposta novamente. Gostei muito mais quando você me olhou com esses olhos de corça e sussurrou *por favor*.

— Tudo bem. *Por favor*, pare de falar. Você é irritante.

Um sorriso se inclina. — Pare de flertar comigo, Kenny.

— Vou voltar para o meu hotel. — Começo a andar naquela direção, mas entre os saltos e minhas pernas muito mais curtas, Isaiah me alcança, andando para trás, de modo que tenho de encará-lo enquanto caminho.

Por mais que eu odeie admitir, Isaiah Rhodes é meio gostoso. Percebi isso no primeiro dia em que comecei a trabalhar para o Windy City Warriors, quando eu achava que ele era um estranho charmoso disposto a conversar comigo sobre meus problemas de emprego e não um dos jogadores da equipe.

Ele está todo de preto hoje, até os sapatos. É estranho. Estou acostumada a vê-lo com todas as cores diferentes, e elas normalmente não combinam.

Hoje à noite, seu cabelo castanho claro parece perfeitamente penteado, mas tenho certeza de que ele simplesmente passou os dedos por ele e fez com que ficasse assim. O cara tem um bom cabelo.

Ele tem um rosto bonito e um corpo impressionante, e sabe muito bem disso.

— Então, o que há entre você e sua meia-irmã? — ele pergunta.

— Estou sóbria demais para falar sobre isso agora.

Ele sorri, e a pequena marca de nascença sob seu olho direito chama minha atenção para a malícia que brilha nele. — Isso pode ser consertado.

Paro de andar, bem aqui, na avenida de Las Vegas. — Isaiah, estou com frio e meus pés doem. Este fim de semana foi péssimo. Tudo o que quero fazer é me enfiar na cama e voar para casa em Chicago amanhã.

— Um drinque, Kennedy. Pela primeira vez, estou com você fora do trabalho. Um drinque e prometo que a levarei de volta ao hotel.

Nunca tomei um drinque com um dos jogadores. Nunca estive com um deles fora do trabalho, além da inocente festa do pijama na casa do irmão do Isaiah no ano passado, porque bebi demais com a namorada do Kai e não consegui dirigir para casa.

Isaiah já me convidou inúmeras vezes para sair e eu sempre recusei. Mas esta noite... esta noite estou me sentindo desesperada e inquieta. Esta noite, estou me sentindo imprudente pela primeira vez em minha vida.

Eu nem deveria estar nesta cidade, não deveria ter ido à despedida de solteira da mulher que vai se casar com meu ex-noivo, então que se dane. Um drinque não fará mal algum.

— Você está pagando.

Aquele sorriso diabólico está de volta. — Com prazer. Mas primeiro... — Ele examina a área. — Venha comigo.

Isaiah estende o cotovelo para que eu o agarre, mas em vez disso, cruzo os braços sobre o peito para manter o calor. Ele solta uma risada, enfia as mãos nos bolsos e faz um gesto para que eu o siga.

— Você se esqueceu da parte que eu disse que meus pés estão doendo? Estou usando saltos de 15 centímetros, Rhodes.

— Eu sei. Você está quase com o olho no meu peito agora.

— Engraçadinho — eu digo, andando rápido para tentar igualar

seu passo único com os meus dois ao atravessarmos a rua. — E meu hotel fica naquela direção. Não acha que deveríamos pelo menos ir naquela direção? Tomar um drinque rápido no caminho?

Isaiah para no meio da rua e eu quase bato em suas costas antes que ele se vire para mim, sem se importar com o fato de que o semáforo acabou de ficar verde e os carros estão esperando que nos movamos.

— Kenny, vou precisar que você siga o fluxo. Acabei de deixar meus colegas de equipe e, não me entenda mal, estou feliz por estar nesta posição agora, mas vamos fazer as coisas do meu jeito esta noite. E eu nunca disse nada sobre esse drinque ser rápido.

Um carro buzina para nós, mesmo assim Isaiah não se mexe.

— Precisamos nos mover.

— Não estou me movendo.

Eu exalo, com uma mecha de cabelo se enrolando em meu rosto.
— Eu não sei como seguir o fluxo.

— Eu sei. Dê-me uma noite e deixe-me ver se posso lhe ensinar. Confie em mim, meu jeito é muito divertido.

O carro buzina novamente, desta vez com força total.

— Eu só concordei com um drinque.

— Você nunca disse o quão rápido eu tenho que beber. Poderia levar a noite toda, na verdade.

— Podemos sair da rua? Jesus, nós vamos ser atropelados.

— Somente se você concordar em fazer as coisas do meu jeito esta noite.

— Isaiah...

— Kenny...

O carro buzina novamente antes de o motorista desviar de nós, mostrando-nos o dedo do meio.

— Tudo bem — concordo. — Podemos sair do meio da rua, por favor?

Isaiah finalmente se move, continuando para o outro lado da rua.
— Qual é o tamanho do seu tênis?

— O quê?

— Tamanho do sapato.

— 36? — A declaração soa mais como uma pergunta. — Por quê?

Ele vira bruscamente à esquerda, segurando a porta aberta para mim em um shopping center anexo a um dos hotéis. Mesmo depois da meia-noite, as lojas estão abertas e movimentadas.

Isaiah não diminui o ritmo, entrando na loja da Vans e encontrando a seção feminina.

Ele pega um par na parede. — Você gosta de vermelho, certo? Está sempre usando o uniforme vermelho da equipe.

— Esses não são vermelhos. São rosa-choque.

— Sério? — Ele inclina a cabeça, olhando para os sapatos em sua mão antes de colocá-los de volta na parede. — Você gosta de xadrez? O Max tem um Vans xadrez.

Max – seu sobrinho de dois anos, por quem ele é apaixonado.

— Eu realmente não...

— Não, o xadrez não é para você. — Ele examina a parede novamente antes de se concentrar em um par de tênis pretos de cano alto com uma única faixa branca e uma base de plataforma. — Esses aqui. Você gosta deles?

Não vou mentir, eles são bonitos. Não uso muita coisa além de cores neutras, a menos que esteja usando as cores do time, vermelho e azul royal. E a plataforma me dará um pouco de altura. Ter 1,65 m não é a pior coisa do mundo, mas é um pouco difícil quando você trabalha com um grupo de homens gigantes e já sente que seu chefe está olhando para você de cima para baixo.

Metaforicamente, é claro, mas ainda assim.

— Eu gosto desses.

Isaiah os mostra para o caixa. — Podemos comprar no tamanho 36?

— O que está fazendo?

— Comprando sapatos para você. Seus pés estão doendo.

Tiro meu cartão de crédito da bolsa, mas Isaiah o pega, colocando-o no bolso de trás sem olhar para ele ou para mim. Ele simplesmente continua a examinar o corredor, tirando um par de meias da prateleira ao lado da caixa registradora antes de soltar o cabide de uma jaqueta jeans e segurá-la para minha aprovação.

— Posso pagar por meus próprios sapatos.

— E eu disse que estava lhe pagando um drinque.

— Isso não é um drinque.

— Isso faz parte do drinque. Esta é a minha dose única e, se você se sentir desconfortável o tempo todo, nunca mais vai querer tomar um drinque comigo e não posso estragar minha dose única porque está frio e seus pés estão doendo.

— Isaiah, esta não é sua dose. É apenas um drinque.

Ele me ignora completamente enquanto o caixa volta para a caixa registradora com a caixa de sapatos na mão.

Isaiah lhe entrega seu cartão de crédito, mantendo o meu guardado no bolso de trás enquanto ele paga minhas meias, sapatos e a nova jaqueta jeans antes de entregá-los a mim. — Livre-se desses saltos, Kenny, e vamos tomar um drinque.

* * *

A luz reflete no lustre de cristal no centro da sala, brilhando em tons de rosa e roxo graças às cortinas que cobrem as paredes. Acho

que a sala inteira é o lustre, daí o nome do bar de luxo localizado no centro do Cosmopolitan.

Atravessando a multidão, sigo de perto enquanto Isaiah abre caminho para nós até o bar. Ele mantém a mão ligeiramente atrás de si para o caso de eu precisar agarrá-la para evitar que nos distanciemos, mas não agarro. Independentemente de todos os corpos que tenho de atravessar para acompanhá-lo, nunca fui de toques casuais.

Quando chegamos ao bar e encontramos os dois únicos bancos desocupados, Isaiah puxa um para mim com sua mão livre. A outra está ocupada carregando meus sapatos de salto Louboutin brancos que troquei por tênis.

— Um drinque — lembro a ele enquanto subo no assento.

— Assim você diz.

Acomodada em minha cadeira, meus pés balançam, incapazes de alcançar a barra de descanso, e os olhos de Isaiah caem para o sul antes de soltar uma risada baixa.

— Eu já lhe disse ultimamente o quanto não gosto de você?

— Mmm — ele cantarola. — Devo avisá-la, Ken, que gosto quando você é má. Isso mexe comigo.

— Então é por isso que você nunca me deixou em paz todos esses anos? Eu deveria ter sido legal com você todo esse tempo, eu acho.

— Eu provavelmente já teria lhe pedido em casamento inúmeras vezes se você fosse. Legal. Má. Eu a aceito de qualquer maneira que puder.

Quando ele se senta ao meu lado, a atenção de Isaiah se volta para a minha mão esquerda, onde um dedo anelar muito descoberto repousa contra o tampo do bar.

Embora eu não use meu antigo anel de noivado há mais de um ano, meu dedo ainda parece muito leve. Muito vazio. Acho que isso é o que acontece depois de usar um anel de diamante de oito quilates

vistoso todos os dias por quatro anos.

O cara sentado no banco do outro lado de mim cai na gargalhada bêbada, caindo e se apoiando em meu ombro. Ele só se dá conta disso quando eu me encolho para sair de baixo dele.

— Ops, desculpe — ele se desculpa, e não perco a maneira como seu olhar se detém em minhas pernas nuas.

Fecho minha nova jaqueta jeans em volta de mim e pego o olhar de advertência que Isaiah lança para ele, fazendo com que o cara volte sua atenção para os próprios amigos.

— Ele precisa manter os olhos para si mesmo — murmura Isaiah enquanto se abaixa entre nós, usando a perna da cadeira para me puxar o mais próximo possível dele.

Não posso deixar de rir. — Mais ou menos como você faz agora?

Isaiah me examina descaradamente e, em contrapartida, não sinto a necessidade de esconder cada centímetro do meu corpo dessa vez. Deve ser essa coisa estranha de confiança que tenho com ele.

Seu sorriso é atrevido. — Não sei do que está falando.

Pego a lista de coquetéis no balcão. — O que estamos bebendo?

— Nós? Jesus, Kenny, este é um primeiro encontro. Eu não sabia que já éramos um *nós*.

— Em que momento da noite você se torna menos desagradável?

Ele dá de ombros, olhando para a lista de bebidas. — Disseram-me que a partir do terceiro ou quarto drinques. Então, o que vamos tomar?

— Não tenho certeza. Não sou muito de beber.

— Nunca? Nem mesmo na faculdade?

— Não exatamente. Eu estava um pouco ocupada demais estudando para os exames de admissão ao mestrado para ficar bêbada de cerveja de barril.

Eu também estava um pouco ocupada demais tentando ser

perfeita, mas essa é uma história para outro dia.

Os olhos dele se enrugam nos cantos, um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. — Quer que eu peça uma bebida para você?

— Você vai pedir a bebida mais irritantemente grande que vai levar horas para ser consumida, já que só vou tomar uma com você?

— Não. Vou pedir um drinque normal que acho que você vai gostar e, no final, se você ainda quiser voltar para o hotel, vamos encerrar a noite.

Levanto uma sobrancelha de surpresa. — Já está se rendendo, Rhodes?

— Tenho fé que você vai querer ficar comigo um pouco mais do que uma bebida.

— Que arrogância a sua.

— Autoconfiança — ele corrige.

Isaiah Rhodes é seguro de si, mas de uma maneira pateta e irritantemente carismática que não parece muito sufocante. Ele é descontraído e tranquilo de uma forma com a qual não consigo me identificar.

Mas os anos de convivência com ele me lembram que ele também é imprudente e, às vezes, despreocupado demais. Ele tem sido a vida da festa desde que o conheço. Ele não pensa muito no futuro nem se preocupa com as consequências de suas ações. Ele tem essa liberdade, essa facilidade e acessibilidade que provavelmente vem do fato de ser o irmão mais novo de alguém que sempre assumiu as responsabilidades.

Posso ser honesta e dizer que não sei muito mais do que isso sobre ele, mas imagino que Isaiah Rhodes faz com que garotas inteligentes façam coisas estúpidas. É por isso que nunca cedi ou sequer pensei nas constantes paqueras e nos anos de frases de efeito que ele me lançou.

Ele simplesmente quer algo que não pode ter e, se eu mudasse de

ideia e cedesse, a emoção da perseguição acabaria.

— O que você acha de tequila? — ele pergunta.

— Sinto que isso me leva a tomar decisões ruins.

— Perfeito. — O sorriso característico está de volta antes de ele se virar para o barman e pedir dois drinques iguais.

Isaiah mantém meus saltos altos em seu colo, suas longas pernas abertas em volta da minha cadeira enquanto ele me encara. — Quando você vai dizer ao Dr. Fredrick para promovê-la?

Solto uma risada assustada. — Há quanto tempo você está esperando para me perguntar isso?

Ele olha para o relógio em seu pulso e, por algum motivo, sua mandíbula se contrai quando ele lê que a hora passa um pouco da meia-noite. — Três anos a partir de hoje.

— Três anos?

— Nós nos conhecemos neste dia, há três anos, e eu queria que você dissesse ao Dr. Fredrick para promovê-la todos os dias desde então. Você é qualificada demais, Kenny, e eu sou o único que sabe disso. Você está colocando fita adesiva nos tornozelos e embrulhando bolsas de gelo quando é literalmente uma maldita médica.

— Você se lembra da data exata em que nos conhecemos? — *Que diabos?* Eu sabia que Isaiah tinha uma queda superficial por mim, mas sempre achei que era simplesmente uma piada entre ele e seus colegas de equipe.

A única mulher da equipe? Oh, com certeza quero transar com ela. Sabe, esse tipo de coisa.

— Kennedy, concentre-se. A temporada começa na próxima semana, e acho que está na hora de você dizer alguma coisa. *Eu* quero dizer alguma coisa. Fredrick tem lhe dado os piores turnos e a menor quantidade de responsabilidade. Você ainda não superou isso?

Ele se lembra do dia em que nos conhecemos? Por quê? Não houve nada de significativo naquele dia além do fato de eu ter

conseguido um novo emprego. Um trabalho que, de certa forma, passei a amar, apesar de não sentir que estou atingindo todo o meu potencial. Sim, meu chefe é o pior, mas eu adoro os desafios do esporte profissional. As viagens. Os torcedores. A exaltação da pós-temporada.

— Eu não vou dizer nada, e você também não.

— Ken...

— Estou esperando ser promovida.

Ele se inclina ligeiramente para trás. — Você está?

— Não nos Warriors, mas sim.

Os olhos castanhos de Isaiah se arregalam enquanto o barman coloca nossas bebidas na nossa frente. — Deixe-me adivinhar. Atlanta quer contratá-la.

Meu meio-irmão joga na segunda base do Atlanta e, embora seja um dos meus amigos mais próximos, Isaiah e Dean cresceram na mesma cidade e têm uma rivalidade de longa data. Dean e eu nos tornamos família no final do ensino médio e não nos aproximamos até a faculdade, então eu nunca soube da história deles até que meu meio-irmão apareceu no Dia da Família em Chicago na última temporada, apenas para que os dois ligassem os pontos.

— Não, não é Atlanta. São Francisco.

Isaiah faz uma pausa com sua bebida a meio caminho dos lábios. — Califórnia? Mas isso é... do outro lado do país.

— Sim, mas o clima é maravilhoso e o médico da equipe está se aposentando após esta temporada. O segundo médico não quer ser promovido, então eles estão procurando um substituto e meu mentor, com quem estudei, recomendou-me para o trabalho.

Posso sentir o entusiasmo em minha voz a cada palavra. É o emprego dos meus sonhos, o emprego para o qual passei meus vinte anos inteiros me preparando, e sou uma das três últimas candidatas ao cargo. Eu só preciso encerrar este ano com uma ótima reputação com

os Warriors, fazer uma boa entrevista quando chegar a hora, e ele poderá ser meu.

— Califórnia — repete Isaiah, com os olhos voltados para o meu rosto.

Tomo um longo gole do meu drinque, balançando a cabeça com entusiasmo, tanto pela perspectiva de como será o próximo ano quanto pela qualidade do drinque. Não dá nem para sentir o gosto da tequila.

— Eu seria a primeira médica líder da MLB.

Os lábios de Isaiah se curvam com isso. — Como você deveria ser. Isso é incrível, Kenny. Você merece todas as coisas boas.

Ainda estou tentando me convencer disso.

— Mas para que fique claro — ele continua. — *Não estamos* dizendo ao Dr. Fredrick que ele é um misógino de merda ou que sua opinião sobre as mulheres nos esportes é provavelmente o motivo pelo qual sua esposa o deixou no ano passado?

Uma risada borbulha em mim, do jeito que quer sair na maioria das vezes em que estou perto de Isaiah, embora eu normalmente não deixe. — Não até que eu assine meu novo contrato e esteja a dois mil quilômetros de distância.

Isaiah suspira em resignação, afundando novamente em seu assento. — Califórnia, não é? Você sabia que esse é o meu lugar menos favorito?

— E quando você decidiu isso?

— Há cerca de dois minutos.

Ele termina a bebida em alguns goles e coloca o copo de volta no balcão do bar. — Eu a acompanharei de volta ao seu hotel quando estiver pronta para ir.

O quê?

— É só isso? Você me comprou sapatos confortáveis e uma jaqueta quente apenas por uma bebida que levou mais tempo para ser

preparada do que para você consumi-la?

— Você disse *um* drinque.

— Talvez eu tenha mudado de ideia.

As sobrancelhas de Isaiah se erguem em surpresa, sua postura se endireita da queda derrotada. — Está dizendo que quer ficar e tomar outro drinque comigo, Kenny?

Nunca fui impulsiva como ele. Nunca fui de cruzar a linha entre trabalho e diversão, mas há um conforto com Isaiah. Um conforto que não deixo ninguém perceber quando estou no trabalho. Talvez seja porque ele é a única pessoa em Chicago que sabe do meu segredo e, agora, ele é a única pessoa com quem posso compartilhar essa novidade emocionante.

Talvez seja porque a linha de chegada está muito próxima. Estou a uma temporada do emprego dos meus sonhos. Então, sim, talvez eu queira me divertir um pouco. Talvez eu queira desligar a perfeccionista que há em mim e ser um pouco imprudente depois desse fim de semana infernal.

— Sim. — Engulo o resto do meu coquetel. — Quero tomar outro drinque com você.

CAPÍTULO 3

Isaiah

Não tenho a menor ideia de como cheguei aqui, tomando sabe Deus quantos drinques com Kennedy Kay. Em algum ponto do caminho, saímos do Cosmo e passamos por mais três bares. *Ou seriam quatro agora?*

Não sei se eu sei.

Kennedy jogou seus sapatos de salto em uma lata de lixo na rua, e eu notei a parte de baixo vermelha deles enquanto os carregava, então me certifiquei de tirá-los de volta da lixeira. Se ela estivesse sóbria, ficaria chateada por ter jogado fora sapatos tão caros.

Ela ganhou cem dólares nos caça-níqueis de um centavo. Fomos parar em um bar de karaokê sem uma única pessoa com menos de quarenta anos. Cantei uma versão de “Touch My Body”, de Mariah Carey, e saímos assim que as mulheres mais velhas começaram a levar a letra ao pé da letra.

Levei Kennedy ao seu primeiro clube de strip-tease, onde ela prontamente distribuiu todas as notas da minha carteira, e agora estamos completamente bêbados, em frente às fontes do lado de fora do Bellagio.

Eu acho que sim.

Não sei onde estamos, mas há música, luzes e uma leve brisa que refresca minha pele em chamas. Sério, estou pegando fogo. Sou alérgico à tequila ou estou corando como um idiota toda vez que a Kennedy se inclina levemente para mim ou agarra meu antebraço como apoio?

Esta noite é a melhor noite da minha vida.

— O quê? — Kennedy pergunta ao meu lado.

Eu disse isso em voz alta?

Que se dane.

— Eu disse que esta é a melhor noite de minha vida.

Ela arregala os lindos olhos, mas é mais dramático do que o normal, porque Kennedy está tão bêbada quanto eu. — Você só está dizendo isso só para me agradar.

— Não estou. — Apoiando meus antebraços no portão à minha frente, eu me coloco no nível dos olhos dela. — Kennedy, eu sinto algo por você.

— Isso vai passar.

Seus olhos vidrados permanecem fixos na água à sua frente.

— Estou falando sério, Ken. Eu estou muito apaixonado.

— Uma paixão é apenas carência de informação.

— Sim, mas estou recebendo as informações, e isso só está me fazendo gostar mais de você. Deixe-me conhecê-la melhor. Eu estou tentando isso há três anos.

Sua atenção finalmente se volta para mim, seu olhar percorrendo meu rosto. — Por quê?

— Porque eu gosto de você.

— Você gosta de todo mundo.

Ouch.

Ela não está errada. Pelo menos, pelo que ela sabe sobre mim. O que ela não sabe é que eu nem sequer olhei para outra mulher desde o dia em que percebi que ela parou de usar o anel de noivado.

Portanto, não, eu *não* gosto de todo mundo.

Eu gosto *dela*.

Ela deve ter notado como foi o impacto, pois vira ligeiramente o corpo, ficando de frente para mim. — Tudo bem. — Está um pouco arrastado. — O que você quer saber?

— Por que estar na despedida de solteira da sua meia-irmã a deixou tão desconfortável?

Ela revira os olhos novamente, e eu não posso deixar de sorrir.

— Minha mãe é casada com o pai de Mallory e Dean. Mallory, ela é minha meia-irmã e você conhece o Dean. Você *odeia* o Dean. Mas o Dean é meu amigo.

Sim, ela está bêbada.

— Minha mãe insistiu que eu estivesse aqui. Você sabe, por causa da imagem da família.

— A família? Parece que você faz parte da máfia.

Ela me ignora. — E Mallory, ela foi rápida em escolher o último fim de semana que eu estava livre antes do início da temporada de beisebol para que eu tivesse que comparecer.

— Você realmente não queria estar aqui.

— Ela vai se casar com meu ex-noivo, e tenho quase certeza de que o único motivo pelo qual ela me queria aqui neste fim de semana era para esfregar isso na minha cara.

Devo estar muito mais bêbado do que imaginava, porque sei que não ouvi direito. — O que você disse?

— Ela vai se casar com meu ex-noivo. — Seu tom não tem inflexão. — O cara que ela só conheceu porque eu deveria me casar com ele, e ele sempre me acompanhava nas reuniões sociais. Você sabe, aquele cara.

Kennedy toma a dose dupla de tequila que cada um de nós trouxe do último bar.

— E você não se importa que isso aconteça?

Ela levanta o copo, agora vazio. — Parece que estou de acordo

com isso?

— Mas... e quanto aos seus pais? Eles não podem estar de acordo com isso.

— Oh, eles adoram o Connor. — Ela me dá as costas. — Eles concordam que ele será o candidato perfeito para assumir os negócios da família e, como eu não consegui segurar o gatilho durante todos os anos em que estivemos noivos, todos estão perfeitamente satisfeitos com o fato de minha meia-irmã entrar em cena e fazer isso. Bem, exceto o Dean. Você conhece o Dean. Você odeia o Dean. — Eu odeio o Dean. — Ele é a única pessoa que expressou o quanto tudo isso é uma merda.

Ok, bem, talvez eu odeie Dean um pouco menos do que odiava há trinta segundos, mas o meio-irmão de Kennedy ainda é uma das minhas pessoas menos favoritas, e sou obrigado a ver o cara algumas vezes por ano quando jogamos contra o Atlanta.

Meu cérebro embaçado e enevoado pela tequila não tem ideia do que dizer sobre essa situação complicada, então a única coisa que me ocorre é: — Você deveria se casar antes deles.

Ela se assusta com uma risada. — O quê?

— Case antes deles. Sabe, mostre para eles quem manda se casando primeiro. Aposto que eles odiariam isso. Especialmente quando você fez com que o sei-lá-o-que esperasse por tanto tempo.

— Eu nem sequer tenho um namorado.

— Eu me ofereço.

— Sim. — Ela dá uma risadinha. — Só que agora, aparentemente, o que eu preciso é de um marido.

Mantenho minha atenção presa na dela.

Ela faz uma pausa por um minuto, repassando algo em sua mente antes de seu tom ficar sério. — Você ainda está se oferecendo?

— Você está bêbada.

— Você também.

— Você está fora de si.

— Acho que você também está.

Estou completamente fora de mim, porque, do jeito que ela está me olhando, com um sorrisinho nos lábios, os olhos castanhos brilhando com malícia como os meus normalmente brilham, sei que, nesse momento, eu faria qualquer coisa que ela me pedisse.

CAPÍTULO 4

Kennedy

Eu não sei por que ele está me olhando dessa forma.

Mas, por outro lado, acho que ele sempre me olha assim.

Minha pele está estranha. Como se estivesse pegando fogo, mas também estou com frio.

Acho que gosto quando Isaiah olha para mim.

Esses calçados são confortáveis.

— Você sabe que eu não posso dizer não a você — ele diz.

— É isso que estou torcendo para que aconteça. — As palavras parecem bobas. Acho que minha língua não está conectada à minha boca.

Do que ele está falando? Ah, um casamento.

Eu precisava escolher uma data para o casamento. Foi isso que minha mãe sempre me disse.

Minha mãe. Ela não é muito legal.

Connor sempre disse também que eu precisava escolher uma data para o casamento.

No entanto, eu não gostava dele o suficiente para fazer isso.

Mas acho que já posso escolher a data do casamento.

Hoje à noite.

Isaiah é simpático.

Ele também é bonito.

Por que eu sempre o ignorava?

Porque eu sabia que ele me colocaria em apuros.

Nunca me meti em problemas.

Eu sigo as regras.

Eu era a filha perfeita.

Aonde isso me levou?

Talvez se eu tivesse me metido em problemas, meus pais teriam me notado.

Quero me meter em problemas.

Eu quero namorar.

Mal posso esperar para namorar.

Pela primeira vez em minha vida, posso namorar sem pensar em casamento.

Casamento.

Isaiah balança a cabeça.

Espere, por que ele começou a girar?

— Você vai me odiar pela manhã.

— Não vejo como isso é muito diferente de como me sinto em relação a você agora.

Eu não o odeio.

Nem um pouco.

Isaiah morde o lábio inferior para esconder um sorriso.

Acho que sim.

Honestamente, ele é basicamente uma figura borrada que está me mantendo em pé no momento.

Pego o copo de sua mão e a bebo de volta.

É água.

Acho que sim.

A água das fontes é bonita.

Isaiah é bonito.

É apenas um esquema.

Connor veio de uma família rica e eu também.

Aquilo era um acordo de negócios.

Este é um acordo de vingança.

São praticamente a mesma coisa.

Isso é tudo o que o casamento sempre foi: *um acordo*.

Posso me sentir falando.

Sei que Isaiah está respondendo.

Ele sorri para mim, e a pequena marca de nascença em seu olho direito se perde entre as linhas do sorriso.

Quero lambê-la.

Mas minha língua não está conectada à minha boca no momento, então, em vez disso, estendo a mão e a toco.

— Porra — eu o ouço exalar, e a rendição em seu tom é a única coisa que está clara agora.

Eu pego sua mão.

Sua mão é grande.

Já trabalhei em suas mãos, mas nunca as toquei fora do trabalho antes.

Nunca toco em ninguém, a menos que esteja trabalhando.

Ninguém nunca me tocou de verdade.

Gosto da mão de Isaiah.

Também gosto de seu sorriso.

Nunca direi isso a ele.

— Tem certeza? — A voz de Isaiah soa em algum lugar ao meu redor.

É claro que tenho certeza de que nunca direi a ele que gosto de seu sorriso.

O ar que sopra em minhas pernas muda.

Agora está mais quente.

Meus braços já estão quentes.

Isaiah comprou uma jaqueta para mim.

Isso foi muito gentil da parte dele.

Como eu nunca percebi que ele era tão legal?

E bonito.

Eu não tinha permissão para perceber.

Ele é tão diferente de mim. De como eu cresci.

Ele é caloroso.

Eu estou com frio.

Essa jaqueta é quente.

A caneta em minha mão é pesada.

Eu assino meu nome em uma linha. Três linhas, e todas elas estão se movendo.

— Kenny, você tem certeza de que quer fazer isso?

Gosto quando ele me chama de Kenny.

Nunca direi isso a ele.

— Que música você quer ouvir? — É uma voz diferente. Não é a de Isaiah.

Caminhar? Caminhar ao som de uma música?

Isaiah toca uma música quando está no campo.

Ele fica muito bem em seu uniforme.

Nunca direi isso a ele.

Mariah Carey.

Isaiah cantou uma música da Mariah Carey hoje à noite. Ele foi muito bem.

“Obsessed.”

Acho que posso estar obcecada. Por que continuo pensando nele?

Isaiah ri.

Eu rio porque ele riu.

Meus sapatos novos são tão bonitos. Observo meus pés enquanto dou um passo e depois outro em um tapete vermelho.

Isaiah parece feliz. Sinto-me feliz.

— Sim. — *Eu me sinto feliz.*

Minha cabeça está pesada, então eu a encosto no peito de Isaiah.

Seu braço parece pesado em volta da minha cintura.

Está frio lá fora novamente.

Enterro meu rosto nele.

O sol está forte.

Isaiah é brilhante.

Amarelo.

Aposto que sua cor favorita é o amarelo.

Amarelo é uma palavra tão estranha.

O flash de uma câmera é amarelo.

— Eu me casei com a garota por quem estava obcecado há anos.

Obcecado também é uma palavra estranha.

Estou obcecada com a maciez desse travesseiro.

Meus sapatos novos são muito bonitos.

Isaiah também é muito bonito.

Nunca direi isso a ele.

CAPÍTULO 5

Isaiah

O zumbido que vem do outro lado do quarto vai direto dos meus ouvidos para a minha cabeça que está latejando. É a coisa mais barulhenta que já ouvi.

Acho que é um telefone. Não sei de quem é, mas é melhor desligá-lo para que eu possa dormir.

Ninguém o desliga. Ele continua tocando e tocando até que finalmente é enviado para o correio de voz, mas outra chamada é feita e o toque começa novamente.

Alguém ao meu lado resmunga, expressando o incômodo que sinto.

Meus olhos se abrem. Alguém está ao meu lado... na minha cama.

Viro-me lentamente nessa direção e encontro uma mulher deitada de bruços.

Que porra é essa?

Não, não, não. O arrependimento se agita em minhas entranhas.

Oito meses de espera... *Kennedy*.

Putaquepariu. Reconheço o cabelo que está enrolado na mulher ao meu lado.

Kennedy Kay Auburn.

Kennedy está na minha cama.

Ela grunhe quando o telefone toca novamente, cobrindo os

ouvidos com as palmas das mãos apenas para mostrar a mão esquerda... e o dedo anular esquerdo.

Flashes da noite passada se infiltram em minha memória nebulosa.

Ela me puxando para uma capela.

Eu perguntando inúmeras vezes se ela tinha certeza disso.

O fato de ela ter certeza de que era isso que queria.

Eu só ouvi as palavras de que Kennedy queria se casar comigo.

Minha última lembrança é que, no pior dia do ano, eu me diverti muito.

Inspiro bruscamente em sinal de realização, porque me lembro vagamente de ter colocado o anel em seu dedo, mas poderia jurar que tudo o que aconteceu na noite passada foi um sonho.

— O quê? — pergunta ela em um suspiro, sentando-se.

Leva um momento, com seus olhos sonolentos me percorrendo, para que ela consiga entender onde está.

— Isaiah? — Ela afasta o cabelo do rosto, com o rímel borrado sob os olhos e o batom manchado na bochecha.

Nunca vi a Kennedy perfeitamente polida tão desarrumada. Ela está exatamente como eu me sinto.

— Por que você está no meu quarto?

— Meu quarto — corrijo.

Os olhos de Kennedy percorrem o quarto de hotel, mas ela percebe que não é o seu. Então, sua atenção recai sobre as roupas que ela ainda está usando da noite passada, com Vans e tudo.

— Oh, meu Deus. — Ela se sacode da cama como se ela estivesse pegando fogo. — Oh, meu Deus. Nós fizemos? Por favor, diga que não.

— Fizemos o quê?

— Nós...? — Ela gesticula entre nós freneticamente, com a outra

mão na testa. — Nós, você sabe...?

— Kenny — falo seu nome. — Nós dois somos adultos aqui. Você pode dizer a palavra *sexo*.

— Por favor, diga que não fizemos isso!

Aqueles olhos castanhos estão implorando para que eu diga não, o que é um pouco agressivo para o ego, para ser sincero.

— A julgar pelo fato de que nós dois ainda estamos vestindo todas as nossas roupas e eu estava bêbado demais para conseguir fazer alguma coisa, apostaria um bom dinheiro que não, nós não fizemos sexo.

Ela exala, seus olhos se fecham em alívio.

Outro golpe no ego.

Ainda sentado na cama, levanto minha mão esquerda. — Nós, no entanto, casamo-nos.

Seus olhos se abrem. — Que diabos é isso?

— A mesma coisa que está em sua mão.

Sua mão direita cobre a boca ao mesmo tempo em que ela estende a esquerda para ser examinada. — Não, não fizemos isso.

— Nós fizemos.

— Não fizemos isso!

— Volume. Jesus. — Faço uma careta, com as pontas dos dedos circulando minhas têmporas. — Se estou me lembrando bem, há um pedaço de papel aqui em algum lugar como prova. Mas também não me lembro de quase nada depois das fontes em frente ao Bellagio.

Ela simplesmente fica ali, com aquela jaqueta jeans e vestido branco, balançando a cabeça. É irônico que o vestido que ela usou na despedida de solteira da meia-irmã seja agora o seu vestido de noiva.

Dou uma risadinha para mim mesmo. *Que porra nós fizemos?*

Kennedy vasculha meu quarto de hotel, procurando

freneticamente pelo papel antes de encontrá-lo virado para baixo e descartado no chão, como se fosse um daqueles cardápios de comida para viagem que passam por baixo da porta do quarto de hotel, e não um documento que nos une legalmente.

— Oh, meu Deus — ela sussurra enquanto olha a nossa certidão de casamento. — Que diabos você fez?

Espere. O que está acontecendo?

— Eu?

— Sim, *você!* Como você pôde fazer isso, Isaiah?

Ela está brincando comigo?

Levanto-me imediatamente da cama. — A ideia foi *sua*. Você é que estava determinada a fazer isso. Perguntei inúmeras vezes se você tinha certeza.

Ela balança a cabeça, não acreditando em mim. — Eu não faria... não *conseguiria* fazer algo tão imprudente. Isso tem tudo a ver com você.

Nesse momento, é como se os óculos cor-de-rosa fossem retirados.

Eu nunca fiquei bravo com a Kennedy. Nunca desgostei de algo que ela dissesse. Nunca discordei dela. Mas isso... o fato de ela me culpar pela noite passada...

Pela primeira vez, desde que a conheço, estou furioso com ela.

— Não coloque a culpa em mim, Kennedy. Você me pediu para fazer isso.

— Não. — Ela ri com incredulidade. — Não há a menor chance de que eu, entre todas as pessoas, tenha pedido *você* em casamento.

— Você me *implorou!*

Seus olhos são selvagens. — Então você deveria ter me dito não!

— Quando foi que eu consegui dizer não para você?!

Sua mandíbula endurece, e nossos peitos se erguem com raiva. —

Tire isso.

— O quê?

— A aliança. — Ela aponta para a aliança em minha mão esquerda, a mesma que o oficiante da capela nos deu. É tão barata que parece ter saído de uma máquina de venda automática. — Tire essa aliança de seu dedo.

— Tire você a sua.

— Eu lhe disse para fazer isso primeiro.

— Bem, eu não vou fazer isso. — Eu literalmente nunca me impus contra essa garota, mas, como disse, estou irritado.

— Tudo bem, eu tiro a minha. — Ela tira a aliança de plástico barato e a enfia no bolso da jaqueta jeans grande que comprei para ela na noite passada. — Isso não significa nada mesmo.

— Você está certa. Não significa. Tudo o que foi para você foi a vingança perfeita pelo que aconteceu com seu ex. *Bem, de nada, Ken.* Espero que você se sinta bem quando contar a ele.

Muito tempo se passa, uma tensão espessa nos sufocando até que os olhos de Kennedy se suavizam de arrependimento. — Eles não deveriam recusar pessoas bêbadas nas capelas de Las Vegas?

Não gosto que outras pessoas fiquem chateadas. Cada fibra do meu ser está furiosa com ela, mas meus instintos estão gritando para que ela se sinta melhor. Prefiro muito mais vê-la sorrir do que o olhar perdido e sem esperança que ela está usando agora.

Encontro minha carteira na mesa de cabeceira, vazia de todo o dinheiro que tinha comigo na noite passada. — Tenho quase certeza de que dei ao oficiante algumas centenas para não o fazer.

— Não acredito que nos casamos.

— Uma história bonita que poderemos contar para os netos, não é?

Ela pega um travesseiro descartado e o atira no meu rosto, mas eu o pego antes que ele faça contato. — Não há nada de bonito nisso. Foi

um erro de bêbado.

— Prefiro o termo: *acaso feliz*.

Ela me lança um olhar penetrante. — Não era para ser assim. Eu finalmente tenho alguma liberdade e.... — Seu corpo inteiro cai, seus olhos se fecham com um suspiro de derrota. — Vamos anular isso assim que voltarmos para Chicago.

A palavra *Chicago* fez com que aqueles olhos castanhos se arregalem de preocupação, com as mãos delicadas mais uma vez cobrindo sua boca. — Oh, meu Deus. Vou perder meu emprego. — Seu tom é frenético. — Vou perder meu emprego. São Francisco nunca vai me contratar com uma demissão em meu currículo. *Que diabos nós fizemos?*

Um brilho começa a cobrir seus olhos, então eu engulo a distância para consolá-la, mas assim que abro meus braços para abraçá-la, ela se retrai.

Merda.

Em vez disso, mantenho minhas mãos para mim mesmo. — Você não vai perder seu emprego, Kenny. Vamos preparar os papéis da anulação assim que chegarmos em casa, e ninguém precisa saber disso.

— Como se você não fosse correr para Cody, Travis ou Kai e contar a eles sobre isso.

— Oh, com certeza vou contar para esses três.

— Isaiah Rhodes.

— Kennedy Rhodes — eu imito.

Ela fecha os olhos em sinal de frustração, com as mãos na testa. — Segunda-feira. Nós nos encontraremos no escritório do meu advogado.

— Você tem um advogado?

— Oh, meu Deus. — Com a cabeça para trás, ela expõe sua bela garganta e solta um gemido que vai direto para o meu pau.

Não. Não vai, porque estou furioso com ela agora.

— Nós nem sequer temos um acordo pré-nupcial.

— Ken, vamos lá. Eu sei que você não vai tentar ir atrás do meu dinheiro.

— Sim, não é ao *seu* dinheiro que estou me referindo.

Antes que eu possa perguntar a ela o que isso significa, o telefone começa a tocar novamente.

Ela corre em direção a ele, pegando-o do chão. — Alô? Sim. — Ela examina o quarto como se ainda estivesse totalmente incrédula com o que aconteceu. — Merda. Estou indo para lá. Dê-me vinte minutos. — Ao desligar, ela dobra nossa certidão de casamento e a esconde no bolso. — Vou perder meu voo de volta para casa se não for embora agora. Vamos lidar com isso na segunda-feira.

Freneticamente, ela examina o quarto novamente, procurando por seus pertences, mas tudo o que veio com ela, ela está usando. A não ser os saltos brancos que carreguei conosco a noite toda. Ela os pega na cômoda antes de voltar a olhar para os tênis que comprei para ela.

Sua voz é baixa. — Obrigada por guardar isso.

— De nada.

Com a mão na porta, ela chegou à metade do corredor antes de se virar para me olhar com olhos suplicantes. — Isaiah, não posso perder esse emprego.

Um emprego em que ela é maltratada. Um emprego para o qual ela está superqualificada. Mas um trabalho que a levará ao emprego dos seus sonhos.

— Nós cuidaremos disso.

Ela acena com a cabeça, virando-se para sair novamente.

— Ei, Kenny?

— Sim?

— Estou irritado com você agora, mas me diverti com você ontem à noite.

Ela tenta conter um pequeno sorriso. — Sim, pelo que me lembro, eu não odiei totalmente sair com você.

— Puxa. Calma, Ken. Já entendi. Você está caidinha por mim.

Aqueles olhos castanhos se arregalam antes que ela feche a porta na minha cara, mas ainda assim eu projeto minha voz para que ela ouça no corredor.

— Isso significa que a fase de lua de mel já acabou?

— Eu odeio você!

— Vejo você em casa, esposa!

CAPÍTULO 6

Kennedy

Miller: *Sentimos sua falta na festa de aniversário do Max. Espero que esteja se sentindo melhor. Além disso, tenho algo para lhe dizer. Quando posso vê-la?*

Eu: *Ainda não estou me sentindo bem. Talvez no próximo fim de semana?*

Miller: *Não posso esperar tanto tempo!*

Eu: *A temporada de beisebol começa na próxima semana. Você não quer passar o máximo de tempo possível com o Kai antes de viajarmos?*

Miller: *Eu quero fazer o máximo de sexo possível com o Kai antes de vocês irem para a estrada? Sim, você está certa. Vejo você no fim de semana.*

Coloco meu celular no balcão da cozinha, ao lado do anel de plástico barato que tenho olhado desde que voltei para Chicago.

Sinto-me mal por estar mentindo para Miller, mas sei quais são suas novidades empolgantes. Sei que ela ficou noiva do irmão de Isaiah, Kai, neste fim de semana. Também sei que não poderia ir à festa de aniversário de Max e agir como se não estivesse legalmente ligada ao tio dele. Eu não poderia tirar o foco de Miller em seu grande dia. Não poderia olhar para ela e mentir sobre o fato de que, tecnicamente, ela é minha futura cunhada. E não suporto vê-la agora, com essa sensação de desconforto no estômago, até que eu me reúna com meu advogado e tenha a garantia de que essa farsa de casamento

acabará tão rapidamente quanto começou.

Conheci Miller na última temporada, quando ela começou a ser babá para o nosso arremessador Ace, Kai Rhodes. O pai de Miller, Monty, também é o gerente de campo do Windy City Warriors e, pela primeira vez em minha carreira, tive a oportunidade de ter outra mulher na sede do clube. Foi revigorante e eu a considero minha primeira amiga de verdade que fiz desde que me mudei para Chicago há três anos.

Antes do ano passado, todo tempo livre que eu tinha era gasto voando de volta para Nova York para ver Connor, que sempre tinha algum tipo de evento beneficente ou reunião social para a qual ele precisava de mim em seu braço. Mas Miller conseguiu superar meu exterior às vezes frio, e eu não poderia estar mais grata a ela por isso.

O apartamento de cobertura em que moro é uma das muitas propriedades de investimento da minha família. É extravagante, exagerado e um pouco solitário quando me permito pensar nisso. Mas também é um lugar gratuito para morar e quem sou eu para reclamar quando meu salário atual não é suficiente para me dar muito luxo na cidade.

É outro objetivo meu, poder pagar minha própria casa, enfim, minha própria *vida* sem o nome da família Kay associado a ela. Com uma promoção e um novo título, serei capaz disso.

Indo para o segundo quarto, vasculho o armário que nunca uso. Trajes de negócios, vestidos de grife e saltos altos que valem mais do que o aluguel de algumas pessoas. Há um espaço em minha sapateira onde normalmente ficam meus Louboutins brancos de couro envernizado, mas a lembrança de Isaiah carregando-os por Las Vegas me faz hesitar e colocá-los de volta no armário. A essa altura, quero esquecer as poucas lembranças que tenho daquela noite.

Em vez disso, coloco um par preto, enfiando meus pés no canal estreito antes de vestir um blazer cor de camelo e uma calça cigarette preta.

Eu vasculhei esse closet para a despedida de solteira da Mallory,

mas, fora isso, não consigo me lembrar da última vez que vesti minhas antigas roupas. Elas são reservadas para os encontros sociais obrigatórios, seja um jantar extravagante na casa da minha infância ou bailes beneficentes que minha mãe gosta de organizar para convencer seus amigos ricos de que ela se preocupa com alguém além dela mesma, quando todos sabemos que ela só os organiza para abater no imposto de renda.

Mas o meu advogado trabalha para a minha família, e aparecer com o meu uniforme normal de esportista seria um insulto para a minha mãe. Ela já vai perder a cabeça quando souber o que fiz neste fim de semana, mas prefiro ter uma solução antes mesmo que ela tome conhecimento do problema.

Não sei ao certo por que a opinião deles a meu respeito é tão importante para mim. Mas sempre foi. Tive a melhor educação que pude. Tornei-me médica em vez de parar cedo e seguir um caminho diferente na medicina esportiva. Concordei em me casar com um homem que eu não queria, simplesmente porque meus pais me disseram para fazê-lo.

Eu mal conheço minha mãe. Cresci em um colégio interno e, enquanto estava em casa no verão, fui criada por babás. Minha presença era exigida em eventos públicos, mas fora isso, vivíamos vidas completamente separadas.

O mesmo se aplica ao meu relacionamento com meu pai e, quando ele morreu, nem sequer chorei em seu funeral. Teria sido como chorar no funeral de um estranho.

Deve ser por isso que Connor sempre me chamava de fria.

Depois disso, minha mãe se casou com o pai de Dean. Ele era o sócio de negócios do meu pai, então, do ponto de vista financeiro, fazia sentido que eles se casassem.

Meu noivado com Connor também foi por uma questão de negócios. Dean não iria assumir os negócios da família, então era minha responsabilidade casar com alguém que assumisse.

Era tudo uma estratégia de negócios.

Entretanto, meu casamento com Isaiah Rhodes definitivamente não é uma decisão comercial.

E há uma parte de mim, mesmo sabendo que foi um erro, que adora esse pequeno ato de rebeldia.

Embora Connor e eu tenhamos sido criados por uma decisão dos nossos pais, ainda assim foram oito anos da minha vida, e feriu meu orgulho quando ele terminou o relacionamento.

Ele dizia claramente que a separação era culpa minha. Eu não estava por perto. Eu morava em Chicago quando ele e meus pais moravam em Nova York. Eu viajava por causa do meu trabalho. Eu mal o tocava quando estávamos na mesma cidade. A lista das minhas falhas é muito maior do que isso, mas essa é a essência do que ele mencionou durante o nosso rompimento.

Mas agora que tive algum tempo para processar, finalmente me dei conta de que não estou mais presa a algum tipo de dever familiar. Posso me casar com quem eu quiser. Posso namorar. Posso ser uma mulher normal na casa dos 30 anos.

Só preciso tirar essa anulação incômoda do caminho primeiro.

Meu telefone vibra no balcão, desta vez com um número de telefone desconhecido de Chicago. O advogado da família está vindo de Nova York, então presumo que ele esteja usando seu escritório local.

— Paul? — pergunto assim que atendo.

— Humm... — A mulher do outro lado hesita. — Não, aqui é a Denise. A assistente do Sr. Remington.

Sr. Remington. Archer Remington. O proprietário dos Windy City Warriors.

— Ele está solicitando uma reunião com você.

Foda-se.

Quero dizer a mim mesma que talvez isso não seja uma coisa

ruim. Talvez ele esteja se reunindo com toda a sua equipe antes do início da temporada. Talvez não tenha nada a ver com o fato de eu ter violado a política da empresa não só por confraternizar com um dos jogadores, mas também por me *casar* com seu shortstop.

Mas em meu íntimo, sei que estou completamente fodida.

Eu engulo. — Ok. Posso fazer isso. Amanhã está bom para ele?

— Ele precisa falar com você imediatamente.

— Hoje?

— Em uma hora. Ele se reunirá com você e com o Sr. Rhodes ao mesmo tempo.

E aí está.

Estou demitida. Estou acabada. *Mas como diabos ele descobriu isso?*

Nenhum dos rapazes da equipe parece ser do tipo fofoqueiro, mesmo que Isaiah decidisse abrir a boca e contar tudo.

— Ok. Estarei aí.

— Até breve, Srta. Ka... — Denise limpa a garganta. — Sra. Rhodes.

As duas únicas coisas que estou pensando ao desligar o telefone são que estou prestes a ficar desempregada e que nunca mais quero ouvir alguém me chamar de *Sra. Rhodes*.

* * *

Os corredores da sede dos Warriors estão vazios. O clique dos meus saltos contra o piso de mármore é a única coisa que consigo ouvir em meus ouvidos zunindo enquanto caminho para o meu destino. Não consigo acreditar que, depois de três anos aguentando as besteiras sexistas do Dr. Fredrick, depois de trabalhar e esperar que uma vaga fosse aberta em outro lugar da liga, serei demitida quando faltam apenas alguns meses para as entrevistas finais para o emprego

dos meus sonhos.

Fui incrivelmente irresponsável neste fim de semana. Nunca sou imprudente ou inconsequente.

Mas o homem que se encaixa perfeitamente nesses adjetivos está parado no final do corredor, esperando por mim.

— Droga — Isaiah exala quando o encontro do lado de fora do escritório de Denise. — Você está... — Ele assobia.

Ele, por outro lado...

— Sério, Rhodes? Suas meias nem sequer combinam. Você não poderia ter tentado pelo menos parecer apresentável para me ver ser demitida?

Olhando para baixo, ele estuda suas meias em confusão antes de voltar sua atenção para mim.

— Você não tem permissão para ser uma pirralha agora. Ainda estou chateado com você por causa da outra manhã. E você não vai ser demitida, Kenny.

— Não faça isso. — Levanto minha mão para impedi-lo. — Não tente me fazer sentir melhor sobre isso. Nós dois sabemos o que está prestes a acontecer lá dentro. Ambos sabemos que um de nós vai perder o emprego e, como você tem a melhor média de rebatidas do time, eu diria que não será você.

Um sorriso irritante se inclina em seus lábios. — Está de olho em minhas estatísticas, não é?

— Isso não é engraçado, Isaiah. Tudo pelo que trabalhei está prestes a ser arrancado de mim, então, pelo menos uma vez na vida, você pode crescer e perceber que há consequências para suas ações?

— Oh, aqui vamos nós. — Ele solta uma risada. — *Minhas* ações? Não me lembro de tê-la forçado a caminhar até o altar ou a dizer *aceito*. Se bem me lembro, você parecia muito empolgada com a perspectiva de contar à sua meia-irmã e ao seu ex que você se casou antes deles. Portanto, não ouse colocar toda essa culpa em mim,

Kennedy.

Eu sabia que isso o irritaria. Talvez tenha sido por isso que eu falei. Ele nunca ficou bravo comigo. Acho que nunca o vi ficar bravo com ninguém. É bom saber que ele tem um pouco de determinação.

— Nossas ações — corrijo. — E transferei nossa reunião com meu advogado para as onze horas. Podemos ir direto daqui.

— Ótimo. — Sua voz é uniforme, frustrada.

— Isaiah, eu não quis dizer que você era a razão...

— Está tudo bem, Kennedy. Vamos redigir os papéis da anulação assim que isso acabar, e você pode voltar a fingir que eu não existo. — Sua mandíbula se flexiona. — Como diabos o Remington descobriu, afinal?

— Achei que talvez alguém da equipe tivesse contado a ele.

— Só Trav e Cody sabem, mas eles não iriam falar. E Kai, mas ele nem quis contar a Miller.

Como diabos eu vou olhar para esses três novamente? Com Travis e Cody eu consigo lidar, mas com Kai... *Meu Deus, o que ele vai pensar de mim?*

Eu sempre respeitei o Kai. Ele cuidou de Isaiah quando eles eram crianças. Ele cuidou de seu filho quando Max foi deixado em sua porta. Ele provavelmente vai me odiar por isso. Isaiah não é apenas seu irmão mais novo, mas também seu melhor amigo.

Antes que eu possa me aprofundar no assunto, a porta do escritório de Denise se abre. — O Sr. Remington vai recebê-los agora.

Entramos em silêncio e não respiro quando Isaiah puxa a cadeira para que eu me sente em frente ao dono do time, e o oxigênio ainda não vem quando ele se senta ao meu lado.

O relógio na parede faz tique-taque, tornando-se o único som no escritório silencioso, o que só aumenta a tensão avassaladora que está enchendo a sala.

O Sr. Remington se senta em silêncio, com os dedos cruzados sob

o queixo e nos observando.

O relógio faz seu ritmo oportuno, irritando meus nervos frágeis.

Sua mesa é grande e esmagadora, mesmo em seu escritório gigante, que inclui uma parede de janelas com uma vista de um milhão de dólares sobre um dos mais icônicos campos da liga. Sua outra parede está repleta de faixas dos anos em que os Warriors ganharam tudo. Há uma única foto emoldurada dele e da falecida esposa, do filho e da nora, e da única neta, que, segundo rumores, assumirá o legado da família como proprietária da equipe em breve, já que Arthur Remington está com setenta anos e já estaria aposentado se o filho tivesse algum desejo de trabalhar com a equipe.

— Ouvi dizer que vocês dois se divertiram muito em Las Vegas no fim de semana — são as primeiras palavras que saem de sua boca.

Merda.

Isaiah e eu ficamos congelados em nossos assentos.

O tique-taque do relógio só fica mais alto.

— Tenho um velho amigo que é dono do *Chicago Tribune*. Ele e eu temos um acordo de que, se houver alguma notícia relacionada à minha equipe ou à minha organização, ele me avisará antes de ser notícia. — O Sr. Remington vira a tela do computador em sua mesa para nos encarar. — Esta será a capa da seção de esportes de amanhã.

Bem ali, na tela, há uma foto colorida de Isaiah comigo do lado de fora da pequena capela onde, bêbados, fizemos alguns votos. Eu estava com meu vestido branco, jaqueta jeans e Vans. Ele estava de calça preta e camisa preta de botão. Ele me colocou debaixo de um braço, segurando-me perto dele, com o outro punho no ar em sinal de vitória, balançando meus saltos altos brancos acima de sua cabeça.

Não me lembro muito desse momento, a não ser de um estranho aleatório na rua tirando uma foto nossa, mas, independentemente de minha memória estar embaçada, fica claro pela maneira como estou olhando para Isaiah que estou tão feliz quanto ele por estar ali.

Meus braços estão em volta de sua cintura, minha bochecha está

apoiada em seu peito. Tenho até um único pé estalado como a personagem principal de algum tipo de filme romântico, *pelo amor de Deus*.

É evidente, bem ali na tela do computador, que nada disso é culpa dele. Eu também queria isso. Não houve coerção. Nenhuma pressão. Eu fui uma participante totalmente complacente – e muito entusiasmada, ao que parece.

Em letras grandes na parte superior, o artigo diz: **“SHORTSTOP DO CHICAGO SE CASA COM AMOR DE LONGA DATA EM LAS VEGAS.”**

Eu me engasgo com minha própria saliva.

Se pudesse encontrar minha voz em meio ao choque desse momento, eu perguntaria o que diabos isso significa, mas não consigo nem mesmo encontrar oxigênio para respirar. Tudo o que posso fazer é olhar para a tela do computador com meu destino exibido em cores.

Durante o silêncio, continuo a ler uma citação direta do homem ao meu lado.

O subtítulo diz: **“FINALMENTE EU ME CASEI COM A GAROTA PELA QUAL SOU OBCESSADO HÁ ANOS.”**

Lembro-me vagamente de ele ter dito isso, mas não foi isso que ele quis dizer. Ele não me amou durante todo esse tempo. Ele simplesmente teve uma paixão superficial por alguém que ele nem sequer conhecia, e agora toda Chicago vai pensar que eu e o jogador titular do time de beisebol tínhamos algum tipo de relacionamento secreto há muito tempo.

Um pé cutuca o meu e eu olho para cima e vejo Isaiah me observando.

Você está bem? Ele diz.

Eu simplesmente balanço a cabeça em resposta e imediatamente vejo a centelha de fogo se acender em seus olhos.

Ele limpa a garganta, senta-se mais ereto e olha diretamente para

o Sr. Remington quando diz: — Não vejo qual é o problema aqui.

Posso sentir meus olhos se arregalarem em descrença, porque, embora eu saiba que Isaiah é normalmente o palhaço da equipe, ele não é estúpido.

— O problema aqui, Sr. Rhodes, é que você e a Srta. Kay claramente violaram o código de conduta da organização. Relacionamentos casuais entre jogadores e funcionárias não só são contra as regras, como também são motivo de demissão.

E aí está.

Tudo pelo que trabalhei está prestes a ser jogado pela janela por causa de um erro de bêbado.

— Não tenho escolha — ele continua. — Vocês dois assinaram acordos para seguir nosso código de conduta. Kennedy, desculpe, mas vou ter que...

— Você disse que relacionamentos casuais são motivo de demissão — Isaiah o interrompe. — Dê uma olhada na manchete. Você está vendo o que foi citado. Estou apaixonado por ela há anos. Não há nada de casual nisso.

Que diabos ele está fazendo?

Isaiah pega minha mão e a segura com força suficiente para disfarçar meu recuo reflexivo.

— Sinto muito por não ter procurado você ou o RH antes, mas Kennedy e eu estamos envolvidos um com o outro há algum tempo. Planejamos uma fuga em Las Vegas. Não há nada de casual em nosso casamento, e não há nada contra a política da equipe que diga que marido e mulher não podem trabalhar juntos. — Ele entrelaça os dedos nos meus, realmente convencido da ideia. — Na verdade, você se lembra de Oscar Henderson, nosso antigo apanhador? A esposa dele era a fotógrafa da equipe. Não há nada diferente na nossa situação em relação à deles. Kennedy é a melhor treinadora que temos na equipe, e você não pode deixá-la ir embora só porque ela finalmente me tirou do meu sofrimento e me aceitou como marido.

Não sou mais a única sentada neste escritório em um silêncio atordoante. Arthur Remington também está.

Suas sobranceiras brancas se contraem em confusão. — Você fugiu sem a presença de seu irmão? Não posso acreditar nisso.

Isaiah dá um tapinha no ombro como se tivesse ensaiado a resposta para isso há dias. — Kennedy é filha única. Teria sido estranho se eu fosse o único a ter alguém comigo.

— E suas alianças? — O Sr. Remington se concentra em nossas mãos esquerdas nuas. Eu não havia percebido que Isaiah também havia tirado a aliança dele. — Onde estão seus anéis da foto?

— Estão sendo ajustados — diz Isaiah sem perder tempo.

Solto uma gargalhada e rapidamente a cubro com uma tosse, torcendo para que o Sr. Remington não tenha uma visão tão boa a ponto de perceber que estamos usando alianças de plástico na foto da tela do computador.

Isaiah aperta minha mão e, pela primeira vez desde aquela noite em Las Vegas, sinto que estamos juntos nisso.

— O senhor estaria cometendo um erro, Sr. Remington. Kennedy não é apenas excelente em seu trabalho, mas toda a equipe adora tê-la no time. Nada mudou. A única diferença entre hoje e a temporada passada é que agora posso chamá-la de minha esposa.

Como ele é tão bom nisso? Ele pensa por conta própria e tem uma resposta para tudo. Ele é tão convincente que até *eu* quase *acredito* nele.

— Srta. Kay, isso é verdade?

Isso é verdade? Claro que não, isso não é verdade. Durante anos, esse homem ao meu lado me deixou louca com a impulsividade com que vive sua vida, fazendo o que lhe parece divertido naquele dia. É muito diferente da maneira como me foi permitido passar meus últimos trinta anos.

Só que agora, sua impulsividade é o que está salvando meu

emprego.

Enquanto o proprietário da equipe aguarda minha resposta, a única coisa em que consigo pensar é no cargo que me espera no final da temporada. Eu quero muito provar ao Dr. Fredrick que ele cometeu um erro todos esses anos atrás ao não permitir que eu trabalhasse com todo o meu potencial simplesmente por causa do meu gênero. Quero provar a mim mesma que sou capaz. Quero provar a todas as outras garotas que querem trabalhar com esportes que há espaço para nós também.

É isso que me faz levantar meu olhar do meu colo, fazer contato visual com o homem que tem meu futuro nas mãos e corrigi-lo. — Sra. Rhodes, na verdade. — As palavras têm gosto de ácido. — Sim, é verdade. Essa coisa entre mim e Isaiah está acontecendo há anos.

Não é uma mentira completa. Isso pode significar muitas coisas diferentes.

Por exemplo, temos uma *situação* em que ele dá descaradamente em cima de mim e eu o ignoro.

O rosto do Sr. Remington está congelado em choque.

Seríamos responsáveis se nossa mentira causasse uma parada cardíaca em um homem de setenta e seis anos? Devo perguntar ao advogado da família hoje, quando nos encontrarmos com ele.

— Tudo bem — concorda o Sr. Remington. — Está bem. Bem, acho que é seguro dizer que eu não imaginava esse resultado quando este artigo chegou à minha mesa esta manhã.

O polegar de Isaiah corre ao longo da pele do meu e, enquanto o Sr. Remington não está prestando atenção, eu afasto minha mão e coloco as duas entre minhas pernas.

— No entanto, haverá algumas regras. Vocês devem se manter profissionais durante o trabalho. Vocês dois são um atleta e um membro da equipe médica enquanto estão aqui no campo. Na estrada, entendo que passam muito tempo juntos. Não espero que fiquem de mãos dadas por dez a quatorze dias seguidos. — Ele ri com

entusiasmo. — Isso seria muito tempo, especialmente na fase de lua de mel. Portanto, vamos estabelecer para vocês a mesma regra que estabelecemos para os Henderson quando eles trabalharam para nós. Durante as horas de beisebol, vocês são treinador e atleta e, nas horas de folga, são livres para serem marido e mulher.

Não haverá diferença na maneira como Isaiah e eu interagimos durante as horas de beisebol e as horas fora do beisebol na estrada e, na idade do Sr. Remington, ele não consegue mais acompanhar fisicamente o cronograma de viagens da equipe, portanto, nunca perceberá a diferença.

— Se — continua ele — Deus nos livre, algo acontecer e vocês dois não estiverem mais em um relacionamento, não vejo como seria possível mantê-los empregados aqui. Não quero pressioná-los, mas não vejo outra saída além de ter que dispensar um de vocês.

— Entendemos, senhor. — Isaiah fala por nós enquanto ainda estou refletindo sobre essas palavras.

Se isso não funcionar, alguém será demitido.

Eu serei demitida.

Mas será que eu quero que isso funcione? Mal consigo pensar direito neste momento. Muita coisa está acontecendo muito rapidamente.

— Muito bem, vocês dois. Bem, obrigado por terem vindo. Vejo vocês no vestiário. Semana emocionante, não é? O beisebol está de volta. — Ele termina com um punho brincalhão batendo em sua mesa.

Com isso, nós dois lhe oferecemos sorrisos apaziguadores, fazemos o mesmo com Denise ao sairmos, antes de fechar a porta e ficarmos sozinhos no corredor.

— Que diabos acabou de acontecer? — é tudo o que consigo dizer.

Isaiah coloca a mão nas minhas costas, a uma altura totalmente respeitosa, para me levar para longe, mesmo assim, eu me afasto com o contato inesperado.

— Desculpe. — Ele rapidamente retira sua mão. — Mas acho que deveríamos conversar sobre isso longe dos escritórios.

Ele se move, dando-me espaço para passar por ele, e segue atrás de mim até estarmos longe o suficiente.

— Não posso fazer isso — admito para ele e para mim mesma. — Não posso fingir que o que fizemos no fim de semana não foi apenas um grande erro bêbado.

— Sim, você pode, Kenny. É uma temporada. Sete meses se conseguirmos chegar à pós-temporada.

— E depois? Nós nos divorciamos e um de nós é demitido? E quando digo um de nós, estou me referindo a mim.

— Você consegue o emprego na Califórnia. A distância não funciona para nós. Nós nos divorciamos amigavelmente. Ninguém nos escritórios principais vai dar a mínima quando você estiver trabalhando para outra equipe.

— E se eu não conseguir o emprego? Se eu ainda estiver aqui no próximo ano?

Ele revira os olhos. — Você está conseguindo o emprego, Ken.

A voz de Isaiah é tão uniforme, tão segura. O raramente sério Isaiah tende a ser muito sério quando se trata de sua confiança em mim.

— Por que você concordaria com isso? — pergunto.

— Por que eu continuaria fingindo que o casamento que tive com essa garota por quem tenho uma queda há anos é legítimo? Por que eu me forçaria a passar um tempo com ela durante uma temporada inteira para garantir que ela conseguisse o emprego dos sonhos no final? Hmm, não tenho certeza, Kenny. Vamos pensar sobre isso.

— Isaiah — suspiro resignada, porque não há razão para que ele tenha uma queda por mim. Depois de todos esses anos, não fiz nada para que ele gostasse de mim. — Você nem sequer me conhece.

— Todos começam como estranhos.

— E não o incomoda o fato de eu não suportar você na maior parte do tempo?

Há um brilho brincalhão em seus olhos castanhos. — Acho que isso é o que mais gosto em você.

— Você gosta do que não pode ter — corrijo.

— Não. Eu só gosto de irritar você. Você fica com essa linha plana nos lábios e esse olhar de morte. Muito sexy, Ken.

Meus olhos se arregalam.

— Mmm — ele geme. — O rolar dos olhos também.

— Por favor, tente ser sério pelo menos uma vez na vida. Se fizermos isso, estarei basicamente usando você.

— Parece terrível. Por favor, Kennedy, use-me o quanto quiser.

— Eu não posso... — Faço um gesto entre nós. — Não vou conseguir fingir isso.

Eu não conseguia nem fingir um relacionamento legítimo, quanto mais um falso.

Ele encolhe os ombros. — Você ouviu Remington. Temos que ser profissionais enquanto estivermos aqui na sede, e não é como se ele viajasse conosco. Ele nunca nos verá em nossos períodos de folga.

Ele realmente pensou em tudo isso. E está fazendo tudo isso por mim. Isaiah não ganha nada com esse acordo.

Arranjo. Este é mais um arranjo. Estou acostumada a arranjos.

Isso torna a ideia um pouco mais fácil de engolir.

— Você fez tudo isso por mim, mas eu pensei que você estava com raiva de mim?

— Eu estou. — Ele passa a mão pelo cabelo, fazendo com que as veias de seu antebraço se flexionem. — Isso não significa que eu queira que você perca seu emprego.

— Você estaria casado com alguém como um acordo comercial,

sabe? Um dia, você terá de dizer a outras mulheres que, tecnicamente, você é um divorciado.

Ele mantém contato visual. — Não estou preocupado com outras mulheres. Há muito tempo que não me preocupo.

Isso não é verdade de forma alguma.

Isaiah Rhodes já teve muitas mulheres com as quais se preocupar nos anos em que o conheço.

Fico mais ereta, com os braços cruzados sobre o peito. Parte de mim quer abraçá-lo por fazer isso por mim, e parte de mim quer convencer nós dois a sair dessa loucura.

Mas não precisamos fingir que estamos apaixonados. Não precisamos fazer um show. Temos que nos manter profissionais. Talvez precisemos chegar no mesmo carro para manter as aparências, mas fora isso, não precisamos fingir muita coisa.

Talvez isso possa funcionar.

— Kennedy — diz Isaiah, chamando minha atenção para ele. — Vou precisar que você se solte e veja o lado bom da situação. Acabamos de manter seu emprego. Nada precisa mudar, exceto o fato de usar uma aliança nesse dedo. — Ele aponta para minha mão esquerda. — Você ainda tem a sua?

Eu mordo meu lábio. — Talvez.

— Desculpe, não consegui ouvi-la.

Eu o encaro. — Sim. Eu ainda tenho a aliança.

Isaiah sorri com isso.

— Ainda não consegui jogá-la fora.

— Claro.

— Elas parecem ter saído de uma máquina de venda automática.

Ele solta uma risada. — Tenho quase certeza de que saíram. Vou trabalhar para conseguir algo diferente para você.

— Espere um pouco. — Levanto minha mão para impedi-lo. — Eu ainda não concordei com isso. Precisamos pensar bem nisso. *Você* precisa pensar bem nisso.

— Eu pensei bem sobre isso. Estou bem com isso.

— Isaiah, estou falando sério. Se fizermos isso, você entenderá o que é, certo? Não estamos em nenhum tipo de relacionamento aqui. Este é um acordo comercial que terminará em seis ou sete meses.

— Um acordo de negócios — ele diz. — Quem disse que o romance estava morto?

— Preciso de algum tempo para pensar.

— Bem, enquanto você está tomando sua decisão, vou trabalhar para conseguir uma aliança para você.

— Isaiah...

— Não se preocupe. Você vai gostar do que vou comprar para você.

Eu levanto uma sobrancelha. — Que arrogância a sua.

— Não estou sendo arrogante. Sou eu lhe dizendo como vai ser. Eu deixo você ser uma pirralha em relação a muitas coisas, mas você não pode ser uma pirralha em relação a isso.

Ele ergue as mãos, com os dedos indicadores estendidos em direção ao meu rosto, levando-os aos meus lábios. Cada um deles puxa os cantos da minha boca, levantando minha testa franzida e transformando-a em um sorriso.

— Sorria, Kenny. Acabamos de salvar seu emprego.

Ele está me forçando a sorrir e não poderia estar mais satisfeito com a minha cara de idiota, a julgar pelo sorriso espelhado em seus próprios lábios.

Ele é incrivelmente bonito quando sorri, mas por outro lado, Isaiah Rhodes está sempre sorrindo, mesmo quando não quer.

Com isso, ele contorna meu corpo para ir em direção à saída, mas

antes de ir, ele se vira, encostando o peito nas minhas costas. Posso sentir sua altura dominadora. Posso sentir seu calor corporal avassalador.

A respiração de Isaiah faz cócegas em minha nuca, e todos os nervos do meu corpo ganham vida, inclusive aqueles entre as minhas pernas que eu não tinha certeza se funcionavam.

— Pense nisso como um grande jogo. — Seu tom é baixo e profundo quando ele se inclina para o meu ouvido e sussurra: — Vamos, esposa. Entre no jogo.

CAPÍTULO 7

Isaiah

— Que diabos você fez, Isaiah? — Miller grita da cozinha da casa dela e do meu irmão. Minha futura cunhada é como eu em muitos aspectos, portanto, quando Kai me disse que eu teria de dar a notícia a ela, eu não esperava exatamente essa reação.

Esperava um *bom trabalho* ou um agradecimento *por ter se casado com minha amiga para que sejamos parentes*.

Acho que estou mirando muito alto nisso.

— Como você pôde fazer isso com a Kennedy? Ela acabou de sair de um relacionamento. Ela precisava de tempo. Sozinha.

— Por que todo mundo está me culpando? Talvez fosse a Kennedy que estivesse *me* implorando para me casar com ela.

Há um momento de silêncio antes de Kai e Miller caírem na gargalhada.

— Fodam-se vocês.

— Linguagem — meu irmão corrige com sua risada.

Meus olhos se voltam para a cozinha, onde meu sobrinho de dois anos, Max, senta-se no balcão e sorri para mim, segurando um batedor meio lambuzado que sua mãe estava usando.

— Desculpe, Maxie. Não diga essa palavra. Não é uma palavra bonita.

— Zaya! — Ele agita seu batedor de forma selvagem, e um pouco de mistura para bolo de chocolate voa pela cozinha.

Evan Zanders, defensor do Raptors, time da NHL de Chicago, senta-se no sofá ao lado do meu irmão, segurando a filha no colo. Agora que ele também é pai, ele e sua esposa têm passado mais tempo na casa do meu irmão, deixando Max e Taylor se entreterem.

— Kennedy? — ele pergunta. — A garota sobre a qual você falou em todos os jantares de família em que estive presente?

— A primeira e única — diz Kai por mim.

— Bom para você, cara.

— Não o incentive, Zee.

— Por que não? Stevie a conheceu no verão passado e achou que ela era ótima.

— Ela é ótima — Miller e eu dizemos ao mesmo tempo.

Ela me lança um olhar. — Isso não significa que eles devam fingir que seu relacionamento é real.

Zanders dá de ombros. — Deu certo para o Ryan e a Indy.

— Tudo bem, Bug. — Miller pega Max do balcão. — Acho que é hora de você e seu pai colocarem um pouco de juízo no seu tio.

— Miller, não fique brava comigo — eu imploro. — Só estou concordando com isso para que ela possa manter seu emprego. Não sou um cara legal por fazer isso?

Ela ri. — Besteira. Você é obcecado pela garota. Isso é tanto para você quanto para ela.

Uma lembrança da música do nosso casamento me vem à cabeça. Ainda me lembro de como percebi que Kennedy era engraçada ao vê-la caminhar pelo corredor com total confiança ao som de “Obsessed”, de Mariah Carey.

— Pare de sorrir para si mesmo. — Miller me dá um tapa no braço com seu filho no quadril. — Você está andando nas nuvens, enquanto isso, minha amiga deve estar sozinha e surtando. Eu deveria ir até o apartamento dela.

— Ela não está sozinha e não está em casa. Ela está se reunindo com seu advogado para redigir um acordo pré-nupcial. Ou um acordo pós-nupcial. Como quer que se chame depois de dar o nó.

— Você não deveria estar lá? — pergunta meu irmão do sofá da sala de estar. — É para proteger *seus* bens.

— Aparentemente, é para proteger os dela.

Os olhos brilhantes de Kai se arregalam em confusão.

— Ela é parente de Dean Cartwright — lembro a Kai sobre o meio-irmão de Kennedy. — A família deles sempre teve dinheiro enquanto crescíamos.

Mais um motivo pelo qual eu não suportava aquele idiota. Enquanto estávamos nos virando, tentando descobrir uma maneira de nos formarmos no ensino médio sem que ninguém percebesse que Kai e eu estávamos sozinhos, lembro-me de Dean aparecendo no campo toda vez que jogávamos contra ele, dirigindo um carro novo e usando o equipamento de beisebol mais recente e mais caro.

Somando isso ao fato de ele ser um completo e absoluto idiota e ter dormido com todas as minhas namoradas, não é de se admirar que eu considere o meio-irmão de Kennedy meu rival de longa data.

— Podemos ir conversar lá fora? — pergunto ao meu irmão.

As atenções dos três se voltam para o meu tom raramente sério, mas Max apenas sorri para mim.

— Você quer ir lá fora também, Bug? — Eu o pego de minha futura cunhada.

— Sim. Fora.

O garotinho acabou de fazer dois anos neste fim de semana e seu vocabulário está, lenta mas seguramente, chegando lá.

— Você já conversou com meu pai? Ele vai querer ouvir sobre isso de você primeiro.

A pergunta de Miller me faz pensar.

Emmett Montgomery, o pai de Miller, não é apenas o gerente de campo, que é basicamente nosso técnico principal, mas também é o que mais se aproxima de uma figura paterna para mim fora Kai. Ele me dá broncas e eu as devolvo. É assim que nos comunicamos. Talvez você não perceba se estiver de fora, mas Monty e eu temos muito amor um pelo outro.

— Vou ligar para ele amanhã — prometo a ela.

Com Max no quadril, sigo meu irmão mais velho até o lado de fora e coloco meu sobrinho na grama para brincar. Nós nos juntamos a ele, sentados com as pernas esticadas, quando Kai me entrega uma cerveja que não o vi pegar na geladeira.

— Tenho a sensação de que nós dois vamos precisar disso. — Ele junta sua garrafa com a minha.

— Você acha que eu fiz besteira?

— Em que contexto? Casar ou permanecer casado?

— Estar me oferecendo para continuar com isso para o trabalho de Kennedy?

Kai toma um gole. — Acho que as coisas têm um jeito de dar certo para você. Sempre deram. É essa coisa de ser feliz e esse maldito sorriso que lhe dá tudo o que você quer.

Meu irmão, às vezes mal-humorado, esconde seu meio sorriso atrás da garrafa e toma outro gole.

Ele tem razão. Quando éramos mais jovens e éramos apenas nós dois tentando passar pelo ensino médio, pela faculdade e, por fim, pelas grandes ligas, eu vi o quanto isso afetou Kai. A vida chegou a ele muito mais rápido do que deveria para qualquer garoto de 15 anos e a responsabilidade de cuidar não apenas dele, mas também de mim, era um fardo óbvio.

Então, quando ele precisava de um estímulo, aprendi a fazê-lo rir.

Quando só tínhamos dinheiro suficiente para pedir uma refeição, convencia a garçonete a nos dar algumas batatas fritas extras de graça.

Quando não tínhamos dinheiro para pegar o ônibus, eu fazia amizade com o motorista da nossa rota, e ele sempre nos levava a bordo.

Posso não ser o irmão mais responsável, mas sei como usar meus pontos fortes a meu favor. As pessoas gostam de mim. Sei como fazer os outros sorrirem. Então, sim, às vezes eu brinco, mas mantenho uma atitude positiva em relação à vida, e as coisas sempre dão certo.

— Eu... — Limpo minha garganta. — Eu esperava que você pudesse me dar a aliança da mamãe.

— Isaiah.

— O quê? Você não a está usando para a Miller.

— Não, mas... — Ele mantém a atenção no filho, que está correndo pela grama à nossa frente. — Olha, você sabe que eu tenho guardado a aliança de casamento da mamãe para você, mas eu esperava que você a desse para alguém com quem você se vê passando a vida. Não... o que quer que você e Kennedy estejam fazendo.

— Confie em mim, está bem?

— Isaiah — ele exala. — Vamos lá, irmão. Você tratar Kennedy como se ela fosse sua esposa de verdade não vai fazer com que ela magicamente se apaixone por você.

— Há coisas sobre a Kennedy que vocês não sabem. Tudo o que vocês veem é que eu pareço um idiota, desejando essa garota, mas é diferente quando ela e eu estamos sozinhos. Não sei como explicar, mas em meu íntimo, sei que é diferente.

Os olhos de Kai se suavizam. — Eu só não quero que você se machuque. Isso já aconteceu com você muitas vezes, e não vejo esse final diferente. Não acho que Kennedy veja isso da mesma forma que você. Sou seu irmão. Quero protegê-lo disso.

Em teoria, entendo sua preocupação. Kennedy pode ter uma data de validade para esse casamento, mas tudo o que ouvi foi que tenho seis longos meses para fazer com que minha esposa se apaixone por mim.

Kai ri para si mesmo, quebrando a tensão. — Não acredito que você conseguiu convencer Kennedy a se casar com você no sábado à noite. É disso que estou falando. Tudo funciona a seu favor. A garota que você deseja há anos aparece aleatoriamente em Las Vegas e se casa com você. — Ele balança a cabeça. — Que diabos de sorte em Las Vegas é essa?

Eu sorrio com ele. — Bem, tecnicamente era domingo de manhã.

Ele para de rir. — Domingo?

— Nós nos casamos no domingo.

— Oh.

Kai toma outro gole da garrafa enquanto continuamos a observar Max arrancando dentes-de-leão do chão antes de tentar soprá-los, da mesma forma que ele tentou apagar as velas de seu bolo de aniversário. Ele desiste e cambaleia até mim, com a haste estendida para que eu o ajude.

Puxando-o para o meu colo, seguro meu sobrinho e sopro ao mesmo tempo que ele, fazendo-o acreditar que ele é o motivo de todos os tufo de penas brancas estarem flutuando ao nosso redor.

— Sei que não preciso lembrá-lo da data do domingo — diz Kai.

— O aniversário do Max.

— Bem, isso também.

— Não. — Limpo minha garganta. — Não precisa me lembrar. — Beijando o topo da cabeça de meu sobrinho, eu o seguro em meu colo. — É incrível que Max tenha nascido na mesma data em que perdemos mamãe, não é? É quase como se ela o tivesse mandado para cá para nós.

— Sim — Kai respira. — É assim que eu sempre pensei sobre isso também.

— Conheci Kennedy nesse mesmo dia há três anos. Não sei se já lhe contei isso.

— Você não contou.

— Acontece que me casei com ela exatamente na mesma data.

Seu sorriso é pequeno, mas compreensivo. Da mesma forma que Max foi enviado para nós, tenho a mesma crença em relação à minha nova esposa.

— Tudo bem — ele concorda. — Vou pegar a aliança da mamãe para você.

* * *

Todas as luzes do meu apartamento estão apagadas, mas ele ainda está bastante claro graças aos relâmpagos que entram pelas janelas.

Sou um homem adulto e, aos trinta e um anos de idade, ainda odeio tempestades.

Tento ligar a TV para me distrair, mas não adianta. Minha ansiedade está muito alta, meus nervos estão muito frágeis.

Outro relâmpago ilumina o céu noturno e, instantaneamente, estou de pé, andando pela sala de estar e enviando mensagens de texto para meu irmão.

Eu: *Você está bem? Você está em casa?*

Kai: *Está tudo bem aqui. Estou em casa. Você está bem?*

Eu: *Vou ficar bem. Miller e Max estão em casa com você?*

Kai: *Eles estão aqui.*

Eu: *Ótimo. Não dirija para lugar nenhum.*

Kai: *Você sabe que eu não vou. Amo você.*

Envio uma mensagem de texto rápida para Travis e Cody, dando notícias, embora eles não façam ideia do motivo. Cody me pergunta se

quero ir lá para sua casa para jantar e assistir ao jogo do Chicago Devils na TV, mas ele mora longe o suficiente para que eu tenha que pegar um carro, e isso certamente não vai acontecer.

Em seguida, envio uma mensagem de texto ao Monty.

Eu: *Você está em casa?*

Monty: *Quem está perguntando?*

Eu: *Eu.*

Monty: *Se eu disser que sim, você vai aparecer sem ser convidado e me lembrar que estou prestes a me relacionar com você porque seu irmão e minha filha vão se casar?*

Eu: *Em relação a isso, sou basicamente seu genro agora. Que emocionante para você.*

Monty: *Não é bem assim que funciona. Além disso, ouvi dizer que agora você é genro de outra pessoa.*

Eu: *Você já ouviu falar sobre isso?*

Monty: *Todos da diretoria já ouviram falar sobre isso.*

Eu: *Eu ia lhe contar.*

Monty: *Precisamos conversar sobre isso logo, garoto.*

Eu: *Eu sei. Vamos fazer isso. Mas falando sério, você está em casa?*

Monty: *Estou em casa.*

Eu: *Ótimo. Vejo você no campo.*

Pode não ser a coisa mais saudável, mas quando não consigo acalmar meus próprios pensamentos intrusivos, faço isso verificando todas as pessoas com quem me preocupo.

Desde que a conheço, sempre quis falar com a Kennedy quando estava ansioso, mas me convenci a não fazer isso, lembrando que, fora do trabalho, ela não é obrigada a lidar comigo.

No entanto, agora ela é legalmente obrigada.

Talvez eu ainda esteja chateado com o fato de ela ter tentado me culpar por tudo isso, mas isso não mudou meus sentimentos por ela.

Eu: *Oi, Kenny. Você está em casa?*

Eu ando de um lado para o outro enquanto espero sua resposta, mas os minutos passam e nada acontece. Nem mesmo um flash de pontos cinzas dançando na minha tela.

No entanto, outro estrondo de trovão sacode meu prédio, deixando meus nervos à flor da pele.

Eu: *Ken, preciso que você responda a mensagem.*

Ela não responde.

Eu: *Vou chamá-la de Sra. Rhodes na frente de toda a equipe se você não me responder.*

A resposta é imediata.

Kenny: *Não se atreva.*

Eu: *Aqui está minha noiva.*

Kenny: *Que nojo.*

Eu: *Você está em casa?*

Mais uma vez, ela não responde, então eu ligo para ela.

— O quê?

— Você está em casa?

— Por quê?

— Apenas responda à maldita pergunta, Kennedy. Você está em casa?

— Sim, estou em casa.

— E você não vai a lugar nenhum esta noite?

— Não.

— Ok, ótimo.

— Por que está perguntando?

— Só precisava saber.

Ela exala como se já estivesse cansada de mim e só está casada comigo há menos de quarenta e oito horas.

— Você é exaustivo, Rhodes.

Tenho que morder o lábio para conter o sorriso. — Há outras maneiras que conheço de ser exaustivo. É só me avisar quando precisar de uma boa noite de sono e podemos consumir esse casamento, Ken.

Ela solta uma gargalhada tão livre e fácil que solto o lábio e sorrio completamente enquanto a ouço do outro lado do fone.

— Você já se decidiu? — pergunto.

Tecnicamente, eu não ganho nada com esse acordo. Estamos fazendo tudo isso por ela, mas ainda me vejo desesperado para que ela diga sim.

No mínimo, posso passar um tempo com ela, se ela concordar, e isso é tudo o que eu realmente quero.

Há uma grande pausa em seu lado da linha. — Essa é a última coisa que eu queria.

Droga. Direto ao ponto.

— Quero dizer — ela corrige. — Eu quis dizer que eu queria ter

uma escolha. Meu último noivado não foi exatamente uma escolha minha.

O quê?

— Nunca tive a chance de namorar por diversão, e estava ansiosa por isso, mas agora estou...

— Casada — concluo por ela.

— Sim. Casada.

— Sinto muito.

Ainda estou irritado com o fato de ela ter colocado a culpa em mim, e agora estou aqui me desculpando por isso.

— A culpa é minha — ela admite. — Eu nos meti nessa confusão e você está tentando nos tirar dela. Eu só.... Isaiah, você e eu nunca seremos mais do que esse acordo.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

Porque, com certeza, não tenho.

— Somos muito diferentes, e não quero concordar com isso se você estiver esperando algo em nosso futuro além de uma data final. É apenas por seis meses. Quando esta temporada terminar, vou voltar para a vida que eu estava ansiosa para finalmente ter.

Talvez se eu não fosse um romântico tão desesperado, sua insistência doeria um pouco mais, mas tudo o que ouço são as palavras *seis meses*.

Tenho seis meses para fazê-la mudar de ideia a meu respeito.

— Que tipo de vida você está ansiosa para ter? — pergunto, e como isso é diferente do que ela tinha antes de nossa noite em Las Vegas?

Ela ri, mas é um pouco triste. — Uma normal.

— O que é normal para você, Kenny?

— Você vai me achar estranha.

— A essa altura, talvez seja melhor eu encontrar uma ou duas qualidades negativas. Minha obsessão ainda não foi capaz de encontrar nenhuma.

Ela ri novamente, e é então que percebo que não ouço esse som com frequência.

Terei que trabalhar nisso.

— Uma vida normal para mim é aquela em que eu saio com quem quiser. Em que talvez eu dê em cima de alguém em um bar e vá jantar com um cara que não seja também um evento extravagante de gravata preta. Onde eu não me case bêbada com alguém por vingança, mas onde eu também não esteja noiva de alguém como um acordo de negócios.

O quê?

— Vou precisar que você explique melhor essa última parte para mim.

— Talvez em outra ocasião. — Ela suspira. — Eu quero fazer isso. Egoisticamente, eu quero fazer isso.

— Bem, isso é bom, porque já tenho um anel para você.

— Ah, isso foi rápido. Eu provavelmente deveria comprar um anel para você também, não?

— É justo.

— Você tem alguma preferência?

— Os homens usam diamantes?

— Você quer diamantes?

— Quero que isso seja extravagante como o inferno. Você queria algo sutil, então vamos estourar o orçamento comigo.

Ela ri de novo na linha, o que é estranho. Ela nunca ri tão livremente. Ela também nunca é tão franca e honesta.

— Kennedy Kay, você está bêbada agora?

— Um pouco.

Mantenho o telefone junto ao ouvido enquanto me deito na cama, com uma das mãos embaixo da cabeça, e a ansiedade anterior não está mais no meu peito.

— Achei que você não bebia muito.

— Não bebo.

— Já estou levando você a beber?

— Oh, você não faz ideia.

— O que está bebendo?

A pergunta parece muito com *o que você está vestindo*, que também é algo que eu gostaria de saber.

— Tequila.

Meu sorriso toma conta de todo o meu rosto. — Perigoso. Já ouvi pessoas cometerem erros bêbados com tequila.

— Também já ouvi falar deles como acidentes felizes.

Olhando para o teto, tenho certeza de que ela pode ouvir meu sorriso através da linha.

— Isaiah?

— Hmm.

— Você ainda está com raiva de mim?

Hesitando, penso no assunto. — É difícil ficar com raiva de você quando acabou de concordar em ser minha esposa.

— Não há problema em ficar com raiva de mim se precisar. Você não precisa manter sempre esse sorriso estampado no rosto.

Faço uma pausa, sentindo que essa conversa está chegando muito perto de mim, mas tento afastar a vulnerabilidade de forma divertida.

— Você tem notado meu sorriso, Kenny?

— Mm-hmm. Percebi que você sorri mesmo quando não quer. Como no meu caso. Eu feri seus sentimentos hoje e, em vez de me

deixar sozinha para lidar com tudo, você salvou meu emprego e se certificou de que eu estava sorrindo antes de ir embora.

Eu não sabia que ela havia notado isso. Achei que ninguém tinha notado isso.

— Mas você pode ficar com raiva de mim — continua ela. — Isso não mudará o que sinto por você.

Você pode ficar com raiva de mim. Isso não mudará o que sinto por você.

Limpo minha garganta. — Então, você ainda vai me odiar?

— Exatamente. — Eu a ouço engolir. — Isaiah?

— Sim.

— Por que você não tentou nada comigo naquela noite em Las Vegas?

Jesus.

— Você está bêbada, Kenny.

— Isso não significa que eu não queira que você responda.

Cada grama de sangue em meu corpo dispara para o sul ao ouvir Kennedy Kay perguntar por que eu não tentei algo com ela.

— Por *tentar algo*, você quer dizer além de me casar com você?

— Sim. Além de se casar comigo.

— Você quer que eu tente alguma coisa?

— Eu não sei. Só estou me perguntando por que você não o fez.

— Bem — eu exalo. — Eu estava tão bêbado quanto você, então tem isso. Além disso, acho que minha mãe voltaria do túmulo e me levaria com ela se eu tocasse em uma mulher enquanto ela estivesse bêbada. Mas no final das contas, embora eu tenha passado todo esse tempo tentando chamar sua atenção, não tentarei nada com você a menos que eu saiba que você também quer minha atenção.

Há uma forte batida de silêncio.

— Você queria minha atenção naquela noite, Kenny?

Ela dá uma risadinha ao telefone. — Boa noite, Isaiah.

Kennedy desliga o telefone no momento em que outro relâmpago ilumina o céu.

Foi só então que percebi que havia me esquecido da tempestade por um tempo.

CAPÍTULO 8

Kennedy

Isaiah: *Encontre-me no banheiro feminino na sede.*

Eu: *Por que estamos nos encontrando lá, entre todos os lugares?*

Isaiah: *Foi onde nos conhecemos. Estou sendo romântico.*

Eu: *Você realmente deveria parar de usar meu banheiro.*

Isaiah: *Mas é muito mais limpo do que o nosso.*

Eu não deveria ficar surpresa quando entro no banheiro feminino e encontro Isaiah apoiando o quadril no balcão da pia e colocando balas de menta na boca. Afinal, já o peguei aqui várias vezes ao longo dos anos.

Ele está ocupado demais explorando todos os privilégios do banheiro feminino para notar minha presença, mas talvez pela primeira vez no trabalho, eu o noto.

O boné de beisebol dele está virado para trás, mas o cabelo perfeito demais ainda está aparecendo nas pontas.

Ele é alto. Uma altura ímpia.

Depois, há suas roupas. Calça cáqui que abraça perfeitamente suas coxas grossas e uma jaqueta bomber verde-oliva colocada sobre uma camiseta branca, mostrando os músculos do peito. Seus tênis são de um branco novo, com meias baixas demais para saber se combinam ou não hoje.

— Olá.

Com a boca cheia de balas de menta, ele me encontra ao lado da porta e aquele sorriso característico floresce. — Oi, esposa.

— Já estou me arrependendo desse acordo.

Ele me ignora. — O estádio está enchendo e o jogo só começa daqui a algumas horas.

Faz sentido. É o Dia de Estreia contra o Minnesota e os torcedores estão ansiosos pelo retorno do beisebol.

Isaiah olha para minha calça de ioga, tênis de corrida e polo do Warriors. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo e minhas bochechas estão quentes por ter levantado caixas de fita médica e outros suprimentos nas últimas três horas.

Na verdade, não aparentei estar menos exausta durante toda a semana. Não houve um único dia em que eu não tenha chegado ao campo depois das sete da manhã ou saído antes do pôr do sol. E tenho uma forte suspeita de por que o Dr. Fredrick decidiu jogar toda a lista de tarefas da equipe médica sobre os meus ombros esta semana.

— Há quanto tempo você está aqui? — Isaiah pergunta, com os olhos enrugados, não por causa do sorriso, mas por preocupação.

— A manhã inteira. O Dr. Fredrick decidiu que o Dia da Estreia era o dia perfeito para eu reorganizar o armário de suprimentos médicos. Cheguei aqui às seis.

— Vocês não têm estagiários para esse tipo de coisa?

— Nós temos.

Ele começa a entender e o cara, normalmente alegre, parece irritado. — Você já comeu?

— Eu vou ficar bem.

— Você já comeu, Kennedy?

— Vou comer alguma coisa no refeitório depois disso.

Ele me olha como se não acreditasse em mim e entra em meu espaço.

Não sei bem por que, mas não me mexo, não recuo nem hesito. Não me importo que ele possa estar invadindo meu espaço para me tocar.

Estranho.

Mas ele não faz isso. Ele simplesmente passa por mim e gira a fechadura da porta principal do banheiro, mantendo todos os outros do lado de fora.

— Tenho algo para você. — Ele enfia a mão no bolso. — Não é tão chamativo quanto o último que você tinha.

— Eu odiava o último que eu tinha.

Um sorriso malicioso se ergue em seus lábios. — Eu também.

Isaiah segura a delicada aliança entre o indicador e o polegar.

— Oh, uau — eu me ouço dizer. — Isso é... lindo.

Pegando-a dele, deixo a luz brilhar na pedra central. Ela é de um roxo impressionante. Ametista, eu diria. Pequenos diamantes criam uma auréola em torno dela, e a aliança é de ouro envelhecido.

É evidente que há uma história nesse anel, uma história por trás dele que as joias novas não têm. Essa aliança parece ter sido usada, estimada e amada.

— Torço para que sirva — interrompe Isaiah. — Minha mãe também tinha mãos pequenas, então estou esperançoso.

Espere. O que está acontecendo?

Meus olhos se voltam para os dele, apenas para encontrá-lo me observando. — Sua mãe?

O homem tipicamente arrogante à minha frente fica corado com a minha pergunta. — Essa era a aliança de casamento dela.

Posso sentir fisicamente o sangue escorrer do meu rosto enquanto seguro a aliança de sua mãe entre meus dedos.

Não posso usar isso, não quando nosso casamento é simplesmente um acordo.

Embora eu nunca entenda o valor sentimental de algo de meus pais, os garotos Rhodes adoravam a mãe deles.

Pelo pouco que sei, Isaiah tinha apenas 13 anos e Kai 15 quando a mãe deles faleceu tragicamente. Miller mencionou que Kai a elogia quando fala dela, tanto que, quando Miller foi destaque na *Food & Wine Magazine* no último outono, ela deu o nome da mulher que não chegou a conhecer a uma sobremesa.

Isaiah não fala muito sobre ela, mas por outro lado, ele não fala sobre nada muito sério, embora eu saiba que ele deve sentir falta dela como seu irmão sente.

— Não posso usar isso.

— Você acha que não vai caber?

— Essa é a aliança da sua mãe, Isaiah. Ela deve ser guardada para outra pessoa. Alguém de quem você se importe.

— Eu me importo com *você*.

— Você sabe o que quero dizer.

Ele mantém contato visual, sem recuar, mas eu também não.

— Por favor — continuo, segurando a aliança para que ele a pegue de volta. — Não quero desonrar sua memória usando seu anel quando sou casada com seu filho apenas como parte de um acordo comercial. Vou usar outra coisa.

Muitos segundos de silêncio se passaram, até que, finalmente, ele pega a aliança de mim.

— Quando minha mãe morreu, essa foi a única coisa que eu pedi — diz ele, olhando para ela entre os dedos. — Não sei bem por quê. Provavelmente não estava pensando direito na época. Eu deveria ter pedido algumas de suas roupas ou seus livros favoritos, mas eu só queria essa aliança, porque me lembro de como a cor ficava bonita em sua pele. Sempre planejei dá-la à mulher com quem me casasse e, se esse casamento é simplesmente por conveniência, *você é a mulher com quem me casei*, Kennedy.

Ele pega minha mão e eu nem sequer recuo quando ele passa a ponta do polegar sobre meu dedo anelar, o qual está nu.

— Então, por favor, por mim, apenas use-a, ok?

Seu tom é de súplica para que eu concorde, e ele não espera pela minha resposta antes de deslizá-la sobre o nó da minha mão.

Ele se encaixa perfeitamente.

Ele passa o polegar sobre ela. — No entanto, eu me divorciarei de você se perder isso.

Não consigo evitar e dou uma gargalhada.

Depois de tentar por anos não rir perto desse homem, é até bom ceder a esse impulso.

Eu cedo, e minha voz é suave. — Eu cuidarei disso para você.

— Eu sei.

— E eu a devolverei a você assim que tudo isso terminar.

Ele não responde a isso.

— Estas são para você — eu digo, tirando a mão do bolso e abrindo a palma da mão com a aliança de metal preta e a de silicone.

— Sei que não são diamantes, mas...

— Você não deveria estar se ajoelhando ou algo assim?

Lanço um olhar para ele. — Pegue as malditas alianças antes que eu mude de ideia.

Seu sorriso cresce. — Você me deu uma aliança de metal e uma de borracha para que eu possa usar algo durante os jogos?

Ok, minhas bochechas estão definitivamente rosadas. *Por que diabos eu fiz isso?*

Acho que é porque Isaiah parece ser o tipo de parceiro que usaria um anel de silicone durante os jogos, já que não poderia usar a versão de metal. E como sua suposta esposa, eu saberia disso.

— Você não precisa usá-la enquanto joga se for desconfortável, só

achei que poderia convencer, especialmente porque Remington está aqui nos jogos em casa.

Ele coloca a aliança de silicone em seu dedo anelar esquerdo. — Eu ia tatuar seu nome aqui, já que não podia usar aliança enquanto estivesse jogando, mas isso serve. — Ele destranca a porta, abre-a e diz: — É melhor você voltar ao trabalho, doutora.

Quando estou saindo, rio para mim mesma sobre a tatuagem antes de perceber que não tenho certeza se ele estava brincando.

Com a mão de Kai na minha, trabalho seus músculos, dando mais atenção ao músculo adutor do polegar, que tende a se contrair nas primeiras entradas se ele não o exercitar antes de começar a jogar.

Uso o polegar para cavar e puxar a tensão.

Trabalho para relaxar os músculos lumbricais entre seus dedos e, em seguida, viro sua mão com a palma para cima e abro o músculo abdutor com o polegar.

Meus dedos deslizam sobre seus tendões e suavizam a pele.

As mãos dele são grandes e os músculos são superdesenvolvidos, desenvolvidos por anos de necessidade de controlar a trajetória de uma bola de beisebol.

Elas se parecem com as de Isaiah.

Um flash de uma lembrança de nossa noite em Las Vegas passa por minha consciência. Lembro-me de segurar livremente sua mão, a tequila me impedindo de pensar demais.

Gostaria de poder ser tão natural em relação ao toque físico o tempo todo.

Mas tudo sobre *aquele* contato físico foi completamente diferente do tipo aqui, quando estou na sala de treinamento.

Comecei a trabalhar na área de medicina esportiva ainda na graduação. Dean estava no time de beisebol da nossa universidade e lembro-me de encontrá-lo na sala de treinamento após um de seus

jogos.

Os médicos e treinadores da equipe estavam trabalhando no corpo dos atletas, conduzindo-os por diferentes tipos de terapia pós-jogo e ajudando-os a se refrescar com alongamentos. Lembro-me de como era indiferente para a equipe médica tocar nos atletas que estavam trabalhando.

Naquela época, o toque era um conceito tão estranho para mim que foi chocante e intrigante ver uma profissão inteira dedicada a usar seu próprio corpo para consertar o de outra pessoa.

Eu nunca havia sido tocada de verdade. Não sei lhe dizer uma única vez em que fui abraçada quando criança. Nunca alguém segurou minha mão ou se aconchegou ao meu lado. Na época, eu não sabia que isso era anormal, mas quando cheguei à faculdade, percebi que havia algo errado comigo quando meu corpo inteiro ficava tenso porque meus novos amigos da universidade tentavam me abraçar para me cumprimentar.

No semestre seguinte, comecei a estagiar na equipe de beisebol do Dean e mudei minha especialização para medicina. Eu me apaixonei pela ciência de tudo isso. Como o corpo humano era capaz de se decompor e se recuperar. Como era possível aumentar a força para evitar lesões.

Aprendi que há algo tão incrível em usar suas próprias mãos para ajudar a curar outra pessoa. Claro, o contato físico fora dos limites da medicina ainda não é natural para mim, mas estou trabalhando nisso.

— Você vai fazer contato visual comigo em algum momento, ou...?

Continuo a trabalhar na mão de Kai enquanto ele se senta em uma mesa de treinamento. — Não se eu puder evitar. — Ele dá uma risadinha. — Você me odeia?

— Droga, Kennedy. Nunca vi você ser tão dramática.

Deixo cair sua mão, finalmente olhando para cima. Sim, *para cima*, porque embora ele esteja sentado e eu em pé, os garotos Rhodes

são ridiculamente altos. — Você pensa diferente de mim agora?

— Claro que não.

— Basicamente, estou usando seu irmão.

— Ele não parece se importar. Tenho quase certeza de que ele se ofereceria para o trabalho se tivesse a oportunidade.

Nunca entenderei a suposta paixão de Isaiah por mim. Se ele soubesse alguma coisa sobre mim, seus sentimentos se dissipariam. Ofereceram a Connor as chaves da empresa da minha família. Tudo o que ele precisava fazer era ficar comigo, mas nem assim ele ficou.

A voz de Kai é baixa, apenas para nós ouvirmos. — No entanto, esta será uma conversa muito diferente se ele se magoar.

— Ele não pode se magoar. Não é pessoal. É um acordo comercial. Um acordo que termina em seis meses.

Ele toca a aliança de sua mãe em meu dedo. — Não tenho certeza se ele vê as coisas dessa forma.

Essa também é a minha preocupação. Esse anel parece real demais para o que estamos fazendo.

Um prato de papel com um sanduíche caseiro cai sobre a mesa de treinamento ao lado de Kai. — Coma — diz Isaiah, dirigindo-se a mim.

Olho para o outro Rhodes excessivamente alto.

— Já disse que estou bem...

— Coma o maldito sanduíche, Kenny. Parece que você vai desmaiar. — Ele se volta para o irmão. — Ela está aqui o dia todo e não para de trabalhar. Não a deixe trabalhar mais em você até que ela coma.

Kai solta uma gargalhada enquanto seu irmão se afasta e me deixa com um sanduíche caseiro e ordens muito rígidas.

Há um refeitório aqui, e imagino que foi lá que ele preparou isso. Como parte da equipe, também tenho permissão para comer a comida

fornecida lá, mas ainda não tive a chance. Quando meus colegas têm intervalos, eu não me permito parar.

O Dr. Fredrick pode não querer me promover, mas quando for chamado para dar uma referência, ele não poderá dizer que não sou a mais esforçada de sua equipe.

Pego a mão de Kai novamente para terminar nosso alongamento antes do jogo, mas ele a tira do meu alcance, empurrando o prato de papel em minha direção. — Você o ouviu. Não vou ser o motivo pelo qual minha cunhada vai desmaiar.

— Você não acabou de me chamar assim.

Seu sorriso maroto se parece muito com o do irmão.

— Posso chamar a atenção de todos? — Monty anuncia para toda a sala de treinamento. — O proprietário da nossa equipe, Sr. Remington, tem algo que gostaria de dizer.

Com toda a equipe e os funcionários aqui, imediatamente encontro Isaiah do outro lado da sala. Ele também está olhando para mim, compartilhando uma conversa silenciosa de que algo não parece certo.

— Não vou demorar muito — diz Arthur Remington, levantando a mão. — Quero desejar sorte a todos vocês hoje. Estou ansioso por mais uma temporada de sucesso para nós aqui em Chicago. Esta é a minha quadragésima segunda temporada como proprietário do Windy City Warriors, e eu não poderia estar mais orgulhoso do grupo que está nesta sala. Mas antes que o ano comece oficialmente, gostaria de anunciar que esta temporada será a minha última.

Isaiah e eu nos encontramos novamente por um breve momento.

— No próximo ano, minha neta, Reese, assumirá o cargo de proprietária da equipe de nossa família. — Ele estende a mão, gesticulando para uma mulher que presumo ser sua neta.

Ela é bonita. Na casa dos trinta anos, se eu tivesse que adivinhar. Cabelos loiros e curtos, corpo cheio e vestida com esmero. Uma beleza em todos os sentidos da palavra.

Mas o mais importante é que ela é uma *mulher*.

Uma mulher está prestes a dirigir toda essa organização.

Outra mulher em um campo dominado por homens.

Parte de mim gostaria de estar por perto no próximo ano para ver isso.

— Sentirei falta de vê-los todos os dias e de estar aqui no campo, mas estou ansioso para passar o legado de nossa família para minha neta.

A sala bate palmas educadamente e Reese simplesmente levanta a mão em sinal de saudação.

— Vocês a verão muito mais do que a mim nesta temporada. Em preparação para assumir o comando, ela atuará onde eu não puder estar tão presente. Isso inclui jogos em casa e fora. Ela viajará com vocês durante todo este ano e me informará, portanto, quando a virem por aí, tratem-na como me tratariam.

Espere. *Viajará conosco?*

Encontro Isaiah novamente, esperando ver um olhar de horror em seu rosto igual ao meu, mas ele está apenas parado ali, com as mãos nos bolsos e um sorriso de merda no rosto.

Ele sabe tão bem quanto eu que simplesmente dizer que estamos casados não será suficiente. Agora, com olhos constantes sobre nós, teremos que fingir tudo isso.

CAPÍTULO 9

Isaiah

Observar Kennedy devorando o sanduíche que eu preparei para ela me deu um tesão instantâneo.

Assim como o pequeno gemido que saía de sua garganta no meio da mordida, quando ela achava que ninguém a estava observando comer no canto da sala de treinamento.

Kennedy sempre trabalhou muito – é uma das coisas que mais admiro nela –, mas nesta semana, ela tem se movimentado em um ritmo diferente. Talvez seja porque ela está animada para voltar ao trabalho, mas no meu íntimo, sei que o aumento das horas de trabalho da Kennedy se deve ao fato de o Dr. Fredrick ter tornado o trabalho dela mais difícil do que o normal.

É claro que não quero que ela vá embora, mas posso imaginar que sua vida profissional será muito mais fácil se e quando ela conseguir esse emprego em São Francisco. Ela seria sua própria chefe, com funcionários subordinados a *ela*.

O sol bate em mim assim que saio da sede do clube, e não consigo descrever como é incrível a sensação de estar de volta a este uniforme e a este campo. A primavera grita beisebol para mim e tenho a sorte de passar minha vida jogando um esporte que adoro. Melhor ainda, posso fazer isso no mesmo campo que meu irmão e meus dois melhores amigos. Como alguém em minha posição pode *não* estar absolutamente empolgado para ir trabalhar?

O fato de poder ver a linda ruiva com quem me casei enquanto estou aqui também não é ruim.

Estou no banco de reservas, verificando se há luvas e capacete na minha caixa, quando ouço o nome dela.

— Kennedy, você está na hidratação hoje.

Minha atenção se volta para o Dr. Fredrick, porque não é possível que ele tenha dito à Kennedy, uma mulher tão instruída quanto ele e que está concorrendo ao mesmo cargo que ele em outra equipe, que ela é basicamente a garota da água para o jogo de hoje.

Sem mencionar que temos um estagiário de dezoito anos aqui exatamente para esse propósito. Ele provavelmente se mijaria de prazer com a oportunidade de encher nossas garrafas de água.

— Entendi — diz Kennedy sem demonstrar sua decepção.

— Sanderson... — Ele se vira para nosso outro treinador esportivo. Nosso treinador esportivo *masculino*. — Você e eu trabalharemos no aquecimento e Will... — o segundo médico que ele contratou na temporada depois de não ter dado o emprego a Kennedy — ...trabalhará na sede e no banco.

— Por quê? — A pergunta sai de minha boca antes que eu possa impedi-la.

Fredrick se vira na minha direção, confuso. — O quê?

— Por que a Kennedy está na hidratação?

— Isaiah — ela repreende calmamente.

Eu não a ouço. — Você tem o Will trabalhando em duas seções que estão em lados completamente opostos do campo e tem a Kennedy enchendo garrafas de água. Por quê?

— Isaiah, pare. — A voz de Kennedy é suplicante.

Fredrick cruza os braços sobre o peito. — Porque foi para lá que eu a designei. Você tem algum problema com o trabalho que sua esposa tem que fazer hoje?

Ele diz a palavra *esposa* da maneira mais humilhante, como se ela fosse minha propriedade e não um ser humano.

Dou um passo em direção a ele. — Sim, eu tenho. Ou gostaria que eu explicasse a todos aqui por que acho ridículo que você a tenha, entre todas as pessoas, enchendo a porra das nossas garrafas de água?

— Isaiah, pare. Por favor.

O chefe de saúde e bem-estar se dá conta disso. Ele sabe que eu sei que Kennedy é superqualificada para o cargo em que ele a manteve.

— Na verdade, eu adoraria saber por quê. — Reese Remington se junta à conversa. Eu não tinha percebido que ela estava no banco de reservas. — Se você tem quatro posições que precisam de cobertura e quatro funcionários da equipe médica, por que eles não estão distribuídos igualmente?

Kennedy está furiosa, acho que porque estou chamando a atenção da futura proprietária da equipe, mas é difícil manter o profissionalismo no trabalho depois de vê-la sendo tratada de forma diferente durante anos. E está claro que esta temporada será pior do que nunca para ela.

Tudo porque ela se casou comigo – um jogador. O Dr. Fredrick a está punindo por isso. Eu sei.

— Esse é um ótimo argumento, Sra...

— Reese — ela corrige.

— Reese — ele repete, e eu não consigo explicar a satisfação que tenho em saber que, a partir do ano que vem, o chefe de Fredrick será uma mulher. — Então, Kennedy, você vai cuidar do banco e Will da sede. Eu vou orientar o novo estagiário sobre hidratação.

— Bem, isso parece equilibrado agora, não é? — O sorriso de Reese é forçado.

— Foi uma ótima ideia, Sra... Reese.

É bom saber que o fato de o Dr. Fredrick beijar as bundas se estende não apenas aos jogadores, mas também à alta gerência.

Reese dá uma longa olhada em mim, depois em Kennedy, antes

de sair do abrigo – para o camarote do proprietário, se eu tiver que adivinhar.

A mandíbula de Fredrick endurece quando ela sai do alcance dos ouvidos. Ele está irritado, mas não se atreveria a repreender um jogador, especialmente antes de um jogo. Não, em vez disso, ele concentra sua atenção mais uma vez em Kennedy.

— Falaremos sobre manter sua vida pessoal em casa mais tarde.

Que se dane isso. Ela não fez nem disse nada de errado. Fui *eu* que o adverti por suas besteiras.

O grupo se dispersa com isso.

Kennedy fica ao meu lado, mas se recusa a fazer contato visual.
— Nunca mais faça isso de novo.

— Ken...

— Já é ruim o suficiente o fato de eu ser a única mulher que ele já contratou e, na cabeça dele, eu me envolvi com um dos jogadores. Não sou uma garota patética que precisa do meu marido para lutar minhas batalhas. Apenas... deixe-me fazer meu trabalho, Isaiah.

Ela sai do banco de reservas e se dirige para cobrir o aquecimento, onde não a verei pelo resto do dia.

Eu a ouço, de fato, mas ela tem se esforçado o dia todo, na verdade, a semana toda, e eu não pude deixar de intervir como um maldito homem das cavernas.

Também a ouvi me chamar de marido.

— Dezenove — Monty chama meu número.

Presumo que ele esteja silenciosamente me dizendo para ir para o aquecimento, então pego minha luva e passo por ele nos degraus que levam ao campo, mas ele coloca a mão em volta do meu braço para me impedir.

— Vou lhe dizer uma coisa. — Ele olha em volta, mantendo a voz baixa. — O Fredrick é um babaca, todos nós sabemos disso, e ele está irritado porque Remington manteve a Kennedy na equipe depois que

você dois fizeram merda em Las Vegas. Ele queria que ela fosse demitida.

— Bem, isso explica por que ele a tem obrigado a fazer horas extras esta semana.

— Sei que pode não parecer para você, mas o fato de vocês dois terem se casado tornou a vida dela muito mais difícil. Ela está tentando fazer seu nome, mas em vez de ser uma das treinadoras esportivas, agora seus colegas só a verão como uma das esposas dos jogadores. Não é justo, mas essa é a realidade. A melhor coisa que você pode fazer por ela é deixá-la cuidar de seus próprios negócios enquanto estiver no campo. Tentar salvá-la só vai piorar as coisas para ela.

Que droga. Monty está certo. Odeio o fato de ele ter razão.

— Ela é uma menina grande. Ela pode lidar com isso, mas se chegar a um ponto em que alguém precise intervir, venha até mim, está bem? Não quero que um dos meus rapazes comece uma briga com o médico do time.

Acenando com a cabeça, eu concordo. — Ela está brava comigo agora. Achei que estava ajudando-a.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios. — A vida de casado é divertida, não é? — Ele segura a parte de trás da minha cabeça.

— Agora vá lá e marque alguns pontos e talvez ela o perdoe.

— Ela não está nem aí para isso.

— Bem, marque alguns pontos e talvez *eu* o perdoe por ter ficado tão bêbado que se casou. Juro por Deus que é melhor você, Kai e Miller me abrigarem na minha velhice por todo o estresse que vocês três me fizeram passar ao longo dos anos.

— Oh, Monty — eu digo, jogando um braço sobre seus ombros. — Você quer envelhecer comigo?

— Coloque sua bunda no campo, Rhodes.

CAPÍTULO 10

Kennedy

Dean: *Aparentemente, nossos pais estão na cidade a negócios e vamos jantar amanhã à noite depois do jogo.*

Eu: *Parece terrível. Divirta-se com isso.*

Dean: *Tipo, nós, quero dizer você e eu. Você está em Atlanta. Não vai me deixar sozinho com eles.*

Eu: *Ninguém me falou sobre isso, então vou continuar fingindo que não sei de nada.*

Dean: *Vou lembrar sua mãe de ligar para você, então.*

Eu: *Não se atreva.*

Dean: *Então, vejo você lá. Além disso, preciso que você solte a bomba de que se casou para que, talvez, pela primeira vez, meu pai não se concentre na decepção que sou por ter decidido jogar um jogo para ganhar a vida em vez de assumir os negócios.*

Eu: *Ah, sim. É uma grande decepção que o filho dele esteja jogando na liga principal. Mallory vai estar nesse jantar de família?*

Dean: *Não vejo por que ela estaria aqui. Meu pai está na cidade fechando um negócio de investimento.*

Eu: *Vou pensar sobre isso.*

Dean: *Vejo você no campo amanhã. E não pense que não teremos uma conversa muito séria sobre seu péssimo gosto para homens.*

Eu: *Cale a boca.*

Dean: *Primeiro Connor e agora Isaiah Rhodes? Juro por Deus, Kennedy, eu quase pulei em um avião para dar uma surra nele quando você me disse que vocês dois se casaram bêbados.*

Eu: *Você sabe que Connor não foi minha escolha.*

Dean: *Mas Isaiah foi?*

Ficando no final da fila, espero que os jogadores e técnicos peguem as chaves de seus quartos na mesa da recepção.

Os check-ins nos hotéis seriam um pesadelo com o número de pessoas que viajam conosco se não fossem os coordenadores de equipe que têm as chaves dos hotéis de todos prontas e esperando por nós assim que os ônibus param na rua.

A multidão à minha frente se dispersa até chegar a minha vez.

Ao examinar a mesa forrada de cartões-chave, procuro a capa de papel com meu sobrenome. Restam apenas alguns quartos, e nenhum deles é meu.

Olho em volta, tentando encontrar um dos coordenadores de viagem da equipe para informar que esqueceram um quarto, mas encontro Isaiah encostado em um pilar no saguão, com um sorriso muito presunçoso nos lábios.

Ele é o único jogador que ainda está aqui embaixo. Todos os outros foram para seus quartos.

Já se passou uma semana desde o Dia de Estreia e as coisas melhoraram entre nós na sede. Ele não voltou a falar mal do meu chefe. Na verdade, ele foi na direção oposta. Agora, ele está beirando o profissionalismo *excessivo*. Ele não deu mais em cima de mim publicamente como fez nos últimos três anos.

Eu meio que sinto falta disso.

Levo minha bagagem em direção a ele. — Está faltando a minha chave...

Isaiah segura uma única chave de quarto com *I. Rhodes & K.*

Rhodes claramente impresso na frente.

— É bom que K. Rhodes esteja se referindo ao seu irmão, porque de jeito nenhum vou dividir um quarto com você.

— Tente adivinhar de novo.

— Não — ouço-me dizer.

Isaiah dá uma risadinha. — Eu gosto de dormir agarradinho, Ken. Você ronca? Espero que não, mas por outro lado, provavelmente vou abraçá-la com tanta força que você não conseguirá respirar.

Meus olhos se estreitam. — Isso era para ser romântico? Dizer que vai me sufocar?

— Mas de uma forma amorosa. Vou sufocá-la de amor.

Balanço a cabeça em descrença. Eu me casei com esse cara. Bêbada, sim, mas de qualquer forma.

— Não estamos dividindo um quarto. Ninguém mais compartilha um quarto.

— Ninguém mais é casado também.

Freneticamente, dou uma olhada no saguão e encontro Glen, nosso principal coordenador de viagens, falando com Reese.

Levo minha bagagem comigo para resolver isso.

— Eu reservo nossos hotéis assim que sai a programação — ele explica a ela. — Normalmente, eles ficam lotados, e tivemos sorte este ano.... — Ele me vê esperando para falar com ele. — Oh, ei, Kennedy, eu estava falando para a Reese sobre a sorte que tivemos por você e o Isaiah estarem dividindo um quarto nesta temporada, então eu pude dar o seu quarto de hotel para ela.

Merda.

— Oh. — Meu tom é muito alto, muito forçado. — Isso é... perfeito. Eu só queria verificar com você e ter certeza de que estava tudo bem Isaiah e eu compartilharmos um quarto? — *Por favor, diga não.* — Eu não tinha certeza das regras da equipe...

— Meu avô deu a aprovação — interrompe Reese.

Fantástico.

— Bem, isso não é... *atencioso* da parte dele.

Glen dá uma risadinha. — Vocês dois são recém-casados. Mesmo que eu reservasse dois quartos separados, vocês acabariam ficando em um só. Cara, com o tempo que vocês ficaram se esgueirando por aí, poderiam ter economizado muito dinheiro se tivessem ficado juntos o tempo todo.

Reese e Glen compartilham uma risada. Ainda bem que alguém acha isso engraçado.

Minhas bochechas doeram com o sorriso falso. — Isso provavelmente é verdade. Bem, estou muito feliz que isso tenha dado certo para todos.

— Eu também. — Glen gesticula para a recepção. — Não havia mais quartos disponíveis quando descobri que Reese iria viajar este ano.

É claro que não havia.

O sorriso de Isaiah é consciente e irritante quando atravesso o saguão para encontrá-lo mais uma vez. Ele segura o cartão-chave, girando-o entre os dedos antes que eu o arranque dele.

— Você não é bonito quando está se gabando.

— Apenas bonito no resto do tempo. Entendi.

Ele pega a minha mala com alegria, leva as duas e conduz até o elevador. E ele nem sequer olha para mim quando diz: — A propósito, belos sapatos. Quem os escolheu tem muito bom gosto.

Minhas bochechas se aquecem quando olho para os meus Vans de plataforma, mais comumente chamados de sapatos de casamento – os que ele escolheu.

— Vangloriando-se.

Sua cabeça cai para trás com uma risada, seu pomo de Adão

distrai e se destaca junto com sua alegria contagiante.

É muito inconveniente que meu marido temporário tenha que ser tão atraente.

Há apenas uma cama.

É claro que há apenas uma cama.

Normalmente, há apenas uma pessoa em um quarto, portanto, não há necessidade de uma segunda cama.

Não há sofá aqui, apenas uma cadeira de aparência desconfortável aninhada no canto.

Não posso compartilhar uma cama.

Compartilhar uma cama parece íntimo. Nunca foi assim com Connor, mas parece que, em circunstâncias normais, seria.

Há uma grande parte de mim que quer protestar. Fazer algum comentário sarcástico para que Isaiah pense que eu não o suporto, em vez de revelar que isso me faz sentir vulnerável, possivelmente até desconfortável.

Mas estamos nessa situação por minha causa, então eu aguento.

— Qual lado você prefere?

Quando olho por cima do ombro para ver se ele responde, vejo que já está me observando atentamente. — Eu fico com o chão.

— Isaiah...

— Não me importo.

— Você tem um jogo amanhã. Não pode dormir no chão. É meu dever garantir que seu corpo esteja pronto para jogar.

O sorriso oportuno está de volta. — Oh, querida, confie em mim. Meu corpo está pronto para jogar.

— Isaiah. — Minha voz tenta sair severa, mas há um sorriso tentando aparecer. — Cale a boca.

Ele sorri ao ver meu sorriso, como se soubesse que eu estava perdida em minha cabeça ao olhar para aquela cama e precisasse me animar.

— Vou ficar no chão — decido.

— Não vou deixar você dormir no chão. Estou bem, Kenny. — Roubando um travesseiro da cama, ele o deixa cair no espaço de um metro e meio de chão entre o colchão e a parede.

— Poderíamos pedir mais um colchão.

— Você acha que devemos mandar entregar um colchão no nosso quarto enquanto toda a equipe está hospedada neste andar? E correr o risco de a equipe ou Reese verem e acreditarem que estamos tendo problemas conjugais? Não, obrigado, estou bem assim.

— Quem se importa se eles acharem que estamos tendo problemas conjugais? Talvez isso ajude a convencê-los daqui a alguns meses, quando nos separarmos.

Seu sorriso diminui ligeiramente. — Temos muito tempo antes de começarmos a vender essa história.

O celular de Isaiah toca em seu bolso. Tirando-o do bolso, ele o lê antes de dizer: — Trav e Cody querem que eu vá tomar uma cerveja com eles.

— Ok. Divirta-se.

— Não tenho certeza se vou.

— Por que você não iria? É melhor do que ficar preso neste minúsculo quarto de hotel.

— Acho que sim — diz ele. — Não tenho outros planos, certo?

Ele está olhando para mim como se estivesse pedindo que eu lhe diga para ficar aqui ou que lhe dê planos para a noite.

Não digo.

Com essa decisão tomada, ele usa uma única mão para passar por cima das costas e, em um movimento rápido, tira a camisa. Ele deixa o

boné sobre a mesa de cabeceira e tira os sapatos.

— O que está fazendo? — pergunto incrédula.

— Estou me trocando. Se vou sair, não vou usar minhas roupas de avião.

— Há um banheiro bem ali.

Ele olha para lá e depois para mim, mantendo contato visual enquanto tira o cinto. — Há sim.

— Isaiah.

— Sim?

Sua calça cai no chão, e não tenho mais nada a dizer.

Sim, eu vi seu corpo, mas de um ponto de vista médico. Nunca olhei ou toquei por qualquer motivo que não fosse científico.

Mas estou olhando agora, e definitivamente não é para a ciência.

Isaiah se agacha, remexendo em sua mala enquanto usa apenas uma cueca boxer.

Ele é forte e musculoso. Eu sei disso, mas nunca *notei* isso.

Suas costas são longas e definidas, os músculos se movem em um padrão hipnotizante enquanto ele vasculha suas coisas. Sua mala é um puro caos, mas não presto muita atenção, especialmente quando ele passa a mão no cabelo rebelde para tirá-lo do rosto e as veias do antebraço decidem se manifestar.

— Nada que você já não tenha visto antes, doutora. — Isaiah nem precisa olhar de volta para mim para saber que estou olhando.

Eu desvio o olhar de qualquer maneira.

Bem, eu tento desviar o olhar, mas então ele se levanta e vejo como suas pernas poderosas se flexionam para levantá-lo do agachamento. Coxas grossas de todos os anos jogando como shortstop naquela posição agachada.

E cueca boxer apertada o suficiente para deixar claro por que esse

homem é tão popular.

A marca de nascença em seu olho desaparece por trás de uma linha de sorriso quando minha atenção encontra seu belo rosto novamente. Ele sorri com conhecimento de causa enquanto veste uma calça diferente, e eu finalmente encontro forças para desviar o olhar e me ocupar em desempacotar minhas coisas.

Primeiro, minha agenda, porque preciso terminar de preencher o cronograma deste mês. Em seguida, meu laptop, pois sei que há um artigo de pesquisa sobre regeneração muscular após uma lesão que estou louca para ler. Também coloco minhas palavras cruzadas diárias do *Times* na mesa de cabeceira para garantir que eu as termine. Desde que descobri esse hobby, ainda não perdi um dia sequer, mas não consegui terminar o quebra-cabeça de hoje no voo. Essas poucas coisas me manterão bastante ocupada enquanto Isaiah sai com seus amigos.

Em seguida, abro minha mala.

— Kenny. — Isaiah ri por trás de mim, olhando para minha bagagem. — Você é perfeccionista e eu não fazia ideia?

Perfeccionista.

Tipo A.

Fria.

Apenas algumas coisas que já me descreveram como.

— *Você é tão fria, Kennedy* — disse Connor. — *Você é a mulher menos carinhosa com quem já estive. Nenhum homem vai querer ficar com alguém que se retrai toda vez que se aproxima de você.*

— É claro que você é perfeccionista. — Isaiah descansa o queixo em meu ombro. — Porque você é perfeita!

— Você é irritante. — Eu dou de ombros, levando minha bolsa de produtos de higiene pessoal para o banheiro.

— Estou pedindo mais cobertores — diz Isaiah.

Esvaziando meu estojo de higiene pessoal, alinho cada um dos

meus produtos no balcão na ordem em que vou usá-los. É então que noto a falta da minha escova de dentes.

Saio do banheiro e encontro Isaiah ao telefone. — Você pode perguntar se eles têm uma escova de dentes extra? Esqueci a minha.

— Ok, ótimo — ele diz no receptor. — E você tem uma escova de dentes extra aí embaixo? Minha cara-metade esqueceu a dela.

Ele me dá uma piscadela por cima das palavras *cara-metade*.

— Oh. Ok, você tem alguma coisa à venda? — Ele acena com a cabeça. — Não tem mais. Têm uma farmácia na esquina. Perfeito. Pode deixar. Muito obrigado, Polly, e espero que você também tenha uma ótima noite. Não trabalhe muito.

Flerte.

Ele desliga o telefone. — Eles não têm mais as gratuitas e sua loja não vende nenhuma. Há uma farmácia aqui perto e eu tenho instruções.

— Da Polly?

Seu lábio se contrai em um sorriso. — Ciumenta. — Encontrando uma camisa próxima, ele a veste, seguida do boné.

Para trás, é claro, porque meu corpo precisava de outro lembrete de que está disposto e é capaz e que não está enojado com minha escolha bêbada de marido.

— Pronta? — Isaiah coloca a chave do quarto no bolso de trás da calça.

— Pronta para o quê?

— Para ir à farmácia.

A confusão está estampada em meu rosto. — Você vai sair com Travis e Cody.

— Eu só estava indo com eles porque não tinha outros planos. Mas agora eu tenho planos, então vamos lá.

— Uma ida à farmácia não se qualifica como plano.

— Para mim, sim. — Ele abre a porta para mim. — Vamos lá, Kenny, vamos ser domésticos.

* * *

De pé, lado a lado, Isaiah e eu olhamos para a parede de escovas de dente.

Não sei por que não estou pegando uma para irmos embora, mas estou meio perdida, totalmente desorientada pelo jogador de beisebol gigante ao meu lado, que eu só conhecia por ser um mulherengo. Que, em vez de passar sua noite de folga com os amigos, está comprando produtos de higiene dental comigo.

Finalmente, Isaiah estende a mão para pegar uma.

— Aqui — diz ele, passando-o para mim. — Vermelho. Você gosta de vermelho, certo?

— Isso é laranja.

— Oh. — Suas bochechas ficam rosadas. — Foi mal.

Pegando-a de volta, ele prende a escova de dentes na parede, antes de imediatamente enfiar as mãos nos bolsos, como se estivesse envergonhado.

Ele fez isso em Las Vegas, pegando um par de tênis que pensou ser vermelho, mas não era.

Não peço uma explicação, mesmo assim, ele decide dar uma.

— Essa cor se parece com seu cabelo, e Trav me disse uma vez que seu cabelo era ruivo. Eu sei que não é só vermelho. É ruivo. Kennedy Kay Auburn, na verdade.

Travis teve que lhe dizer que meu cabelo era ruivo?

As roupas que não combinam. Escolher as cores erradas. Ter que perguntar qual é a cor do meu cabelo.

— Isaiah, você é daltônico?

Seu sorriso é envergonhado enquanto ele se inclina para trás sobre os calcanhares. — Sim.

Como eu não sabia ou não percebi isso antes? Será que passei por isso em seu prontuário médico?

Mas isso faz muito sentido. Suas meias mal combinadas. Suas roupas descoordenadas. Sinto uma pontada de culpa pela bronca que dei nele por se vestir como se não se importasse, quando, na verdade, ele simplesmente não sabia quando as coisas não combinavam.

— Não é que tudo seja preto e branco — continua ele. — Isso se chama protanopia. Tenho problemas com vermelhos. Para mim, todos são verdes. Pelo menos, foi o que me disseram.

É claro que eu sei o que é daltonismo por protanopia. Isso significa que seus cones de comprimento de onda longo estão ausentes ou defeituosos, o que o torna essencialmente incapaz de ver tons de vermelho.

Laranjas e marrons quentes também parecem ser tons de verde ou azul para ele.

— Você memorizou a cor do meu cabelo?

— Sim. — Ele ri para si mesmo. É um som autoconsciente que eu nunca ouvi vindo do arrogante shortstop. — Naquele dia em que nos encontramos no banheiro, eu não conseguia classificá-la. Na maior parte do tempo, eu já sabia o que era loiro e moreno, então perguntei ao Cody qual era a cor do seu cabelo e ele me disse que era ruivo. Kennedy Kay Auburn. — Seus olhos acompanham meu cabelo que passa pelo meu ombro até que ele gentilmente enrola uma mecha em seu dedo. — Nada mais jamais foi Kennedy Kay Auburn.

Isso não é nem um pouco verdade, mas eu estaria mentindo se meu coração supostamente frio não se aquecesse um pouco com isso.

Olhando para cima, eu o observo, esse homem que sorri demais e memoriza a cor do meu cabelo.

Ele não é nada do que eu estava esperando.

Sua mão passa da ponta do meu cabelo para o cotovelo.

Eu me arrepio involuntariamente, mas apenas porque ele está quente e isso foi inesperado, não porque eu não tenha gostado, mesmo assim, ele imediatamente afasta a mão.

— Desculpe.

Excelente.

Ele perceberá rapidamente, assim como Connor, que há algo muito, muito errado comigo.

Com as bochechas em chamas, volto minha atenção para a parede de escovas de dente, esperando poder escondê-las.

— Kenny, posso lhe perguntar uma coisa?

Não.

— Eu gosto de cerdas macias. Está vendo as de cerdas macias?

— Kennedy.

Com cautela, meus olhos encontram os dele. Tanta preocupação em seu rosto tipicamente sorridente.

Ele acabará descobrindo que estou na casa dos 30 anos e que o toque físico ainda é estranho e desconfortável para mim. A paixão que ele acha que tem por mim deve desaparecer logo. É melhor assim. Ele vai superar a ideia de com quem ele acha que se casou quando souber o quanto eu sou, de fato, um fracasso.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — ele repete.

— Tudo bem.

Sua voz é suave. — Alguém a tocou de uma forma que você não gostou?

Oh.

— Não — eu o tranquilizo rapidamente. — Não, não é isso.

— Só não quero deixá-la desconfortável e, às vezes, acho que a deixo desconfortável.

É melhor colocar tudo às claras. Como eu disse, é melhor que ele deixe de lado os sentimentos que acha que tem por mim.

Minha atenção rapidamente se volta para a dele, na esperança de memorizar as estrelas em seus olhos antes que elas desapareçam para sempre. — Não é que eu tenha sido tocada de uma forma que não gostei, é que eu nunca fui tocada de fato.

Minhas bochechas estão vermelhas? Elas estão quentes.

— Não estou entendendo.

— Eu... — Limpo minha garganta. — Acho que a primeira vez que alguém me deu um abraço foi na faculdade.

Seus olhos castanhos se arregalam. Aqui vamos nós. Isso deve dissipar rapidamente os supostos sentimentos que ele tem.

— Minha educação provavelmente não é a que você está acostumado. Minha infância foi um pouco solitária e isolada. Fui criada por babás e enviada para um colégio interno quando já tinha idade suficiente. Uma história triste e privilegiada, eu sei. — Solto uma risada desconfortável. — Eu só via meus pais em feriados e reuniões sociais. Não percebi até ficar mais velha que abraçar e tocar é uma parte comum da vida. Sei que é estranho e que eu sou estranha, mas estou trabalhando nisso. Só que às vezes me surpreendo, acho, quando você me toca.

Aqui, de pé no corredor de higiene dental de uma farmácia no centro de Atlanta, tenho um lugar na primeira fila para ver Isaiah Rhodes deixar de gostar de mim.

Ele não diz nada, simplesmente examina meu rosto até que finalmente pergunta: — Você quer ser tocada?

Eu pisco os olhos. É isso que ele tem a dizer? *Não*: Agora faz muito sentido por que você é uma vadia tão frígida para mim.

Se eu quero ser tocada? Nunca me perguntaram isso antes.

Minha resposta sai em um sussurro. — Sim.

— Por mim?

— Sim.

Seu sorriso é pequeno, mas genuíno. — Está bem.

Isaiah imediatamente se volta para a parede de escovas de dente, como se eu não tivesse acabado de dizer a ele que sou uma aberração absoluta.

— As de cerdas macias estão ali em cima. — Ele aponta para o canto superior direito da parede.

É só isso? Essa foi a conversa toda?

— Qual é a sua cor favorita?

Sim, aparentemente foi essa a conversa.

— Gosto de cores neutras. Preto. Branco. Bege.

— Não vou comprar uma escova de dentes bege para você. Você consegue ver todas as cores do espectro e escolhe o bege? Vamos lá, Kenny.

Examino a parede à minha frente e um pequeno sorriso se abre. — Talvez roxo? — Levantando as pontas dos pés, tento pegar a escova de dentes roxa na segunda fileira a partir do topo.

Mesmo com meu Vans de plataforma, não consigo alcançá-la, então Isaiah se inclina sobre mim para pegá-la.

Percebo que ele tem o cuidado de não deixar nenhuma parte dele tocar em nenhuma parte de mim.

Acho que odeio isso.

— É esta aqui? — ele pergunta, apontando para o que eu estava procurando.

— Sim.

Ele a tira da parede para mim.

— Os roxos também são difíceis de ver para você?

— Sim, achei que fosse azul.

Sua atenção recai sobre minha mão esquerda, mas ele não a toca.

— Isso — diz ele, referindo-se ao anel de sua mãe. — É roxo, certo? Sempre achei que fosse roxo.

— Sim. — Examino a pedra ametista. — É o tom de roxo mais bonito que já vi.

Ele sorri com isso, acenando com a cabeça para a caixa registradora. — Vamos lá. Vamos pagar por isso.

Isaiah caminha lado a lado comigo quando saímos do corredor.

— Então, você tem uma cor favorita? — pergunto.

As costas de seus dedos roçam os meus.

O movimento chama minha atenção, mas não recuo nem me afasto. O toque é suave, hesitante, mas muito intencional.

— Além do meu tom favorito de ruivo, não, não tenho uma cor favorita.

Nossas mãos continuam a se esfregar uma na outra enquanto caminhamos.

— Por que não?

Ele dá de ombros, mantendo-se próximo o suficiente para que nossas mãos nunca percam o contato. — Eu sempre ficava nervoso com a possibilidade de errar. Por exemplo, se eu escolhesse uma cor idiota, mas achasse que era legal, sabe?

Eu dou uma risadinha. — Não existem cores idiotas.

Entramos na fila da caixa registradora no momento em que as pontas dos dedos dele caem nos espaços entre os meus. Ele me perguntou se eu queria que ele me tocasse, e ele está fazendo exatamente isso em um ritmo com o qual me sinto confortável.

Isso me dá vontade de chorar.

— Você escolheria uma cor favorita para mim?

Solto uma gargalhada. Lembro-me vagamente de ter pensado nessa resposta antes. — Amarelo.

— Amarelo. — Ele avalia minha resposta. — Por que amarelo?

— É como você. Brilhante. Feliz.

Lembra-me o sol.

— Amarelo — ele repete. — Boa cor. Minha cor favorita, na verdade.

Seu sorriso é caloroso quando ele olha para mim, e talvez seja exatamente disso que minha frieza precise.

CAPÍTULO 11

Isaiah

— Kenny — eu choramingo do meu jeito típico. — Vamos lá. Por favor.

— Não. Estou ocupada.

Trav dá uma olhada por cima do ombro e sorri para mim enquanto se deita na mesa de treinamento e minha esposa solta seu tendão.

— Pergunte a Sanderson se ele está livre. — Ela acena com a cabeça na direção dele.

Encontro Sanderson do outro lado da sala de treinamento dos visitantes, enfaixando o tornozelo de um de nossos jogadores de campo. Ele está quase terminando, mas não vou contar isso a Kennedy.

— Ele está ocupado. Muito ocupado.

Ela me lança um olhar porque, como sempre, sabe quando estou falando besteira. Ignorando-me, ela continua a trabalhar em nosso apanhador, então eu me aproximo para que apenas os dois possam ouvir.

— Meu ombro está fodido por sua causa, esposa.

— Não me chame assim.

— Você me fez dormir no chão. O mínimo que você pode fazer é esfregar isso.

— Você pode, por favor, não dizer *esfregar* como se estivesse

tentando me propor mais do que uma massagem nos ombros?

Não contenho meu sorriso de conhecimento. Era exatamente isso que eu estava tentando fazer.

Travis ri para a mesa. — Kennedy, você o fez dormir no chão? Vocês dois estão ficando muito bons em agir como um casal de verdade.

— Eu não o fiz dormir no chão. — Ela olha em volta, baixando a voz. — Eu me ofereci para dormir no chão para que ele pudesse ficar com a cama, e foi ele quem recusou.

— Trav, ela estava tão confortável. Apagada como uma luz. Roncando como você não acreditaria. Enquanto isso, eu estava apenas tentando dormir algumas horas no chão frio e duro.

— Travis — diz ela, ignorando-me. — Como exatamente você tomou a péssima decisão de se tornar amigo dele?

— Provavelmente da mesma forma que você decidiu se tornar esposa dele.

— Muita tequila?

— Exatamente.

— Bem, por mais divertido que seja ouvir vocês dois discutirem o quanto são gratos por estarem na minha vida, Kenny, eu realmente preciso trabalhar no meu ombro.

Ela deve ter percebido o tom sério em minha voz.

— Tudo bem. Travis, está se sentindo mais solto?

Ele trabalha a perna antes de pular da mesa e se agachar em sua postura de apanhador. — Muito melhor. Obrigado, Ken.

Kennedy dá um tapinha em sua mesa, agora livre. — Tire sua camiseta.

— Droga. Sem preliminares?

— Não se iluda. Já disse a mesma coisa para uns doze caras diferentes hoje.

Eu reprimo meu sorriso. Gosto quando ela está disposta a lutar comigo. Também não há nenhuma parte de mim que esteja com ciúme por suas mãos estarem sobre meus colegas de equipe. Esse é o trabalho dela e ela é muito boa nisso.

É por isso que sempre peço a ela que trabalhe em mim, embora eu estivesse tentando a não o fazer hoje. Suas palavras se repetiam enquanto eu me deitava no chão, tentando dormir um pouco. O toque físico é estranho para ela. Eu não queria forçá-la a me tocar, mas pensando bem, nunca notei que Kennedy estivesse desconfortável em seu trabalho.

E noto tudo sobre a garota.

Esse não é o contato físico a que ela se refere, e não quero tratá-la de forma diferente depois do que ela me disse. Então, em vez disso, eu a incomodei até que ela concordasse em trabalhar em mim. Exatamente como faço normalmente.

— É o direito — eu a instruo, tirando minha camisa. — Sob a escápula. Parece que eu belisquei um nervo.

Ela apoia a mão esquerda em meu outro ombro, o metal de seu anel frio contra minha pele.

— Aqui? — Ela passa a palma da mão em meu ombro, aquecendo minha pele.

— Sim. Em direção ao topo.

Ela passa a mão pelo meu braço, posicionando com confiança a parte superior do meu corpo onde ela precisa. Com o dorso da palma da mão encostado na parte inferior das costas, minha omoplata se abre, dando-lhe espaço para penetrar no músculo sensível.

— Oh, sim, eu posso sentir. — Seus dedos pressionam minha pele. — Isso deu um nó por ter dormido no chão ontem à noite, não foi?

— Não. Eu estava brincando com o Max outro dia, jogando-o de um lado para o outro. Devo ter mexido nele e não percebi até hoje.

Mentira total e completa. É claro que ferrei meu ombro por ter

dormido no chão duro como pedra na noite passada, mas não vou deixar que ela saiba disso. Ela se ofereceria para dividir a cama comigo, mesmo que seja a última coisa que ela queira fazer.

Kennedy manipula meus músculos, adicionando pressão onde ela precisa quebrar a tensão. Seus movimentos são tão praticados, tão confiantes, que eu não teria ideia de que ela se sentia desconfortável com o toque físico se ela não tivesse me dito.

Ela nunca foi abraçada quando criança.

Quem diabos não abraça seu filho?

Eu queria abraçá-la ali mesmo, no corredor de escovas de dente da loja, quando ela me disse isso, mas também não queria sobrecarregá-la.

Isso me fez perceber que, embora eu tenha uma queda pela Kennedy há anos, há muita coisa que eu não sei sobre ela, mas tudo o que sua admissão fez foi me deixar com vontade de saber mais.

— Minha família está na cidade — diz ela calmamente.

— Para ver o Dean jogar?

— Não. — Ela zomba. — Para algum negócio. Vou jantar com eles hoje à noite.

Ela continua a esfregar meu ombro dolorido enquanto penso em como não me importaria em conhecer a mulher que nunca abraçou sua filha. Também não me importaria de dizer a ela algumas coisas que estão em minha mente.

— Só achei que você deveria saber. Caso alguém pergunte onde estou, quero dizer. Seria estranho se você dissesse que não sabia onde sua esposa estava.

— Minha esposa, hein?

— Tecnicamente falando.

— Diga de novo. Eu gostei.

Ela solta uma gargalhada enquanto se move para a minha frente.

Com minhas pernas abertas, Kennedy fica entre elas, continuando a trabalhar em meu manguito rotador.

Eu a observo.

Tão concentrada em seu trabalho que não percebe que estou notando o comprimento de seus cílios ou quando começo a contar as sardas espalhadas na ponte de seu nariz. Ela não me vê traçar visualmente a inclinação de sua mandíbula ou localizar o recuo das covinhas que ela tenta esconder com toda a sua carranca para mim.

Ela é tão bonita e, às vezes, um pouco malvada. É uma combinação letal para mim.

Por falar nisso, há outra pessoa com quem eu gostaria de trocar algumas palavras. Alguém que nunca a viu da mesma forma que eu. É isso que me faz perguntar: — Seu ex vai estar lá?

Ela continua trabalhando. — Não.

— Ok.

— Ok. — Ela aperta meu ombro de forma tranquilizadora, mas ainda assim olha e percebe que estou a poucos centímetros dela e querendo sua atenção. — Posso lhe pedir um favor?

— Já me casei com você uma vez, Kennedy. O que mais você quer de mim?

Seu lábio se contrai em um sorriso. Ela, mais do que qualquer outra pessoa, eu gosto de fazer sorrir quando posso. Especialmente depois do que ela me disse ontem à noite. Ninguém nunca a abraçou? Bem, eu aposto que ninguém a fez rir muito também.

— Você pode tentar não brigar com o Dean hoje?

— Não prometo nada sobre isso.

— Só estou dizendo que, se vocês se machucassem, eu teria de escolher um lado e Reese poderia achar estranho quando eu corresse para o meu irmão em vez de você.

Ela finalmente me olha, e sua inspiração aguda apenas confirma que ela não tinha ideia de quão perto estávamos agora.

As mãos de Kennedy param de se mover, mas não saem do meu ombro. Ela também não sai do meio de minhas pernas.

Com a palma da mão apoiada no joelho, estendo a mão para passar a ponta dos dedos na parte de trás da coxa dela antes de enrolá-los. Minha maneira silenciosa de lhe dizer que gosto exatamente da posição em que ela está.

Ela não se move. Não se mexe.

Pele com sardas. Lábios carnudos. Meus olhos imediatamente se voltam para eles, e me pego lambendo os meus.

Quero saber qual é o gosto daqueles lábios, qual seria a sensação de sua boca contra a minha. Há anos que me pergunto isso. E a ideia de que talvez eu já tenha beijado essa garota, mas estava bêbado demais para me lembrar, mata-me.

— Kenny — sussurro.

Seu olhar cai para minha boca e ela não se move nem se esquivava. Essa pequena vitória parece que ganhei na loteria.

— Sim? — É suave, mantido apenas entre nós.

— É um pouco estranho que você escolha seu irmão em vez de seu marido.

— O que posso dizer? Nós temos história.

— Sim, bem, nós também temos história, Kennedy. Você só não está prestando atenção.

* * *

Dou uma tacada de treino no círculo do convés pouco antes de Cody ganhar sua quarta bola, levando-o para a primeira posição em uma caminhada.

É por isso que ele é o nosso rebatedor principal. Ele sabe como chegar à base, seja por meio de uma caminhada ou de uma rebatida.

Depois venho eu, o segundo na escalação. No ano passado, terminei com o maior número de home runs da equipe, mas com o segundo maior número de RBIs. Isso se deve ao fato de Travis ser nosso rebatedor potente. Ele faz a limpeza no quarto lugar. Se eu estiver no bastão e não conseguir me recuperar, eu me certifico de que estou lá fora em uma sacola para que ele possa.

Sinto falta dos aplausos da torcida da casa quando estamos na estrada. Sinto falta da minha música de saída. Sinto falta do conforto de estar em nossa própria sede, mas adoro fazer gols no campo de outra pessoa.

Pego Kai no aquecimento, com os cotovelos nos joelhos enquanto ele me observa atentamente. O sortudo só tem que trabalhar uma vez a cada cinco jogos e fica sentado nos outros quatro. O cara sempre foi meu maior fã e metade da razão pela qual sou o rebatedor que sou hoje.

Seu swing se desenvolve muito rapidamente quando você passa a infância inteira praticando contra Kai Rhodes. Ele ainda é, até hoje, o melhor arremessador que já enfrentei.

Sou vaiado quando chego ao bastão e isso só me faz sorrir. É lisonjeiro, se você quer saber, que eu tenha feito tantos pontos neste estádio que a torcida do Atlanta se lembre de mim.

Minhas chuteiras cravam na terra, meu centro balançando no ritmo enquanto o arremessador do Atlanta se livra da chamada do receptor. Ele aceita a segunda, mantendo-se ereto com a mão sobre a bola em sua luva. Ele rapidamente verifica Cody na primeira base antes de mandar uma bola rápida um pouco alta e dentro da base.

Essa é uma bola, penso comigo mesmo enquanto a deixo passar por mim.

— Bola — diz o árbitro.

Fazemos tudo de novo. Dessa vez, Cody testa o arremessador, tirando um pouco mais de liberdade e espaço da primeira base.

Isso deve distrair bastante o arremessador do Atlanta porque,

quando ele arremessa, é uma bola curva que consigo identificar a um quilômetro de distância. Pelo filme que assisti esta semana, sei que ele gosta de usá-la em um segundo arremesso. Também enfrentei a bola curva de Kai Rhodes nos últimos trinta e um anos, por isso resolvi pegar essa.

Eu bato a bola, entrando nela antes que ela cruze totalmente a base. O contato é forte, enviando a bola para o campo direito.

Explodo, contornando a primeira e deslizando para a segunda base logo antes de a bola cair na luva do jogador da segunda base do Atlanta. Deitado no chão, com minha mão na base, vejo Cody em segurança na terceira base.

O árbitro me considera seguro e eu olho por cima do ombro para piscar para o homem da segunda base do Atlanta.

Dean Cartwright, filho da puta.

As palavras de Kennedy ressoam em minha mente enquanto me levanto e limpo a sujeira da calça, certificando-me de manter um dos pés na base.

Sei que ela não quer que eu me envolva com o meio-irmão dela, mas não é minha culpa que ele tenha uma cara de idiota.

— Oi, queridão — falo quando Dean joga a bola de volta para o arremessador.

— Vá se foder.

— Isso não é muito legal, Deanie. Agora somos uma família. Isso não é jeito de falar com seu cunhado.

Tiro minha luva de batedor e os olhos de Dean se fixam no anel de silicone em meu dedo. — Ela se saiu bem, não foi?

Sua mandíbula endurece e ele dá um único passo calculado em minha direção.

— Mantenha-o limpo — diz o árbitro da segunda base.

— Por que você fez isso? — Dean pergunta, invadindo meu espaço. — Por que ela, dentre todas as pessoas?

Minha atenção se volta para a terceira linha, onde Cody está me observando atentamente, e depois para o banco de reservas, onde a maioria dos meus colegas de equipe está de pé e pronta, se necessário.

— Foi por minha causa? Foi por isso que você se casou com ela? Você levou nossa rivalidade um pouco longe com essa, Rhodes.

— O que diabos está acontecendo, Cartwright? — Meu tom é igualmente exausto e desinteressado.

Seu peito bate em meu ombro, mas mantenho meu pé na base.

— Cuidado — adverte o árbitro, com um tom sério.

— Ou você se casou com ela pelo dinheiro dela? Isso é algum trauma de infância? Você passou a vida inteira pobre, então vai atrás de alguém com mais dinheiro no nome do que jamais veria em sua vida?

Ele que se dane.

Claro, pode-se dizer que fiquei chocado quando vi o acordo pré-nupcial, descrevendo os bens da família de Kennedy, mas na verdade, não estou nem aí para a quantidade de dinheiro que ela tem em seu nome.

— É muito foda saber que é isso que você pensa de sua meia-irmã, Dean. Que alguém só gostaria de estar com ela por causa de sua conta bancária.

Ele me ignora. — Ou foi porque você não tem sua própria família e teve que embebedar a Kennedy para tentar tirar a minha?

Essas eram sempre as coisas que ele mais gostava de mencionar. O fato de que não tínhamos dinheiro para ter nada que não fosse usado e que não tínhamos mais nenhuma família que nos quisesse.

Hoje, ele parece mais patético do que o normal. Não o deixo me atingir. Não me importo com o que ele tem a dizer.

Minha atenção se volta novamente para o banco de reservas, encontrando aquele cabelo ruivo. Mesmo daqui, posso perceber como Kennedy está tensa enquanto nos observa. Seus ombros estão tensos.

Seus olhos estão implorando para que eu não faça nada.

Não consigo nem contar quantas vezes Dean e eu nos enfrentamos ao longo dos anos, e sei que ele está me incentivando a fazer isso de novo, mas hoje sinto que já ganhei. E eu realmente não quero descobrir se Kennedy estava dizendo a verdade sobre quem ela checaria se entrássemos em conflito.

Eu simplesmente sorrio para minha esposa do outro lado do campo enquanto coloco minha luva de batedor no bolso de trás da calça.

— Algumas coisas nunca mudam, Deanie. Você continua sendo o babaca egoísta que sempre foi. Tudo o que você fala é sobre si mesmo. Casar com ela para ferrar com *você* . Casar com ela para roubar *sua* família. Pelo que ouvi, não quero ter nada a ver com a porra da sua família. — Encontro Kennedy mais uma vez, trabalhando seu lábio inferior entre os dentes. — Olhe para ela. Ela está preocupada. Não gosto quando minha esposa está preocupada, Dean. Ela me pediu para não brigar com você, então pare de dizer merdas que me fazem querer lhe dar um soco na cara, ok?

Antes que ele possa responder, o estalo de um taco ecoa pelo estádio e eu decolo, contornando a terceira e indo direto para o home, o que nos coloca em vantagem por duas corridas.

Cody e eu voltamos para o banco de reservas, batendo os punhos no caminho com Travis, que estava indo para o bastão. Meus colegas de equipe batem no meu capacete, na minha bunda e no meu ombro quando chego ao meu box, descartando meu equipamento até a próxima rebatida.

— Bom trabalho, dezenove.

Com as mãos agarradas à borda do box, olho para baixo e vejo a Kennedy, usando a camisa polo do nosso time e os sapatos que comprei e com os quais me casei com ela. — Belos sapatos.

— A propósito, obrigada por isso — diz ela.

— É só isso? Você não vai me dizer que sou um bom garoto por

não ter brigado com seu irmão?

— Você quer que chame você de bom garoto?

— Mmm, sim, por favor. De preferência quando estivermos nus e você estiver em cima de mim, mas agora também serve.

Aquele sorriso que estou rapidamente me tornando viciado floresce. — Vou manter isso em mente.

* * *

— Casado? — pergunta Ryan. — Você se casou, porra?

Levanto a mão para lhe mostrar o anel.

— E você está usando uma aliança de casamento. Você não está anulando isso?

— Não posso — digo a ele, feliz, enquanto coloco meus pés na cama do quarto de hotel do meu irmão. — Uma foto nossa em Las Vegas vazou e a Kennedy ia perder o emprego por causa disso. Temos fingido que isso foi planejado o tempo todo.

Ryan acena com a cabeça, pois se há alguém que entende o fato de fingir um relacionamento para progredir na carreira, esse alguém é ele. Afinal, foi assim que ele conheceu sua esposa.

Ryan Shay é o capitão dos Devils, a equipe da NBA de Chicago. Eles chegaram há algumas horas para o jogo de amanhã contra o Atlanta.

Kai e eu estávamos planejando tomar um drinque no bar do hotel, já que Kai está sofrendo por estar na estrada sem Max. É a primeira vez que ele deixa o filho em casa depois de uma viagem de carro e, embora Max esteja com Miller, é óbvio o quanto Kai sente falta de ter os dois na estrada com ele, como aconteceu no ano passado.

Mas com Ryan Shay a tiracolo, não podemos ir a lugar algum em público, por isso ficamos os três no quarto de hotel do meu irmão.

— Miller disse que as meninas iriam para nossa casa hoje à noite — diz Kai.

— Sim. — Ryan se senta em cima da escrivaninha no canto da sala. — Indy tem implorado para que Miller dê aulas de panificação, então ela e Stevie foram até lá para passar a noite.

Meu irmão pega o celular. — Deveríamos ligar para elas e dizer oi, você não acha?

— Absolutamente não. — Pego o celular dele, segurando-o fora do alcance. — Você já ligou para sua noiva umas seis vezes esta noite. Deixe-a em paz.

Como se eu não estivesse olhando para o meu celular, imaginando se a Kennedy ligaria ou mandaria uma mensagem para me dizer que o jantar acabou, mas não é a mesma coisa. Eu só quero ter certeza de que ela está bem. Kai está ligando para Miller sem parar para se sentir bem por estar na estrada e deixá-los em casa.

— Isaiah?

Minha cabeça se ergue em atenção quando ouço Miller dizer meu nome.

— Não, sou eu, Mills — diz meu irmão, segurando meu telefone até que o rosto de Miller toma conta da tela.

Esse filho da puta sorrateiro pegou meu telefone e fez uma chamada de vídeo para a noiva dele.

Miller ri na tela enquanto usa seu tradicional macacão. — Kai, estamos bem. Max comeu. Já está na cama. As meninas estão aqui e a casa não pegou fogo.

— Oi, Kai! — Indy aparece na tela, com seu cabelo loiro caindo em cascata ao redor do rosto. Kai vira a câmera para que Ryan fique à vista. — Oh, droga. Esse aí é muito bom.

— Como está se sentindo? — Ryan pergunta à sua esposa grávida.

A irmã de Ryan, Stevie, aparece na tela. — Ela comeu cereal no jantar. Nada mais.

— Blue — Ryan a repreende.

— O quê? É o que o bebê queria. Não me culpe. Culpe a ele.

— Também é o que eu queria. — É uma voz ao fundo. Masculina. Sotaque de Boston.

— É o Rio? — pergunto, pegando o celular de volta do meu irmão.

De repente, o cabelo escuro e o sorriso bobo do Rio tomam conta do meu celular.

— Pensei que fosse a noite das garotas?

Seus olhos se estreitam em confusão. — É.

— Onde está Zee?

Zanders, ou Zee, como o chamamos, não é apenas o companheiro de equipe de Rio nos Raptors, mas também é o marido de Stevie e, portanto, cunhado de Ryan.

É uma grande confusão, eu sei.

A confusão de Rio só aumenta. — Eu acabei de dizer que era a noite das garotas.

Miller pega o telefone de volta dele, mas ao fundo, eu o ouço gritar: — Se você puder me ouvir, Ryan Shay, eu amo você!

Ryan ri para si mesmo, porque o melhor amigo de sua esposa pode estar mais apaixonado por ele do que ela.

Miller aparece novamente na tela. — Por que Kai está ligando do seu telefone?

— Porque eu roubei o dele em uma tentativa de evitar que ele a assediasse novamente.

— Bom esforço. Obrigada por tentar, mas o cara está tão apaixonado por mim que não consegue evitar.

Kai se recosta na cama, ajeita os óculos e dá de ombros, porque não adianta negar.

— Eu provavelmente o descreveria como pegajoso e carente, se você está me perguntando. Um pouco patético também.

— Ainda bem que ninguém lhe perguntou — diz meu irmão.

Não consigo registrar completamente suas palavras porque uma mensagem de Kennedy aparece na tela, roubando minha atenção.

Sra: *Você pode me ligar?*

— Miller, tenho que ir. Kennedy precisa que eu ligue para ela.

Ela solta uma gargalhada. — E você chama seu irmão de patético.

A chamada de vídeo termina e eu imediatamente ligo para Kennedy.

— Está tudo bem? — são as primeiras palavras que digo depois que ela atende.

— Você está ocupado ou poderia vir para este jantar?

— Para seu jantar em família?

— Sim. Desculpe-me por pedir, mas preciso de você.

Eu preciso de você.

Saio da cama e enfio os pés em meus sapatos. — Mande-me o endereço. Estou a caminho.

— Isaiah?

Seu tom me faz parar. — Sim?

— Estão todos estão aqui.

Todos aqui. Suas palavras me pedem para juntar as peças e não demora muito para que eu registre o que isso significa.

Seu ex está lá. Talvez sua meia-irmã também.

— Não contei a verdade a eles — continua ela.

Ela não disse a eles por que ainda estamos casados.

Provavelmente não disse a eles por que nos casamos.

Eu gosto muito disso.

— Não se preocupe, Kenny. Eu cuido disso.

CAPÍTULO 12

Isaiah

O carro me deixa do lado de fora de um restaurante no centro de Atlanta e, assim que entro no saguão escuro, iluminado apenas com a luz de velas, percebo imediatamente que estou muito malvestido.

Isso fica ainda mais evidente quando Kennedy dobra o corredor. Ela está em um vestidinho preto que cai um pouco além dos joelhos, com saltos pretos de tiras nos pés para combinar. Ela está glamourosa como se fosse a antiga Hollywood, com seu cabelo ruivo enrolado e preso de lado, mostrando um ombro exposto e mais sardas do que eu já tive a chance de ver antes.

Ela é deslumbrante, classicamente linda, caminhando em minha direção, e eu estou usando jeans.

Com um pé cruzado sobre o outro como se estivesse andando em uma passarela, Kennedy segura uma pequena bolsa preta em uma das mãos, a outra alisa o vestido como se precisasse que ele ficasse mais perfeito do que já está. Formal, polida e perfeita.

É estranho ver esse lado dela quando a maior parte do tempo que passamos juntos foi no trabalho, mas como eu disse, estou percebendo rapidamente que não sei muito sobre a garota por quem me apaixonei nos últimos anos.

— Estou malvestido — digo antes que ela tenha a chance de dizer.

Ela balança a cabeça. É uma discordância frenética, como se ela estivesse nervosa. — Está tudo bem. Você está ótimo.

— Ótimo, é?

— Desculpe, eu quis dizer decente. No máximo, mediano. Esqueci que preciso manter meu ego sob controle o tempo todo.

— Bem, não posso dizer o mesmo de você. Quero dizer, mediana. O jeito que você está nesse vestido... — Balanço a cabeça em descrença. — Parece que você vai dizer algo um pouco maligno, partir meu coração, e eu vou acabar agradecendo por isso.

— Não me tente, Rhodes. — Um pequeno sorriso se abre, mas se desfaz com a mesma rapidez quando ela joga o polegar por cima do ombro e diz: — Eu ia contar a verdade a eles, sabe. Mas então Connor apareceu com meu padrasto, e depois Mallory entrou, e eu simplesmente não podia dar a eles a satisfação de saber que nos casamos porque eu estava me sentindo mesquinha por causa deles.

É estranho vê-la desse jeito. Ela é tão confiante quando está no trabalho, como se soubesse que pertence a ele, mas aqui, com sua família por perto, ela parece completamente perdida.

— Olhe, preciso avisá-lo. Minha família não são boas pessoas. O dinheiro é a coisa mais importante para eles. Em comparação, você pensará que sou um anjo depois de conhecê-los.

— Eu já acho que você é um anjo.

Ela me lança um olhar inexpressivo.

Aceno com a cabeça na direção de onde ela veio. — Você acha que poderia tentar fingir que gosta de mim por algumas horas?

— Eu não sei. Farei o meu melhor, eu acho.

— Vejo que ainda está mantendo meu ego sob controle. — Estendo minha mão para a dela.

Ela olha para a minha mão estendida por um momento antes de deslizar cautelosamente a sua na minha palma.

Fica claro o quanto isso não é natural para ela pela maneira rígida com que ela mal enrola os dedos nos meus. Eu me sacudo, na esperança de livrá-la do nervosismo, antes de continuar e entrelaçar

nossos dedos.

Ela olha para baixo e observa, como se estivesse estudando a aparência de seus dedos pálidos e sardentos entre os meus. Ou estudando a aparência de segurar a mão de alguém em geral, não tenho certeza.

— Vamos, esposa. — Eu a conduzo de volta à sala de jantar. — Está na hora de jogar.

Kennedy aponta na direção da sala de jantar privativa e, quando estendo a mão para abrir a porta para ela, um garçom se aproxima e faz isso por nós.

Ele está vestindo um terno de três peças e não perco a maneira como seus olhos examinam rapidamente minhas roupas quando entro na sala escura. Erro meu por achar que uma bela camisa de botão e uma calça jeans limpa eram roupas adequadas para o jantar.

Assim que entro atrás de Kennedy, percebo que o olhar que ele me lançou talvez não tenha sido um julgamento, mas sim um aviso de que eu deveria dar meia-volta e correr na direção oposta o mais rápido possível.

Uma longa mesa de madeira se estende pelo centro da sala. Seis pessoas se acomodam em uma extremidade, uma das quais eu presumo que seja o pai de Dean, visto que seu filho é a imagem perfeita dele, menos trinta anos ou mais.

Mas agora que estou pensando nisso, não me lembro de tê-lo visto em um dos jogos do Dean quando era criança.

Eu catalogo a mulher à sua esquerda como a mãe de Kennedy. Chame isso de intuição, mas quando olho para ela, sinto um desejo ardente de enchê-la de luz com minhas palavras, o que só faria sentido se ela fosse a mãe de Kennedy.

Ela parece uma daquelas mulheres que mandam os filhos para colégios internos porque eles são um incômodo para ela. Acrescente isso ao fato de que ela é muito bem-educada e faz uma careta quando encontra minha mão conectada à de sua filha.

Kennedy deve ter percebido isso, porque ela solta minha mão imediatamente, segurando a sua própria na frente do corpo.

Sim, não sou fã da mãe dela de jeito nenhum.

Um casal de idosos se senta em um lado da mesa e, em frente a eles, outro casal que não poderia ser outro senão o ex-noivo e a meia-irmã de Kennedy.

O cara – Cameron, Conrad, *algo assim* – dá um sorriso que não funciona para ele de jeito nenhum. Esse tipo de sorriso só funciona quando você não está irradiando energia de babaca por trás dele, mas ele parece assustador fazendo isso.

Sua atenção se volta para mim e para Kennedy, como se estivesse calculando nossa linguagem corporal, e quando ele vê os 30 centímetros de espaço entre nós, aquele sorriso se torna maligno e astuto.

É então que ele desliza a palma da mão sobre o joelho da mulher que está ao seu lado. Mallory, acho que era o nome dela. Eu a reconheço vagamente do rápido momento em que a vi na noite de sua despedida de solteira.

Ela é alta. Cabelos castanhos, pele bronzada. Ela se parece muito com Dean e, de alguma forma, acho que posso gostar ainda menos dela do que de seu irmão.

Mallory aproveita a deixa e se inclina para o noivo antes de passar a mão no peito dele. Sua mão esquerda, veja bem. Onde um anel de diamante está à mostra para nós dois vermos.

Sim, não gosto nem um pouco dessas pessoas.

Há tanto dinheiro e arrogância sufocando esta sala. Nem um único sorriso caloroso. Nenhuma recepção em seu jantar em família.

Os jantares de família que temos em Chicago são repletos de risadas e camaradagem. Eu costumava faltar a eles quando tinha outros planos, mas nos últimos oito meses, passei a esperar ansiosamente por esses jantares de família. Para mim e para Kai, que viemos de uma família de duas pessoas, é bom ter nossa comunidade

de amigos por perto, que se tornou nossa nova família.

O mais discretamente possível, olho para minha esposa, mas sua atenção está voltada para o homem com quem ela estava planejando se casar e a mulher ao seu lado. Dou um pequeno empurrão com o pé em um de seus saltos, tentando lembrá-la de que estamos em uma sala silenciosa com sua família, que está esperando que ela me apresente.

Ela não percebe, então eu limpo minha garganta. — Desculpe-me pelo atraso. — Porra, isso é constrangedor, e ainda mais quando levanto a mão e aceno como um maldito idiota. — Eu sou o Isaiah. Sou o... — Minhas palavras se perdem, inseguras.

— Marido — ela termina por mim.

Calvin revira os olhos.

Ela dá um passo em direção a mim, seu quadril encostando na minha coxa enquanto ele observa.

Muito bem, garota. Aqui está.

Pego sua mão na minha novamente.

— Isaiah, esta é minha mãe, Jennifer. O pai de Dean, Henry. Minha meia-irmã, Mallory, e... — ela hesita. — Seu noivo, Connor.

Agora Mallory também está usando aquele sorriso idiota.

— O Sr. e a Sra. Smith são sócios do Henry e, por último... — Ela se vira para o outro lado da mesa. — Você conhece o Dean.

Sim, eu conheço o Dean. O idiota que está sentado sozinho e tomando uma dose de um líquido de cor âmbar. Os botões superiores de sua camisa estão desabotoados. Pernas esparramadas como se ele não estivesse nem aí para o fato de estar aqui.

Ninguém se levanta. Ninguém cumprimenta ninguém. São simples acenos de cabeça de reconhecimento antes de voltarem às conversas anteriores. Esta noite, Kennedy lançou a bomba de que está casada e ninguém parece se importar com isso.

Bem, ninguém além de Connor, que eu vejo nos observando pelo canto do olho enquanto nos sentamos. Por isso, certifico-me de dar um

beijo casto nas costas da mão sardenta de Kennedy antes de soltá-la.

Sua mandíbula cerra.

Eu adoro isso.

Isso vai ser divertido.

A conversa continua na outra ponta da mesa. Algo sobre hotéis, expansões e franquias. Não demora muito para eu descobrir que a família de Kennedy é proprietária de uma rede de hotéis. Uma grande cadeia da qual quase todo mundo já ouviu falar e na qual já me hospedei em várias ocasiões.

Todos aqueles zeros listados em nosso acordo pós-nupcial fazem muito sentido agora.

Henry constantemente puxa Connor para a conversa. Eles formam uma equipe que beija o traseiro dos Smiths. Aparentemente, eles estão tentando comprar uma pousada que os Smiths possuem em Midtown e convertê-la em um arranha-céu.

O Sr. Smith não parece estar pronto para tomar nenhuma decisão, então Connor pede uma garrafa de vinho tinto para a mesa.

Uma garrafa de vinho tinto de dois mil dólares.

Dean pede outro Macallan single malt puro e o toma como se fosse Jack ou Jim e não uma garrafa de uísque de dezessete mil dólares.

— O quê? — ele pergunta quando me vê olhando para ele. — Quer um ou algo assim?

— Isso é como uma dose de duzentos dólares.

— Trezentos, mas o papai está pagando, então vá em frente e peça um.

Henry lança ao Dean um olhar sujo do outro lado da mesa. Não é preciso ser um cientista para perceber que esses dois não se dão bem.

Ele sempre falou da minha falta de família, mas eu preferiria o Kai qualquer dia a qualquer outra coisa que você possa chamar de

família nesta sala.

— Vá em frente, Rhodes. Isso impressionará seus convidados. Mostrará a eles quanto dinheiro ele tem para jogar fora.

— Dean — Jennifer repreende do outro lado da mesa. Em seguida, ela lança o mesmo olhar sujo na direção de Kennedy sem motivo algum, como se estivesse silenciosamente lembrando aos dois que eles são as maiores decepções da família.

Um deles é médico e o outro é jogador profissional de beisebol, o que mostra bem as prioridades dessa família. Se você não está no negócio da família ou não está contribuindo para o negócio da família por meio do casamento, você não é importante.

— Estou bem — falo baixinho para Dean antes de verificar a ruiva ao meu lado, que não está nada bem.

Ninguém mais falou com ela ou com seu meio-irmão.

Dean, eu entendo, porque ele é um merdinha, mas Kennedy... não consigo imaginar não ter toda a minha atenção voltada para ela.

Ela se senta ao meu lado. Ouvindo atentamente a conversa, caso seja necessária. A filha perfeita. Ela acena com a cabeça e sorri, mas ninguém a nota.

Mallory notou, eu acho. Connor também. Por que outro motivo eles estariam de repente com as mãos dadas um com o outro, como se estivessem dando a ela um show para lhe dizer o que ela está perdendo.

A menor entrada que já vi é servida no prato à minha frente, e vejo Kennedy observando-os durante todo o percurso. Cada mordida é acompanhada de um olhar sutil para sua meia-irmã, traçando a maneira como seus dedos brincam com as pontas do cabelo de Connor. O modo como Connor se vira e sussurra no ouvido de Mallory, provocando uma risada exagerada. A maneira como ele passa a palma da mão para cima e para baixo na perna dela.

O olhar de Kennedy é cheio de... *desejo*.

Ela está com ciúme?

Ela sente falta dele?

Não consigo imaginar que, quando ela estava bêbada e me pedindo em casamento, tenha pensado nessa realidade atual – ela sentada comigo e tendo que assisti-los juntos.

Kennedy se inclina para dar uma mordida em sua comida, e eu vejo Connor olhar para o vestido dela do outro lado da mesa. Mallory não percebe que o noivo está olhando para a ex, mas eu, com certeza, percebo.

Meu sangue se aquece instantaneamente.

Ele não pode se sentar aqui e fazer um show público com sua nova noiva enquanto ainda está checando a antiga.

Especialmente quando sua antiga noiva é minha nova esposa.

— Kenny — sussurro.

Ela se endireita, olhando em minha direção. Pelo canto do olho, vejo o movimento da mandíbula de Connor antes de usar um único dedo para afastar o cabelo castanho de sua orelha.

Inclino-me para baixo e sussurro, para que somente ela possa ouvir. — Posso tocá-la?

A pele de seu pescoço fica arrepiada, e não posso deixar de sorrir com isso.

— O que você quer dizer com isso? — Suas palavras são muito altas e nada íntimas.

— Nada — sussurro. — Encaixe-se em mim, encoste sua bochecha na minha enquanto estiver falando comigo agora mesmo.

Ela hesita, então deslizo a palma da mão sobre sua garganta e para cima ao longo de sua mandíbula, com os dedos entrelaçando seus cabelos enquanto a puxo para falar comigo em voz baixa.

— Por quê? — ela sussurra.

— Porque ele está assistindo e eu quero que ele saiba que você é

minha.

— Ele está assistindo?

Detesto o fato de seu tom manter a esperança.

— Sim — eu engulo. — Então, diga-me, Ken. Posso tocá-la?

Ela se contorce em seu assento antes de acenar com a cabeça para mim. — Está bem.

— Um pouco mais de entusiasmo seria apreciado aqui.

Ela dá uma risadinha. — Sim, Isaiah. Você pode me tocar.

Que se dane se eu não fico meio duro só com essas palavras.

— Apenas me chute debaixo da mesa ou algo assim se for demais ou se você não gostar.

— Não tenho nenhum problema em fazer isso.

— Pirralha.

Ela cantarola contra mim, e tenho quase certeza de que foi involuntário. — O que você vai fazer?

— O que você quer que eu faça?

— O que você quiser, eu acho. O que quer que convença.

— Mmm. — Desta vez, sou eu que estou ronronando com suas palavras. — Uma esposa tão agradável.

A risada dela é mais alta, mas é genuína, não para se exhibir.

E eu adoro isso.

Ela se afasta, com um sorriso reprimido tentando se manifestar quando volta sua atenção para o prato. Eu arrumo seu cabelo, que volta a ficar como estava antes de eu colocá-lo atrás da orelha.

Os olhares estão voltados para nós neste momento, posso senti-los, e deixarei Kennedy acreditar que tudo isso é para mostrar, mas na verdade, estou morrendo de vontade que ela me deixe tocá-la há anos. Estou morrendo de vontade de ter sua atenção. Estava morrendo de vontade de simplesmente sentar e jantar ao lado dessa garota.

Eu não me importaria se ela tivesse essa mesma necessidade, mas vou deixá-la acreditar que fingir é suficiente por enquanto.

Henry e Jennifer estão ocupados falando com os Smiths, então Mallory volta sua atenção para nós. — Eu estava me perguntando para onde você foi na noite da minha despedida de solteira. — Seus olhos se concentram no anel no dedo de Kennedy – o anel da minha mãe. — Acho que agora nós sabemos.

Kennedy está rígida em seu assento ao meu lado, então, gentilmente, coloco meu braço no encosto de sua cadeira, com as pontas dos dedos brincando com a alça de seu vestido.

Ela não se intimida.

Mallory continua, ainda olhando para a mão esquerda de Kennedy. — Um grande rebaixamento, se você quer saber.

— Eu não perguntei a você — rebate minha esposa.

Seu corpo está tenso, e não por causa do meu toque, então tento distraí-la passando as pontas dos dedos na parte superior do seu ombro, passando pela parte de trás do pescoço.

Connor rastreia tudo.

— Só estou dizendo — continua Mallory. — Comparado ao seu último anel, este é...

— Algo de que eu realmente gosto. — Kennedy estende a mão sobre a mesa para segurar minha outra mão. — Se você está tão obcecada com meu anel de noivado anterior, Mallory, por que não o pede ao homem que o deu a mim?

Os lábios de Mallory ficam finos. — Eu não o quero. Eu amei o meu. — Seus dedos se mexem para mostrar o diamante, que é muito menor e mais sutil do que o que Kennedy costumava usar.

Para ser franco, ele se parece muito mais com o estilo de Kennedy do que com seu anel anterior.

Eu me aproximo, passando a palma da mão em seu braço. — Você ainda está bem?

Ela acena com a cabeça, com um sorriso pequeno, mas orgulhoso, no rosto. Talvez por ter colocado sua meia-irmã no lugar. Talvez por não ter recuado ao meu toque.

Decido testar a teoria movendo a palma da mão para a parte superior da perna dela, sob a mesa, com os dedos curvados na parte interna da coxa.

Sua mão, que está segurando a minha sobre a mesa, agarra-me com mais força.

Inclino-me para sussurrar: — Diga-me para parar.

Ela balança a cabeça negativamente.

Com um sorriso de conhecimento nos lábios, levanto minha mão um pouco mais.

Palavras são ditas, mas não estou prestando atenção.

Estou apenas observando Kennedy, notando a aceleração de seu pulso enquanto passo a mão sobre sua coxa.

Ela morde o lábio e parece que está nervosa.

Eu aperto sua perna. — Chute meu pé por baixo da mesa.

— Não — ela respira.

Foda-se.

Em vez disso, Kennedy alarga levemente os joelhos, dando-me mais alguns centímetros para que eu possa ir para o norte, e juro por Deus que estou a ponto de perder o controle graças à sua permissão.

— Connor assumirá a empresa quando eu me aposentar — diz Henry a seus convidados. — Meu filho, Dean, não queria fazer parte dos negócios. Ele quis jogar um jogo como carreira, então temos sorte de meu futuro genro ter o senso comercial que ele tem.

— Jesus, porra — Dean murmura.

Traço as pontas dos dedos na parte interna da coxa de Kennedy, agradecendo o fato de o material preto de seu vestido agir como uma barreira para me impedir, porque tenho quase certeza de que morreria

rapidamente se ela me deixasse tocá-la adequadamente.

— Há quanto tempo vocês estão noivos? — O Sr. Smith pergunta a Connor enquanto Mallory passa a mão no paletó do terno dele. Ela já está praticamente em cima dele, mas ainda assim tenta se aproximar.

— Quanto, querido? — Mallory pergunta a Connor. — Oito meses já?

Sua meia-irmã mostra seu anel de noivado novamente, mas acho que Kennedy nem está prestando atenção dessa vez. Seus olhos estão na minha mão que está viajando, os nós dos dedos estão brancos quando seguram a minha, e ela ainda não me chutou para debaixo da mesa.

Em teoria, é inocente. Um homem apoiando a mão na perna da esposa, com as pontas dos dedos desenhando círculos preguiçosos na parte interna da coxa dela. Mas Kennedy nunca foi tocada, então nada disso parece inocente.

— Os melhores oito meses de minha vida. — Connor se vira e deposita um beijo nos lábios de Mallory.

— É mais como os três melhores anos de sua vida — ela corrige.

Congelo meus movimentos.

Kennedy fica imóvel.

A sala fica em silêncio, e todos, exceto os convidados de Henry, entendem o motivo.

Kennedy e Connor se separaram há pouco mais de um ano.

— Idiota de merda — diz Dean ao meu lado e, talvez pela primeira vez na vida, eu concordo com o cara.

— Ops. — Mallory ri, com a mão esquerda cobrindo a boca para esconder o sorriso, com o anel à mostra. Ela olha diretamente para minha esposa quando diz: — Falei demais, eu acho.

O pé de Kennedy cutuca o meu. Não é exatamente um chute e não tenho certeza se foi de propósito, mesmo assim, tiro minha mão

da coxa dela.

— Por que não vamos tomar um drinque no terraço? — sugere Henry aos Smiths. — Disseram-me que a vista é maravilhosa e podemos conversar mais sobre como seria incrível trabalharmos juntos.

Fica evidente, pela maneira como ele expulsa os Smiths da sala e não faz contato visual com os filhos, que ninguém além de sua esposa é bem-vindo.

Jennifer é a última a sair da sala. Mas antes de sair, ela para ao lado de Kennedy e se inclina para sussurrar: — Você não pode ter um ataque por causa disso. Você não escolhia a data do casamento. Você não tocaria o homem em público. Não pode culpá-lo por encontrar isso em outro lugar, portanto, não ouse fazer beicinho na frente dos convidados do Henry.

Fazer beicinho? Ela está sentada aqui totalmente sem emoção.

— Desculpe-me? — Levanto-me de meu assento. — Cuidado com suas palavras quando estiver falando com minha esposa.

Ela se ruboriza. — O que você acabou de me dizer?

— Acho que você não precisa que eu me repita.

Ela zomba, tentando disfarçar com uma risada incrédula. — Kennedy Elizabeth Kay, sugiro que você domestique o animal selvagem que trouxe para o jantar ou deixe-o em casa da próxima vez. Esse comportamento é inaceitável. Conheça seu lugar.

Jennifer sai da sala ao mesmo tempo em que Kennedy me puxa de volta para o meu assento.

Fico de frente para ela, com as pernas abertas, enquanto ela se vira e coloca os joelhos entre os meus.

— Sinto muito — sussurro, lembrando-me da última vez em que tentei defender Kennedy.

Ela dá de ombros, sem nenhum sorriso à vista. — Não é nada de novo.

Inexpressiva, seu rosto assume um aspecto frio, quase vazio. Como se tudo tivesse sido desligado.

— Não sei por que está sendo tão dramática, Kennedy. — Connor se senta à frente, com os braços cruzados sobre a mesa.

Levanto minha mão para impedi-lo. — Não há necessidade de ouvirmos sua opinião neste momento.

Não há literalmente uma única parte dela que esteja sendo dramática. Pelo que parece, ela mal está sentindo a dor que deveria sentir, e mesmo isso não é suficiente para eles. É como se essas pessoas não permitissem que ela fosse outra coisa senão exatamente o que elas querem que ela seja.

Às vezes, também me sinto assim. Por causa de meu próprio precedente, mas ainda assim.

Connor continua. — Você fez a mesma coisa. Eu vi o artigo no jornal. Vocês dois estão juntos há anos, certo? — Ele coloca um braço sobre o de Mallory. — Bem, nós também. Estamos quites agora.

Estamos quites agora.

Foda-se. Ele.

Kennedy nunca foi infiel. Não estamos juntos há anos. Nem mesmo estamos juntos *agora*.

E ela não consegue nem mesmo corrigi-lo.

Aperto os olhos em confusão. — Por que você ainda está falando?

Dean solta um riso baixo. — Porque o cara é obcecado pelo som de sua própria voz.

— Está tudo bem, você sabe. — Ele ainda está falando com ela, porra. — Nós não somos o que um precisa do outro. Você precisava do que quer que tenha encontrado nesse cara que mal consegue se vestir adequadamente, e eu precisava de alguém que pudesse me beijar em público sem ter um colapso mental por causa disso.

— Cale a boca...

— Cale a boca, Connor. Seu babaca pretensioso e arrogante. — Esse é o Dean, azarando minhas palavras e chamando ironicamente seu cunhado de um nome que já usei com *ele* uma ou duas vezes.

— Está tudo bem. — Kennedy se levanta rapidamente, seu corpo ainda ensanduichado entre minhas pernas abertas. — Ele tem razão.

Ela está olhando diretamente para mim, com os olhos pedindo permissão. Permissão para o quê, porém, não tenho certeza absoluta.

— Ele precisava de alguém que o beijasse em público e todos nós sabemos que esse alguém nunca seria eu.

Sua mão pequena se aproxima para acariciar minha bochecha, seu dedo indicador passando sobre a pequena marca de nascença perto do meu olho direito antes de se inclinar e fazer a coisa mais chocante que já fez.

Ela encosta seus lábios nos meus.

Suaves. Cautelosos, mas quentes. Comedida e praticada, como se ela precisasse se tornar a beijadora perfeita antes de tentar pela primeira vez.

Quando percebo, inspiro seu cheiro, sua presença, o movimento.

Seu lábio inferior se aninha no espaço entre os meus e fico muito tentado a sugá-lo para dentro da minha boca e ver que tipo de ruídos eu poderia extrair de sua garganta.

Ela está me beijando.

Kennedy está *me* beijando.

Sua outra mão se aproxima para segurar minha mandíbula antes de seus dedos se moverem para a parte de trás da minha cabeça, segurando meu crânio e me puxando para perto. Seu corpo se encaixa no meu, perfeitamente aninhado entre meus quadris enquanto seus lábios exploram os meus.

Ela trabalha para encontrar um ritmo que lhe pareça adequado, e eu a deixo liderar. Quero que ela tenha o momento de assumir o controle quando não lhe foi permitido nenhum.

Minha palma se curva em torno da parte de trás de sua coxa, roçando em sua pele macia e, aparentemente, o movimento funciona como uma verificação da realidade, porque ela se afasta instantaneamente.

Com as mãos ainda em volta do meu rosto, seus olhos ficam grandes e um pouco selvagens, chocados por ela ter me beijado.

Eu estou chocado com o fato de ela ter me beijado.

— Bem, *droga*. — Dean ri, tomando outra dose. — Parece que Kennedy encontrou alguém que ela realmente quer beijar em público.

A incredulidade total está estampada em seu rosto, os lábios que finalmente toquei agora tremem ligeiramente.

Ela não tira os olhos de mim, mas está se desesperando. Ela foi corajosa, tentando provar um ponto de vista, e agora está se desesperando.

Passo a ponta do polegar sobre seu lábio inferior, forçando meu sorriso característico a aparecer enquanto digo: — Acho que essa é a nossa deixa para sairmos daqui, não?

Ela acena com a cabeça contra meu polegar.

Tomando a iniciativa, coloco minha mão na dela e a conduzo em direção à porta, sem dar tempo a ninguém para dizer algo ruim a ela que acabaria me irritando.

Não quero ficar chateado logo depois de ter tido o melhor beijo de minha vida.

— Sinto muito — ela diz assim que a porta da sala de jantar privada se fecha. Suas mãos voam para a boca. — Não acredito que acabei de fazer isso. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. Você pode me beijar sempre que quiser, Kenny. *Por favor*, beije-me sempre que quiser.

— Isaiah. — Seus olhos se fecham. — Não foi isso que aconteceu...

— Eu sei o que foi isso. Sei que você me beijou para provar um

ponto de vista sobre a merda que ele estava dizendo. Eu adorei, porra. Você quer me usar para calá-lo? Fico feliz em ser voluntário.

Ela abre os olhos, com um sorriso que grita *não posso acreditar que realmente fiz isso*, tentando se abrir.

Meu Deus, ela é muito bonita quando está orgulhosa de si mesma.

Ela passa um dedo sobre a boca, como se quisesse se lembrar da sensação de quando nos beijamos há apenas alguns instantes, e eu estou aqui sabendo que nunca serei capaz de esquecer.

— Mas o que ele disse — ela começa, seu tom é frenético. — Ele não estava errado. Eu... não sei como ser carinhosa. Do jeito que eles foram um com o outro esta noite, eu quero ser assim, mas não sei como. Não sei como ser o tipo de mulher que um homem gostaria de ter.

— Você está fora de si se acha que não é exatamente o tipo de mulher que um homem gostaria de ter. Só porque você não se sente à vontade para demonstrar afeto físico não faz de você menos mulher, Ken.

— Mas eu quero ser. Confortável, quero dizer. Afetuosa.

— Tudo bem — digo suavemente, com calma. — Você vai chegar lá.

Ela mastiga o lábio inferior, os olhos nervosamente encontram os meus, com uma voz tão baixa que tenho certeza de que a ouvi mal quando ela diz: — Você vai me ensinar?

CAPÍTULO 13

Kennedy

— Então você estava em um casamento arranjado.

Essas foram as primeiras palavras que Isaiah me disse desde que saiu do restaurante. Depois que pedi que ele me ensinasse, ele ficou em um silêncio chocado, com a boca ligeiramente aberta. Juro que se passaram minutos em que ele simplesmente me olhou incrédulo antes de dizer: — Preciso que você comece do início. — Em seguida, levou-me até o carro que estava esperando, onde estamos sentados no banco de trás.

— Nunca chegamos à parte do casamento, mas sim. Você pode chamar assim, eu acho.

Ele encosta a cabeça no assento. — Durante todos esses anos, pensei que você estivesse noiva de alguém por quem estivesse apaixonada. Eu teria me esforçado um pouco mais se soubesse.

— Você se esforçou muito. Confie em mim.

Seus lábios se inclinam em um sorriso presunçoso. — Só estou dizendo. Eu teria me esforçado com um pouco mais de seriedade, um pouco mais de concentração, em vez de simplesmente dar em cima de você como um idiota, porque eu sabia que não tinha nenhuma chance.

Isso não teria importado.

Em parte porque Isaiah não é alguém que eu escolheria, mas principalmente porque meus olhos nunca foram abertos dessa forma. Desde muito jovem, eu sabia que me casaria para obter ganhos financeiros ou comerciais. Não havia nenhuma parte de mim que

romantizasse a noção de namorar, apaixonar-me e casar-me com uma pessoa de minha escolha.

Essa liberdade nunca esteve em pauta para mim até agora.

— E você vai? — pergunto a Isaiah novamente, virando-me no banco de trás para encará-lo. — Ensinar-me?

— Porra, Kenny — ele exala, com a palma da mão passando pelo rosto. — Estou muito desnutrido para ter essa conversa agora. Quem, em sã consciência, acha que é aceitável cobrar esses preços por duas porções de comida? Alguém realmente fica satisfeito ao comer em um restaurante tão sofisticado?

— Se eles dizem que sim, estão mentindo.

Ele me observa com o canto do olho. — Você está com fome?

— Faminta.

Ele sorri para si mesmo. — Tenho um lugar em mente. Muito bom. Pode ser difícil conseguir uma mesa em uma sexta-feira à noite, mas vamos tentar.

* * *

— Chili's. — Minha voz não tem nenhuma inflexão quando deslizo para a cabine em frente a Isaiah. — O lugar realmente bom que você tinha em mente é o Chili's.

— Olhe ao redor, Ken. Este lugar está lotado. Tive que pedir alguns favores só para conseguir uma mesa para nós.

— Bem, sorte a minha, eu acho.

— Pensei que talvez minha esposa rica nunca tivesse tido o privilégio de comer no Chili's.

— Eu não comi. — Levanto uma sobrancelha, abrindo o cardápio à minha frente. — Essa é a parte em que você me diz para pedir o que eu quiser e é por sua conta?

Ele zomba. — Absolutamente não. O que você acha? Que sou feito de dinheiro? Você pode pedir o cardápio de dois por vinte e, se for uma boa menina e comer todo o jantar, talvez eu faça uma extravagância e lhe dê um bolo de chocolate derretido de sobremesa.

Não consigo conter a gargalhada absoluta que sai de mim. A pele ao redor dos olhos de Isaiah se enrugua com seu sorriso, escondendo sua marca de nascença.

É perigoso. Esse sorriso. Esse rosto.

Isaiah ganha uma quantia absurda de dinheiro com seu contrato com os Warriors, mas eu decido aceitar, virando meu menu para trás para selecionar a opção com desconto.

Eu não poderia estar mais deslocada em meu vestido Chanel e saltos Louboutin, mas também nunca me senti tão confortável quanto sentada em uma cabine coberta de vinil rachado, rindo com meu *marido*.

Isaiah é bom assim. Sempre sabe como aliviar a tensão ou amenizar uma situação incômoda com um sorriso e uma piada. Às vezes, até mesmo às suas próprias custas.

Nossa comida foi pedida e nossas bebidas entregues, quando Isaiah finalmente pergunta: — Então, o que *exatamente* você quer que eu lhe ensine?

Suas bochechas ficam rosadas com a pergunta. Deve ser ilegal que o convencido Isaiah Rhodes seja tão bonito quando tímido.

Dou de ombros. — Tudo.

Ele imediatamente se engasga com o refrigerante que está tentando engolir.

— Que se dane — diz ele, inclinando a cabeça. — Para minha sanidade, preciso saber se temos definições diferentes de *tudo*.

Engolindo, cruzo as pernas e me endireito na cabine. Essa conversa seria constrangedora se eu estivesse tendo-a com qualquer outra pessoa, mas com todas as coisas estranhas que Isaiah e eu já

estamos fingindo, o que significa acrescentar mais um aspecto ao nosso acordo?

— Eu quero ser normal.

— Você é normal.

— Quero dizer, quero ser boa. — Faço um círculo com a mão para que ele termine a frase, mas ele espera que eu elabore. — Nisso.

— *Foda-se minha vida.* — Com a cabeça inclinada para trás, ele olha para o teto, com o pomo de Adão proeminente em sua garganta. Tenho um desejo insano de pressionar meus lábios contra ele, talvez lambê-lo ou mordê-lo, o que só solidifica o fato de que Isaiah é a pessoa certa para esse trabalho. Sinto-me inegavelmente atraída por ele.

Isso é bom. Mesmo que ele seja péssimo na cama, pelo menos terá uma boa aparência ao fazer isso.

Seus olhos se aquecem quando encontram os meus. — Boa em quê?

Sentando-me para frente, coloco os cotovelos sobre o tampo da mesa, unindo as mãos, como se fosse uma proposta de negócios na vida real. — Pela primeira vez em toda a minha vida, posso namorar quem eu quiser. Bem, depois disso... — Faço um movimento entre nós, esclarecendo. — Quero ser boa nisso. Nunca tive a oportunidade de namorar ou flertar com um estranho ou qualquer outra coisa que as pessoas aprendem aos vinte e poucos anos. Estou prestes a ser empurrada na piscina dos encontros sem nenhuma experiência.

Ele faz círculos nas têmporas com os dedos. — Por favor, não diga *empurrar* neste momento, Kenny.

— Eu só quero me sentir como se tivesse talento natural para segurar a mão de alguém ou aquela coisa que eles fazem nos filmes como se estivessem brincando de pega-pega debaixo de uma mesa. Não quero que alguém possa dizer as coisas que Connor disse esta noite.

— *Foda-se o Connor.*

Sim, que se dane o Connor, mas ele não estava totalmente errado.

— Isaiah — eu exalo, precisando que ele entenda. — Passei minha vida inteira acreditando que nunca teria essa oportunidade e não quero desperdiçá-la simplesmente porque me falta experiência de vida. Se um homem que herdaria uma franquia inteira de hotéis, simplesmente por estar comigo, não conseguiu lidar nem com meus problemas de intimidade, então não posso esperar que um cara novo, aleatório, sem nada a ganhar, também consiga.

Sua mandíbula endurece, os tendões de seu pescoço se flexionam. — Se você parar de se preocupar com homens indignos, talvez comece a perceber que você não é o problema.

— Na verdade, não se trata de mais ninguém — digo a ele. — Quero fazer isso por mim.

Presumo que seja a perfeccionista que existe em mim que sente a necessidade de me destacar antes de ser colocada à prova, mas me recuso a começar uma vida totalmente nova em São Francisco, trabalhando no emprego dos meus sonhos, mas com dificuldades na minha vida pessoal.

— Deixe-me ver se entendi. — Ele entrelaça os dedos no tampo da mesa, espelhando-se em mim. — Você quer praticar *comigo* para ser melhor em sair com *outras* pessoas.

— Exatamente!

Seus olhos se arregalam.

— Merda. Isso soou ruim.

— Não é exatamente o que eu mais gostaria de ouvir. — Ele solta um suspiro derrotado. — Mas você não pediu para estar em outro casamento indesejado. Bem... — Ele balança a cabeça de um lado para o outro. — Você definitivamente pediu. Várias vezes. Implorou-me, na verdade.

Eu sufoco uma risada. — Cale a boca.

Seus lábios se erguem em um sorriso ao ouvir o som. Como se

estivesse orgulhoso de si mesmo por me fazer rir.

Isaiah se recosta na cabine, com a camisa de botão esticada sobre os bíceps, o cabelo perfeito penteado com os dedos sem precisar de nenhum produto. Você teria que ser cega para não achar meu marido atraente, mas o mais importante é que ele é *experiente*.

Muito experiente.

Experiente de uma forma que eu sei que sua pequena paixão por mim não é nada séria. Eu simplesmente já lhe disse não muitas vezes e isso o intriga. Ele quer algo que não pode ter. Ele acabará se cansando de esperar que eu o veja de forma diferente ou passará tanto tempo comigo que sua fantasia de dormir com a única mulher da equipe desaparecerá. Logo ele seguirá em frente.

Tudo isso é perfeitamente aceitável, mas o que eu realmente preciso é da experiência dele.

Isaiah é confiante de uma forma que eu não sou. Ele não tem problemas com o afeto físico. Ele não pensa demais em suas palavras antes que elas saiam de sua boca. É disso que eu preciso. Preciso que ele coloque tudo em mim, para que, quando eu começar a namorar outra pessoa, alguém com um nível médio de autoconfiança e arrogância, seja fácil lidar com isso em comparação com meu marido atual.

Sou uma cientista. Isso é pesquisa. Tentativa e erro.

— Então, o que você quer que eu faça, Kennedy?

Meus olhos percorrem os arredores, certificando-me de que nenhum outro cliente está sentado ao alcance de nossa conversa, mas ainda assim mantenho meu volume em um sussurro. — Eu quero que você me toque.

O olhar de Isaiah se aquece.

— Mas também — continuo — quero tocar você.

— Você quer me tocar?

— Se estiver tudo bem para você.

— Sim — ele diz. — Acho que posso viver com isso. — Apoiando um cotovelo na mesa, ele passa o polegar e o indicador sobre os olhos fechados. — Mas em que contexto você está querendo me tocar? Em público ou em particular?

Essa é uma ótima pergunta.

Batatas fritas e molho são entregues à nossa mesa, então pego uma batata e mastigo, o que me dá tempo para refletir sobre o assunto.

Depois de ver Connor com Mallory e a maneira como as mãos deles se encontraram facilmente esta noite, percebi como um trem de carga que talvez eu nunca me sinta tão à vontade em público. Daí surgiu a ideia de que Isaiah, o homem com quem sou casada, poderia me ajudar a chegar lá.

Há uma grande parte de mim que anseia pelas partes românticas da vida. Ser agarrada e beijada. Que minha mão seja segurada como a tábua de salvação de alguém. Ser ostentada porque alguém me ama por mim, e não pelo ganho monetário que me acompanha.

Mas em particular, não sou diferente.

Não estou totalmente chocada com o fato de Connor ter me traído. Não é fora do comum que os relacionamentos em nosso mundo sejam estritamente de aparência, pois a maioria das uniões se baseia em acordos comerciais. Mas eu tentei. Eu realmente tentei prender sua atenção.

Isaiah não toca nas batatas fritas, apenas se senta e espera minha resposta.

Engulo um gole do meu chá gelado, incapaz de olhar para ele quando digo: — Ambos.

— Jesus — ele exala, caindo de volta na cabine mais uma vez.

— Quero dizer que, em particular, talvez possamos ser os mesmos que somos em público. Estou fazendo isso por mim mesma para que eu possa aprender. Já estamos tentando convencer os outros de nosso casamento falso, então não vejo por que isso precisaria parar atrás de

portas fechadas.

Não sei realmente o que estou pedindo a ele. Não sei onde a linha deve ser traçada. Beijar. Acariciar. Explorar. Deixarei que ele crie suas próprias conclusões e limites sobre isso.

E então ele o faz. — Você está me pedindo para transar com você, Kenny?

Oh.

— Porque eu não sei se posso lidar com isso. Transar com você para que você possa se preparar para transar com outra pessoa.

As sobrancelhas de Isaiah estão franzidas como se ele tivesse ferido seus sentimentos simplesmente por sua própria conclusão. Claro, havia uma parte de mim que achava que o galanteador arrogante aproveitaria a chance se eu lhe pedisse para transar comigo. Uma vez e pronto, para que ele pudesse deixar de lado sua paixãozinha, mas ele parece quase magoado com a ideia.

— Estou... não sei como responder a isso. Acho que ainda não pensei muito sobre isso.

Ele passa a mão no rosto. — Isso tudo é por causa do Connor? Eu vi o modo como você estava olhando para ele esta noite.

— Isso não tem nada a ver com o Connor. Claro, há uma parte de mim que está magoada com tudo isso. Ele me trocou por alguém que era fisicamente o que ele queria e que podia tocá-lo sem pensar muito, mas há uma parte maior de mim que está agradecida por ele ter terminado tudo. Ele me deu a liberdade de ter a vida que *eu* quero. E eu não *o* estava observando. Eu *os* estava observando. Juntos. Quero me sentir confortável e confiante assim. Nunca experimentei a intimidade. Comunicação. Explorar o corpo de alguém e essa pessoa explorar o meu. Tocar alguém que eu *queira* tocar.

Os olhos de Isaiah se suavizam com simpatia, e uma suave expiração sai de seus lábios. — Kenny, você já pensou que talvez o problema não seja você? Que talvez o problema seja que ninguém nunca deixou você se sentir segura e é por isso que você não é

carinhosa?

Oh.

— Eu... não sei. Nunca tive a chance de testar essa teoria.

Ele engole com dificuldade. — Por que, entre todas as pessoas, você quer testar essa teoria comigo?

Há uma pausa pesada entre nós no restaurante lotado. — Porque confio em você. Acho que sempre confiei.

Um leve sorriso se ergue em seus lábios enquanto seus olhos me avaliam do outro lado da cabine. — Eu também sempre confiei em você. Você me pegou chorando no banheiro feminino no primeiro dia e não mencionou isso desde então.

Eu dou uma risadinha. — Você vai me contar sobre o que foi isso?

Sua perna esbarra na minha sob a mesa. É leve, mas intencional, e eu não me afasto.

— Talvez um dia.

Ele coloca o pé em volta do meu salto alto, sua panturrilha roçando a pele da minha perna exposta. Eu me inclino para o toque, brincando de pega-pega com meu marido embaixo da mesa no Chili's.

— Eu farei isso se for realmente o que você quer, Ken.

O garçom nos entrega a comida, ambos pedimos hambúrgueres. O dele com batatas fritas, o meu com um acompanhamento de purê de batatas, porque parecia bom, e eu nunca tinha ido a um restaurante onde se pudesse pedir purê de batatas com hambúrguer.

Isaiah não desgruda sua perna da minha quando começamos a comer.

— É o que eu quero.

— Está bem. — Ele dá uma grande mordida e sorri para mim com a boca cheia de seu hambúrguer.

Faço o mesmo e murmuro com a boca cheia: — Ok.

Passando a mão pela mesa, pego um punhado de suas batatas fritas.

— Com licença.

— O quê? — pergunto. — Nós somos casados. O que é seu é meu.

Ele zomba de forma brincalhona. — Quero compartilhar minha vida com você, Kenny, não minha comida. — Com isso, ele se aproxima e rouba uma garfada do meu purê de batatas.

Arrumo estrategicamente minhas batatas fritas sob o pão, enquanto ele observa com horror no rosto.

— O quê? Deixe-me em paz.

— Lembre-me novamente por que me casei com você.

Dou outra mordida e, usando um vestido de coquetel de US\$ 27.000,00, falo com a boca cheia de hambúrguer gorduroso. — Porque você é obcecado por mim. Lembra?

Sei que a música do nosso casamento está tocando em loop na mente dele, assim como está na minha. Isso se torna evidente graças ao sorriso de conhecimento que ele usa enquanto me observa devorar a comida.

— Você nunca esteve tão gostosa quanto agora, só para você saber.

— Obrigada. — Minha língua se abre para lambar a gota de ketchup que permanece em meus lábios.

Ele rastreia tudo. — *Foda-se.*

O resto da noite continua assim. As pernas dele estão enroladas nas minhas enquanto ingerimos a comida. O jantar é gorduroso, farto e delicioso, e a conversa é leve e provocante, sem mais menções aos meus problemas de intimidade que espero corrigir.

Felizmente, o material do meu vestido é elástico, porque Isaiah pede um bolo de chocolate derretido para a sobremesa que desaparece em um ritmo embaraçosamente rápido, mas é o final do melhor jantar que tive em muito tempo.

A comida, com certeza, mas principalmente a companhia.

CAPÍTULO 14

Kennedy

— Por que exatamente estamos fazendo isso? — pergunto a Miller enquanto nós duas nos colocamos na posição de *downward dog* em meu quarto de hotel em St. Louis

— Supõe-se que a ioga seja boa para o estresse.

Pendurada de cabeça para baixo, olho para ela. — Você está estressada?

— Não. Mas você deve estar. Afinal, você é casada com meu cunhado.

Uma gargalhada brota instantaneamente de mim, e ela só aumenta quando Max, sobrinho de Isaiah, espelha nossa posição, com as mãos e os pés no chão e o traseiro no ar.

— Bom trabalho, Bug! — Miller incentiva. — Você é melhor do que eu e a tia Ken!

Miller e Kai têm se referido a mim como tia Ken há algum tempo. Agora que, legalmente, eu sou, parece um pouco diferente.

De frente para a janela, do lado oposto da porta, eu me inclino para me esticar. Estamos na estrada há mais de uma semana, e meu corpo está sentindo a rigidez dos voos constantes e de dormir em uma cama que não é minha.

Não consigo imaginar como Isaiah está se sentindo. Bem, na verdade, eu consigo. Tive de trabalhar as costas, os ombros e os quadris dele antes de cada jogo, porque ele insiste em dormir no chão. Ofereci a cama para ele. Ofereci-me para compartilhar. Mesmo assim,

ele fica no chão todas as noites.

Já faz mais de uma semana que pedi que ele me tocasse, que me ensinasse a tocá-lo, e ele ainda não tentou nada.

Miller tem razão. Estou estressada por estar casada com o cunhado dela, porque fiquei atenta, ansiosa e nervosa, a semana inteira, esperando que ele tentasse alguma coisa. *Qualquer coisa*.

Não sei o que ele está esperando, ou talvez tenha mudado de ideia.

Há uma parte incômoda do meu cérebro que está me repreendendo por ter pedido a ele que me ajudasse em primeiro lugar. Eu deveria ter feito o trabalho sozinha. Ter ido à terapia. Lidar com meus problemas sozinha, sem envolver outra pessoa. Eu deveria ter me consertado em silêncio.

— Está bem, sim. Que se dane isso. — Miller se ajoelha, sentando-se sobre os calcanhares, mas eu continuo a me alongar, estendendo os calcanhares e alongando as panturrilhas e os isquiotibiais.

A porta se abre atrás de mim enquanto estou em minha pose e olho através de minhas pernas para encontrar Isaiah encostado no batente da porta de nosso quarto de hotel, com os braços cruzados sobre o peito, um sorriso atrevido nos lábios e os olhos em minha bunda.

O sangue corre para minhas bochechas e não apenas porque estou de cabeça para baixo.

Mesmo assim, não quebro minha postura. Em vez disso, eu me estico mais, com a bunda à mostra o máximo que posso, porque, pela primeira vez desde que o conheço, quero tentar meu marido.

Isaiah solta um riso baixo, murmurando: — Foda-se a minha vida. — A voz baixa o suficiente para que seu sobrinho não o ouça.

— Aí está o meu garoto. — Kai vai direto para o seu filho, agarrando-o de brincadeira, lutando com ele no chão e cobrindo seu rosto de beijos. Ele se aproxima, passa um braço pelos ombros de

Miller e a puxa para a pilha deles. — E a minha garota.

As risadas de Max enchem o quarto.

Caio em meu tapete de ioga e não consigo deixar de sorrir ao vê-los. Max mudou completamente a vida de Kai, e Miller virou o mundo dos dois meninos de cabeça para baixo no verão passado. Da mesma forma, esses meninos também a mudaram, e eu não poderia estar mais feliz pelo fato de minha amiga ter encontrado tudo o que estava faltando.

Olho de volta para Isaiah, esperando encontrá-lo observando sua família, mas em vez disso, seus olhos estão grudados em mim.

— O que foi? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

Miller se senta. — Kennedy, o que você irá vestir hoje?

Aponto para a legging e o moletom em meu corpo, confusa. — Isso.

— Você não vai sair para o aniversário do Cody? — pergunta Kai.

— Não.

— Espere. Por que não? — Isaiah se estica em seu lugar na porta.

— Porque eu nunca saio com a equipe.

— Sim, mas eu viajei de avião para isso — diz Miller.

Eu rio. — Você voou porque Kai estava tentando voar para casa no nosso dia de folga para ver você, mas Monty não deixou.

Miller dá de ombros. — Bem, sim, isso também.

— Ken — diz Isaiah. — Ninguém vai lhe dar uma bronca por sair conosco. Somos tecnicamente casados. Seria mais estranho se você *não* saísse conosco.

— Sim, você deve ir. — Kai se deita no chão, segurando as mãos de Max enquanto ele caminha sobre seu estômago. — Até eu vou. — Ele faz cócegas em seu filho. — O menino Maxie vai ficar com seu avô

Monty hoje à noite, não é?

Max dá risada novamente, dobrando as mãos do pai em gargalhadas.

Eu tinha planejado uma noite inteira. Ia terminar minhas palavras cruzadas, usar uma nova máscara facial e ir para a cama às 21h30, pois amanhã tenho um que estar cedo no campo.

Mas também estou experimentando coisas novas. É disso que se tratam os próximos meses e ser espontânea, fazendo algo que não está marcado em minha agenda para o dia, seria muito novo para mim.

— Tudo bem — eu digo. — Acho que vou.

— Essa é a minha garota! — Miller se levanta do chão entusiasmada. — Vejo você daqui a pouco. Tenho cervejas estocadas no frigobar do quarto do Kai, então venha pegar uma quando estiver pronta!

— Claro que sim, porra. — Kai dá um tapinha no ombro do irmão enquanto os três saem do nosso quarto.

Isaiah mantém seus olhos em mim. — Então, você vai sair comigo hoje à noite. *De boa vontade*, devo acrescentar.

— É o aniversário do Cody.

— Cody, *meu* melhor amigo. — Ele dá um passo mais perto, para dentro do quarto, e eu não saio do meu lugar.

— E Miller está na cidade.

— *Minha* cunhada. — Outro passo em minha direção.

— Você realmente precisa fazer isso ser por você, não é?

— Claro que sim. — Aquele sorriso oportuno faz sua aparição. — Acabe com meu sofrimento, Kenny, e me diga que está indo por mim.

Essa frase poderia ser interpretada de uma maneira totalmente diferente e, por mais que eu tente não imaginar o significado alternativo, ainda sinto minhas bochechas quentes.

— Estou experimentando coisas novas, lembra? — Levanto uma

sobrancelha. — Ou você se esqueceu? Porque parece que você pode ter esquecido.

Sua cabeça cai em gargalhadas. — Confie em mim, Ken. Não há um segundo que tenha se passado na última semana em que eu tenha me esquecido das coisas novas que você quer experimentar.

— Isso é estranho. Porque eu estava esperando que você se lembrasse.

— Eu sei que sim.

— Então, quando você vai fazer algo a respeito disso?

— Quando você menos esperar.

Mas agora estou sempre esperando por isso. Toda vez que estamos no mesmo quarto, estou esperando. Não, *esperar* não é a palavra certa. Estou *querendo* que ele tente alguma coisa.

Levanto o pescoço para olhar para ele. Ele está invadindo meu espaço, meu peito está quase na altura de seu estômago. Isaiah move suavemente meu cabelo para trás das minhas orelhas, segurando minha mandíbula, seus polegares acariciando lentamente minhas maçãs do rosto. Seus olhos castanhos brilhantes saltam por todo o meu rosto, absorvendo-me. As pontas de seus dedos seguram minha nuca. Sua respiração se espalha sobre minha pele.

Minha pulsação está acelerada, batendo loucamente com a expectativa, e só aumenta quando ele lambe os lábios e se inclina.

Com os olhos fechados, respiro fundo, esperando, aguardando, mas em vez disso, ele arrasta os lábios pela minha mandíbula até que sua boca encontre minha orelha. — Lição número um, Kennedy. Você não pode anotar o afeto em sua agenda, então pare de pensar demais nisso.

Ele termina com um beijo casto no ponto de pulsação sob minha orelha, e eu fico ofegante por esse homem.

A inclinação de seus lábios indica que ele sabe que a situação mudou. Nós dois estamos cientes de que, pela primeira vez desde que

nos conhecemos, *estou* esperando por ele, e não o contrário.

E ele adora isso.

Não sei se consigo lidar com a espontaneidade. Se dependesse de mim, programaria uma hora por dia em que eu saberia que ele estaria me tocando.

Isaiah contorna meu corpo até sua mala aberta, tirando suas roupas para esta noite, colocando uma calça cáqui na cama, seguida de uma camiseta vermelha brilhante e sua jaqueta verde-oliva. Em seguida, ele tira uma cueca boxer limpa e duas meias. Uma azul-marinho e a outra preta.

Talvez eu devesse deixá-lo sair com essa roupa.

Talvez outras mulheres se afastem do homem que se veste como se fosse Natal em abril.

Mas é isso que eu quero?

Surpreendentemente, acho que quero que outras mulheres fiquem longe dele. O que é lamentável para mim, porque sei que, independentemente do que o cara esteja vestindo, as mulheres nunca conseguem ficar longe de Isaiah Rhodes.

Ele tem um sorriso maroto nos lábios quando diz: — Então, agora que eu segurei sua mão e você segurou a minha, devemos avançar para a aula de banho juntos ou você quer ir primeiro?

Ele se dirige ao banheiro com um brilho malicioso nos olhos, e tudo em que consigo pensar é se essa é ou não uma lição que ele planejou.

Acho que não me importarei em aprender uma ou duas coisas com meu marido.

Limpo minha garganta. — Você vai na frente primeiro.

Parado na minha frente, sem se mover um centímetro, ele passa a mão sobre a cabeça e tira a camisa. Isaiah nem se dá ao trabalho de agir como se não quisesse que eu visse cada centímetro dele, e não tento esconder meu olhar.

— Os olhos estão aqui em cima, esposa.

— Sou médica, Rhodes. Na verdade, sou formada em anatomia. Sei onde seus olhos estão localizados. Só não quero saber agora.

Mantenho minha atenção nas linhas de seu estômago, na forma como elas se enrolam e se movem com sua risada. Quero tocá-las. Meus dedos estão ansiosos para fazer contato, para testar o calor de sua pele, para se espalharem contra os planos bronzeados e tonificados de seu estômago.

Mas eu não faço nada, porque sou covarde.

Isaiah estende a mão para mim, segurando meus pulsos com delicadeza. Olhando para cima, vejo que ele está me observando atentamente.

Ele aproxima minhas mãos de seu corpo, pressionando as palmas das mãos em seu estômago e, assim que fazemos contato, ele inspira com força.

— Desculpe, mãos frias. — Tento me afastar, mas ele me mantém conectada a ele.

— Mãos perfeitas.

Oh.

Sua pele é quente, seu estômago é esticado. Ele é grande, elevando-se sobre mim, e minhas mãos parecem comicamente pequenas em comparação com seu corpo. Essas são coisas que não noto no trabalho, porque por que eu notaria? Nunca notei a forma como sua respiração se contrai quando passo meus dedos sobre ele ou como sua pele bronzeada contrasta agradavelmente com minha pele clara.

Passo as palmas das mãos lentamente sobre seu abdômen, curvando-me sobre seus oblíquos.

Sua respiração fica irregular quando ele se aproxima de mim.

Deslizando minhas mãos pelas costas dele, Isaiah envolve meus ombros em um abraço.

— É uma sensação boa — diz ele calmamente, com a bochecha encostada na minha.

— Mesmo? — Lentamente, movo as palmas das mãos para cima e para baixo ao longo de sua coluna vertebral, esfregando suas costas.

— Mm-hmm. Não precisa esperar por mim, Kenny. Você pode me tocar sempre que quiser, ok? Não pense demais nisso.

Aceno com a cabeça para ele.

Seu aperto em mim não se afrouxa para me soltar. Em vez disso, ele me abraça com mais força.

Não me lembro da última vez que alguém me abraçou. Talvez na última temporada, quando Miller me abraçou na sala de treinamento. Aquilo foi legal. Inesperado, mas legal.

Isso é diferente daquele abraço. Aquele parecia que eu era amiga de alguém. Este parece que sou tudo para alguém.

Mantendo os braços cruzados sobre meus ombros, ele aproxima seus lábios da minha orelha. — Estou feliz por você estar saindo conosco esta noite.

— Talvez você mude de ideia sobre isso quando perceber que ter sua esposa por perto provavelmente será um bloqueio total para você.

Ele não ri da minha piada. — Por mim, tudo bem. Eu preferiria ficar com você a noite toda, de qualquer forma. — Isaiah encosta seus lábios no topo da minha cabeça. — Mas agora eu preciso tomar um banho muito longo e muito frio depois de ter suas mãos em mim, então obrigado por isso.

Com isso, ele me solta do abraço e vai para o banheiro.

Não sei até que ponto é verdadeira a afirmação de que ele preferiria estar comigo, mas gosto da possibilidade de que seja. Porque, admitida e surpreendentemente, Isaiah Rhodes está longe de ser minha pessoa menos favorita.

Espero até ouvir a água correr antes de pegar a meia azul-marinho da pilha de roupas na cama e procurar sua companheira na

mala de Isaiah, dobrando-as juntas. Em seguida, pego a meia preta e a coloco sobre a cama para que ele a use esta noite.

CAPÍTULO 15

Isaiah

O clube de blues no Delmar Loop oferece uma noite de R&B contemporâneo uma vez por semana. Acontece que essa noite cai no aniversário de Cody e, é claro, o aniversariante sabia de tudo ao planejar sua própria noite.

Travis e eu tentamos assumir a coordenação, mas Cody insistiu, não confiando em nenhum de nós para o trabalho. Não o culpo. Afinal, ele é o planejador do nosso time, sempre arrumando algo divertido para os garotos fazerem nos nossos dias de folga.

O clube escuro e úmido está lotado, mas felizmente há um canto isolado para termos nosso próprio espaço.

Foi ali que passei a noite toda. Sentado em um sofá de veludo com uma visão perfeita para observar minha esposa no meio da multidão, balançando aqueles belos quadris, com um sorriso estampado naquela boca perfeita. Ela está dançando com Miller e, graças aos meus amigos e colegas de equipe que cercam as duas pessoas, ninguém tentou invadir o espaço dela.

Sua pequena bolha segura para se divertir.

Esta última semana tem sido uma tortura desde que Kennedy me pediu para tocá-la. Em que realidade alternativa estou vivendo para que minha falsa esposa, por quem tenho sentimentos, *pediu-me para tocá-la?*

Fiquei tentado a fazê-lo a cada segundo de cada dia durante a última semana, mas ela tem estado tão atenta, tão nervosa, que nada disso pareceria natural se eu o fizesse. Se ela soubesse que eu iria

beijá-la, ela teria feito o típico comportamento de Kennedy de se preparar e pensar demais.

Ela quer aprender para estar pronta para sair com outras pessoas.

Que se dane isso.

Ela pode achar que estou de acordo com esse plano. Ela pode acreditar que estou feliz em ajudá-la, mas ela não precisa aprender a se sentir confortável com outro homem tocando-a.

Do meu jeito de ver, nenhum outro homem jamais o fará.

E, para completar, quando saí do chuveiro, ela explicou as cores das roupas que escolhi para vestir esta noite e me deu outras opções, caso eu quisesse escolher outra coisa. Ela nem sequer está tentando evitar que eu me apaixone por ela.

— Ei, cara. — Kai se senta ao meu lado e me entrega uma cerveja. Essa é a minha segunda e última cerveja da noite, já que vamos jogar amanhã. — Você parece feliz.

— Estou sempre feliz.

— Não, você não está. Você pode sempre *parecer* feliz, mas nem sempre está feliz. Esta noite, porém, você está.

Encontro minha ruiva favorita no meio da multidão, com bastante espaço ao seu redor. Ela parece estar fora de si pela primeira vez esta noite, e só isso já me faz sorrir.

— Acho que você está certo sobre isso.

Cody desliza para o sofá do meu outro lado. — Acabei de dar uns amassos na garçonete do bar.

— Muito bem, aniversariante!

— Ela usou muita língua, mas agora estou recebendo bebidas de graça pelo resto da noite. — Ele encolhe os ombros como se isso fosse a coisa mais comum do mundo para ele.

As pessoas amam o Cody, e o Cody também as ama, mas o cara nunca vai se acomodar com uma única pessoa. Diz que tem muito

amor dentro de si para não o compartilhar.

Somos os dois da equipe que nunca tiveram problemas em chamar a atenção, mas a diferença entre mim e ele é que eu sempre soube que um dia gostaria de ter algo sério e duradouro. Quero o que meu irmão tem, mas a única pessoa por quem tive interesse estava noiva de outra.

Até que não estava mais.

— Ei — diz uma mulher do outro lado da corda, de frente para mim. — Eu sou a Lacey.

A música é suave, então não preciso gritar para ser ouvido como normalmente faço quando Cody nos arrasta para uma boate. — Prazer em conhecê-la, Lacey.

Posso sentir Kai e Cody me observando de longe, com sorrisos estúpidos de conhecimento em seus rostos, porque todos sabemos que essa é a primeira vez que dou em cima de alguém desde que me casei.

— Você ficou nesse sofá a noite toda. Eu estava esperando que você saísse para a pista de dança.

— O que posso dizer? Este sofá é excepcionalmente confortável.

Ela dá uma risadinha. — Você poderia vir dançar comigo, por favor?

Minhas sobrancelhas se erguem. Não sei por que, mas não esperava que ela fosse tão direta. Aperfeiçoei a arte das decepções indiretas nos últimos nove meses, e agora ela não está me dando a chance de fazer isso de forma sutil.

Mas não tem problema. Tenho uma aliança de metal preto no meu dedo que é tudo menos sutil.

Levanto minha mão esquerda para mostrar a ela. — Eu já tenho uma parceira de dança. Desculpe, Lacey.

Não me arrependo nem um pouco disso.

Olhando por cima do ombro dela, de volta para a multidão, vejo Kennedy olhando para mim e para a minha mão exibida da pista de

dança.

Dou uma piscadela para minha esposa, mas ela rapidamente desvia sua atenção para Miller.

Lacey se volta para Kai, e ele levanta as duas mãos em sinal de rendição, recusando-se a fazer contato visual. — Eu poderia muito bem-estar usando uma dessas coisas. — Ele acena com a cabeça para o meu anel. — E você provavelmente deveria parar de olhar para mim. Minha noiva é meio assustadora quando fica com ciúme.

Ela então tenta a sorte novamente, voltando-se para Cody. — Que se dane — diz ele, levantando-se do sofá. — A terceira vez é um encanto, não é, Lacey?

Com isso, ele a segue até a pista de dança.

— Você está ferrado — murmura Kai ao meu lado.

— Cale a boca. Você também.

— Sim, bem, a diferença é que Miller está igualmente ferrada. Kennedy, por outro lado, está planejando uma mudança para São Francisco e pensando em todos os caras que ela vai namorar depois de se divorciar de você.

— Ela não vai namorar ninguém. Só preciso dos próximos meses para informá-la disso.

— Seu merdinha inútil. — Kai joga seu braço sobre meu ombro. — Eu amo você.

— Também amo você.

— Ei, preciso lhe contar uma coisa, mas não posso falar muito sobre isso ou vou começar a chorar, e não estou tentando chorar no clube esta noite.

Eu me viro para encará-lo, notando o tom sério em sua voz e o sorriso suave em seus lábios.

— Miller e eu estamos conversando sobre tentar um segundo.

— Mesmo? — A empolgação é evidente em meu tom.

— Sim, mas... — Ele limpa a garganta, a emoção é evidente. — Ela está preocupada em como Max se sentirá ao ter mais um bebê, e que ele seja biologicamente dela. Ela não quer que ele cresça sentindo que não é suficiente ou que precisa de um filho, quando Max também é dela, entende?

Eu posso entender isso. Um dia, Max saberá que Miller não é sua mãe biológica. Mas ele também saberá que, embora sua mãe biológica não quisesse ser mãe, Miller não poderia viver sua vida sem ele.

— Antes de começarmos a tentar, Miller quer se tornar sua mãe. Legalmente, quero dizer. Eu só queria que você soubesse que Ashley abriu mão de todos os direitos parentais e que estamos dando entrada na papelada para a Miller adotar o Max.

Meus olhos ardem imediatamente. Porra, eu amo esse garoto. Também adoro o fato de ele ter os dois melhores pais do mundo que não querem nada além de garantir que ele saiba o quanto é querido e escolhido.

— Ele tem sorte, você sabe. Por ter vocês dois, mas sim, você tem razão. — Limpo minha garganta, soando tão sufocado quanto ele. — Não podemos continuar falando sobre isso aqui.

Kai engole um gole de sua cerveja e eu me concentro em arrumar minha camisa que não precisa de conserto.

Felizmente, Travis interrompe o momento. — Aquele cara acabou de tentar dançar com a Miller, e ela disse a ele que se ele a tocar novamente, ela vai dar uma joelhada nas bolas dele.

Um sorriso se espalha no rosto de Kai. — Essa é a minha garota.

Levantando-se do sofá, ele se dirige à pista de dança escura, mas graças à sua altura, consigo segui-lo com os olhos. Observo quando ele encontra Miller e passa um braço possessivo ao redor dela. Também observo quando Cody entrega uma dose a Kennedy e implora que ela a tome com ele. Há um limão na borda, então só posso presumir que é a mesma bebida que a convenceu de que era uma boa ideia se casar comigo.

Ela faz uma careta quando a bebida desce pela garganta, então acho que a boa notícia é que pelo menos ela não está no ponto de achar que é água.

Os vocais do vocalista principal são lentos e sensuais. A música é suave e romântica. Eu poderia ficar sentado aqui a noite toda, observando Kennedy balançar lentamente ao ritmo, usando aquela calça de couro justa e um suéter justo e curto. Seus braços e pernas estão totalmente cobertos, incluindo as botas de salto alto que ela usa, mas aquela lasca de pele sardenta que aparece acima do umbigo toda vez que ela se move tem me tentado a noite toda.

E quando estou olhando para a cintura dela, observando a maneira como ela se move ao som da música, uma mão que não é dela nem minha desliza contra sua barriga pálida, com os dedos se espalhando por toda a sua barriga.

Minha visão fica embaçada quando descarto minha cerveja, voando do sofá para pular a corda da barreira, desviando da multidão e encontrando meu caminho até ela.

Quando finalmente chego à frente, onde está o nosso grupo, o cara não está mais lá. Meu irmão também não está presente, então só posso supor que ele tenha resolvido esse problema para mim.

Mas Kennedy ainda está aqui, de costas para mim e com os cabelos castanhos caindo em ondas soltas. Ela não está mais dançando, seus olhos estão correndo freneticamente pela área, e eu me permito acreditar que ela está me procurando.

Por trás, coloco minha mão em sua cintura, exatamente onde a mão de outra pessoa estava.

Ela se sacode instantaneamente para fugir.

— Sou eu, Kenny. — Eu a puxo de volta para o meu peito, curvando-me para falar baixinho em seu ouvido.

Seu corpo para de lutar contra mim e, em vez disso, derrete-se ao meu toque.

— Você está bem? — Ela acena com a cabeça. — Você quer ir

embora?

Ela balança a cabeça, com a mão estendida para segurar meu antebraço, como se estivesse silenciosamente me dizendo para manter meu braço ali, enrolado em volta dela.

Eu a inspiro enquanto a música continua, essa garota da qual tive que manter distância a maior parte da noite. Há uma parte de mim que tem medo de ir rápido demais, de pressioná-la muito rapidamente por causa do tempo que eu quis isso. Seja o que for que façamos, ela terá de marcar o ritmo.

Cody aparece na nossa frente com um sorriso sorrateiro nos lábios e outra dose na mão para Kennedy.

— Absolutamente não — digo a ele. — Pare de tentar embebedar minha esposa. Ela é conhecida por tomar decisões muito ruins enquanto bebe tequila.

— Alguém tem que se divertir hoje à noite e todos nós jogaremos amanhã.

— Ela também trabalha amanhã. O que aconteceu com aquela garota com quem você estava dançando?

— Lacey? Acontece que a terceira vez definitivamente não foi a melhor. — Cody vira a dose de líquido transparente. — Não conte ao Monty.

— Lacey, hein? — Kennedy pergunta quando estamos apenas nós dois na pista de dança lotada novamente.

— O quê?

— Ela era a morena que estava dando em cima de você enquanto estava no sofá?

Um sorriso de conhecimento se esgueira por meus lábios, mas ela não consegue vê-lo, pois estamos ambos de frente para o palco. — Eu não saberia dizer qual era a cor do cabelo dela, e eu a peguei aqui me observando, esposa.

— Eu olhei para lá por acaso naquele exato momento, só isso. Ela

era bonita.

— Ela não é você.

Posso sentir Kennedy revirar os olhos, mas ainda assim ela abaixa a cabeça de volta para o meu peito.

A boate é escura. É impossível não se mexer com a música. Balanço levemente os quadris e Kennedy balança comigo, com a cabeça em meu peito e a mão em meu antebraço.

Coloco meus lábios em seu cabelo enquanto a música toma conta, seu corpo se derretendo no meu.

Quando ela está trabalhando e se preparando, não consegue relaxar, pensando demais em cada pequeno contato. Mas agora, com a guarda baixa, ela tem um talento natural para isso.

Continuamos a nos balançar enquanto meus dedos se espalham por sua barriga, o mindinho brincando com o cós de sua calça de couro e o polegar passando a mão no tecido de renda da parte de baixo de seu sutiã.

Ela estremece contra mim.

— Diga-me para parar.

Ela balança a cabeça, seu corpo caindo completamente no colo de meus braços.

Passo a mão sobre sua barriga, envolvendo-a e curvando-a sobre sua cintura e segurando-a contra mim.

Ela permanece ali, com um braço pendurado ao lado do corpo e o outro segurando meu antebraço, como se não tivesse ideia do que fazer a partir daqui.

— Faça o que lhe parecer melhor — sussurro no espaço escuro.

Kennedy passa a mão pelo meu antebraço que a segura, sua palma encontra as costas da minha mão antes de mergulhar seus dedos no espaço entre os meus, entrelaçando nossas mãos enquanto eu a seguro.

— Mmm, eu adoro isso.

— Sérico? — ela pergunta por cima do ombro.

Também passo meu outro braço por sua cintura, com os lábios tocando a concha de sua orelha enquanto danço com ela. Com um pouco mais de confiança, Kennedy levanta a mão pendurada ao lado do corpo, catalogando mentalmente o que quer fazer com ela, mas em vez disso, deixa-a cair de volta na coxa, rígida e desconfortável.

— Estou confusa — ela admite.

Dou uma olhada rápida na sala. Não consigo ver muita coisa graças à multidão e à escuridão, mas encontro um canto vazio nos fundos.

— Venha comigo. — Mantenho nossas mãos entrelaçadas enquanto a levo para o canto escuro.

Há um banco de bar esperando, então eu me sento, puxando-a para ficar entre minhas pernas abertas.

Estamos quase olho no olho com essa altura, e eu a encaro diretamente quando digo: — Toque-me como quiser.

Suas sobrancelhas se franzem, seus olhos quase adquirem um brilho lustroso, e eu não sei se é porque ela está envergonhada ou o quê.

Ninguém está olhando, todos estão de costas para nós enquanto ouvem a banda ao vivo tocar na frente deles.

Kennedy me estuda, pesquisando e tentando descobrir a melhor maneira de começar.

— Não pense demais, Ken.

Ela levanta as mãos, mas imediatamente as deixa cair sobre meus joelhos com um tapa.

Meu peito dispara.

— Não ria de mim.

— Não estou rindo de você, baby. — Afastando seu cabelo do

rosto, coloco-o atrás de suas orelhas. — Só acho engraçado que você esteja tão concentrada agora, enquanto estou aqui desesperado para que você me toque e sabendo que não há nada que você possa fazer que eu não vá gostar.

Seus olhos castanhos me olham por entre os cílios. — Sêrio?

— Prometo. Pense nisso como parte de nosso jogo. — Primeiro, deixo minhas mãos encontrarem a parte externa de suas coxas, com os dedos trabalhando para puxá-la para mais perto. — Vamos jogar.

Kennedy se aproxima de mim, com as palmas das mãos subindo pelas minhas pernas e os polegares deslizando pela costura interna da minha calça.

Eu gostaria de dizer que tenho tudo sob controle. Que já fui tocado por mulheres suficientes para lidar com o fato de que os polegares da minha esposa estão languidamente traçando um caminho direto para o meu pau, mas estaria mentindo se dissesse que estou quase calmo ou controlado neste momento.

— Está tudo bem? — pergunta ela, com as mãos indo para a parte superior das minhas coxas.

Minha voz está tensa. — Mais do que bem.

Ela está observando suas mãos enquanto elas se movem sobre minhas coxas e juro por Deus que sei que ela pode ver, mesmo através da escuridão, que estou meio duro e necessitado pra caralho.

Isso. É por isso que eu não dormi na cama com ela, porque ela está me tocando inocentemente e estou aqui ficando com tesão por causa disso.

À medida que suas mãos sobem pelas minhas pernas, meus dedos se agarram aos seus quadris, agarrando-se a ela com toda a força, e quando ela está a apenas cinco centímetros do ponto em que meu corpo mais precisa de sua atenção, ela tira as mãos.

Meus pulmões encontram um pouco de oxigênio novamente quando ela passa para os meus antebraços, fazendo o mesmo caminho para cima. Ela para na dobra do meu cotovelo. — Você pode tirar

isso? — pergunta, referindo-se à minha jaqueta.

— Você pode tirá-la para mim.

Ela tenta esconder o sorriso deslizando o lábio inferior entre os dentes e, porra, se eu não quero tirá-lo dali e colocá-lo entre os meus.

Eu estou ansioso por outro beijo, um beijo de verdade.

As mãos de Kennedy pressionam minha camisa, suas palmas deslizam pelo meu peito até que seus dedos mergulham sob minha jaqueta, empurrando-a sobre meus ombros. Seu corpo cai sobre mim quando ela a alcança, mas eu a ajudo, soltando meus braços e deixando minha jaqueta cair sobre o banco.

Ela não se mexe, seus quadris se acomodam em mim, nossos peitos igualmente pulsantes a poucos centímetros um do outro.

Mais uma vez, fico esperando por ela. Ela observa, seus olhos percorrendo cada centímetro do meu corpo.

A escuridão a está ajudando. O canto escondido e a música melódica também.

As mãos de Kennedy encontram meu peito, deslizando sobre meus ombros e minha nuca, até que ela me abraça, com a bochecha encostada na minha.

Curvando-me, beijo a parte superior de seu ombro e depois a pele macia de seu pescoço enquanto minhas mãos a envolvem, com os dedos tentando e brincando com o material de sua calça logo acima de sua bunda.

— Você ainda está bem? — eu sussurro.

Ela acena com a cabeça para mim. — Eu gosto de tocar em você.

— Gosta? — Deixo minhas mãos caírem um pouco mais para o sul.

— E eu gostaria que você me tocasse também, Isaiah.

Foda-me.

Meus lábios estão brincando com a concha de sua orelha quando

solto minhas mãos e as deixo deslizar sobre sua bunda, apertando e amassando.

Ela cantarola em meu ouvido, seus braços se apertam ao meu redor.

— Você gosta disso, Ken. — Eu a agarro novamente.

Sua respiração é irregular, seu corpo se contorce contra mim. — Sim.

Poderíamos culpar a música pela forma como nossos corpos estão se balançando um contra o outro, mas ambos sabemos que poderia haver silêncio absoluto aqui e estaríamos fazendo a mesma coisa.

Dessa vez, quando a pego, deixo meus dedos mergulharem até a dobra onde sua bunda encontra as coxas e traço a linha com as pontas dos dedos.

Os quadris de Kennedy rolam sobre mim, essa deliciosa fricção entre o topo de suas pernas e meu pau.

Não há mais nada meio duro em mim. Estou sofrendo, dolorosamente tenso por ter essa mulher em cima de mim.

Com meu rosto escondido em seu pescoço e encoberto por seus cabelos, eu a inspiro, agarrando a parte inferior de uma de suas pernas, colocando seu joelho dobrado sobre minha coxa. Eu a deixo de pé em um pé só, mas metade em cima de mim.

— Isaiah.

Meus lábios encontram sua garganta. — Você ainda está bem?

Ela rebola os quadris. — Deus, isso é bom.

Noto o momento em que seu clitóris ganha atrito, porque ela está uma bagunça trêmula contra mim. Estou a dois segundos de agarrar sua outra coxa para fazê-la me abraçar. Eu conseguiria movimentar seus quadris e, em pouco tempo, ela estaria gozando, ainda totalmente vestida, em meu colo.

E, mais uma vez, é por isso que estou dormindo no maldito chão. Não consigo me controlar com ela.

Diminuo um pouco a velocidade das coisas, com a mão em volta da cintura dela para segurar seu quadril e evitar que ela se enrosque em mim. Ela se afasta para olhar para mim, com confusão estampada no rosto, e não consigo mais me conter.

Com a outra mão segurando sua bochecha, eu a puxo até que minha boca se choque com a dela.

Ela geme contra mim e, ao contrário da última vez, *eu* dou o ritmo.

É frenético e carente.

Deus, sua boca é macia. Ansiosa também, como se tivesse esperado a vida inteira para beijar alguém do jeito que está me beijando.

Enquanto meus dedos se enroscam nos cabelos castanhos, a língua de Kennedy lambe levemente meu lábio inferior, e o gemido de necessidade que sai da minha garganta pode ser o som mais desesperado que já fiz.

Ela sorri para mim, minha esposa que não faz ideia do quanto eu queria isso. *Desejei isso. Sonhei com isso.*

Seus lábios se separam, sua língua – sua língua *perfeita* – desliza contra a minha e, dessa vez, é Kennedy que geme em minha boca.

Meu Deus, eu vou perder o controle. Vou gozar com um beijo e uma perna pendurada no meu colo. Mas a maneira como sua boca se move, a maneira como sua língua desliza, ela não precisa aprender nada sobre beijos, isso é certo.

A experiência é sexual demais para ser apenas um beijo. Parece que estamos transando um com o outro com nossas bocas e quando as unhas de Kennedy raspam na minha nuca, quando ela puxa as pontas do meu cabelo, tenho que me afastar.

— Porra, Kenny — sussurro, com a testa encostada na dela.

— Tudo bem?

Não posso deixar de rir de minha incredulidade. — Cale a boca.

— Puxando seus quadris para mim, certifico-me de que ela sinta o quanto estou duro. — Você sabe que foi mais do que bom. Foi absolutamente perfeito.

— Eu gosto de beijar você.

— Mmm, qual foi a sensação dessas palavras saindo de sua língua?

Ela sorri contra meus lábios. — Como ácido.

Eu estou tão ferrado.

Em que mundo ela acha que vai começar a sair com outra pessoa depois disso? Depois de mim?

Sem a menor chance.

Para ter certeza disso, eu me inclino, tomando sua boca mais uma vez. Desta vez, é mais suave, enquanto minha palma percorre sua coluna, sobe e passa por cima de seu ombro para deslizar ao longo de seu braço esquerdo. Paro quando encontro sua mão segurando minha nuca.

Cubro a dela com a minha, brincando com a aliança em sua mão esquerda enquanto nos beijamos no canto de trás da boate escura.

Ela quer intimidade? Isso parece íntimo pra caralho.

Alguém pigarreia ao nosso lado, alto o suficiente para que paremos, mas Kennedy ainda está meio em cima de mim, com a perna sobre meu quadril. Tenho um braço em volta de sua cintura, minha outra mão ainda dobrada para segurar a dela.

Sua testa está encostada na minha quando olhamos para o lado e encontramos Kai, Miller, Cody e Travis nos observando com expressões variadas. Kai e Travis têm olhos arregalados e incrédulos. Miller está rindo e o aniversariante está nos dando dois polegares para cima na parte de trás do grupo.

Kennedy se endireita, ajeitando o suéter curto e reajustando a calça de couro.

— Os carros estão aqui para nos levar de volta ao hotel — é tudo

o que Kai diz.

Kennedy limpa a garganta. — Está bem.

Meu irmão olha para mim em busca de uma resposta.

— Sim, dê-me apenas alguns minutos.

— Jesus, porra — ele murmura com uma risada antes de passar o braço por Miller e ir em direção à saída.

Travis e Cody seguem atrás, mas não antes de Cody se voltar para nós com a mão sobre o coração. — Amo muito isso para vocês.

Kennedy dá um passo para segui-los, mas eu coloco a mão em seu quadril para impedi-la.

— Ei. — Puxo-a de volta para o meio das minhas pernas, depositando outro beijo na boca da minha esposa, certificando-me de que ela saiba que isso não precisa acabar agora, neste clube, confinada em um canto escuro.

Sem pensar, ela envolve os braços em meus ombros novamente, com os olhos saltando entre os meus. — Obrigada por minha primeira aula.

Solto uma risada até que ela me cala com outro beijo rápido.

Eu não ensinei nada a ela esta noite. Isso foi tudo dela. Eu, por outro lado, aprendi rapidamente que estarei completamente fodido se ela estiver falando sério sobre o fato de essa coisa entre nós ter uma data de validade.

CAPÍTULO 16

Kennedy

Não era para ser assim.

Eu não sabia que *poderia* ser assim. Não sabia que meu cérebro podia se aquietar ou que meu corpo sabia exatamente o que fazer quando o momento se apresentasse.

O beijo de Isaiah não deveria ser *assim*.

Ele deveria me ensinar a me sentir confortável ao sair com outras pessoas, e não arruinar todos os meus pensamentos, porque tudo o que consigo fazer é reprisar aquele momento. Como foi bom sentir suas mãos em meus cabelos. Como fiquei ansiosa ao ter minha perna pendurada em seu colo.

Era para ser um experimento inocente. Eliminar o constrangimento com alguém com quem não vejo um futuro. Somos tecnicamente casados, então qual é o problema de adicionar um pouco de contato físico à equação? Pequenos beijos. Dar as mãos.

Bem, vou lhe dizer qual é o problema. O problema é que eu quero mais, e isso não pode acontecer. Não deveria. Depois de todos esses anos em que ele se atirou descaradamente em mim, não posso me desfazer por causa de um maldito beijo.

Já se passaram dias. Dias desde que voltamos a Chicago, e não consigo tirá-lo da cabeça. Naquela noite em St. Louis, pela primeira vez, não convidei Isaiah para dormir em nossa cama. Ele recusou todas as noites anteriores, provavelmente percebendo que minha oferta foi feita puramente por culpa. Mas depois daquele beijo, nem sequer lhe dei a opção.

Eu precisava de espaço para organizar meus pensamentos.

Pensando racionalmente, ele é apenas o primeiro. Não foi meu primeiro beijo, de forma alguma. Apenas a primeira vez que um beijo me pareceu íntimo. Isso é tudo. Ele é o primeiro cara com quem me permito me abrir, e tenho certeza de que a sensação será igualmente boa quando eu me abrir com outras pessoas.

Então, sim, está tudo bem. Estou bem, e esse experimento está funcionando exatamente como eu preciso. Claro, eu o evitei completamente desde que chegamos em casa, mas sim, as coisas estão indo muito bem.

A sala de treinamento tem estado movimentada a manhã toda, graças ao nosso jogo da tarde de hoje. Meus polegares latejam de dor por esfregar os músculos doloridos e arrancar a fita adesiva esportiva para prender as articulações desconfortáveis. Não tive um momento livre para comer ou mesmo tomar um gole de água, mas não estou nem aí.

Eu adoro isso.

Adoro dias de jogos e adoro meu trabalho.

Adoro trabalhar com atletas e a única vantagem de ser preparadora física em relação a um médico de equipe é que posso trabalhar com eles todos os dias.

Will, nosso segundo médico, também faz uma boa quantidade de terapia, mas eu não saberia dizer qual foi a última vez que o Dr. Fredrick esteve na sala de treinamento. Como chefe do Departamento de Saúde e Bem-Estar, ele está muito ocupado com os horários, supervisionando os nutricionistas e os preparadores físicos e sendo o rosto do departamento.

O único momento em que ele tem algum envolvimento real é quando um dos jogadores sofre uma lesão grave ou uma cirurgia e temos que passar por ele nossos planos de reabilitação.

É isso. Essa é a única coisa que ele faz que nós não podemos fazer.

É algo que terei de analisar se conseguir o cargo no San Francisco. Não quero ficar presa em uma mesa fazendo papelada. Quero fazer exatamente o que estou fazendo agora, mas com o título de médica-chefe.

E, a julgar pelo telefonema que recebi há alguns dias, talvez eu tenha essa conversa mais cedo ou mais tarde.

— Está tudo pronto, Cody. — Eu jogo a fita adesiva específica de lado enquanto o nosso jogador da primeira base flexiona a mão, certificando-me de que sua mobilidade ainda está lá, independentemente de seus dedos com fita adesiva.

— Obrigado, Ken. Onde você está trabalhando hoje?

— Na sede.

— De novo? — As sobrancelhas de Cody se franzem em confusão.

Fiquei presa na sede nos últimos cinco jogos. O funcionário da equipe médica que fica na sede é basicamente um substituto. Estamos lá para ajudar se forem necessárias mãos extras nas salas de treinamento dos visitantes ou da casa. Assistimos ao jogo em uma das quatro televisões gigantes penduradas no centro da sala, mas na maioria das vezes, simplesmente sentamos e esperamos o jogo acabar.

Mas não se compara à hidratação, portanto, não estou reclamando. O Dr. Fredrick não cometeu esse erro novamente depois que Reese o colocou em seu lugar por ter me designado como a garota da água no dia da estreia.

— Não me importo — asseguro a ele.

— Que diabos você fez para irritar tanto o Dr. Fredrick?

— Eu me casei com seu melhor amigo.

Os olhos de Cody brilham. — Um fato com o qual você parecia perfeitamente satisfeita quando estávamos em Saint Louis.

Eu dou as costas para ele. — Eu bebi demais, graças a você.

— Você tomou um drinque graças a mim.

— Bem, então podemos chamar isso de um momento fugaz de fraqueza.

— Chame do que quiser se isso a fizer se sentir melhor, mas não precisa justificar para mim. Eu entendo.

— Você entende, hein? — Meus lábios se inclinam em sinal de diversão. — Você tem uma queda pelo meu marido, Cody?

— Isaiah? — Ele solta uma risada. — Porra, não. Isaiah é bonitinho demais para o meu gosto. Eu gosto deles um pouco mais rústicos. Eu quis dizer que entendo se sua opinião sobre ele mudou agora que você o está conhecendo. Ele é meu melhor amigo por um motivo. Aparentemente, ele parece um merdinha arrogante, mas no fundo, ele tem um coração de ouro e talvez você esteja começando a ver isso.

Eu já vi isso. A proteção quando estávamos jantando com minha família. A falta de julgamento quando expliquei minha inexperiência no mundo do namoro.

Ignoro o restante da declaração de Cody. — Ele é bonito, não é?

— Quem é bonito?

Minha atenção se volta para Isaiah, que está de pé atrás de Cody, usando apenas um boné para trás e um short, segurando um copo de papel na mão.

Tento manter meus olhos naquele rosto bonito em vez daquele peito bonito, daqueles abdominais bonitos ou daqueles braços estupidamente bonitos.

Cody me protege. — Aquele cara com quem saí ontem à noite. Só estava mostrando uma foto para Kennedy. — Ele desce da mesa de treinamento. — Vejo vocês mais tarde. Obrigado pelo trabalho com a fita, Kenny!

— Desculpe? — Isaiah gira em sua direção. — Como você acabou de chamá-la?

Não há absolutamente nenhuma confusão no rosto sorridente de

Cody enquanto ele caminha para trás em direção à saída. — O quê? Eu a chamei de Kenny. Não é assim que você a chama?

— E em que porra de mundo isso significa que você pode chamá-la assim?

A cabeça de Cody cai para trás em uma gargalhada, murmurando *filho da puta apaixonado* ao sair da sala de treinamento.

— Cabeça de merda. — A carranca de Isaiah se transforma em um sorriso quando ele se volta para mim. — Aqui está a Sra.

— Você fica acordado à noite pensando em nomes que você sabe que vão me irritar muito ou o quê?

Ele se senta na mesa de treinamento, que agora está vazia, o que nos deixa quase cara a cara.

— Não. — Ele toma um gole do que quer que esteja em seu copo. — Fico acordado à noite pensando naqueles barulhos que você fez enquanto eu a beijava e imaginando o quanto você soaria mais alto se, em vez de sua boca, minha língua estivesse sobre você...

— Isaiah Rhodes!

Ele suspira. — Kennedy Rhodes! — Seu sorriso é malicioso e ele coloca um pé em volta da minha panturrilha, puxando-me para ficar entre suas pernas. — Oi.

Eu o encaro com um olhar. — Oi.

— Você tem me evitado.

— Não vejo como isso é fisicamente possível quando você já veio me ver quatro vezes hoje, tentando me alimentar.

Sem pensar, minhas mãos pousam em suas coxas à minha frente.

Isaiah olha para baixo e percebo o sorriso reprimido em seus lábios.

— Bem, você precisa comer.

— Não tenho tempo.

Ele revira os olhos e toma outro gole de sua bebida, mas agora que está mais perto da minha altura, posso dizer que é um tipo de smoothie. De frutas vermelhas, se eu tivesse que adivinhar.

— Vá em frente e admita que tem me evitado desde que chegamos em casa, porque não consegue parar de pensar naquele beijo e, por sua vez, não consegue parar de pensar em *mim*.

Eu dou uma risada. — Isso não poderia estar mais longe da verdade.

— Bem-vinda ao clube, Ken. É perturbador quando tudo em que consigo pensar é em você. Agora você entendeu.

Coloco as costas da minha mão em sua testa. — Está se sentindo bem? Parece que você está com um caso grave de delírio, e eu saberia. Afinal de contas, sou médica.

— Hum-hum — ele cantarola, acenando para os meus pés, onde estou usando os sapatos com os quais nos casamos. — Belos sapatos.

Aponto para seu peito nu. — Bela camisa.

— Bela bunda.

Não tenho uma resposta para ele, e o sorriso sorrateiro de Isaiah mostra o quanto ele está orgulhoso de si mesmo por ter conquistado a vitória. — Onde você está trabalhando hoje?

— Estou cobrindo a sede do clube.

Isaiah vira a cabeça para trás, olhando através das janelas de vidro do consultório do Dr. Fredrick, mas ele não percebe.

— Está tudo bem. — Eu me afasto dele, aproveitando a oportunidade de uma sala de treinamento raramente silenciosa para reorganizar meu equipamento.

— Não está tudo bem, Ken. O cara a trata como se você fosse incapaz de fazer seu trabalho quando toda a equipe concorda que você é o melhor membro da equipe médica. Você deveria estar no banco conosco.

— Isaiah, está tudo bem. De qualquer forma, talvez eu não fique

aqui por muito mais tempo.

As palavras saem de minha boca antes que eu possa retirá-las.

Eu ia contar a Isaiah, mas por algum motivo, parecia uma conversa que deveria ter sido planejada em particular, não uma declaração pública.

Ele sabe que esse é o plano. Sempre foi o plano, ainda assim, ele deveria ouvi-lo primeiro e talvez não no meio da sala de treinamento, logo antes de jogar uma partida.

Posso sentir seu olhar fixo na lateral do meu rosto, mas continuo a limpar, tentando ignorar sua atenção.

— Kennedy...

Meus olhos se movem cautelosamente em sua direção.

— O que quer dizer com *por muito mais tempo*?

Olhando ao redor, mantenho minha voz calma enquanto volto para o espaço dele. Meu sorriso se abre nervosamente. — Fui chamada para uma entrevista final em São Francisco.

As sobrancelhas de Isaiah se ergueram de surpresa.

— Eles me ligaram há alguns dias. Vou viajar para lá no próximo mês. Se eu conseguir o emprego, eles querem que eu termine a temporada acompanhando o médico-chefe atual.

— Mas... — Isaiah balança a cabeça. — Você tem um contrato até o final do ano.

Não consigo entender se ele está se referindo ao meu contrato real com os Warriors ou ao contrato metafórico que temos entre nós. De qualquer forma, ele parece não estar muito satisfeito com a perspectiva de meu contrato ser reduzido de seis para três meses.

— Acho que nós dois sabemos que Fredrick não teria problemas em me deixar sair mais cedo.

— Mas...

— Isaiah, isso é uma coisa boa! Isso é tudo o que eu quero.

— Sim. — Ele encontra um sorriso genuíno ao mesmo tempo em que sua mão encontra a parte inferior da minha cintura, puxando-me para ele. — Você está certa. Essa é uma ótima notícia, Ken. Parabéns.

Minhas bochechas ardem. — Obrigada.

A porta da sala de treinamento se abre. Monty a segura para que Reese entre primeiro, mas é bastante óbvio que o fato de ele segurar a porta aberta é a única parte cordial da interação entre eles.

Suas vozes estão baixas para que ninguém mais possa ouvir o que eles têm a dizer, mas a julgar por suas expressões faciais e linguagem corporal, eles estão discutindo sobre algo.

As mãos de Monty se esticam enquanto ele argumenta seu caso, e Reese não faz nada para recuar diante do homem gigante coberto de tatuagens. A loira bombástica se mantém firme, com uma única mão apoiada em seu quadril saliente e uma expressão de desprezo em seu belo rosto.

Ela diz algo em troca, mantendo a compostura completa antes que a cabeça de Monty caia para trás para conter sua frustração. Ele inala pelo nariz, com as narinas dilatadas, antes de acenar com a cabeça em sinal de concordância e encerrar a conversa.

Reese se vira em minha direção, usando uma saia lápis justa que mostra todas as suas curvas. — Kennedy, onde você está trabalhando hoje?

Abro a boca para responder, mas o Dr. Fredrick sai correndo de seu consultório antes que eu tenha a chance de fazê-lo. — Na sede do clube, Srta. Remington. — Ele gesticulou para mim. — Kennedy está cobrindo a sede. Estou com o estagiário na hidratação, como você pediu.

Idiota.

— Reese — ela corrige. — Como já lhe disse antes, pode me chamar de Reese. E quero que Kennedy trabalhe no banco de reservas hoje.

— Mas Will e eu estamos cobrindo o banco de reservas.

— Como eu disse, quero a Kennedy lá fora hoje. Você pode cobrir a sede pelo menos uma vez, Dr. Fredrick.

Sua boca se abre para protestar, mas se fecha com a mesma rapidez, as palavras escapam ao médico que normalmente tem muito a dizer.

— Claro, Reese.

Ela me encontra do outro lado da sala e me dá uma piscadela antes de voltar para a porta, mas para bem na frente de Monty no caminho.

— Emmett — diz ela, indo embora.

Seu tom é afiado. — Reese.

— Eu gosto dela — declara Isaiah.

Minha cabeça gira em sua direção, rápido demais e assustada demais.

Mas ela é uma mulher bonita que é apenas alguns anos mais velha do que nós.

— Calma, tigresa. — Ele ri. — Não precisa ficar com ciúme. O que eu quis dizer é que gosto do fato de ela estar protegendo você.

— Não estou com ciúme.

Ele arregala os olhos castanhos brilhantes. — Continue dizendo isso a si mesma, esposa.

— Não suporto essa mulher. — Monty mantém sua voz baixa para que apenas Isaiah e eu possamos ouvir enquanto ele fica na beira da mesa de treinamento. — Quem ela pensa que é?

Isaiah hesita. — A nova dona da equipe, talvez?

— Exatamente! Ela vai se tornar a proprietária da equipe no mesmo ano em que eu vou renovar o contrato. Ela está chegando aqui, usando aqueles malditos saltos altos na sede do *meu* clube, querendo mudar tudo. — Monty ri de forma condescendente. — Acho que não é bem assim. Trabalhei com o avô dela por seis anos e adivinhe? O cara

nunca me disse como dirigir minha equipe. De jeito nenhum vou deixar uma pessoa de 34 anos entrar aqui e me dizer como fazer meu trabalho.

Ele coloca os punhos sobre a mesa, apoiando seu peso sobre eles. Antebraços protuberantes e narinas dilatadas. Monty poderia facilmente ser confundido com um homem assustador se você não soubesse que ele é, na verdade, um grande urso de pelúcia.

— Então, uh... — Limpo minha garganta, olhando para Isaiah e encontrando um sorriso espelhado e sábio. — O que você realmente acha de Reese, Monty?

— Acho que ela vai me deixar louco antes mesmo de assumir oficialmente o controle.

O grandalhão se ergue com toda a sua estatura, girando sobre os calcanhares e abrindo a porta da sala de treinamento com mais força do que o necessário ao sair.

— Bem, isso foi interessante. — Isaiah estende seu copo de papel para mim. — De qualquer forma, você tem que experimentar esse smoothie que fiz no refeitório. É o melhor que já criei.

Levo o copo aos meus lábios e a atenção de Isaiah se concentra no momento em que minha boca encontra a mesma parte da borda onde a dele estava.

— Mmm. Isso é bom.

— Que bom que você gostou, porque eu fiz para você. Beba isso antes que o maldito jogo comece, Kennedy.

Solto uma risada. — Cody tem razão. Você realmente é um pequeno merdinha.

— Oh, não, baby. É aí que você se engana. Não há nada de pequeno em mim. Talvez um dia você aprenda exatamente com que tipo de tamanho estou trabalhando.

— Sinto muito. Ele disse: merdinha *arrogante*.

Ele se levanta da mesa, grande e autoritário de uma forma com a

qual estou ficando acostumada. — Você deixou isso na pia do banheiro feminino. — Com a mão atrás das costas, ele puxa as palavras cruzadas do *New York Times* de hoje, nas quais tenho trabalhado em meu tempo livre.

— Quando é que você vai parar de usar o meu banheiro?

Ele me ignora. — Acredito que a palavra que você está procurando é *Denial*. Seis letras. O ato de afirmar que algo alegado não é verdade.

Ao examinar o papel, percebo que ele está certo. O – N – e o – L se alinham perfeitamente com minhas respostas existentes.

Ele se aproxima de mim, sua voz baixa, perto do meu ouvido. — Estou surpreso por você não ter percebido essa, Kenny. Você sabe uma ou duas coisas sobre negação, não sabe? Por exemplo, você está dizendo a si mesma que tem me evitado porque está muito ocupada, e não porque não consegue parar de sonhar com nosso beijo e de pensar em como quer mais. Achei que a resposta poderia ser *Kennedy*, mas com sete letras é muito longa.

Meu pulso acelera, porque ele não está errado. Eu realmente quero mais.

Mas não deixo que ele saiba disso.

— Hmm. Você está certo. É *Denial*. Seis letras. O ato de afirmar que algo alegado não é verdadeiro. Fiquei tentando usar *Isaiah* e não estava funcionando. *Rhodes* também não. Porque você está errado. Não pensei naquele beijo uma única vez desde que ele aconteceu, e com certeza não pensei em mais nada.

A pequena marca de nascença em seu olho direito desaparece por trás da linha de seu sorriso. — A mais bela mentirosa que já conheci.

Meu corpo vibra com sua proximidade, com sua confiança e assertividade que antes eu achava pouco atraentes. Agora sei que é exatamente o que eu preciso. A permissão constante que ele me dá para fazer o que me faz sentir bem.

Isaiah coloca uma mecha solta atrás da minha orelha, passando a

palma da mão no meu cabelo até enrolar meu rabo de cavalo em seu punho uma vez. Duas vezes.

Ele me puxa, certificando-se de que estou olhando para cima e fazendo contato visual com ele. — Certifique-se de manter seus olhos em mim esta noite, esposa. Tenho a sensação de que vou ter uma boa noite no bastão e quero que você assista.

— Você sempre quer que eu assista.

— Mmm, e eu também gosto de assistir, você sabe.

Minha boca fica seca diante de sua insinuação.

— Mas, sim, eu adoro sua atenção.

— Porque você está obcecado por mim.

Ele ri perto do meu ouvido. — Acho que essa é a palavra perfeita para descrever o que sinto por você, doutora. — Isaiah mordisca o lóbulo de minha orelha antes de acalmá-lo com um beijo suave em meu pescoço.

Com isso, ele vai em direção à saída, com o peito sem camisa, boné para trás e pés descalços. Ele chega até a porta antes de dar uma guinada de cento e oitenta graus para correr de volta até mim.

Estou com o smoothie em uma mão e minhas palavras cruzadas na outra, mas Isaiah coloca os braços em volta dos meus ombros, puxando-me para um abraço.

É estranho, mas reconfortante, e meu corpo não protesta contra seu abraço. Ele me abraça como se eu fosse importante para ele, como se fosse *necessária* para que ele possa passar o dia. A sensação é boa, *muito* boa. *Ele* é muito bom.

— O que está fazendo? — pergunto em seu peito.

— Foi por isso que vim aqui, em primeiro lugar, e quase me esqueci. Queria lhe dar um abraço e dizer o quanto senti sua falta esta semana. Pare de me evitar, Kenny. Não estou gostando disso.

Ele sai correndo da sala com isso.

— Ah! — alguém diz no canto da sala de treinamento. — Você gosta do seu marido!

Ao me virar, encontro Miller com as mãos sobre o coração, vestindo seu macacão com a camisa do noivo desabotoada por cima.

— Sua canalha — eu rio. — Quando diabos você entrou aqui? E *como* você entrou aqui?

Ela joga um polegar por cima do ombro, apontando para a entrada lateral que raramente é usada. — Apenas o tempo suficiente para vê-la desmaiar sobre o homem com quem se casou.

— Que nojo. Não estou me apaixonando por ninguém. Especialmente Isaiah Rhodes.

— Mm-hmm.

— Então, presumo que você também esteve aqui por tempo suficiente para ver seu pai perder a cabeça por causa de Reese.

Ela me dá as costas. — Ele está reclamando dela há semanas. Notícia velha. A nova notícia, no entanto, é que você, minha linda cunhada, gosta do seu marido. — Por trás, Miller me abraça, como no dia em que decidimos ser amigas. — Que bom para nós.

Eu rio. — Não me chame assim e não tenha muitas esperanças, Montgomery. Se minha entrevista for bem-sucedida, deixarei a cidade em breve, independentemente de minha tolerância com Isaiah ter mudado.

Ela zomba, pulando na minha mesa de treinamento. — Não vamos falar sobre sua mudança, por favor, Ken. Finalmente estou em um lugar permanente e minha primeira amiga decide se mudar?

— Você vai ficar bem.

— Duvido, mas você sabe quem definitivamente não ficará bem? Aquele gatinho apaixonado lá atrás.

— Isaiah ficará mais do que bem. Ele recebe muita atenção para se manter ocupado.

A testa de Miller se enrugando como se ela estivesse confusa, mas não

sei por quê. Todos nós conhecemos a reputação de Isaiah. Não sei o que ele faz em suas noites enquanto estamos em Chicago. Isso nunca foi uma estipulação que eu tenha feito, e seria muito injusto da minha parte insistir que ele não veja outras mulheres enquanto eu o estou usando para aprender a namorar outros homens.

Por mais que eu odeie essa ideia.

— Você sabe que eu vi vocês dois transando com a língua em St. Louis, certo? E agora mesmo. — Ela aponta para a porta. — Ele está tentando e você gosta disso.

— Ele está... *ajudando* com algo. É só isso.

Ela solta uma risada sem fôlego. — Bem, um conselho, minha amiga. Esse rapaz a persegue há anos. Se está gostando da *ajuda* dele, sugiro que pare de fugir e dê a ele algum tipo de sinal de aprovação.

— E como você sugere que eu faça isso?

Ela dá de ombros. — Ele nem sempre precisa ser o primeiro a agir, você sabe.

* * *

É uma noite de sexta-feira perfeita para o beisebol de Chicago.

O estádio está lotado, o ar de maio está quente o suficiente para que eu possa usar apenas uma jaqueta leve enquanto estou no banco de reservas, e já temos um homem na base durante a nossa primeira rebatida.

A equipe inteira se inclina contra a barreira para assistir. Bem, todos, exceto Kai, que é nosso arremessador titular esta noite e, embora seu irmão esteja prestes a começar a bater, ele permanece sentado no banco, mantendo o ombro aquecido para a segunda entrada.

Os rapazes aplaudem Cody enquanto ele vai para a primeira base, graças à sua corrida, e Isaiah dá sua última tacada de treino no círculo

do convés antes de remover o peso do taco e deixá-lo cair na terra.

Então, ele me vê por cima de seu ombro, entre dois jogadores, tentando observá-lo através da cerca. Ele sorri, um sorriso malicioso e conhecedor iluminando seu rosto quando deveria estar concentrado no jogo.

A princípio, acho que ele está me sacaneando por eu ter certeza de que tenho uma boa visão dele com aquela maldita calça de beisebol, mas então sua nova música de entrada começa a tocar nos alto-falantes do estádio, e eu sei exatamente do que se trata aquele sorriso ardiloso.

A música “Obsessed”, de Mariah Carey, está tocando em todos os ângulos ao meu redor.

Kai solta uma gargalhada do banco, mas além dele, ninguém questiona a escolha da música do irmão. Em vez disso, o estádio inteiro está lotado, cantando junto com a letra, enquanto os colegas de equipe de Isaiah se juntam a eles com suas próprias interpretações de karaokê.

A música do nosso casamento está a todo vapor quando Isaiah se dirige à base, mas antes de chegar lá, ele se volta para mim. Com o estádio inteiro cantando a música com a qual caminhei até o altar, Isaiah estende o taco, aponta para mim e dá uma piscadela.

Ele pisca os olhos, porra.

É o momento em que a realidade me atinge... Miller estava certa. Acho que posso ter uma queda pelo meu marido.

CAPÍTULO 17

Isaiah

Cody: *Venha conosco.*

Eu: *Pela centésima vez, não vou sair hoje à noite.*

Travis: *Estamos a apenas duas quadras da sua casa.*

Eu: *Ainda não vou sair. Estou cansado e minhas costas estão doloridas por ter carregado vocês com meu home run de duas corridas hoje.*

Cody: *Mudei de ideia. Não saia.*

Travis: *Vou correr para o seu apartamento para mijar se essa fila no bar não andar um pouco mais rápido.*

Cody: *E eu vou correr para sua casa e fingir que é minha quando levar alguém para casa comigo hoje à noite. Certifique-se de limpar tudo. Não quero que ninguém pense que sou um desleixado.*

Eu: *A porta ficará trancada para vocês dois.*

Cody: *Eu fiz uma chave para mim.*

Eu: *Cody, o que diabos há de errado com você?*

Travis: *Para sua informação, Cody com certeza transou em seu quarto de hóspedes.*

Cody: *Não é legal, Trav.*

Kai: *E é por isso que mantenho o chat em grupo no modo silencioso.*

Travis: *Várias vezes, devo acrescentar.*

Eu: *Você vai trocar os lençóis da próxima vez que estiver aqui e não*

vai mais transar na minha casa. E não vai mais fingir que é sua. Você tem seu próprio apartamento.

Cody: *Eu tenho colegas de quarto. Não há nada de sexy em dizer a alguém que precisa ficar quieto porque tenho colegas de quarto.*

Eu: *Não quero mais que transe em minha casa.*

Travis: *Alguém deveria estar transando em sua casa. É praticamente um mosteiro hoje em dia.*

A cidade está agitada com a animação da noite de sexta-feira do lado de fora das janelas do meu apartamento. Os bares estão lotados, as ruas estão barulhentas e toda a minha equipe está em algum lugar, aproveitando a noite de folga com um dia de viagem amanhã.

Bem, todos menos meu irmão, que está em casa com a família. E eu, que estou aqui sozinho neste apartamento silencioso, porque ir para a cama cedo, sabendo que verei minha esposa amanhã logo cedo no aeroporto, parece muito mais atraente do que beber com meus amigos.

Que diabos estou fazendo?

Essa é a pergunta que faço a mim mesmo diariamente desde que essa aliança caiu em meu dedo.

Estou muito fundo, muito fundo mesmo, e não sei qual é o caminho para cima. *Não quero* saber qual é o caminho para cima. Estou gostando desse joguinho que Kennedy e eu estamos jogando, com ela me deixando tratá-la como se fosse minha. Só que minha mente está começando a confundir o jogo com a vida real. Tudo parece genuíno para mim, e não tenho ideia se isso se deve à minha própria ilusão, desejando que fosse assim, ou se ela também sente isso.

E, em vez de afogar minhas preocupações com meus amigos, sou o triste idiota que está prestes a pedir uma pizza à meia-noite antes de ir para a cama sozinho mais uma vez.

Pelo menos, quando estou em casa, posso dormir em uma cama.

O maldito chão vai ser a minha morte e a das minhas costas de trinta e um anos, mas eu me recuso a dormir ao lado da Kennedy até que ela me peça de uma forma que não seja por culpa. Chega de *você pode dormir aqui se quiser*. Preciso ouvi-la dizer que quer que eu fique ao lado dela.

Preciso que ela me dê algo. *Qualquer coisa* que me diga que ela está gostando do nosso joguinho tanto quanto eu, porque tudo o que estou recebendo agora é subterfúgio.

Com a TV passando os destaques desta noite de toda a liga, pego meu telefone e ligo para minha pizzaria noturna favorita, mas quando estou a dois toques de distância, alguém bate à minha porta.

O maldito Cody. Ou Travis. De qualquer forma, preciso de novos amigos.

Demoro um pouco para chegar até a porta, graças ao deslizamento desajeitado que tive hoje, que ferrou minha virilha. — Cody, eu juro por Deus. Não estou mentindo sobre de quem é esse apartamento...

Ao abrir a porta, espero ficar cara a cara com um dos meus colegas de equipe, mas encontro Kennedy na minha porta.

— Oi. — Sua voz é baixa, nervosa, mas tentando ser corajosa.

E tudo o que faço é piscar como um idiota, porque tenho certeza de que isso é uma miragem. A miragem de cabelos ruivos mais bonita que já existiu. Quando você começa a ter alucinações devido à abstinência? Porque atualmente estou na marca dos nove meses e estou começando a ver coisas.

Eu me sacudo para sair do torpor. — Oi.

— Desculpe, você estava esperando o Cody?

— Não. Não, você é *muito* melhor do que o Cody.

Um sorriso tenso surge em seus lábios.

Essa mulher está na minha porta, totalmente fora de sua zona de conforto, mas por quê? Eu a vi no campo há menos de duas horas.

O cabelo de Kennedy está preso sob um boné de beisebol. Ela ainda está usando os sapatos de casamento com uma leggings e uma camiseta comprida, coberta com aquela jaqueta jeans enorme que comprei para ela em Las Vegas.

Ela parece tão fofa, e isso só é ampliado por aquelas sardas empoeiradas sombreadas pela aba de seu boné, mas o melhor de tudo é que ela está assim quando está na *minha* porta.

— O que você está fazendo aqui, Kenny?

— Eu... hum... — Sua voz treme e ela evita o contato visual. — Achei que você fosse sair hoje à noite.

— E você está me checando?

Gosto da ideia disso. Que ela poderia estar com tanto ciúme de que eu poderia estar na cidade com os garotos que ela não poderia evitar vir até aqui e verificar por si mesma.

— Não vou — respondo por ela. — Nunca planejei fazer isso.

— Eu... uh... — Suas mãos pequenas se agitam e é aí que eu vejo. Meu boné. Um dos meus inúmeros bonés fornecidos pela equipe em sua mão. Ela o segura. — Você o deixou no seu armário e achei que poderia precisar dele... se fosse sair hoje à noite.

Encontro a parte superior da porta, prendo as mãos na moldura, com um sorriso de conhecimento impossível de reprimir. Ela não veio até aqui por causa da porra do meu boné que eu deixei intencionalmente no estádio. Ela veio porque quis.

Sinto-me igualmente tentado a lhe dar uma chamada e a puxá-la para dentro e trancar a porta. Sequestrar minha esposa e nunca mais deixá-la sair.

Opto pela primeira opção. — Você achou que eu poderia precisar do meu boné à meia-noite?

Ela hesita, seu disfarce não tão suave já foi descoberto quando sua atenção se volta para o meu peito nu. — Sim.

— E você achou que não poderia esperar e me dar isso no avião

pela manhã?

— Você estava tendo um dia de cabelo ruim. Achei que não gostaria de sair sem ele.

— Eu nunca tenho um dia de cabelo ruim, baby.

Ela o entrega, mas não sai, com os pés ainda colados no tapete da entrada.

Sim, ela está nervosa e um pouco desconfortável. Talvez seja a primeira vez que ela se expõe para alguém, mas depois de três anos perseguindo a garota, vou me deleitar com a noite em que ela finalmente veio até mim.

— Como você conseguiu meu endereço, Ken?

Seus olhos se desviam dos meus. — Eu pedi a Miller.

— Para que você pudesse devolver meu boné.

— Para que eu pudesse devolver seu boné.

— E essa é a única razão pela qual você está aqui?

Seus olhos encontram os meus novamente, fingindo confiança. — Sim. Fico feliz por ter evitado essa crise para você.

— E não há absolutamente nenhuma outra razão para você ter vindo aqui? Está precisando de *ajuda* com alguma coisa? Algum jogo que você gostaria de jogar hoje à noite?

Ela engole, olhando para o elevador, mas não se move um centímetro. — Eu deveria ir.

— Então, por que você não vai?

Uma réplica fica presa em sua garganta, seus olhos castanhos imploram para que eu facilite as coisas para ela. Que eu a convide e não questione seus motivos.

Mas não posso. Quero que ela trabalhe para isso. *Preciso* que ela experimente apenas uma amostra dos anos de tortura que sofreu, desejando uma mulher que não podia ter.

A diferença é que ela pode me ter. Ela pode ter *tudo* de mim.

Ela só precisa pedir.

Depois de muitos segundos, sem que nenhum de nós admita o que realmente queremos, Kennedy se dirige ao elevador.

— Boa noite. — Seus passos são rápidos, levando-a freneticamente para longe de mim. Se fosse mais rápido, ela estaria correndo. — Vejo você no aeroporto.

— Kenny — grito para impedi-la, pisando no corredor. — Alguém já cozinhou para você?

É uma saída, porque sou um idiota apaixonado que não suporta vê-la partir. Posso me gabar muito, mas ela sempre terá a vantagem quando se trata de nós.

Kennedy diminui a velocidade, virando-se para me olhar por cima do ombro e balançando a cabeça para me dizer que não.

— Parece algo que você deveria ter na sua lista de primeiros passos, não é? Provavelmente você vai querer experimentar isso uma vez antes de voltar a namorar.

— Acho que podemos fazer isso. Eu não tinha planejado ficar. Estava aqui apenas para deixar seu boné.

Solto uma risada. — Como alguém pode ser tão bonita e tão cheia de merda ao mesmo tempo é surpreendente para mim.

Seu sorriso floresce.

Faço sinal para a porta aberta. — Vamos, doutora.

* * *

— Em que momento vamos falar sobre as placas?

Kennedy está sentada no meu sofá – sapatos, jaqueta e boné descartados. Com as pernas cruzadas sob o corpo e os cabelos castanhos amarrados em um nó que parece frágil, mas ela tentou três

vezes que ficasse assim, então sei que não está. Sua tigela de espaguete já está pela metade, mas eu gostaria que ela comesse mais devagar. Gostaria de ficar obcecado com a imagem dela aconchegada em meu sofá por mais algum tempo.

— Eu estava planejando fingir que eles não existem, então coma seu macarrão como uma boa menina e pare de vasculhar meu apartamento.

Kennedy solta uma gargalhada. — Como ignorar a placa *Live, Laugh, Love* na porta do seu quarto ou o fato de que há um tapete de entrada *Bless this Mess* do lado de fora? — Sua cabeça cai para trás em uma alegria contagiante, com a garganta esbelta se projetando contra sua pele clara. — Você tem uma tela pintada com uma taça de vinho tinto pendurada na sua cozinha que diz: *Você me conquistou com merlot*.

Não fiquei impressionado quando os rapazes escolheram a decoração da minha casa, mas agora estou agradecido por eles terem escolhido as piores placas possíveis, porque raramente vejo essa mulher rir assim.

— Isaiah. — Ela dá uma risadinha. — Eu não imaginava que você fosse um colecionador de arte. É isso que você está fazendo com os milhões que ganha todo ano?

Não consigo conter meu sorriso enquanto me sento em frente ao sofá, com uma tigela de espaguete em uma mão e um garfo na outra. — Perdi nossa liga de futebol americano este ano, e cada um dos meninos escolheu uma peça de decoração que tenho de manter exposta em meu apartamento durante o ano.

— Meu Deus, isso é genial. E quantas mulheres fugiram para as colinas desde a reforma?

O quê? — Nenhuma.

Ela revira os olhos de brincadeira. — Claro que não.

A única mulher que está neste apartamento desde o verão passado está sentada no sofá neste momento.

— Como está o espaguete? — pergunto.

— Muito bom. — Ela dá outra mordida, falando com a boca cheia da maneira mais anti-Kennedy possível. — Acho que vou querer uma segunda tigela.

— Sou um cozinheiro bastante ruim, mas tenho cerca de três receitas sólidas em meu arsenal e essa é uma delas.

— Você vai fazer as outras duas para mim algum dia?

— Tenho certeza de que você poderia me convencer a fazer isso. Mas o espaguete é o meu favorito. Minha mãe me ensinou a fazer o molho quando eu era criança.

Kennedy mastiga com calma enquanto me observa. — Ela fez um bom trabalho.

— Ela era uma ótima professora.

— Ela fez um bom trabalho com você também.

Que se dane.

Eu já conheço a Kennedy sarcástica, a Kennedy tímida e até a Kennedy bêbada, mas a Kennedy doce e sincera? Aí estou perdido.

Quando me sento de frente para ela, com as pernas esticadas no espaço entre nós, mas dobradas para não ocupar muito o espaço dela, Kennedy descruza as suas, colocando os pés entre os meus. O sofá não é comprido o suficiente para a minha altura, mas eu não poderia estar mais feliz por ter que dividi-lo agora, nós dois usando os apoios de braço como suporte para as costas para ficarmos de frente um para o outro enquanto comemos nosso jantar da meia-noite.

Sua voz é suave quando ela diz: — Se quiser me falar sobre ela, você pode.

Uma simples solicitação de que, se eu *quiser*, eu posso. Nenhuma expectativa. Nenhuma exigência de saber mais.

Engulo todas as emoções indesejadas que possam estar no fundo da minha garganta. — Eu realmente não gosto de falar sobre ela.

Porque não existe um mundo no qual eu possa fingir que não sou aquele garoto de 13 anos com o coração partido esperando a mãe chegar em casa, e não sei como manter minha máscara leve e simples quando ela é o tema da discussão.

O pé descalço de Kennedy roça o meu, um sorriso naqueles lábios que quero beijar novamente. — Está bem.

— Está bem.

— Mas a mulher sabia como fazer uma bela tigela de espaguete. — Kennedy gesticula para seu prato quase vazio.

Soltando uma gargalhada, sorrio. Um sorriso raro quando estou falando de minha mãe.

— Não é que eu não queira lhe contar sobre ela, Ken, mas é que sinto falta dela. Muita. Vivi mais tempo de minha vida sem ela do que com ela, e ainda assim não parei de sentir sua falta.

Ela deixa a tigela cair em seu colo, com um sorriso nos lábios. Não é um sorriso de pena, é um sorriso genuíno. — Que sorte ela tem de ter dois meninos que a amam tanto quanto você e seu irmão. E como você é sortudo — continua Kennedy, seu joelho cutucando o meu — por ter uma mãe que você ama tanto que ainda sente falta dela todos esses anos depois.

Nunca pensei nisso dessa forma. Nunca olhei para os 13 anos que passei com ela com gratidão. Sempre foi com raiva, por não ter tido tempo suficiente.

Mas eu tive 13 anos de amor de uma mãe, enquanto Kennedy não teve nenhum.

— O luto parece ser um privilégio, de certa forma — diz ela. — Ter amado tanto uma pessoa que você não consegue imaginar a vida sem ela. Eu nunca senti isso.

— Nem mesmo quando você perdeu seu pai?

Ela balança a cabeça, ocupando-se em girar o garfo em torno do macarrão restante. — Mas espero que um dia eu seja capaz de amar

alguém tanto assim. — Seu sorriso é otimista quando ela olha para mim. — Talvez um dia *eu* até faça falta.

Meu coração se afunda diante de sua esperança.

Quem precisa esperar que um dia alguém se importe com ele a ponto de sentir falta de sua presença?

Minha esposa, eu acho.

Kennedy está decidida a deixar Chicago, e sei que, quando ela for embora, não haverá um dia sequer em que eu não sinta sua falta. Não haverá um dia sequer em que eu não pense em suas covinhas que se escondem quando ela faz cara feia para mim ou em suas palavras cruzadas ou na maneira como ela morde o lábio inferior quando está concentrada no trabalho. Mas não é culpa dela se ela ainda não entende isso. Ela foi criada por pessoas fodidas que não ensinaram à filha o quanto ela é importante. O quanto ela é especial e amada.

Ela quer que eu lhe ensine coisas? Bem, essa é uma lição que vou ter certeza de enfiar nessa linda cabeça dela.

— Outra tigela? — pergunto, pegando a dela e me levantando muito rápido.

Uma dor aguda atravessa minha virilha e acontece tão rapidamente que não consigo esconder a careta em meu rosto.

— O que há de errado?

— Nada. — É impossível disfarçar meu coxear enquanto me dirijo à cozinha.

— Isaiah Rhodes. — Kennedy se senta. — O que aconteceu?

Com as mãos apoiadas no balcão, abro lentamente o flexor do quadril, esticando os ligamentos doloridos.

Kennedy se levanta do sofá quando não respondo, examinando cuidadosamente meus movimentos. — Você se machucou no jogo de hoje?

Foda-se.

Ela é uma das quatro pessoas que eu esperava que não descobrisse.

— Quando deslizei para a terceira base durante o quinto inning, torci algo no flexor do quadril.

— Por que você não veio para o tratamento pós-jogo?

Solto uma risada exasperada. — E você já esfregou minha virilha em público? Não estava exatamente tentando deixar os caras verem o quanto eu fico duro pela minha esposa.

— Bem, deixe-me verificar agora.

— Não.

— Isaiah, você não pode estar jogando lesionado. O Dr. Fredrick vai ficar louco por não ter sido informado imediatamente. Você tem de informar a equipe médica quando se machucar. Está em seu contrato.

— Bem, boas notícias. Acabei de contar, mas você não vai contar para mais ninguém, Ken. Não é nada demais e eles vão fazer disso algo, manter-me fora de jogos que não preciso perder. Está só um pouco dolorido. Vou ficar bem.

— Você poderia ter uma laceração.

— Acho que não.

Ela fica mais ereta, com os braços cruzados sobre o peito. — Eu serei o juiz disso. Preciso examiná-lo. Vá se deitar no sofá.

— Eu não caibo no sofá.

— Bem, então... — Seus olhos percorrem meu apartamento. — Sua cama.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Tem certeza disso, doutora?

Ela revira os olhos. — Viva, ria, ame, Isaiah. Coloque sua bunda na cama para que eu possa verificar seu ferimento.

Rindo, eu me arrasto até a porta e a abro para que ela entre primeiro. Observo como seus olhos examinam meu quarto, da mesma

forma que fizeram quando ela entrou em meu apartamento pela primeira vez. Acompanho seus movimentos, notando o sorriso que surge em seus lábios quando ela encontra a foto emoldurada de Max em minha cômoda e a risada silenciosa que ela dá quando pousa na tela pintada de um unicórnio rosa-choque pendurada sobre minha cama. As palavras *I'm Magical* estão escritas em prata brilhante e o local escolhido foi graças a Travis.

— Eu sou mágico? É como se dissesse *sou bom em sexo*, pendurado assim sobre sua cama.

Dou de ombros. — Foi você quem disse, não eu.

Deitado na minha cama, eu me mantenho perto da borda onde ela está, esticando minhas longas pernas, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Estou completamente despido, menos a calça de moletom de algodão que está pendurada nos meus quadris.

Embora isso seja trabalho, nada nesse momento parece muito profissional. Estamos no meu quarto, estou quase nu, e estou morrendo de vontade de ter as mãos dessa mulher em mim de uma forma não médica.

— Este lado do quadril aqui? — ela pergunta, referindo-se ao meu quadril direito, mais próximo a ela.

— Sim. Não sei se aconteceu quando eu acelerei em uma corrida ou quando deslizei para acertar a base.

Suas mãos estão sobre mim, com as pontas dos dedos explorando e alisando todo o flexor do meu quadril, aquecendo a área e procurando por lesões.

— A dor piorou desde que o jogo terminou ou permaneceu praticamente a mesma?

— Permaneceu praticamente a mesma coisa.

— Hmm — ela murmura, com o lábio inferior preso entre os dentes devido à concentração.

Em seguida, seus dedos mergulham na fenda onde minha perna e

meu abdômen se conectam, e meu corpo implora para se curvar sobre si mesmo. Em parte devido ao choque de sua mão em mim, em uma área que eu sempre quis que estivesse, e em parte devido à quantidade de sangue que está correndo para o meu pênis neste momento, é um pouco alarmante.

— Isso dói?

Balanço a cabeça para dizer que não, e seus olhos se estreitam em suspeita.

Gentilmente, ela segura meu joelho com uma das mãos, os outros dedos ainda pressionados em minha virilha, a poucos centímetros do meu pau. — Diga-me quando estiver doendo.

Oh, está doendo mesmo. Dói pra caralho.

É claro que há anos dou em cima dela enquanto estou em sua mesa de treinamento, mas nunca fiquei duro com a mulher me tocando no trabalho. Ela é uma profissional da área médica e eu sou um atleta, mas estou tendo muita dificuldade em enxergar esse limite enquanto estou esparramado na minha cama e ela está com os dedos profundamente no meu quadril.

Ela estica minha perna para o lado, colocando-se entre ela e o colchão antes de pressionar minha virilha, examinando e circulando seus dedos sobre minha calça de moletom.

Isso é uma tortura. Uma tortura do caralho.

É como se as mãos dela estivessem onde eu quero, mas não estivessem fazendo o que preciso que elas façam. Semelhante ao fato de estar casado com ela, mas não da maneira que eu gostaria de estar.

Levanto os olhos para a parede acima da minha cabeça, tentando me concentrar na porra do unicórnio e não na única mulher em que penso quando fodo minha mão no chuveiro.

Exalo profundamente de meus pulmões.

— Ainda está tudo bem? — pergunta Kennedy.

— Sim. — A palavra é forçada, pronunciada com os dentes

cerrados.

Meus olhos a encontram novamente, completamente concentrada na tarefa em mãos, enquanto ela gira minha articulação e pressiona meus ligamentos. — A área está quente? — ela pergunta.

A área está quente? *Por favor, porra.* Meu corpo inteiro está pegando fogo neste momento.

— Não tenho certeza.

— Posso dar uma olhada? — Ela não olha para mim, graças a Deus, seu foco permanece na forma como minha articulação reage quando ela move meu quadril.

— Mm-hmm.

Sua mão pequena desliza sob o cós elástico da minha calça de moletom, com os dedos deslizando ao longo dos meus ligamentos.

— Sim, está quente.

Não me diga. Todo o meu sangue está indo direto para essa direção.

Com as sobranceiras franzidas, ela pressiona suavemente minha carne. — Acho que é apenas uma entorse. Não parece uma ruptura para mim, então isso é bom. Mas você precisa fazer um regime regular de aplicação de gelo para manter o inchaço baixo.

— Sim. Ótimo.

Sua mão alisa a junta, ao mesmo tempo em que seu dedo mindinho passa pelo meu osso púbico, e é como se só isso a fizesse voltar à realidade, onde sua mão está dentro da minha calça e eu estou praticamente morrendo por causa disso.

Seus olhos se voltam para mim com horror. — Oh, meu Deus, sinto muito! Não foi minha intenção.

Ela tira a mão de debaixo do tecido, mas eu agarro seu pulso antes que ela possa ir muito longe.

Minha respiração é ofegante, meus olhos se fixam nos dela.

— Eu não estava...

— Mas você poderia — concluo por ela.

— Isaiah.

— Você me diagnosticou. Estou com uma entorse no flexor do quadril. O trabalho está oficialmente encerrado. Você foi profissional e todas essas coisas com as quais não me importo. — Puxando-a gentilmente pelo pulso, levo a palma da mão dela ao meu abdome inferior. — Mas você não precisa ser profissional agora, se não quiser. — Eu cubro sua mão com a minha. — *Eu* não quero que você seja.

CAPÍTULO 18

Kennedy

— O que você quer que eu faça?

Minha voz é quase um sussurro quando os dedos de Isaiah se entrelaçam aos meus.

— Quero que você faça o que lhe parecer bom.

Se fosse com qualquer outro homem, eu ficaria paralisada de vergonha, mas é Isaiah e, por alguma razão, esse jogador arrogante com uma decoração horrível se tornou rapidamente a pessoa em quem mais confio.

Faça o que lhe parecer bom.

Meu corpo está gritando para tocá-lo, para pedir que ele me toque, mas o quarto está iluminado e eu estou totalmente exposta em pé sobre ele dessa forma.

Esta posição aqui não me parece boa.

Afastando minha mão, observo a decepção instantânea tomar conta de seu rosto, mas ele rapidamente a disfarça e, em vez disso, oferece-me um sorriso compreensivo.

— Que tal aquela segunda tigela de espaguete? — pergunta ele, seguindo-me até a porta do quarto, mas quando chego lá, não saio.

Eu a fecho com a gente dentro.

Isso... isso é bom. Seguro. Sob controle.

Isaiah para em seu caminho, com a boca entreaberta, sua ereção se esticando contra sua calça de moletom fina enquanto ele se

aproxima cautelosamente.

— Kenny?

Não respondo, apagando as luzes e inundando instantaneamente o quarto na escuridão, menos a luz noturna brilhante do patinho de borracha conectada ao lado da cama dele.

Solto uma risada calma, porém nervosa. — Quem escolheu esse?

Meus olhos se ajustaram o suficiente para vê-lo caminhar em minha direção, fechando os últimos passos entre nós. Com as minhas costas na porta, ele pressiona as palmas das mãos contra ela, encurralando-me de cada lado.

— Você acreditaria em mim se eu dissesse que fui eu?

— Sem chance.

— Ótimo. — Ele estica o pescoço, inclinando-se para depositar um beijo suave em meus lábios. — Porque Zanders colocou isso aí.

Eu sorrio contra sua boca.

— O que você quer, Kennedy?

É simples, na verdade. Quero me sentir confiante e preparada. Não quero que esse nervosismo me domine na próxima vez que estiver no quarto de um homem. Mas também não tenho ideia de quais são as etapas para chegar lá, além da experiência.

Escorregando por baixo de seu braço, eu me afasto em direção ao outro lado da cama, mantendo contato visual com ele enquanto me enfio debaixo das cobertas.

— Eu quero isso — digo quando estou totalmente escondida pela escuridão e pelos lençóis. Em seguida, puxo a camiseta para cima e sobre a cabeça, jogando-a no chão.

— *Jesus* — Isaiah exala do outro lado do quarto, passando a palma da mão em seu rosto incrédulo. — Eu sempre imaginei como você ficaria bem aí.

Observo os passos cuidadosos que ele dá em direção ao seu lado

da cama. Eles são calculados e lentos, feitos de uma forma que me faz pensar que ele está tentando catalogar cada momento disso.

Ele se enfia debaixo das cobertas comigo, mantendo o corpo ao seu lado, com cuidado para não me tocar, com os olhos fixos nos meus, sem permitir que eles se desviem para outro lar.

É doce de uma forma que eu nunca esperei que Isaiah fosse. Nos anos em que o conheço, eu o classifiquei como o palhaço impulsivo do time, sempre fazendo ou dizendo algo ridículo para arrancar risadas dos colegas de equipe.

Mas aqui, comigo, ele é... paciente.

E sem camisa. *Por que ele está sempre sem camisa?*

— Kennedy — ele sussurra, virado para mim. — Preciso que você use suas palavras e me diga exatamente o que quer. Ou o que você não quer.

— Não sei o que não quero.

— Ok. Que tal termos uma palavra de segurança? Algo que você possa dizer quando estiver se sentindo desconfortável.

— Não quero ter uma palavra de segurança com você. Sei que posso me sentir desconfortável, mas esse é o objetivo de tudo isso. Tirar do caminho as primeiras coisas incômodas.

— Bem, eu me sentiria melhor se tivéssemos uma. Não quero cruzar acidentalmente um limite que você não quer que eu cruze.

Para ser sincera, a essa altura, não há nada que ele possa fazer que eu não queira que ele faça. Mesmo assim ele não desiste.

— Tudo bem. — Levanto meu queixo. — Se eu tiver que usar uma palavra de segurança, acho que será *Sra. Rhodes*.

Ele solta uma gargalhada. — Você escolheu a única coisa que nunca vai dizer?

— Sim.

— Você é uma pirralha de merda.

Sorrio de volta para ele, com a cabeça apoiada em seu travesseiro sobressalente.

— O problema é o seguinte, Ken. — Estendendo a mão, ele segura minha nuca, passando o polegar em minha mandíbula. — Você vai ter que marcar o ritmo, porque eu tenho desejado você aqui, na minha cama, desde o dia em que nos conhecemos, e essa necessidade só piorou agora que eu a conheço. Independentemente de qualquer besteira que eu tenha dito enquanto estava sob o feitiço do Chili's, a verdade é que eu transaria com você agora mesmo se você me pedisse. Eu iria devagar se fosse isso que você quisesse. Ou faria com força. Mas também não consigo ler sua mente, portanto, mais uma vez, vou precisar que você use suas palavras e estabeleça o ritmo.

Palavras? Ele acha que tenho palavras a dizer depois disso?

Eu tento encontrar algumas. — Quero ir devagar.

Ele concorda com a cabeça. — Então vamos devagar.

Não é que eu seja virgem. Já fiz sexo, mas não foi exatamente o tipo de sexo sobre o qual você lê em livros ou vê romantizado em filmes. Sempre foi direto ao ponto e acabou assim que ele terminou.

Como cientista, eu tentava justificar isso para mim mesma – se ele terminava, pelo menos era agradável o suficiente para ele fazer isso.

Mas, como mulher, eu quero mais.

Eu simplesmente não sei como dizer as palavras sem parecer totalmente inexperiente, então, em vez disso, pego a mão de Isaiah que está segurando minha mandíbula e a guio para baixo, seus dedos calejados roçando a pele da minha garganta até que eu a deixo encostada em meu esterno.

Olhando para cima, encontro seus olhos fixos em meu rosto, observando-me e não deixando sua atenção mergulhar abaixo dos lençóis ainda.

— Por favor, olhe para mim — eu imploro.

Eu quero, não, *preciso* saber como é a sensação de Isaiah olhando para mim.

Ele inala bruscamente, fechando os olhos para se recompor e, quando os abre, suas pupilas estão totalmente dilatadas, enquanto percorrem minha garganta e pousam em meu peito, olhando para mim como se eu fosse a melhor coisa que ele já viu.

Nunca, nem uma vez, olharam-me da mesma forma que meu marido me olha. Desejada. Como se fosse importante. Devastadora para seus objetivos de vida.

Seu polegar passa sobre as sardas do meu peito. — Adoro isso — sussurra ele, antes de passar a mão na renda do meu bralette. — E isso... isso fica muito bem em você, Ken. De que cor é? Branco?

Eu engulo o nervosismo. — Amarelo.

Um sorriso se contrai em seus lábios quando seus olhos voltam a encontrar os meus, aquela marca de nascença pela qual sou obcecada, escondida atrás de uma linha de sorriso. — Minha cor favorita.

Que se dane. Sim, eu sabia exatamente o que estava fazendo quando o escolhi. Eu sabia que ele perguntaria e sabia que lhe diria, mas agora que está claro que usei isso para ele, posso sentir o calor subindo pelo meu peito.

Aparentemente, ele também, quando estende a mão para cobrir todo o meu decote.

— Não fique com vergonha de mim, Kenny. Você sabe que estou aqui enlouquecendo por você ter usado isso para mim.

Minhas mãos estão penduradas ao meu lado, porque me sinto estranha e desconfortável – o bom desconforto, eu acho, quando você é empurrado para fora de sua zona de conforto e amadurece. Mas desconfortável, mesmo assim.

— Desligue-o — ele sussurra. — Desligue seu cérebro e faça o que achar melhor. É tudo apenas um jogo, certo? Você e eu, tudo é um jogo, então entre no jogo.

Isso não parece um jogo. A maneira como ele me toca não parece falsa, nem a maneira como ele me olha – com desejo e reverência ao mesmo tempo.

Mas dizer a mim mesma que Isaiah não está em meu futuro ajuda a perfeccionista que há em mim. Se puder ver isso como uma prática para outra pessoa que eu possa conhecer no futuro, poderei me atrapalhar, fazer bagunça e aprender sem a necessidade debilitante de ser impecável na primeira tentativa.

Mesmo que esse algo seja tão simples quanto explorar completamente o corpo de um homem pela primeira vez.

— É duro.

— Nem me fale, porra. — Seu tom é seco. — Duro como a porra de uma pedra.

Eu o golpeio no peito. — É *duro*... desligar meu cérebro às vezes. Tenho a tendência de pensar demais. Analisar demais. Planejar demais.

— Eu sei. Eu vejo, Kenny, mesmo que você não esteja olhando para mim.

Há uma pausa pesada, um pouco de tensão nublando o quarto. Isaiah pode ter me notado anos atrás, mas nunca me permiti olhar de verdade até agora.

— Venha cá. — O pedido é tão silencioso que quase não o ouço.

Nós nos encontramos no centro do colchão, onde uso seu bíceps como travesseiro e encosto minha testa na dele. E, por algum motivo que ainda não consegui identificar, a calma toma conta de mim.

Esse garoto selvagem, que tem inúmeros amigos, escolhe passar seu tempo comigo. Ele faz com que eu me sinta centrada. Ele faz com que eu me sinta *normal*.

Ele me faz sentir que nosso *acordo* é normal.

Com a palma da mão dele ainda encostada no meu peito, envolvo seu pulso com a minha mão, deslizando-a pelo antebraço, sobre o

ombro e ao redor das costas, repousando-a ao longo da parte inferior da coluna. Minhas unhas seguem a pele dele durante todo o percurso.

Ele cantarola. — Isso é bom.

Deslizo a mesma mão sobre o oblíquo e desço até a parte inferior do abdômen, onde todo o estômago se contrai com uma respiração aguda quando passo a ponta dos dedos sobre a linha de pelos.

— Ainda está tudo bem? — pergunto, nós dois olhando para baixo e observando.

— Sim — ele respira fundo. — Continue.

Demoro a traçar cada fenda em seu abdome, alisando seu peito e curvando-me em torno de sua nuca para puxá-lo para um beijo.

O início é lento, suave e doce. Nossas bocas demoram a se explorar enquanto nos escondemos sob os lençóis em seu quarto. Ele segura meu rosto com ternura, abraçando-me com ele, mas em pouco tempo a coisa esquenta, os beijos se tornam longos e profundos. Eu murmuro em aprovação quando sua língua toca a minha, invadindo-a e assumindo o controle.

Suas mãos são gentis quando me tocam, mas sua boca.... sua boca *toma*.

— Eu sonhei com isso, porra — ele suspira contra meus lábios. — Sobre beijar você. Sobre tocar em você. Não quero que isso pare.

Portanto, não deixo.

Levantando minha perna, eu a coloco sobre seu quadril e, enquanto faço isso, Isaiah puxa os lençóis para cima para nos cobrir completamente.

Uma emoção estranha obstrui minha garganta com isso. Porque isso... isso parece seguro para explorar, enquanto as luzes estão apagadas e estamos escondidos debaixo das cobertas. Parece seguro não ser perfeita, onde ninguém mais além dele verá.

Enganchando uma mão em volta da minha bunda, ele afasta a boca bem a tempo de olhar para baixo e ver o momento em que puxa

meus quadris para os seus. Sua ereção é impossível de esconder por trás do material de algodão de seu moleton e fica ainda mais aparente quando pressiona contra o meu núcleo.

Um gemido escapa de meus lábios e minhas costas se arqueiam quando ele toca meu clitóris.

— *Porra* — ele diz enquanto se vê fazendo de novo.

Nunca, nem uma única vez, eu me senti tão à vontade para tocar alguém da maneira como toco Isaiah. De fato, nunca toquei alguém como toco Isaiah.

— Continue — ele incentiva, com os dedos alisando os cabelos soltos do meu rosto e o polegar passando suavemente sobre a maçã do rosto.

Traço languidamente cada curva de seu tórax e abdome enquanto ele observa pacientemente, contendo-se e dando-me espaço para explorar.

— É uma sensação muito boa, Kenny.

É a confiança de que preciso para continuar, continuar tocando.

Observo a forma como seus olhos se fecham enquanto minhas palmas cobrem a extensão de suas costas. A maneira como suas narinas se dilatam a cada expiração quando percorro seus braços. A maneira como sua respiração se contrai quando as pontas dos meus dedos voltam para baixo para traçar o V que mergulha em seu moleton.

Tenho essa necessidade dolorosa de tocá-lo em todos os lugares, esse belo rapaz que costumava me levar à loucura.

Empurrando os quadris, rolo meu corpo contra ele e observo seu pomo de Adão se projetar com sua profunda deglutição.

Inclino-me e pressiono meus lábios contra ele.

— Jesus, Kenny, faça isso de novo e eu vou gozar na porra da minha calça de moleton como se fosse um adolescente reprimido.

Eu sorrio contra sua pele.

Seu corpo inteiro se arrepia contra mim, sua respiração se torna superficial enquanto eu traço o dedo indicador ao longo da linha do V que desce até seu pau.

— Toque — ele ordena. — Puta que pariu, Kennedy, por favor, apenas toque.

Uau, esse homem arrogante parece fantástico quando implora.

Faço o que ele pede, enfiando a mão por baixo do cós da calça. Meus dedos percorrem sua pele quente, sobre os músculos tensos e as veias salientes, passando sobre os pelos, antes de deslizar para baixo e roçar a pele macia de sua ereção.

Isaiah range os dentes, cada músculo de seu corpo dispara enquanto seus dedos cravam em minha coxa que o envolve. — Por favor — ele implora. — Por favor, coloque sua mão em volta dele.

— Você é muito educado quando quer alguma coisa.

Sua risada é sombria. — Oh, baby, eu já lhe disse. Sou um bom garoto, especialmente quando quero alguma coisa.

Faço um círculo em torno de sua largura com a mão, a ponta do meu polegar passando sobre sua coroa para coletar uma gota de umidade.

— E isso... — Ele geme contra meu pescoço, o som desesperado enviando um pulso direto para o meu clitóris. — Isso é o que eu mais quero.

Eu não sabia que poderia ter esse efeito em alguém. *Nele.*

O homem é experiente, e isso é apenas um pouco de toque, um pouco de exploração.

— Sua mão — ele grita. — Droga, eu estava sonhando com ela, Kenny. Com sua boca. Com a porra da sua boceta. Aposto que ela é tão perfeita quanto o resto de você, não é?

Isaiah se joga na minha mão, procurando fricção, e é quando ele passa todo o seu comprimento pelo meu punho que sinto exatamente o tamanho dele.

Jesus.

— Está se sentindo bem?

— Cale a boca. — Ele ri, com a voz tensa, enquanto empurra desesperadamente minha mão novamente. — Estou duro como uma pedra para você, sabe disso. Você pode sentir isso.

Minhas bochechas queimam, mas não consigo me impedir de dizer a ele: — Nunca tive a oportunidade de perguntar, então só quero ter certeza de que estou fazendo o que você gosta.

Ele interrompe seus movimentos, mantendo os quadris firmes, mas não faz nenhuma pergunta embaraçosa. Levantando a cabeça do meu ombro, ele olha para mim, aqueles olhos castanhos curiosos observando e lendo, mas não de uma forma que me faça sentir boba ou inexperiente.

— Nunca conversei sobre esse tipo de coisa — continuo. — Nunca tive alguém com quem pudesse me comunicar.

— Bem, você está perfeita em sua primeira tentativa, Kenny. — Ele encontra minha mão no ritmo. — É evidente que você está.

— Mas diga-me o que posso fazer para melhorar isso para você. Eu quero aprender.

Ele balança a cabeça, rindo de mim, porque não consigo deixar de querer ser o melhor. E sim, aparentemente isso também significa bater punhetas.

— Você pode apertar um pouco mais, se quiser.

Eu faço exatamente isso. — O que mais?

— Gosto quando você dá um pouco de atenção à cabeça.

Faço um círculo com meu polegar novamente, espalhando a umidade sobre a ponta antes de cobrir meu punho com ela e passá-la pelo seu eixo.

— Mmm — ele geme. — É isso aí, baby.

O corpo de Isaiah está tenso, sua respiração é superficial. Parece

que ele está perto, mas ainda é muito cedo. Não quero que isso acabe ainda.

Por mais que eu goste de tocá-lo, quero que *ele* me toque.

Lendo minha mente, ele coloca sua mão sobre a minha para me impedir. — Vou gozar muito rápido e realmente preciso fazer você se sentir tão bem quanto está me fazendo. — Seus lábios se encontram suavemente com os meus. — Posso fazer você se sentir bem, Kenny?

Minha resposta é um aceno de cabeça ansioso demais, acompanhado por seus olhos suaves e sorriso de menino, enquanto tiro a mão de sua calça de moletom.

Ele aperta minha bunda, puxando-me para junto dele. Seus dedos brincam com a costura da minha leggings, dolorosamente perto do ponto em que mais preciso deles, enquanto seus lábios percorrem minha garganta, minha clavícula, meu peito, com a língua saindo para lambe o tecido do meu sutiã.

— Oh — eu exalo quando sua língua passa sobre a renda, criando uma deliciosa fricção em meu mamilo rígido. — Ok, eu gosto disso.

Sua risada silenciosa ressoa contra mim quando ele faz isso novamente, dessa vez fechando a boca sobre o pico.

Foda-se.

— Isso precisa ir embora. — Ele estala o material elástico contra minha pele antes de passar a mão por baixo do cós, curvando-se sobre minha bunda, apertando-me em sua palma.

Meu corpo congela em um momento de hesitação.

Ele me vira de costas, lambendo e beijando um caminho pelo meu estômago. — Diga-me para parar, Ken.

— Não.

Ele sorri para mim enquanto puxa minha leggings para baixo em um movimento tão fluido que impressiona até a mim. Sentando-se, ele a tira de meus tornozelos e a joga no chão.

— Da mesma cor. — Sua atenção se volta imediatamente para a

tanga que combina com o meu sutiã, passando o polegar sobre o elástico.

Sim. Sim, é isso mesmo.

E agora está tão claro para ele quanto para mim que eu tinha um plano quando vim para cá.

Eu queria acabar aqui quando batesse em sua porta esta noite? Sim.

Eu não me importaria se ficássemos com nossas roupas e comêssemos espaguete no sofá dele se isso significasse que eu poderia ficar com ele? Também, sim.

O que parece ser um problema.

Um problema sobre o qual não consigo pensar ou avaliar, porque no momento estou distraída com o jogador de beisebol gigante depositando beijos calorosos ao longo da minha barriga enquanto rasteja de volta pelo meu corpo, sua ereção grossa e dura contra a parte interna da minha coxa.

— Você ainda está bem?

É muito bom, é mesmo. É tudo tão doce, mas mesmo que Isaiah esteja sendo tão bom, tão paciente comigo, parte da razão pela qual eu sabia que ele era o homem certo para esse trabalho era sua experiência. Não preciso que ele me trate como um pássaro frágil que pode se quebrar. Preciso que ele me trate como uma mulher que ele não se canse de amar.

Passo a palma da mão gentilmente em seu rosto. — Deveríamos parar de ser tão educados, não acha?

— Bem, é isso ou eu arruiná-la para todos os outros homens, portanto, a escolha é sua, esposa.

— É mesmo? — Eu dou uma risadinha.

— É você quem quer namorar depois disso. Estou tentando tornar isso possível para você.

— Isso parece ser uma expectativa muito alta que você está

colocando em si mesmo.

Sua risada é um pouco maligna quando ele nos vira, deixando-me deitada sobre ele apenas com meu sutiã e minha calcinha fio dental. Ele puxa meu elástico de cabelo para que meus cabelos caiam pelas costas.

— Você quer jogar, Kenny? Vamos jogar, porra.

Ele passa as mãos pelas minhas coxas, agarra meus quadris e me faz balançar sobre sua ereção.

— Mmm — eu gemo. — Faça isso de novo.

— Faça você. — Ele cruza os braços atrás da cabeça, com um sorriso arrogante nos lábios. — Foda-se em mim, Ken. Mostre-me o que você pode fazer.

Minha pele fica quente e com uma pontada de ansiedade. *Ele* deveria ser o único no controle, mostrando-me, ensinando-me.

Mas a inclinação natural do meu corpo é rolar os quadris e encontrar atrito, então faço exatamente isso, rolando todo o meu núcleo sobre o comprimento do seu pau, e a sensação é *incrível*.

Deixo minhas mãos ancorarem-se em seu peito, contorcendo-me lentamente sobre ele. Sua calça de moletom é clara o suficiente e eu sei, *sei* que ele vai conseguir ver o quanto estou molhada. Ele vai poder ver o quanto eu *não* o odeio.

Mas não me importo, porque tudo é tão bom com ele.

Muito fácil. Tão confortável.

— Deus, olhe para você. Tão linda, esfregando sua boceta em mim. Você vai gozar assim, Kenny?

— Acho que sim — sufoco, deslizando ritmicamente meu clitóris sobre a cabeça de sua ereção.

— Sim, você vai. É uma sensação tão boa. Você está me deixando tão duro. Não pare até gozar. Preciso ver isso.

Posso ver os músculos de seus braços se contraindo, lutando para

ficar atrás de sua cabeça. Mas eu não os quero ali. Eu os quero em cima de mim.

— Isaiah? — Minhas unhas cravam em seus peitorais. — Você vai me ajudar a terminar?

Seu pau inchado pulsa embaixo de mim, seus olhos se fecham, como se ele precisasse tentar se controlar.

— Quando foi que eu consegui dizer não para você?

É a mesma pergunta que ele fez na manhã seguinte aos nossos votos de bebedeira. Dessa vez, com um pouco menos de mordacidade e muito mais luta por meio de respirações difíceis.

Suas mãos encontram minha cintura antes de se curvarem ao redor das minhas costas, subindo e descendo suavemente ao longo da minha coluna. — Eu... — Ele balança a cabeça. — Não posso acreditar que você está aqui. Eu me sinto tão sortudo. — Ele apalpa meus seios, os polegares traçando círculos sobre meus mamilos pontiagudos, sob a renda do meu sutiã. — E estes... são perfeitos.

Meus seios? Não, não são. Longe de serem perfeitos, na verdade. São bem pequenos e irregulares, mas parecem perfeitos em suas mãos.

Isaiah se senta comigo em seu colo, aproximando sua boca da minha para um beijo rápido. Em seguida, sussurra em meu ouvido enquanto suas mãos deslizam para a minha bunda, empurrando e puxando, guiando-me para balançar sobre ele.

— Nunca me senti tão excitado como estou por você, Kennedy Kay. Por esse conjuntinho que você usou para mim. Por seus cabelos balançando nas suas costas toda vez que você se contorce no meu pau, e nunca, *nunca fiquei tão excitado* quanto estou agora, sabendo que você vai gozar em cima de mim, e eu ainda nem tive o prazer de tocá-la adequadamente.

Ele arrasta suas mãos pela parte externa das minhas coxas.

Ele sussurra mais encorajamento enquanto nós dois olhamos para baixo e observamos meu movimento sobre ele. — É isso aí. Você está se saindo tão bem para mim, Kenny. Deus, essa sensação é incrível.

Isaiah se deita novamente, de costas na cama. Com as palmas de suas mãos entrelaçadas em minhas coxas, apoio minhas mãos em seus antebraços.

A pressão em meu baixo ventre aumenta rapidamente e se torna inebriante, pronta para transbordar. Está tão perto, *estou* tão perto. O que me faz pensar: por que nunca me senti tão à vontade com alguém antes? O que eu fiz de errado que estou fazendo certo desta vez? Por que é tão simples como transar com esse homem frustrantemente encantador?

Por que estou distraída neste momento e por que meu orgasmo iminente está me abandonando por causa disso?

Um gemido desesperado escapa de mim quando a pressão começa a se dissolver. Luto para mantê-la, mas meus músculos se recusam, desenrolando-se, e minha respiração se torna mais suave à medida que o impulso diminui.

— Não — Isaiah se recusa. — Dê-me um. Preciso de um de você. Preciso ver isso.

Seu polegar passa por cima da minha calcinha, bem em cima do meu clitóris.

Ele faz círculos suaves ali e meus quadris seguem o padrão, a pressão aumentando lentamente de volta.

— Sim — sibilo entre os dentes. — Ajude-me.

Isaiah enfia um único dedo indicador na minha tanga, bem no ponto em que ela se estreita, a junta do dedo roçando a pele logo acima de onde mais preciso que ele me toque. No momento em que estou convencida de que ele vai empurrar o tecido para fora do caminho, para ter acesso mais fácil, ele engancha o dedo, prendendo o material e dando a si mesmo algo para se segurar. Algo para me guiar.

Ele puxa minha calcinha em sua direção, puxando-me em seguida, com a renda esticada e causando uma deliciosa fricção sobre meu clitóris.

— Oh, meu Deus. — Minha cabeça cai para trás com a sensação.

É uma sensação de euforia tê-lo embaixo de mim, com seu dedo tão próximo em combinação com o tecido áspero em minha pele excessivamente sensível.

Ele me move, e me balança sobre a calça de moletom, empurrando-me e puxando-me com seu único dedo enganchado na minha calcinha fio dental.

Como uma maldita rédea.

E eu sigo sua orientação de bom grado.

— Você está se saindo tão bem, baby, fodendo-se em mim. — Ele mal consegue pronunciar as palavras em meio a sua respiração irregular. — Use-me.

E eu uso, eu rolo, contorço-me e rebolo sobre seu corpo até que a pressão aumenta, transbordando, e todo o meu corpo se contrai em um orgasmo ofuscante. Meus olhos estão desesperados para fechar, a liberação é quase insuportável, mas não consigo fechá-los. Não posso deixar de observar o homem abaixo de mim enquanto ele me observa, olhando para mim como se não pudesse acreditar que está me vendo gozar.

Ele me toca durante todo o processo, passando as mãos suavemente sobre minhas coxas, meu estômago e meus seios. Ele é suave e paciente enquanto eu desço, deitando todo o meu corpo cansado em seu peito.

Ele me segura. Ele me abraça após o orgasmo.

Literalmente, nunca fui abraçada uma única vez na vida e agora, enquanto estou me sentindo realizada, tenho os braços desse homem ao meu redor e me abraçando como se ele não pudesse suportar me deixar ir embora.

E tenho que me lembrar que não é hora de me emocionar com isso.

Um dia, outra pessoa também me verá dessa forma. Só me resta esperar.

Encosto meu rosto na curva de seu pescoço enquanto ele acaricia meu cabelo e passa um braço pesado em volta das minhas costas, mantendo-me firme com ele.

— Você é... — ele beija minha têmpora — ... a mulher mais linda que já vi, e morrerei muito feliz depois de testemunhar isso.

— Acho que nunca gozei assim.

— Mesmo? Espere só até eu poder usar meus dedos ou minha boca em você. *Porra*, vou gozar só de pensar nisso.

Eu rio contra ele, rolando para fora de seus braços e deitando-me de costas.

Nós dois estamos brilhando com um pouco de suor, eu pelo esforço e ele por ter se contido. Mas ficamos aqui deitados, recuperando o fôlego um ao lado do outro.

Ele estende a perna, esparramando-se, e é aí que eu vejo. A mancha molhada em sua calça que eu sabia que estava deixando em meu rastro, bem como sua ereção muito dura e muito presente que ainda não foi cuidada.

Sua mão desliza por baixo do cóis da calça, bombeando e puxando, e fico hipnotizada pela forma como sua mão se move, como seu antebraço se projeta.

— Tenho que ir ao banheiro rapidinho. Volto logo. Não se atreva a sair, ou descobrirei onde você mora e a arrastarei de volta para a minha cama.

— Sinto que você provavelmente já sabe onde eu moro.

O sorriso malicioso que ele me dirige grita que ele sabe mesmo.

— Stalker.

— Miller teve de deixar algo em seu apartamento no Natal e eu talvez tenha implorado para acompanhá-la para poder vê-la. Mas ela me disse que, se eu fosse, teria de ficar no carro.

Eu dou uma risadinha. — Era inverno em Chicago e você ainda decidiu ir com ela?

— Foi no período de entressafra. Eu estava desesperado para ver você.

Ele diz isso como se não fosse a afirmação mais óbvia, antes de se sentar na beirada da cama para ir ao banheiro.

— Espere. — Eu agarro seu braço. — Termine aqui. Eu quero assistir.

Sua sobrancelha se ergue quando ele olha para mim por cima do ombro. — Você vai me ajudar?

Tenho certeza de que minhas bochechas estão vermelhas como carmesim, mas ainda assim eu me acomodo contra o travesseiro.

Isaiah mantém sua atenção presa em mim enquanto se levanta da cama. Grande, alto e orgulhoso, ele passa uma única mão no cabelo antes de usar a outra para limpar a mancha que deixei em sua calça e, em seguida, mergulha a mão no cós da calça e a usa para se cobrir.

Puxa vida.

Minha boca se abre em choque, enquanto esse homem permanece completamente sem vergonha e sem ser afetado por minha reação.

Ele se bombeia, sua mão grande se movendo ao longo do eixo, mas escondida atrás do tecido da calça.

Deus, eu quero ver isso.

— Como você vai me ajudar com esse problema, Ken?

— Eu... hum... como você quiser que eu faça?

Ele lambe o lábio inferior. — Você vai me levar nessa sua boca inteligente? Vai me chupar até que eu esteja descendo por essa linda garganta?

Oh.

Eu hesito. Uma hesitação óbvia, porque não tenho certeza de que estou pronta para ir até lá esta noite. Não estou preparada. Os únicos boquetes que já fiz foram todos para o mesmo homem, que me disse que não eram muito bons. Não quero que me digam isso de novo, e sei

que Isaiah me orientará se eu pedir, mas não esperava ter de pedir a ele esta noite.

Minha voz é baixa. — Eu posso fazer isso.

Ele hesita tanto quanto eu. — Da próxima vez. — Abaixando o moletom, ele o deixa cair no chão. — Esta noite, quero sua mão em mim.

É a primeira vez em toda a noite que fico chateada comigo mesma por ter apagado as luzes, porque quero vê-lo corretamente. Em toda a sua glória. Sentir seu pau em minha mão. Literalmente, eu o masturbei a seco. Eu sabia que ele era grande, eu podia sentir, mas não sabia que ele era tão... *abençoado*.

Grosso, mas não de uma forma ímpia, e longo, mas proporcional a ele. O homem tem 1,80 m, mãos grandes, pés grandes e um pau grande e bonito. Bonito como todo o resto dele. Tão bonito, na verdade, que preciso me lembrar que terei de manter minhas expectativas baixas depois dele.

— Você gosta do meu pau, Ken?

— Não vou responder a isso. Seu ego já é grande o suficiente.

— Mmm — ele cantarola. — *Grande* foi o primeiro adjetivo em sua mente, não? Por que será?

Eu dou uma risada.

— Os olhos estão aqui em cima, Kennedy.

Mantenho minha atenção presa em sua mão que acaricia, na cabeça que está vermelha e vazando, nas veias furiosas que correm por seu comprimento.

— Eu, e não posso começar a expressar isso o suficiente, não dou a mínima para onde seus olhos estão.

— Ah, entendi. — Ele ri enquanto se arrasta para a cama. — Agora sou apenas seu boneco sexual. Só estou aqui para seu prazer.

— Exatamente.

Ele abre minhas pernas, ajustando seu corpo nu para se deitar em cima de mim. — Esse parece ser o emprego dos meus sonhos, para ser sincero. Se eu soubesse que a vaga estava aberta, teria me candidatado a ela anos atrás. — Beijando suavemente meus lábios sorridentes, ele pega minha mão e a leva para envolver seu pau. — Agora seja uma boa esposa e me faça gozar.

Ele se move, penetrando lentamente em minha mão à espera, exatamente como fez no início da noite, só que dessa vez não há roupas no caminho para me impedir de ver.

Seu corpo está alinhado com o meu, então não só posso senti-lo pulsando na minha mão, mas seu pau também roça na minha calcinha molhada a cada passada.

A sensação é incrível.

Ainda estou tão sensível e ele está tão duro e, caramba, tudo é tão bom.

— Porra — ele sussurra enquanto eu o bombeio em meu punho. — Eu não vou durar muito tempo.

Ele entrelaça os dedos em minha mão livre, prendendo a minha ao colchão enquanto circula a ponta do dedo anelar sobre minha aliança de casamento, como costuma fazer quando segura minha mão esquerda.

Com a outra mão, ele agarra desesperadamente as barras da cabeceira da cama acima da minha cabeça.

Eu o acaricio até a ponta, coletando o líquido pré-goço e usando-o para revestir o eixo.

— Sim, Kennedy. Você está se saindo muito bem. Assim mesmo.

Continuo com esse movimento antes de mudar e dar mais atenção à cabeça, como ele me disse que gostava antes, mantendo meu punho apertado e minhas bombadas curtas e superficiais.

— Sim — ele diz. — Sim. Sim. Por favor, por favor. Por favor, não pare.

Não faço isso. Acompanho seu ritmo enquanto ele se enraíza em mim, usando minha mão para se foder.

Parece que ele está *me* fodendo, com minhas pernas abertas em volta dele, seu pau batendo contra meu núcleo. Deus, eu sei que ele será bom nisso.

Seus movimentos se tornam desleixados, seus quadris se sacodem à medida que ele se aproxima da liberação, e ele goza no exato momento em que passo o polegar sobre sua fenda antes de arrastá-lo pela veia saliente na parte inferior de sua coroa.

— Oh, *droga* — ele pragueja ao encontrar sua liberação em minha barriga, cobrindo-me com isso.

Não paro de trabalhar minha mão. Continuo a acariciá-lo, para cima e para baixo, querendo cada grama que ele tem para me dar.

Deus, ele é hipnotizante assim. Desesperadamente agarrado a mim, e não posso acreditar que *eu* fui capaz de fazer isso com ele.

Seu rosto cai em meu pescoço, ofegando e choramingando contra minha pele. — Muito bom. Você se saiu tão bem. *Você* é tão boa — ele continua repetindo como se fosse uma espécie de cântico de louvor pós-orgasmo.

Funciona. Atualmente, meu ego está nas alturas.

— Você está de acordo com isso? — pergunta ele.

— Estou perfeita.

— Eu sei. — Ele beija minha garganta. — Eu tenho tentado lhe dizer.

Ele mantém seu corpo nu sobre mim por algum tempo, respirando e se aconchegando. Acaricio suas costas, brinco com as pontas de seu cabelo e o seguro comigo, porque *nunca* me senti tão confortável com outra pessoa.

O momento de calor diminui para algo suave e doce enquanto nos deitamos juntos.

Ele dá beijos quentes em minha mandíbula enquanto fala. — Por

mais que eu queira que você ande por aí pelo resto da vida com meu esperma pingando em cima de você, preciso limpá-la.

Isaiah levanta seu corpo gigante de cima de mim, antes de pegar uma calça de moletom nova e correr para o banheiro.

Ele, é claro, ainda não vestiu uma camisa.

A água corre enquanto ele assobia, e eu me deito na cama coberta por ele, com um sorriso idiota no rosto e me perguntando o que diabos acabou de acontecer.

Foi o que eu pedi, uma lição de intimidade, mas o que diabos foi isso? É isso que eu estava perdendo todos esses anos? E foram apenas *preliminares*.

Ele pode muito bem estar certo. Ele pode me arruinar para qualquer homem depois dele e não posso permitir que isso aconteça, porque tudo isso é temporário. Tudo isso é *um treino* para o que virá depois.

Isaiah volta rapidamente com aquele sorriso de menino e uma toalha úmida na mão.

— Eu posso fazer isso — digo a ele, sentando-me e pegando o pano.

— Bom para você. — Ele o segura fora do meu alcance. — Agora tire suas mãozinhas gulosas e deixe-me limpá-la antes de envolvê-las em meu pau e fazermos tudo de novo.

— Jesus. — Eu me assusto com uma risada.

Ele me limpa, com a toalha quente ao toque. Ele não tem pressa, seus dedos suavizam minha pele a cada passada da toalha.

É doce, gentil e delicado. Três palavras que agora associo a esse homem, quando antes eu só conseguia pensar nele como arrogante, impulsivo e infantil.

— Kennedy. — Sua voz treme como se ele estivesse nervoso, mantendo os olhos em minha barriga enquanto me limpa. — Você acha que talvez pudesse ficar...

O som de uma fechadura se abrindo interrompe sua frase. Nossos olhos se voltam um para o outro, mantendo o silêncio para ouvir a porta do apartamento dele abrir e fechar.

Passos e barulho de chaves.

Alguém está em seu apartamento. Mais passos. Mais pessoas.

— Por favor, ignore a decoração da casa — diz o intruso. — Era da minha avó, mas sinto tanta falta dela que tive que manter tudo isso por valor sentimental.

— Isso é ótimo — diz outra voz – uma voz feminina.

— Sim. — Seguido de um suspiro pesado. — Ela significava o mundo para mim.

Cody. Essa voz pertence ao Cody.

Os olhos de Isaiah se arregalam quando ele se levanta da cama. — Eu vou matá-lo, porra.

Ele chega até a porta antes de se virar e correr de volta para mim para dar um beijo rápido em meus lábios.

— Não faça isso. — Ele estende as mãos como se quisesse dizer que quer que tudo permaneça exatamente como está. — Não vá embora, está bem?

Não posso deixar de soltar uma gargalhada quando ele sai do quarto, certificando-se de fechar a porta do quarto atrás de si, deixando meu corpo quase nu em segurança aqui dentro.

Há vozes. Muitas vozes. Três, talvez quatro pessoas. Acho que uma delas é Travis. E a última tem um leve sotaque de Boston.

Aproveito a oportunidade para me arrumar, vestindo minha camiseta e minha leggings, porque sei o que Isaiah ia me pedir. Ele quer que eu passe a noite aqui, mas preciso de um pouco de espaço. Um momento para registrar o que acabou de acontecer como prática, não como realidade.

Algumas palavras acaloradas são trocadas na sala de estar. Alguns *foda-se* seguidos de muitas risadas de bêbado.

— Espere, por favor, não vá — implora Cody. — Podemos ir para o meu apartamento de verdade!

Uma porta bate e, em seguida, ela se abre novamente e Isaiah grita: — A propósito, a avó dele está viva e bem! Ela mora em Jersey!

Abro a porta do quarto e encontro a cabeça de Isaiah no corredor, aquelas palavras dirigidas à garota que Cody trouxe para cá e Isaiah fez fugir.

— Bem, isso foi um fracasso. — Cody ergue as mãos. — Posso dormir aqui, pelo menos? Oh, meu Deus, você fez espaguete. É por isso que somos melhores amigos!

Cody, Travis e Rio – um dos defensores do Chicago Raptors, o time da NHL de Chicago – reúnem-se em torno da tigela de restos de macarrão.

— Vocês podem chamar um carro e levar a travessa inteira com vocês, mas todos vocês precisam ir embora.

A boca de Rio está cheia quando ele se vira confuso. — Por quê?

— De onde diabos você veio, Rio?

— Eu os encontrei no bar. Vi Cody tentando convencer uma garota a ir para casa com ele. Bem, para *sua* casa, e eu tive que ouvir o que ele ia dizer para justificar esses cartazes horríveis. Você ainda tem aquele que comprei para o banheiro? Olá, bochechas doces! — Ele me vê pelo canto do olho. — Ah, eu quis dizer... a placa diz. Tenho certeza de que suas bochechas também são doces, Kennedy, mas eu estava me referindo à placa.

Isaiah balança a cabeça, ouvindo o amigo bêbado dizer bobagens. — Feche a porra da sua boca. Não há necessidade de você pensar nas bochechas da minha esposa de forma alguma.

— Sim. — Rio faz movimentos como se estivesse fechando o zíper da boca. — Não estou fazendo isso.

Cody se afasta do espaguete, com um sorriso de conhecimento na boca, enquanto seu olhar passa de seu melhor amigo para mim. —

Olá, Sra. Rhodes.

Levanto um único dedo em protesto, mas minha mordida parece menos afiada do que o normal. — Cuidado.

— Kennedy! — As mãos de Travis se esticam, sua boca está cheia e com muito molho vermelho. — Esta é a melhor noite de todas.

— Uma garota deu uns amassos nele na pista de dança — explica Cody.

— Bom para você, Trav!

Isaiah me lança um olhar fixo, dizendo: — Não os *incentive* — do outro lado da sala.

— Eu... nós... — Cody faz um gesto para os três — ... vamos embora.

Isaiah abre a porta sem hesitar. — Seria melhor assim.

— Na verdade — interrompo, juntando meus sapatos, boné e jaqueta que estão espalhados pela sala de estar. — Preciso ir para casa de qualquer maneira. Amanhã o voo é bem cedo.

— Mas... — As sobranceiras de Isaiah estão franzidas em confusão enquanto calço meus tênis.

— É bom ver você, Rio. — Levanto minha mão em um aceno. — Cody, Trav, bom jogo hoje à noite.

Posso sentir o olhar de Isaiah me seguindo até a porta. Uma vez no corredor, eu me viro lentamente para ele, sem saber o que dizer.

Obrigada pela aula? Obrigada pelo orgasmo? Você pode me ensinar como fazer um boquete adequado da próxima vez?

Ele bloqueia a porta, mantendo seus amigos fora da conversa, com olhos castanhos suaves e suplicantes. — Eu quero que você fique.

— Eu sei.

— Mas você não vai ficar? Mesmo que eles estejam indo embora?

Balançando a cabeça, eu lhe digo que não.

Eu esperava uma discussão, que ele me pressionasse a fazer algo que eu não estivesse pronta para fazer, mas em vez disso, ele cede. — Posso pelo menos levá-la para casa?

Um sorriso surge em meus lábios. — Eu cuido disso a partir daqui.

— Tudo bem. — Ele exala um suspiro derrotado antes que o Isaiah tipicamente feliz volte. — E quanto a mim? — ele pergunta, cruzando os braços e se inclinando para a porta. — Eu tive um bom jogo esta noite?

A insinuação em seu tom grita que ele não está se referindo ao beisebol.

— Acho que jogamos muito bem esta noite.

Ele ri, inclina-se e deposita um beijo suave em meus lábios. — Eu também acho que jogamos bem.

CAPÍTULO 19

Kennedy

— Um de nossos antigos coordenadores de viagens, Josh, está trabalhando para o San Francisco agora — diz Dean. — Pedi a ele para ver se conseguia alguma informação sobre sua próxima entrevista e, pelo que ele ouviu na sede do clube, você é a principal candidata deles.

Eu me sento mais ereta enquanto estou no carro estacionado, com o telefone no ouvido e meu meio-irmão do outro lado. — Espere. É mesmo?

— Sim. Aparentemente, nesta fase, só restam três pessoas sendo entrevistadas. As coisas estão parecendo boas. Você deve se animar, Kennedy.

— Bem, sim, eu gostaria de estar animada com isso, mas depois do que aconteceu no meu primeiro dia em Chicago, quando tive minha oferta rescindida, não acreditarei em nada até que meu nome esteja na porta do meu próprio consultório.

Um consultório que certamente usarei com menos frequência do que o nosso médico-chefe atual. Continuarei praticando medicina esportiva, não apenas dizendo a todos como fazê-lo.

— Eu disse ao Josh para falar bem de você. Você deveria procurá-lo quando estiver lá para a entrevista. Ele é legal. Divorciado. Tem trinta e poucos anos. Ele tem um péssimo gosto para moda, mas acho que você poderia consertar isso para ele.

— Dean — solto uma risada. — Do que você está falando? Eu sou casada.

Uau. Por que diabos eu disse isso? Por que diabos eu *pensei* isso?

— Sim... — ele diz lentamente, confuso. — Mas você não estará quando estiver morando lá. Josh é um cara legal. Acho que você vai gostar dele. Você deveria pedir para ele lhe mostrar o clube enquanto estiver visitando.

Eu me afundo, com a cabeça relaxando contra o assento. — Sim. Sim, você tem razão. Vou ligar para ele quando estiver na cidade.

Olhando para o estacionamento dos jogadores no O'Hare International, vejo o carro de Isaiah chegar.

— Estou contando os dias até que você consiga aquele emprego e possa finalmente dar os papéis do divórcio para aquele maldito idiota.

— Dean — eu me assusto. — Não fale dele desse jeito.

— Kennedy. — Ele ri com incredulidade. — Quantas vezes você já falou mal de Isaiah Rhodes no passado?

— Sim, bem, ele é meu marido. Posso falar merda o quanto quiser, mas isso não significa que *você* possa.

— Jesus. Você está sensível hoje.

— Não estou sendo sensível. Estou apenas cansada de seu ódio estranho pelo cara. Você nem sequer o conhece. O que ele já fez para você?

— Ele é apenas... — Dean hesita. — Eu simplesmente não gosto do cara. Ele e seu irmão são...

— Bons um para o outro? — eu termino por ele. — É esse o seu problema? O fato de eles terem apenas um ao outro e ainda terem uma situação familiar melhor do que a nossa?

Ele exala do outro lado da linha. — Por que estamos falando sobre isso? Não importa, porra.

— Isso é importante para mim. Ele está atualmente em minha vida e você é meu meio-irmão. Seria bom se vocês dois fossem cordiais um com o outro.

— A palavra-chave aqui é *atualmente*. Não vamos ter essa conversa e, quando vocês dois se separarem legalmente, podemos simplesmente fingir que isso nunca aconteceu.

Esse era o meu plano quando concordei com tudo isso, só que agora não sei como vou esquecer que tudo isso aconteceu.

Com certeza não vou conseguir me esquecer da noite passada.

Falando do homem com quem estou casada, Isaiah estaciona seu SUV bem na frente do meu, seu sorriso de menino brilha no para-brisa quando me vê esperando por ele.

— Falando daquele que não deve ser nomeado. — Pegue minhas chaves e coloco meus óculos escuros antes de abrir a porta do lado do motorista. — Ele está aqui. Tenho que ir.

— Lembre-o do quanto eu o odeio por mim, está bem?

— E você acha que *eu* estou sendo sensível hoje? O cara está morando de graça na sua cabeça. Falarei com você quando estiver sendo menos babaca.

Desligo o telefone e saio do carro.

Meu estômago revira quando vejo Isaiah, uma estranha agitação que me faz sentir tanto enjoada quanto excitada. A lembrança da maneira como ele se moveu em minha mão, a maneira como ele ofegou meu nome baixinho em meu ouvido na noite passada, enquanto se recuperava, é tudo em que consigo pensar quando ele dá a volta no capô de seu carro e me encontra na porta do meu.

— Olha aí, a velha bola e a corrente.

— Essa é nova.

— Estamos casados há mais de um mês. Achei que, com a curta duração dessa coisa toda de casamento, provavelmente é hora de saímos da fase de recém-casados.

Ele está com um sorriso conhecedor nos lábios, com um brilho bobo nos olhos que grita que ele está me dando uma bronca. Mas a lembrança faz meu peito arder, como se eu não soubesse que havia

uma data final para tudo isso. Como se não tivesse sido *eu* quem a estabeleceu.

— Desculpe-me pelo atraso. — Com um braço sobre meus ombros, ele me puxa para um abraço, pressionando seus lábios no topo da minha cabeça da maneira mais casual possível. Como se tivéssemos feito isso o tempo todo. Como se fôssemos fazer isso para sempre. — Eu tive que passar no mercado na esquina do meu quarteirão. Não tinha certeza se você teria tempo suficiente para comprar um desses hoje de manhã, já que teve uma noite longa e tudo mais.

Ele franze as sobrancelhas algumas vezes, como um idiota, antes de desdobrar o jornal debaixo do braço e me entregar a edição de hoje do *The New York Times*.

— Ouvi dizer que os de sábados são os mais difíceis, então é só me avisar se precisar de ajuda com isso.

Solto uma gargalhada, mas uma gargalhada sufocada e aguada, porque isso é incrivelmente gentil da parte dele, pensar em mim sem implorar.

— Você já completou alguma vez uma palavra cruzada? — pergunto, em vez de me gabar de como sou grata.

— Não. Sou mais do tipo que gosta de procurar palavras.

Abrindo o porta-malas, ele puxa a minha mala, arrastando as nossas duas atrás dele enquanto atravessamos o terminal privado do aeroporto, passamos pela segurança e saímos em direção ao avião da equipe na pista.

Essa tem sido nossa rotina desde o início da temporada. Nós nos encontramos no estacionamento e embarcamos juntos. Reese ainda não chegou antes de nós ao avião, mas não queríamos correr o risco de aparecer separadamente e nos expor a perguntas.

— Isaiah — começo, enquanto ele passa nossa bagagem para um dos funcionários da fila para colocá-la no compartimento do avião. — Por que você e o Dean se odeiam tanto?

— Acho que é melhor que você obtenha essa resposta do próprio Dean.

— Eu tentei. Ele não quer me contar o que aconteceu.

Isaiah solta uma risada. — É claro que ele não quer contar. O cara é um maldito idiota, mas por mais que eu não o suporte, você se importa com ele, então não serei eu a tentar mudar sua opinião sobre seu irmão.

Na base da escada, faço uma pausa, olhando para ele. — Eu gostaria que você me dissesse, mas tudo bem.

— Está bem.

Com um leve aperto em minha nuca, Isaiah faz sinal para que eu suba as escadas e vá primeiro. Chegamos um pouco mais tarde do que normalmente tentamos chegar ao avião e, quando viro me deparo com o corredor, noventa por cento dos assentos já estão ocupados.

Felizmente, temos assentos reservados, especialmente para os funcionários da frente, portanto, meu assento vazio está me esperando ao lado de Sanderson.

Monty e sua equipe sentam-se na primeira fileira, seguidos pelos proprietários da equipe, onde... *que droga*.

Reese já está a bordo, sentada na terceira fileira. Saia lápis ajustada, salto alto e cabelo loiro perfeitamente penteado. Ela sorri para mim, mas há um pouco de confusão entre suas sobranceiras quando ela olha em volta, suponho que para Isaiah - *meu marido*. Com quem eu deveria ter chegado. Porque moramos no mesmo apartamento. Porque somos casados e felizes.

Fico paralisada em meu lugar, bem na frente do avião, com os olhos em mim, quando Isaiah dobra o corredor e vem direto para as minhas costas.

— Merda, Kennedy. — Seu braço envolve minha cintura por trás para me manter firme. — Eu quase derrubei você. O que está esperando?

Seu polegar passa sobre o osso do meu quadril, onde sua mão ainda não me soltou.

É bom. Isso parece bom.

Não me mexo e ele deve perceber meu nervosismo, pois abaixa a mão imediatamente.

Mas não estou nervosa com o fato de ele me tocar. Estou rapidamente me sentindo confortável com seu toque. Estou rapidamente *desejando* seu toque.

Então me viro, tentando transmitir com os olhos que Reese está aqui, que estamos sendo observados e que é *por isso* que estou nervosa. Então, se ele pudesse me acompanhar agora, seria ótimo, mas Isaiah não percebe nada disso.

— O que há de errado? — ele pergunta alto o suficiente para que as primeiras fileiras o ouçam. — Está se sentindo bem?

Garotos, eu lhes digo. Às vezes, sem noção.

Assumo o controle da situação, colocando minha mão na dele, entrelaçando nossos dedos ali mesmo, na frente de toda a equipe e dos funcionários.

Isaiah amolece, sua boca se abre em um sorriso enquanto ele olha para mim. Seu polegar passa sobre as costas da minha mão antes de levá-la aos lábios, depositando um beijo rápido. — Oi — diz ele antes de dar outro beijo.

É doce, com certeza, mas isso é tudo para mostrar e não sei se ele está percebendo isso.

Observo como seus olhos se movem do meu rosto para as pessoas ao nosso redor. Observo o momento em que ele descobre que Reese está nos seguindo da terceira fileira. Observo como seu sorriso se desfaz ao perceber o que de fato é esse momento.

Seus olhos saltam pela cabine enquanto ele junta as peças, e posso ver visivelmente o segundo em que isso o atinge. Ele parece arrasado, como se achasse que eu estava segurando sua mão porque

queria e não porque os outros precisavam ver.

Não é que eu *não queira*, mas não é disso que se trata.

Isaiah limpa a garganta, desvia o olhar de todos os outros e, com minha mão na dele, conduz-me ao meu assento.

Eu me coloco no lugar ao lado de Sanderson e, da maneira mais estranha possível, ele nem sequer cumprimenta meu colega de trabalho ao meu lado.

Isaiah sempre cumprimenta os funcionários, seja aqui no avião, no campo ou até mesmo em uma festa da equipe.

Mas hoje, ele não fala com ninguém. Ele simplesmente dá um beijo rápido em minha bochecha, obviamente para os espectadores, e me deixa em meu assento antes de decolar para a parte de trás do avião.

Vejo o Dr. Fredrick revirar os olhos ao meu redor.

— O Rhodes está bem? — Sanderson pergunta calmamente ao meu lado.

— Na verdade, não tenho certeza.

Colocando os fones de ouvido, pego o celular para descobrir, mas levo um tempo para encontrar o nome de Isaiah.

Porque ele mudou suas informações de contato.

Eu: *Você roubou meu telefone ontem à noite e mudou o nome em seu contato?*

O melhor marido do mundo: *Não tenho a menor ideia do que você está falando.*

Eu: *Está tudo bem?*

O melhor marido do mundo: *Sim.*

Mentira.

Eu: *O que há de errado?*

O melhor marido do mundo: *Nada. Apenas esqueci o que estávamos fazendo por um minuto. Está tudo bem agora. Eu já me lembrei.*

Eu: *Você parecia chateado.*

O melhor marido do mundo: *Está tudo bem. Sempre está.*

Eu: *Isaiah.*

O melhor marido do mundo: *Apenas cansado. Dormi tarde ontem à noite, caso você se lembre bem ;) Vou dormir durante o voo. Vejo você lá.*

* * *

Um estrondo de trovão vibra em nosso quarto de hotel e, se eu já não estivesse acordada, o som teria me tirado do sono.

Não há chuva para acompanhar a tempestade de verão, apenas estrondos altos e flashes brilhantes de luz, mas é muito bonito observar da segurança de dentro do quarto enquanto os raios iluminam o horizonte de Minneapolis.

Isaiah está a poucos metros de distância, no chão, enquanto eu estou no conforto desta cama king size, mas ainda assim não consigo dormir.

Não tenho a menor ideia de por que ele ainda está lá embaixo. Depois da noite passada, não sei, achei que dormir na mesma cama era um pressuposto. Eu disse a ele que poderia dormir aqui em cima se quisesse, mas ele se recusou, e não tenho ideia do que eu poderia dizer para fazê-lo mudar de ideia.

Minha mente ainda não está clara, ainda não categorizou totalmente a noite passada como treinamento. Talvez ele saiba disso. Talvez ele saiba que eu não estou pronta para mais, porque ainda estou abalada com o fato de que Isaiah me fez gozar simplesmente me

esfregando em seu corpo.

Que diabos estou fazendo?

Tirando uma perna de debaixo das cobertas, viro-me de costas quando outro relâmpago explode lá fora, iluminando o espaço apenas o suficiente para que eu encontre Isaiah de pé e andando pelo quarto.

Isso é estranho. Pelo silêncio do nosso quarto, eu poderia jurar que ele estava dormindo durante a tempestade. Não o ouvi se levantar.

Os trovões voltam a ribombar e observo como todo o seu corpo se retrai com o som. Seus olhos se fecham e seus lábios tremem com uma expiração trêmula.

Eu não falo. Não digo que estou acordada e que posso vê-lo agora que meus olhos se ajustaram à escuridão.

Eu simplesmente observo.

Seu cabelo perfeitamente desgrenhado. Seu peito sem camisa, expandindo e contraindo em um ritmo alarmante. Seus pés descalços carregando-o pelo quarto silenciosamente.

Isaiah passa o polegar sobre a tela do celular antes de decidir não o pressionar. Ele deixa o braço de volta ao lado do corpo enquanto continua a andar, desgastando o carpete perto da porta, mas quando outro raio cai, ele não hesita em levantar o telefone e fazer uma ligação.

A mão livre de Isaiah aperta e solta. Ele se balança nas pontas dos pés, sua energia inquieta é palpável até mesmo da cama onde estou observando.

— Eu o acordei? — Sua voz é um sussurro, seus olhos se fecham em alívio com o som de quem está na outra linha.

Sinto um friozinho na barriga, tanto por ver esse homem tão confiante e tão agitado quanto por saber que ele chamou alguém para acalmá-lo.

Mas essa parte não é ciúme. Definitivamente, não é *ciúme*.

— Você está em seu quarto de hotel?

Quarto de hotel? Este hotel?

Um flash de Connor passa por minha mente. Quantas vezes ele fugiu para a minha meia-irmã quando achou que eu estava dormindo? Quando estávamos em eventos familiares, ele escapava para o quarto da Mallory no meio da noite?

É isso que Isaiah está fazendo? Planejando entrar no quarto de outra pessoa?

— E você não vai a lugar nenhum? — ele continua. — Sim, eu sei que estamos no meio da noite, Kai, mas você não vai sair do seu quarto, certo?

Kai.

Um alívio constrangedor me inunda.

— E Max e Miller? Não sei como está o tempo em Chicago neste momento. — Ele faz uma pausa, ouvindo. — Ok, e Monty, ele está dormindo, não é? Também não está dirigindo para lugar nenhum. — Acenando com a cabeça, ele para de andar, ouvindo o irmão falar do outro lado. — Sim, Kennedy está aqui. Ela está dormindo. Eu vou ficar bem. Ainda preciso dar uma olhada no Travis e no Cody. Ok. Pode me mandar uma mensagem depois de falar com eles? Sim. Sim, eu sei. Logicamente, eu sei disso, Kai, mas não estou pensando racionalmente no momento. — Outra pausa. — Obrigado, cara. Eu também amo você. Vejo você de manhã.

Ele desliga o telefone ao mesmo tempo em que inclina a cabeça, com a respiração um pouco mais regular agora.

Que diabos está acontecendo?

Isaiah se vira em minha direção, e eu fecho os olhos rapidamente antes que ele me veja olhando. Momentos depois, o assoalho range e a cama se inclina. Abro os olhos cautelosamente e o vejo sentado na beirada do colchão, com os cotovelos nos joelhos e de costas para mim.

— O que diabos há de errado comigo? — ele murmura ofegante.

Observo suas costas, como seus músculos se tensionam. Ele passa a palma da mão na cabeça, afastando o cabelo do rosto antes de se abaixar e se apoiar nos cotovelos. Ele fica assim por um tempo. Não se move. Apenas sentado.

Gostaria que ele se arrastasse para cá, talvez percebesse que estou acordada e me dissesse o que está acontecendo. Mas há uma parte maior de mim que espera que ele não o faça, porque o que vou fazer para ajudar? Nunca fui o conforto de alguém. Sou fria, é o que Connor sempre disse. Não tenho ideia de como ser o que Isaiah precisa.

Não quero ser fria com ele. Simplesmente não sei como ser outra coisa. Ele me faz sentir vulnerável, como se pudesse ver tudo de mim quando ninguém mais tentou olhar.

O celular de Isaiah toca com uma mensagem de texto. Ele a lê, solta outro suspiro de alívio e o joga no chão, onde está sua cama improvisada.

Mais uma vez, ele se vira para olhar para mim, mas dessa vez não está procurando meu rosto. Ele encontra minha perna que está solta das cobertas, aproxima-se e coloca a palma da mão sobre meu tornozelo, esfregando suavemente o polegar sobre o osso.

Ele parece um pouco mais tranquilo e, quando outro estrondo de trovão sacode o quarto, dessa vez, Isaiah não se abala.

Irônico, de certa forma. Tenho a tendência de recuar diante do contato físico, mas é isso que o impede de fazer o mesmo.

Ele permanece ali, segurando minha perna por um momento, antes de apertá-la suavemente e sair do colchão, voltando para sua cama no chão.

Não quero que ele vá embora. Acho que quero que ele fique. Quero que ele fique bem. Quero ser a pessoa que vai se certificar de que ele está bem. Sim, isso parece ser algo que alguém em um relacionamento faria. Seria uma boa lição de aprendizado se senti a necessidade de dizer isso a mim mesma dessa forma.

Mas a verdade é que não me importo em aprender como confortar outra pessoa. Eu só quero *confortá-lo*.

Outro estrondo de trovão sacode o quarto, e o som que se segue é o de cobertores se ajeitando no chão.

Saio da cama antes que eu possa pensar duas vezes.

Eu o encontro com os braços bem cruzados sobre o peito, com as costas encostadas na estrutura da cama.

— Kenny — ele sussurra quando me encontra, como se houvesse alguém neste quarto que estivesse realmente dormindo e ele precisasse ficar quieto. — Por que você está acordada?

— Não conseguia dormir.

Ele se senta rapidamente, enquanto eu fico a seus pés. — Você está bem?

— Você está?

Sua preocupação se dissipa, sua voz fica ainda mais suave quando sua atenção diminui. — Eu não queria acordá-la.

— O que está acontecendo?

Ele balança a cabeça antes de se recostar no único travesseiro posicionado no chão. — Já é tarde, Kennedy. Durma um pouco. Por favor. — Virando as costas para a estrutura da cama novamente, ele encara a parede.

Eu posso fazer isso. Meus instintos estão gritando para que eu me deite ao lado dele.

Faça o que lhe parecer bom.

As palavras de Isaiah ecoam em meus ouvidos enquanto eu me arrasto para o espaço de dois metros entre ele e a parede, inclinando meu corpo para encará-lo.

— Porra, Ken. Eu não quero você no chão.

— Você está no chão, então por que eu não posso ficar?

— Porque você é minha esposa.

As palavras saem afiadas, como se ele tivesse esquecido que, embora estejamos tecnicamente casados agora, em breve não estaremos mais.

Ele levanta a cabeça, incentivando-me a levantar a minha, apenas para colocar seu único travesseiro atrás da minha cabeça, deixando a sua descansar no chão.

Em seguida, ele tira o cobertor do corpo e o coloca sobre mim.

— Isaiah, o que está acontecendo?

Ele balança a cabeça. — Por favor, esqueça que você viu alguma coisa. Não deixo que as pessoas me vejam desse jeito.

Posso atestar isso. *Nunca* o vi desse jeito. Desgastado. Desconfortável. Sem sorrir em uma situação ruim.

Seu peito nu está bem na minha frente, e eu quero tocá-lo. Sentilo.

Faça o que lhe parecer bom.

Sem me preocupar se minhas mãos estão muito frias ou qualquer outra coisa que eu possa pensar demais, estendo a mão, colocando a palma sobre seu coração antes de passá-la sobre sua pele para enganchar gentilmente em sua nuca, mantendo-nos conectados.

Seus olhos se fecham com o contato, as narinas se dilatam com a expiração.

— Eu também não deixo que as pessoas vejam meus pontos fracos, Isaiah. Mesmo assim você conhece todos eles.

— Não há nada de fraco em você, Kenny. Você é apenas uma perfeccionista que não vê como já é perfeita. — Ele coloca sua mão sobre a minha, atrás do pescoço, com os dedos brincando com minha aliança. — Por favor, volte para a cama. Isso é muito constrangedor.

— Por quê? Porque alguém está vendo você ser algo diferente de atrevido ou feliz? Isso não vai fazer com que eu goste menos de você. Na verdade, saber que a vida o afeta pode me fazer gostar ainda mais

de você.

— Não sei como isso é possível. Nós dois sabemos como você já está absolutamente obcecada por mim.

Um pequeno sorriso surge nos cantos de seus lábios antes de cair imediatamente.

Eu me levanto, movendo o travesseiro, e Isaiah o aceita de volta sob sua cabeça, mas eu só lhe dou metade, mantendo a outra metade para mim, porque eu não vou a lugar algum, e ele também não.

Tento lhe devolver parte do cobertor, mas ele é muito pequeno para cobrir duas pessoas.

— Não há nada para se envergonhar. — Minha voz é um sussurro. — Seja o que for que esteja acontecendo, você se importa com seu irmão o suficiente para ligar para ele. Cody e o Travis também. Como isso pode ser constrangedor? — Eu brinco com as pontas de seu cabelo, que crescem demais em volta de sua nuca. — Você não precisa me dizer o que está errado, mas você também disse que eu deveria fazer o que me faz sentir bem e deitar aqui com você me faz sentir bem. Portanto, vou ficar.

Suas sobrancelhas se franzem, com mais emoção brilhando em seus olhos do que eu jamais vi, mas ele não diz mais nada e eu também não. Eu simplesmente mantenho minha mão sobre ele e fecho meus olhos, desejando que o sono chegue.

Isso quase acontece. Não tenho certeza de quanto tempo passou, mas estou a segundos de dormir, com pensamentos aleatórios embaçando minha mente, quando Isaiah finalmente admite: — Eu sempre me importei, Kenny. Às vezes, até demais, mas as pessoas não querem esse tipo de pessoa. Quem quer ficar perto de um cara que tem ataques de ansiedade por causa da porra do clima?

Os sorrisos constantes, as brincadeiras. Isaiah tem inúmeros amigos. Ele tende a ser o centro das atenções e talvez isso se deva ao fato de ele saber interpretar o papel e ser exatamente quem as pessoas querem que ele seja.

— Eu quero.

Seus olhos examinam meu rosto, sua boca se abre como se quisesse dizer algo e depois se fecha quando muda de ideia.

— Eu quero estar perto desse cara — repito.

Não me afasto do contato visual com o qual não estou acostumada ou da proximidade física que costumo evitar. Fico, passando a ponta do meu polegar em sua barba por fazer.

Porque eu quero. Porque é bom estar aqui.

— Minha mãe morreu em uma tempestade como essa — ele admite.

Oh, merda.

— Estava chovendo tanto que ela provavelmente não conseguia ver mais do que alguns metros à sua frente. Um carro derrapou na estrada, e minha mãe desviou para evitá-lo e acabou com o carro preso em uma árvore. Eu tinha 13 anos de idade quando isso aconteceu e ainda estava chovendo do lado de fora das minhas janelas quando Kai entrou no meu quarto e me contou.

— Isaiah...

— Não sei o que há de errado comigo, Kenny. — Seu tom é desesperado, como se ele precisasse ser consertado e eu pudesse ser a única a fazer isso. — Já se passaram dezoito anos e sempre que o tempo está assim, não consigo me acalmar. Todos os piores cenários passam pela minha cabeça e não consigo relaxar até ter notícias de todas as pessoas com quem me preocupo. — Seus dedos continuam a brincar com o anel de sua mãe em meu dedo, com o rosto dolorido. — Minha pele fica quente e a maneira como respiro... — Ele bate em seu peito. — Isso não é normal.

— A ansiedade é normal, Isaiah. Você passou pela pior coisa imaginável quando tinha apenas 13 anos de idade. Se isso não o afetou, então...

— Foi o pior dia de minha vida, mas não sou tipicamente assim,

garanto.

Suas palavras pedem que eu não pense nele de forma diferente, mas essa versão de Isaiah, vulnerável e honesta... *é* diferente. É o mais atraente que ele já foi para mim.

Humano. Real. Um homem que se preocupa tanto com as outras pessoas que tem ataques de ansiedade só de pensar que pode perder alguém.

— Você chegou a consultar um terapeuta sobre isso? Ou outra pessoa com quem pudesse conversar?

Ele solta uma risada forçada. — Você acha que eu poderia me dar ao luxo de fazer terapia depois do que aconteceu? Eu mal podia me dar ao luxo de comer.

— E quanto ao Kai? Você poderia falar com ele?

— Ele passou por uma situação pior do que a minha. Ele também a perdeu e ainda tinha que cuidar de mim. Eu não estava disposto a colocar meus traumas sobre ele.

Minha garganta fica apertada. Porque ele já foi apenas um garoto que perdeu a mãe. Que não tinha ninguém com quem conversar sobre isso. Que não tinha o que comer, porque seu pai também o abandonou, e meus olhos ardem quando penso em todas as vezes em que Isaiah me alimentou com afinho.

Miller me contou. Depois que a mãe deles morreu, o pai seguiu um caminho ruim e nunca mais voltou para buscar os filhos, mesmo depois de ter se curado. Eram apenas os dois, ajudando um ao outro a superar a vida.

Do ponto de vista de alguém de fora, você pensaria que Kai era o único que tinha o fardo sobre os ombros, fazendo com que seu irmão mais novo passasse pela adolescência. Mas e quanto a Isaiah? Conhecendo a dinâmica deles, imagino que ele tenha assumido o ônus de fazer o irmão rir, mesmo quando Isaiah estava com o coração partido. Mesmo quando ele próprio não queria sorrir, provavelmente o fazia por Kai. Queria convencê-lo de que ele estava bem. Que *os dois*

ficariam bem.

Debaixo do cobertor, Isaiah passa a palma da mão pelo meu antebraço e pelo meu ombro até se acomodar na minha cintura. — Pensar naquele dia é a única coisa que me deixa assim.

— E você pode sentir esses momentos. Não é preciso estar ligado 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Eu me aproximo dele até que sua mão envolve a parte inferior das minhas costas e seus pés tocam os meus. Minha camiseta de dormir está levantada, e Isaiah aproveita a oportunidade para circular as pontas de seus dedos contra minha pele.

Eu nunca fiz isso. Falamos intimamente no escuro, mas por alguma razão, nada disso parece estranho para ele.

— Por favor, Ken. — Ele me aperta, seu desespero é evidente. — Não pense diferente de mim.

— Mas e se eu quiser?

Eu me encontro totalmente confusa.

Mas o único de nós que deve se preocupar se minha opinião sobre Isaiah Rhodes mudou sou eu. Porque acho que posso gostar do que estou vendo.

Aproximo meu corpo do dele até ficarmos frente a frente, com seu braço me envolvendo totalmente, nossas pernas entrelaçadas e seus lábios tocando minha testa.

Por que isso não me assusta? Por que isso não parece antinatural?

A coisa mais assustadora sobre isso é que parece tão certo.

— O dia em que você e eu nos conhecemos. — Suas palavras são suaves contra minha pele enquanto ele fala. — Eu estava escondido no banheiro feminino porque era a mesma data em que minha mãe morreu. Eu estava tendo um dia ruim e não queria que ninguém me visse daquele jeito. Sempre tenho um dia ruim nessa data, mas pela primeira vez em muito tempo, enquanto conversava com você, senti uma centelha de alegria genuína que não pude ignorar. Pela primeira

vez em muito tempo, não precisei fingir. Então, a culpa é sua, Kenny. Você é a razão de eu ter ficado viciado desde o primeiro dia.

Minha garganta parece pequena. Meu nariz e meus olhos estão ardendo de calor.

Eu tenho sido uma moeda de troca. Uma noiva de segunda opção e até mesmo uma empregada indesejada, mas nunca fui a alegria de alguém.

Enterro meu rosto em seu pescoço para que ele não possa me ver.
— Isaiah?

— Sim?

— Nós nos casamos nessa data.

Ele se enrosca em mim, com os lábios tocando a pele do meu pescoço antes de dar um beijo suave. — Eu sei.

Isaiah se vira de costas, levando-me com ele e colocando meu corpo sobre o dele. Minhas pernas curtas caem entre as suas longas e, embora ele tenha pegado o travesseiro para si, fico perfeitamente feliz em ficar sem um quando a alternativa é o seu peito.

Uma mão pousa em minha lombar enquanto ajusto o cobertor único para cobrir a nós dois.

— No pior dia do ano, tive dois dos melhores dias da minha vida.

Meus olhos se fecham enquanto me escondo contra seu peito nu.

Assim como nunca fui a alegria de alguém, também nunca fui o melhor de alguém.

Não sei como processar isso.

Exalo um fôlego trêmulo. — Isaiah?

— Sim?

— Você costuma usar camisa?

Ele solta uma gargalhada. Uma risada genuína e bonita de que ele precisava.

— Obrigado por isso, mas não, não mais perto da senhora, doutora. Eu vejo o modo como você me olha.

Eu sorrio para ele.

— Por favor. Fique aqui comigo esta noite, Kenny.

Eu aceno com a cabeça. — Não vou a lugar nenhum.

CAPÍTULO 20

Isaiah

A entrada da garagem está lotada quando paro na casa do meu irmão e as vozes intermináveis podem ser ouvidas do lado de fora. Sei que Cody e Travis estão aqui e, a julgar pelos carros estacionados, muitos de nossos outros colegas de equipe também estão.

Não que eu os culpe. Tenho a sorte de ter como cunhada uma confeitira de renome mundial e não me atreveria a perder uma dessas noites na casa do meu irmão.

Com minhas mãos ocupadas, uso meu pé para abrir e fechar a porta da frente e, assim que passo pela soleira, a risada de Max é a primeira coisa que ouço conscientemente.

É a melhor coisa que ouvi o dia todo, e a segunda melhor vem logo atrás.

— Você acha isso engraçado, Bug? — Kennedy pergunta ao meu sobrinho, com um tom alto para ele.

Ouvindo com mais atenção, procuro sua voz novamente, não convencido de que ela esteja realmente aqui agora, com todos os meus amigos e familiares, quando ela sempre foi inflexível em manter sua vida profissional e social separadas.

Max gargalha de novo e eu finalmente sigo o som para encontrar os dois no chão da sala de estar, Kennedy de costas para a parede com meu sobrinho entre suas pernas esticadas. Ele está pressionando as bochechas dela, tentando ver que tipo de caretas ele pode fazer com ela, e cara, é muito fofo.

Alguns dos meus colegas de equipe estão no sofá, outros estão sentados no chão com os olhos grudados na tela da televisão, onde está passando outro jogo de beisebol.

Mas não é para eles que estou olhando. Estou assistindo ao Max com minha esposa.

O que quer que eu esteja sentindo pela Kennedy é muito mais sério do que a paixão superficial que tinha pela garota. Eu não a conhecia na época, mas agora que estou aprendendo exatamente quem ela é, estou gostando mais do que vejo.

Ela dormiu no chão comigo, ouviu e entendeu partes de mim que nem mesmo meus amigos mais próximos veem. E não me fale daquela noite em meu apartamento, fazendo-a gozar, vendo-a desmoronar... *porra*, eu me sinto arruinado. Totalmente destruído para qualquer outra pessoa.

Eu não consigo imaginar a ideia de querer outra pessoa, então como ela consegue? Como diabos ela espera que eu a deixe ir embora logo? Bastaria assinar alguns papéis de divórcio e encerrar o assunto.

Em que porra de mundo?

Sentada no chão da casa lotada do meu irmão, ela está com uma camiseta casual e uma calça jeans folgada, com uma costura no tornozelo para ficar no comprimento certo para ela. Seu cabelo castanho-avermelhado está dividido em duas tranças, caindo sobre os ombros com mechas soltas e emoldurando seu belo rosto com aquelas sardas à mostra. Elas descem por seus braços e pés nus, onde os dedos estão pintados – não tenho certeza da cor.

Vou para a cozinha, na esperança de chamar a atenção dela ou do meu sobrinho, mas eles não me dão atenção quando coloco as sacolas de compras no balcão, onde Kai e Miller estão ocupados preparando suas assadeiras.

Cerca de uma vez por mês, desde que Miller se mudou definitivamente para Chicago, ela organiza uma noite de experimentos, testando novas receitas para sua confeitaria. Monty e eu

estamos sempre aqui. Às vezes, Cody e Travis se juntam a nós. Às vezes, até nossos amigos que jogam em outros times da cidade. E hoje, com uma noite livre de beisebol, metade do time está aqui.

Eu só não imaginava que Kennedy também estaria.

— Ei, cara — diz Kai, contornando a ilha para me dar um abraço.
— Tem mais no carro?

— Não, Mr. Three Thousand⁴, isso é tudo.

— Cale a boca.

— Sim, isso não vai acontecer. Vou ser muito chato com isso. Meu irmão acabou de conquistar três mil strikeouts. Sabe quem faz isso em sua carreira? Os jogadores do Hall da Fama.

Kai balança levemente a cabeça como se isso não fosse um grande problema e algo que apenas dezenove outros arremessadores fizeram em suas vidas.

— Ele tem razão — concorda Miller. — Isso é muito importante, Malakai. Os Remingtons confirmaram que a cerimônia acontecerá no sábado à noite, após o jogo da tarde.

— Isso parece um pouco ridículo. As pessoas não precisam tirar suas noites de folga para que eu possa comemorar o fato de ser bom em arremessar uma bola de beisebol.

— Talvez *queiramos* comemorar você — interrompo. — Pare de ser uma vadiazinha e assumo isso. Meu irmão é um dos melhores arremessadores do esporte. Quero comemorar isso.

— Pense no Max — diz Miller. — Você é o herói dele. Não quer que ele veja o que você conquistou? Eu sei que quero.

Os olhos azuis de Kai se suavizam, voltando para mim e depois para sua noiva. — Tudo bem — ele cede. — Mas só estou fazendo isso por vocês três.

Miller me lança um olhar conhecedor, pois *nós dois* deveríamos ganhar um prêmio pelo talento de nos unirmos contra meu irmão.

— Obrigada por ter ido ao supermercado, Isaiah — diz Miller

enquanto vasculha os mantimentos que comprei para ela, tirando sacos novos de açúcar e farinha. — Algum pedido?

— Apenas me mande para casa com todas as sobras.

— Com o número de pessoas que vieram hoje à noite, não tenho certeza se haverá sobras, mas verei o que posso fazer.

Olho por cima do ombro para a sala de estar lotada, mas Kennedy e Max ainda não notaram minha presença, o que é muito chato, porque sempre fui o favorito de Max e esperava me aproximar de Kennedy.

— Eu não sabia que ela estaria aqui — sussurro para Kai e Miller.

Um sorriso de conhecimento surge no canto da boca de Miller. — Eu disse a ela que você estava vindo para cá e ela perguntou se poderia vir também.

— Isso é interessante.

— Eu também achei.

— E ela sabia que a maior parte da equipe estaria aqui?

Ela acena com a cabeça, com a empolgação evidente em seu rosto.

Faço sinal para que Miller se incline sobre o balcão da cozinha, encontrando-me a meio caminho, enquanto mantenho minha voz baixa. — Você acha que ela gosta de mim?

— Jesus. — Kai ri. — Você é um homem de 31 anos. Controle-se. Onde diabos está meu irmãozinho presunçoso que simplesmente dizia a uma garota que ela ia gostar dele? Ainda não tenho ideia de como isso funcionou tão bem para você.

— Isaiah — Miller sussurra de volta. — Você é casado com a garota. Acho que isso lhe dá o direito de perguntar à sua esposa se ela gosta de você.

Olhando por cima do ombro, em meio à multidão, finalmente vejo Kennedy me notar. Aqueles olhos castanhos se aproximam lentamente dos meus, com um sorriso doce logo atrás. Mas Max não

quer que isso aconteça, puxando suas bochechas e implorando por sua atenção novamente.

Ele nunca se sentiu muito à vontade com mulheres até a chegada de Miller e, embora Kennedy conheça meu sobrinho há mais tempo e tivesse sido babá quando meu irmão precisou de ajuda, foi somente nesta temporada que Max realmente se afeioou a ela.

Eu não o culpo. Entendo perfeitamente esse sentimento quando se trata dela.

Atravessando a sala, vou ao encontro deles, agachando-me, com os calcanhares na bunda, para que eu possa ficar no nível de seus olhos.

— Com licença, Maxie. Você não vai me cumprimentar?

Ele balança a cabeça negativamente, com um sorriso malicioso na boca que se parece muito com o meu.

— O quê? — pergunto em um falso choque. — Mas eu sou seu tio favorito.

— Ken — diz ele.

— Kennedy é sua tia Ken, mas isso não significa que eu não continue sendo seu tio favorito.

— Ou seu único tio, aliás — murmura Kennedy.

— Ei — argumenta Cody do sofá.

Lanço a ela um olhar de advertência, mas ele não tem um grande peso quando sei que estou olhando para ela como se ela fosse a melhor coisa que já vi. Ela tem um sorriso brincalhão na boca e um brilho nos olhos enquanto me provoca.

Com isso, Max se derrete para frente, inclinando-se para Kennedy, colocando a cabeça em seu ombro e se escondendo de mim.

— Ei, cara. Essa é a *minha* esposa, não a sua.

— Minha — diz ele, terminando com uma risadinha.

Travis solta uma gargalhada. — De onde será que ele tirou isso,

Rhodes?

Kennedy passa a mão pelas costas dele antes de encostar a bochecha em sua cabeça. Isso é feito de uma maneira tão simples, como se todas as dificuldades que ela já teve com o conceito de abraçar outro ser humano não existissem quando se trata de Max.

É bonito. É realmente muito bonito.

Sempre fomos apenas Kai e eu, até o surgimento de Max. Foi aterrorizante quando ele foi deixado para ser criado pelo meu irmão, mas ao mesmo tempo parecia uma esperança. Sempre mantivemos um pequeno círculo familiar, como se estivéssemos nos protegendo de perder mais alguém, mas então Max apareceu e forçou esse círculo a crescer.

Miller abriu caminho logo depois, e Monty também. Embora eu ache que Monty tenha se infiltrado em nossa família muito antes de meu irmão começar a namorar sua filha.

E agora há a Kennedy, que vê esse casamento como temporário e conveniente, mas não vou mentir e dizer que não me sinto bem em tê-la aqui na casa do meu irmão com o resto da minha equipe usando a aliança da minha mãe no dedo.

— Tudo bem — eu me permito. — Ainda bem que eu amo muito você, Bug, porque não há a menor chance de eu dividir a atenção dela com mais ninguém.

— Max — diz meu irmão ao atravessar a sala até nós. — Hora de se preparar para dormir.

— Não! — Max se vira, escondendo totalmente o rosto de seu pai contra o ombro de Kennedy.

— Vamos, Bug. Diga boa noite para sua tia e seu tio. E a todos os outros também.

— Monny.

— Sim. O vovô Monty está a caminho. Vamos deixar que ele leia uma história para você antes de dormir, está bem?

Max se anima com isso, porque *adora* Monty.

Eu mal consigo chamá-lo de *vovô Monty* com uma cara séria. Monty está na casa dos quarenta anos, é um homem forte e musculoso, coberto de tatuagens e intimidador pra caramba se você não o conhece. Mas sua filha não biológica agora tem um filho não biológico e, embora não haja relação de sangue, Monty é absolutamente o avô de Max.

Faço questão de lembrá-lo desse fato sempre que possível. Normalmente, na frente do time ou quando estou especialmente animado para mexer com ele.

— Ah, o vovô está vindo para cá? — pergunta Travis.

— Mal posso esperar para ver o vovô Monty — eu digo.

— Mas primeiro temos que tomar banho — continua meu irmão.
— Então, deveríamos começar agora, você não acha?

Os olhos azuis brilhantes de Max examinam Kennedy para saber sua opinião e ela faz um aceno de cabeça animado de aprovação, como se essa fosse a melhor ideia que ela já ouviu.

Essa não parece ser a resposta que ele estava procurando, então, em vez disso, ele volta sua atenção para mim.

— Ah, agora você quer falar comigo, não é? Primeiro você rouba minha garota e agora quer minha ajuda para fugir da hora do banho?
— Eu rio com incredulidade. — Acho que não, homenzinho. Você está na minha lista de m... de cocô.

A cabeça de Max cai para trás em um ataque de risos com a palavra. — Cocô — ele repete.

— Incrível. — O tom de Kai é todo de sarcasmo. — Exatamente a palavra que eu esperava que você acrescentasse ao seu vocabulário. Seu tio está prestes a entrar na minha lista de cocô por causa disso. Diga boa noite para os garotos, Bug.

Max caminha por toda a sala de estar, batendo os nós dos dedos com todos os nossos colegas de equipe antes de Kai pegá-lo e colocá-lo

no quadril.

Max se despede de mim e depois de Kennedy antes de levar a mãozinha gorducha à boca e lhe dar um beijo desleixado.

— Ah, vamos lá! — eu protesto. — Estou bem aqui, cara!

Kai balança a cabeça com um sorriso reprimido e a risada de Max os acompanha por todo o corredor até o quarto dele.

A sala se acomoda novamente para assistir ao jogo na TV.

— Ciúme de uma criança de dois anos — diz Kennedy calmamente. — Esse é um novo perfil para você.

— Tenho ciúme de você há anos, Ken. Não poderia me importar menos com a idade do cara.

Ela se retrai em uma risada enquanto eu me ajeito, sentando-me no chão ao lado dela, de costas para a parede.

— Oi.

— Oi. — Seu sorriso é suave, sua postura relaxada, muito diferente da médica certinha que estou acostumado a ver no trabalho. Ela está confortável, o que, com a equipe aqui, eu não esperava.

A porta da frente se abre e Monty entra na casa, já lotada, e se aproxima da filha antes de passar o braço sobre os ombros dela e dar um beijo no topo de sua cabeça.

— O vovô está aqui — anuncia Travis. — Precisa de ajuda para tirar seu andador do carro?

Cody dá uma olhada para a cozinha. — Oh, ei, vovô Monty. Encontrei um pacote de pílulas azuis no vestiário. Presumo que sejam suas.

— Droga — começo. — Eu deveria ter mandado você ao supermercado em vez de ir eu mesmo. É quarta-feira de descontos para idosos.

Com uma piscada lenta, ele se volta para a filha. — O Max está por aí?

— Ele está tomando banho.

— Ótimo. — Ele volta sua atenção para nós. — Vocês três, idiotas, podem calar a boca. Travis, quando você terminar de correr amanhã, poderemos conversar sobre quem precisa de um andador. Cody, se precisar de medicação para levantar o pau, basta dizer isso. Não há motivo para se envergonhar, mas não precisa fingir que os encontrou quando todos sabemos que eles são entregues por encomenda no seu apartamento. E Isaiah, vou me conter para não envergonhar você na frente de sua esposa. Todos nós sabemos que você faz muito isso sozinho. — Ele suspira, olhando para a filha. — Estou tão ansioso pelo prazo final das negociações deste ano.

— Velho rabugento — murmuro alto o suficiente para que ele ouça.

Monty me olha da cozinha.

— Kennedy — começa um de nossos jogadores de campo. — Ouvi dizer que você vai fazer uma entrevista com o San Francisco na próxima semana. A vida de casada com Rhodes tem sido tão ruim que você vai aceitar o mesmo emprego, mas do outro lado do país, para ficar longe dele, não é?

Ela hesita ao meu lado. Para o conhecimento de todos, essa entrevista é simplesmente uma mudança lateral para uma nova cidade. Ninguém mais sabe de suas qualificações ou que essa nova posição é para um cargo de médica-chefe.

Ninguém além de mim.

Observo o olhar de Monty do outro lado da sala enquanto ele aguarda a resposta de Kennedy.

— É complicado — é o que ela diz, tentando não mentir.

A atenção de Cody e Travis se volta para mim, porque, embora eles saibam que nosso casamento é uma merda e que essa será uma maneira fácil de descomplicar as coisas, eles também sabem o que realmente sinto por ela.

— Eu estava me perguntando o que diabos vocês dois iriam fazer

— diz outro colega de equipe. — Ou você teria de ir embora, ou Rhodes teria de fazer uma troca.

— Tínhamos um planejamento desde o início — explica Kennedy.

— *Uau*. Isso faz muito mais sentido do que vocês dois ficarem casados para sempre para manter seu emprego seguro.

— Com a forma como o Dr. Fredrick trata você, não a culpo — diz outra pessoa. — Você poderia ter um novo começo com um médico chefe que não seja um completo idiota.

Um novo começo.

Eu também odeio isso e quero torcer por ela. É isso que significa se importar inequivocamente com outra pessoa? Querer o melhor para ela, mesmo que doa muito ficar sentado e assistir?

Quero que Kennedy prospere no cargo para o qual ela foi treinada. Quero que ela se afaste do Dr. Fredrick. Quero que ela se sinta confortável na vida pessoal, que entenda o que significa se sentir amada e cuidada.

Eu só queria que ela pudesse fazer tudo isso comigo.

— Eles estão contratando um preparador físico no meio da temporada? — pergunta Monty do outro lado da sala, com um tom de suspeita.

Kennedy hesita. Minha pequena planejadora não tinha um plano para essa pergunta.

— Eles querem ter certeza de que ela se adaptará ao resto da equipe — respondo por ela.

Suas sobrancelhas se franzem. — Parece algo que eles fariam para um cargo de liderança e não para um membro da equipe de apoio.

Olho para ele, dizendo-lhe silenciosamente para deixar para lá, mas ele continua a nos estudar do outro lado da sala.

Felizmente, o barulho de um taco na televisão rouba a atenção de todos, e nosso interrogatório fica no passado.

Kennedy solta um suspiro antes de encostar a cabeça na parede e olhar para mim. — Talvez eu não devesse ter vindo.

— Confie em mim, Kenny. Eu sempre quis que você viesse. Como seu marido, é minha responsabilidade garantir que você venha.

Com as costas de sua mão, ela me dá um tapa no estômago.

Eu dou uma risadinha. — Eu mesmo a teria convidado, mas me acostumei a ver você recusar todos esses anos. Achei que você teria dito não.

— Você faz parecer que me pediu constantemente por três anos inteiros. Não foi tão frequente assim.

— Não houve uma única noite de viagem em que eu não tenha convidado você ou forçado um dos rapazes a perguntar por mim, mas você, Kennedy Kay, é excelente em manter meu ego sob controle.

Ela faz uma pausa, observando-me, com a pele entre as sobrancelhas enrugando. — Eu sinto muito. Você só estava sendo gentil, e eu...

— Oh, não seja branda comigo agora, Kenny. Eu não estava apenas sendo gentil. Eu estava dando em cima de você. Descaradamente, devo acrescentar.

Ela não ri. Ela não responde, seu rosto me diz tudo o que eu preciso saber.

Depois da outra noite em Minneapolis, quando ela testemunhou um lado vulnerável de mim, ela está me vendo de forma diferente. Está me *tratando* de forma diferente.

Só não sei se essa diferença é boa ou ruim.

Eu cutuco seu joelho com o meu. — Bem, vou lhe dar a chance de compensar isso. Se eu a convidasse para algo agora mesmo, você aceitaria?

— Depende.

— Depende do quê?

— Dos detalhes.

Eu me inclino em seu espaço, e ela não se retrai.

— Você tem que me dar uma resposta antes que eu lhe dê os detalhes. Seja espontânea, Kenny. Sim ou não. Você quer ir?

— Isaiah, eu sou uma planejadora.

— Ah, acredite, estou ciente, mas no momento, a única coisa que você precisa saber sobre o plano é que eu estarei lá.

Seu rosto se suaviza, a hesitação desaparece.

— Então, diga-me. Você está dentro?

Ela se inclina para mim, nossas cabeças encostadas na parede e nossos lábios a poucos centímetros um do outro. — Estou dentro.

— Essa é a minha garota.

Sem se afastar, Kennedy dobra as pernas, deixando a esquerda cair no meu colo. Ela só fica ali por uma fração de segundo antes de pensar demais, interromper o contato visual e levantá-la de volta para o peito.

Não permito que o momento fique desconfortável ou constrangedor para ela, então coloco minha mão entre seus joelhos, puxando sua perna de volta para baixo e a coloco sobre meu colo.

— Sei que você disse que nunca teve um encontro que não fosse um evento de gala — continuo, como se nada tivesse acontecido.

— Um encontro, hein?

— Chame como quiser, Ken, mas a cerimônia de premiação do Kai é no sábado à noite, e pode ser estranho eu aparecer sem minha esposa. Os Remingtons estarão lá.

— É por isso que você quer que eu vá?

Passo a palma da mão sobre sua coxa coberta de jeans. — Você sabe que não é por isso que eu quero que você vá, mas se você precisa dizer a si mesma que é por isso que *está disposta a ir*, então você pode.

Ela não hesita nem por um momento quando diz: — Não preciso dizer nada a mim mesma.

Sua língua se abre, molhando o lábio inferior, e eu preciso de tudo o que há em mim para não fechar o espaço de cinco centímetros entre nós e pressionar minha boca na dela. Mas a sala está lotada de pessoas para quem ela trabalha e, embora ela esteja se acostumando com o afeto físico, não tenho certeza de que esteja pronta para a exibição pública.

O telefone de Kennedy toca em seu colo, interrompendo o momento, e meus olhos não conseguem evitar o nome que aparece em seu telefone.

Connor Danforth.

— Por que ele está mandando mensagens para você?

Ela dá de ombros. — Ele não parou desde aquele jantar em Atlanta.

Eu me sento mais ereto contra a parede. — O quê?

Ela abre suas mensagens e me mostra a tela com datas de mensagens de texto que vão desde semanas atrás até hoje. Ela não respondeu nenhuma vez.

Connor Danforth: *O que quer que você esteja fazendo com esse cara é uma piada. Pare com isso, Kennedy. Não é uma boa imagem para sua família.*

Connor Danforth: *Se você não está respondendo por causa do que Mallory disse, você realmente precisa superar isso. O que você esperava? Você nem sequer me tocava. É claro que tive que procurar em outro lugar.*

Connor Danforth: *Eu queria que fosse você. Às vezes, ainda quero que seja você.*

Connor Danforth: *Você realmente me traiu com esse cara?*

Connor Danforth: *Você não vai me responder? Estávamos noivos e você não pode nem mesmo me dar a cortesia de uma resposta? Que diabos*

aconteceu para que você ficasse tão fria, Kennedy?

Pego o telefone dela e meus polegares se movem a cada minuto pela tela, enquanto a raiva fervilhante se espalha por mim.

— Não faça isso. — Kennedy coloca sua mão sobre a minha para me impedir. — Ele não vale a pena.

— Que se dane isso, Ken. Ele está incomodando você.

— Eu não me importo.

Seu rosto está totalmente impassível, como se ela realmente não se importasse. Como se ele realmente não a estivesse afetando.

Eu gosto muito disso.

— Tudo bem — resigno-me, devolvendo-lhe o celular. — Mas se ele continuar assim, avise-me e eu cuidarei disso, ok?

— Ok. — Ela o coloca no chão, com a tela para baixo.

Com a mão ainda segurando sua coxa, percorro-a gentilmente, esfregando a palma da mão distraidamente contra o jeans, enquanto ambos voltamos nossa atenção para o jogo que está passando na TV.

Meus colegas de equipe brincam ao nosso redor, a casa está muito barulhenta, mas Kennedy e eu ficamos sentados em completo silêncio. Eu esfregando suavemente a parte interna de sua coxa e sua cabeça muito perto de repousar em meu ombro.

Ficamos assim por um período inteiro antes de Kennedy perguntar baixinho: — Você acha que sou fria? — para que somente eu ouça.

Eu poderia matá-lo.

Com as costas da minha mão, testo sua testa. — Você parece bem quente para mim.

— Isaiah, estou falando sério. Acho que há algo errado comigo.

Eu me ajeito para encará-la. — Não há absolutamente nada de errado com você e ele que se dane por fazê-la pensar que há, Kennedy.

Ninguém nunca foi caloroso com você, inclusive esse cara, então como você saberia ser diferente?

— Então você acha que sou fria?

Solto um suspiro lento.

— Sim, talvez eu ache. Mas não acho que isso seja errado, ruim ou algo que precise ser consertado. Faz parte de sua personalidade. Você é um pouco reservada. Um pouco hesitante em relação às pessoas. — Pego sua mão na minha e ela não resiste nem por um momento. — Mas também parece que ganhei a porra da loteria ao saber que você não está mais hesitante comigo. Gosto do fato de você ser uma pessoa difícil de lidar, porque quando digo algo estúpido e vejo seu sorriso, sei que é só para mim. E esse sorriso é todo caloroso.

Suas sobrancelhas estão franzidas e seus lábios ligeiramente entreabertos. Ela está olhando para mim como se não pudesse acreditar que eu pudesse gostar de seu exterior frio. Como se eu não pudesse gostar do fato de ela não ter facilitado as coisas para mim. Não tenho certeza de como ela não vê isso. Já se passaram anos e não houve uma única coisa que Kennedy tenha feito ou dito que não tenha me feito voltar para mais.

— Além disso — continuo, brincando com o anel em seu dedo. — De qualquer forma, o inverno sempre foi minha estação favorita.

Ela solta uma gargalhada nada polida, nada como *Kennedy*, e o sorriso que eu esperava ver volta à vida.

— Às vezes, não consigo vencer com você — diz ela antes de baixar a cabeça para o meu ombro e deixá-la ali.

Não há como negar. Sou um completo idiota quando se trata dessa garota.

CAPÍTULO 21

Isaiah

— Eu estou quase pronta!

Encostado na pia, cruzo os braços sobre o peito. — Não tenha pressa, Kenny. Eles não vão começar sem nós.

Não quero que comecem de jeito nenhum.

Sob o box do banheiro, posso vê-la pulando em um único pé enquanto tenta apressadamente calçar o outro salto alto.

O Dr. Fredrick se esforçou ao máximo para forçar Kennedy a trabalhar na sala de treinamento esta noite, limpando, organizando e reordenando os suprimentos médicos enquanto ele e os outros funcionários assistiam à cerimônia do meu irmão. Reese descobriu e acabou com isso rapidamente, mesmo assim ele fez com que Kennedy trabalhasse até o último minuto possível, o que me fez levar o vestido, os sapatos e as joias dela para o banheiro para que ela se trocasse rapidamente.

— Quem ele pensa que é? — pergunta ela com um tom irritado. — Pelo que ele sabe, esta deve ser a cerimônia do meu cunhado. Se alguém da equipe médica tivesse que trabalhar até tarde, não deveria ser eu.

— Esta é a cerimônia do seu cunhado.

— Você sabe o que quero dizer. — Consigo imaginá-la revirando os olhos atrás do box do banheiro. — Não vejo a hora de não trabalhar mais para esse cara. Ele ficou mais do que feliz por eu ter folga no jogo de segunda-feira para a minha entrevista, mas não hoje à

noite, depois de eu já ter trabalhado o dia todo? Como ele teve tanta audácia?

Quero dizer algo, concordar com ela, incentivá-la a dizer que as coisas vão melhorar quando ela estiver em São Francisco, mas não há nenhuma parte de mim que tenha energia para agir como se a vida fosse melhorar depois disso.

Espero e rezo para que, para ela, melhore, e então talvez a felicidade dela seja a coisa que me fará superar a saudade que sei que vou sentir.

Esta noite vai ser uma merda, e é ainda pior saber que ela vai também.

— Você se importaria de fechar o zíper para mim?

Seu tom é casual demais quando ela abre a cabine do banheiro feminino, como se não fosse roubar completamente meu fôlego no momento em que a visse.

Um vestido branco de miçangas tem o privilégio de se moldar a cada centímetro de seu corpo antes de chegar ao chão. Ele corta e envolve seu pescoço, onde ela está segurando o tecido para que eu o prenda. Seu cabelo está enrolado em grandes ondas e preso para um lado, como ela costuma usar quando está se arrumando, e suas joias são todas prateadas, menos a aliança dourada e a pedra roxa no dedo anelar esquerdo.

Sua atenção está voltada para o chão, enquanto ela segura a parte de trás do vestido, de modo que ela não percebe que estou sem palavras e imóvel, colado com a bunda no balcão, porque essa mulher é a pessoa mais deslumbrante que já vi, e ainda não sei como tive tanta sorte de chamá-la de minha esposa – mesmo que ela ache que essa parte é temporária.

— O zíper é um pouco chato por causa de todas as miçangas. Ele precisa de um bom puxão.

Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro. — Se fosse do meu jeito, ele ficaria abaixado.

Por fim, ela olha para cima, com um sorriso presunçoso ao mesmo tempo. — Posso ir lá fora com isso pendurado nos quadris ou você pode fechar o zíper do meu vestido, mas só para avisar, Rhodes, não estou usando sutiã.

Que se dane. Essa imagem vai direto para o meu pau e, apesar de eu estar vestido com roupas elegantes, com a porra de uma gravata, meu corpo não tem problema em ficar duro com a ideia de minha esposa sem sutiã com esse vestido sem costas.

— Sim, nem pensar. — Contorno o corpo dela, de costas para mim, enquanto ambos ficamos de frente para o espelho. — A primeira vez que eu vir você completamente nua, com certeza não vou compartilhar a visão.

Eu a observo reprimir o sorriso pelo espelho antes de meus olhos percorrerem sua coluna vertebral. Sua pele macia é decorada com sardas claras, criando um caminho visual até onde seus quadris se alargam, segurando o vestido firmemente em seu corpo. Observo como suas costas sobem e descem com a respiração. Observo a maneira como seus dedos delicados seguram o fecho. Não posso deixar de observar onde o vestido precisa ser fechado, abrindo-se na parte inferior das costas e dando-me uma visão privilegiada da parte superior de sua bunda. Também não consigo manter meus olhos longe de suas laterais, aquele vestido sem costas me provocando com a leve inclinação de seus seios.

Nossa, ela está incrível.

Fora do trabalho, Kennedy tende a gravitar em torno de um guarda-roupa que consiste em preto, branco e tons neutros. Minha garota clássica, que antes eu achava que precisava de todas as cores do mundo, agora percebo que é perfeita em seus tons simples. Normalmente, consigo identificá-los sozinho, e eles funcionam como um pano de fundo para ela. Não roubam a cena, mas simplesmente complementam a beleza dela.

— Não consigo fechar o zíper, e os botões aqui em cima estão me dando problemas.

Com uma única mão, movo seu cabelo, deixando-o cair sobre um dos ombros, antes de roubar-lhe as duas peças de tecido delicado. Enfio os pequenos botões de cetim em seus respectivos laços, mantendo o vestido seguro em seu pescoço.

Observo sua garganta engolir um gole quando percorro as pontas dos meus dedos pela curva suave de sua coluna, demorando-me para encontrar o zíper. Introduzo os dedos no tecido, deixando os nós dos dedos roçarem na parte inferior de suas costas. Mantenho a conexão durante todo o tempo em que puxo lentamente o zíper e não perco o contato quando as duas mãos passam pelo vestido agora fechado, envolvendo seus quadris e puxando-a de volta para mim.

Ela relaxa em meu peito enquanto olhamos um para o outro no espelho.

— Linda — sussurro enquanto estamos no mesmo banheiro em que nos encontramos pela primeira vez.

Ela quebra o contato visual, ainda se inclinando para mim. — Nunca o vi tão bem-vestido antes. Nós quase parecemos...

Ela em um vestido branco. Eu em um terno preto.

— Como se fôssemos nos casar? — eu termino por ela.

Seus olhos castanhos voltam lentamente para os meus no reflexo.

Eu poderia ver isso. Era assim que poderia parecer. Como *deveria ter sido*, mas eu não trocaria o visual dela em um minivestido branco, jaqueta jeans e Vans de plataforma caminhando pelo corredor para mim.

Os olhos de Kennedy se arrastam sobre nós, observando, avaliando. Isso não parece sexual. Parece curioso.

As pontas dos meus dedos cravam-se em seu quadril. — No que está pensando?

— Que eu não poderia estar mais agradecida por não ter me casado com Connor.

Mas você é grata por estar casada comigo agora?

A pergunta está na ponta da língua quando o celular toca no bolso, interrompendo nosso momento.

Kai: *Por mais que você não queira que isso aconteça, temos que começar antes que Max desmaie. Vocês dois vêm?*

Exalo um fôlego instável. — Você está pronta?

Kennedy dobra suas roupas e as deixa na pia para que ela as pegue depois. Como somos os únicos a usar esse banheiro, é seguro presumir que elas estarão seguras durante a noite.

Segurando a porta aberta, eu a deixo sair primeiro.

Eu a sigo até o banco de reservas, subo as escadas e saio para a grama. Minha palma encontra a parte inferior de suas costas quando passamos por trechos de terra, lembrando-a silenciosamente de levantar o vestido para que as bordas não se arrastem. Independentemente de seus saltos, a Kennedy ainda só alcança meu peito, e é preciso tudo em mim para não a pegar e carregá-la para evitar que ela suje esse lindo vestido.

Desde que nosso jogo terminou no início da tarde, um pequeno palco foi construído ao lado da linha da terceira base, com mesas redondas e cadeiras que funcionam como plateia. Toda a equipe está aqui. A diretoria. A equipe técnica. Até mesmo um punhado de torcedores que eu reconheço e que, presumo, os Remington convidaram como agradecimento por todos os anos em que acompanharam o time.

Todos estão vestidos para impressionar. Vestidos até o chão, smokings e ternos. Você pensaria que se trata de um casamento para a realeza, e não da cerimônia do marco da carreira do meu irmão.

Mas os Remingtons queriam que fosse um evento, já que Kai é o primeiro Warrior a conseguir 3.000 strikeouts em sua carreira, então aqui estamos. Jantar, dança, tudo isso.

Uma mão escorrega para a minha, pequena e cautelosa. Olho

para baixo e vejo Kennedy entrelaçar seus dedos com os meus, sua pele pálida contrastando com meu bronzado.

Não deixo a esperança brilhar nem por um segundo. Em vez disso, olho em volta e rapidamente vejo Reese e Arthur Remington se aproximando. Meu coração nem precisa se afundar de decepção. Eu já sabia que se Kennedy estava segurando minha mão, não era simplesmente porque ela queria.

— Como estão os recém-casados? — pergunta Arthur.

— Bem, agora que a Kennedy não está sendo forçada a trabalhar em vez de ir à cerimônia do cunhado... — Reese murmura baixinho.

As sobrancelhas brancas de Arthur se franzem. — O que você quer dizer com isso?

— Podemos conversar sobre isso mais tarde.

A expressão severa no rosto de Reese me diz que, sem dúvida, eles conversarão sobre o Dr. Fredrick mais tarde.

É ótimo. Esse cara precisa ser colocado em seu lugar e, nos últimos três anos, tive que sentar e observar a maneira como ele tratou a única mulher da equipe, o que me diz que Arthur não é o proprietário para fazer algo a respeito. Mas talvez Reese possa ser.

— Obrigada por me salvar — diz Kennedy do meu lado. — Eu não queria perder isso, e Reese, você está linda.

— Assim como você, Sra. Rhodes.

Aperto a mão de Kennedy de forma provocante.

— Isaiah, você também está bonito — diz Arthur.

Eu dou uma risadinha. — Obrigado a vocês dois por organizarem isso para o meu irmão. Isso significa muito para nossa família.

Sem pensar, olho para minha esposa ao dizer essas palavras, mas não importa. Acho que isso ajuda a convencer essa coisa toda.

— Como você sabe, sempre fomos só nós dois, então ver todas essas pessoas aqui para celebrá-lo.... — Aceno com a cabeça. — Ele

merece.

Dessa vez, é Kennedy que está apertando a *minha* mão.

— É verdade — concorda Arthur. — Temos orgulho de tê-los jogando por esta organização. Sempre nos sentimos como uma família por aqui e, ultimamente, muitos de vocês se tornaram uma família de verdade. Vocês dois, seu irmão e a filha de Monty. É um legado que tenho orgulho de deixar para trás. — Ele coloca uma mão no ombro de Reese. — Agora só precisamos casar você e eu posso morrer feliz.

— Jesus, vovô. — Reese balança a cabeça. — Mórbido.

— Você é solteira? — pergunta Kennedy.

— *Muito* solteira.

— Isso é só porque os garotos que ela traz para casa se sentem intimidados por ela — diz Arthur.

— Não deixe que ele engane você — disse Reese calmamente a Kennedy. — Não levo um *garoto* para casa há algum tempo. Namorar é a última coisa em que penso quando estou treinando para assumir o controle de uma franquia inteira da MLB. Estou prestes a ser a primeira mulher proprietária de uma equipe na liga. As pessoas já vão presumir que há um homem comandando o show nos bastidores. Você entende o que quero dizer?

Kennedy está olhando para ela, balançando a cabeça em concordância, como se pudesse se identificar com cada palavra que ela tem a dizer. — Eu sei exatamente o que você quer dizer.

Sinto um aperto no estômago, porque sei que ela está se referindo a mim. Quando ela for à entrevista na segunda-feira, eles saberão que ela é casada comigo. Isso contribuirá para que ela consiga o emprego? Não, absolutamente não. Ela conseguirá o emprego porque é qualificada e muito boa no que faz. Mas quando ela receber a oferta, há alguma parte dela que vai presumir que é por minha causa?

Arthur dispensa a neta porque é da velha guarda e não entende como é difícil para qualquer uma delas trabalhar ou prosperar em um esporte dominado por homens.

— Você vai se sair bem — diz ele casualmente, antes que alguém se incline para dizer algo em seu ouvido. — É melhor procurarmos nossos assentos. Seu irmão quer começar.

— É bom revê-los — acrescenta Reese antes de seguir o avô até a mesa deles.

Kennedy solta minha mão, embora eu diga a mim mesmo que é porque ela precisa usar a sua para pegar o vestido. — Eu gosto dela.

— Sim, ela é legal. Ela será boa no próximo ano.

— Parte de mim gostaria de estar aqui para ver isso.

A declaração é descartada com tanta facilidade, enquanto *cada* parte de mim deseja que ela esteja por perto no próximo ano para vê-la.

Encontramos nossa mesa mais próxima do palco. Miller em seu vestido verde-escuro, sentada no colo de meu irmão. Kai e Monty em seus ternos, mas o mais bonito de todos é Max com sua gravata-borboleta.

Ele está claramente com sono, já que está chegando a hora de dormir, descansando no ombro de Monty.

— Ken, você está ótima! — Miller assobia.

— O mesmo para você! — Kennedy passa um braço por trás do ombro de Miller, apertando-a em um abraço antes de se abaixar para dar um beijo no topo da cabeça de Max, como se fosse a coisa mais natural para ela abraçar a amiga e beijar meu sobrinho. Ela então se senta, deixando uma cadeira livre para mim ao lado dela.

Miller se levanta do colo do meu irmão e pega uma cadeira, ela e Kennedy se inclinam sobre meu assento vazio para conversar entre si.

— Você está pronto para isso? — Kai pergunta calmamente, levantando-se

Solto uma risada seca. — Não.

Ele me estuda. — Diga-me a verdade, Isaiah. Você vai ficar bem com isso?

— Kai, se é isso que vai fazer você feliz, vou aprender a aceitar.

Um leve sorriso surge no canto de seus lábios enquanto ele acena com a cabeça. — Sim. É isso que vai me fazer feliz.

— Então faça isso. Isso é tudo o que eu sempre quis para você.

Ele segura a parte de trás da minha cabeça, puxando-me para um abraço. — Eu amo você, garoto.

— Sim. Eu também amo você.

— Obrigado por tudo.

— Porra — eu exalo. — Não comece com isso agora.

— Kai — alguém diz, e nós nos separamos. — Você está pronto para começar?

Ele acena com a cabeça, passa a mão no cabelo de Max e se inclina para dar um beijo em Miller antes de seguir o mestre de cerimônias até o palco.

Sentamo-nos em nossos lugares, Kennedy à minha esquerda e Miller à minha direita, com Monty e Max do outro lado da mesa.

Arthur Remington diz algumas palavras, dando as boas-vindas ao público e apresentando meu irmão antes de dar um passo para o lado e lhe dar o palco.

Kai limpa a garganta antes de se inclinar para o microfone, tirando os cartões de anotações do paletó do terno e colocando as mãos nos dois lados do pódio. — Em primeiro lugar, quero agradecer aos Remingtons por organizarem esta noite. Já trabalhei com diferentes proprietários de equipes antes, meus colegas de time me contaram suas experiências, e não há dúvida de que aqui em Chicago temos sorte de ter proprietários tão generosos. Portanto, obrigado.

Meu irmão faz uma pausa, batendo palmas para que a multidão se junte a ele e, quando a multidão se acalma, ele começa novamente.

— Eu quero agradecer a todos que se dispuseram a vir aqui esta noite. Meus colegas de equipe que não estavam muito animados para se vestir bem. — A multidão ri. — À equipe, sem a qual não

poderíamos jogar este jogo, e à minha família, que é o centro do meu mundo. — Sua atenção vai direto para Miller.

— Três mil strikeouts é um marco que eu nunca sonhei em alcançar. Há algumas lendas que vieram antes de mim e que fizeram o mesmo, e eu não ousaria me colocar na mesma categoria que elas. Eles abriram o caminho para que eu estivesse aqui esta noite, portanto, quero agradecer imensamente aos dezenove caras que fizeram isso antes de mim. — Ele passa para o próximo cartão de anotações. — Alguns de vocês são jogadores que eu cresci idolatrando, e tenho certeza de que não estaria aqui hoje se não fosse por vocês terem despertado em mim o sonho de jogar esse jogo também.

Kai exala uma respiração profunda, limpando a garganta. — Para meu filho. — Sua atenção se volta para Max com um sorriso. — Que está prestes a desmaiar no ombro de Monty, porque já passou da hora de dormir. Você é, de longe, a melhor coisa que já me aconteceu. Eu achava que meu objetivo de vida era jogar esse jogo, talvez quebrar alguns recordes, e esperar que meu corpo me permitisse fazer isso por tempo suficiente para me satisfazer, mas eu não poderia estar mais errado. Você é tudo o que eu não sabia que precisava e traz uma alegria e um significado contagiantes para minha vida todos os dias.

Pego Miller limpando sua bochecha fora de meu campo de visão.

— Eu não poderia pensar em um grupo melhor para criar meu filho. — Kai acena com a cabeça, olhando para nossos colegas de equipe. — Não há palavras suficientes que eu possa dizer para agradecer aos meus colegas de equipe por terem me ajudado no primeiro ano dele. Quando eu não sabia o que diabos estava fazendo, todos vocês estavam lá, oferecendo babás ou me trazendo compras. Cody até aprendeu a trocar uma fralda por mim, e não sei se ele me perdoou totalmente por isso.

O público ri novamente.

— Mas a pessoa que mais me ajudou com ele no primeiro ano foi este cara aqui. — Ele aponta para Monty. — Antes de ser contratado pelo Chicago, eu só havia jogado com gerentes de campo ou técnicos

que eram apenas isso — *técnicos*. Fora do beisebol, eles não necessariamente se preocupavam com você ou se importavam com você. Mas este cara. — Kai limpa a garganta e sei que ele está tentando conter a emoção. — Este cara não é apenas meu técnico, mas também é minha referência, é uma figura paterna para mim e meu irmão e, o mais importante, é meu amigo. Não existe ninguém melhor do que Emmett Montgomery, e serei eternamente grato pelo fato de Chicago ter escolhido meu irmão, porque é por isso que estou aqui, em um lugar onde pude conhecê-lo e à sua filha. E, para a sorte de Monty, ele está comigo para sempre, porque não é apenas meu técnico, mas também está prestes a se tornar meu sogro.

Monty acena com a cabeça, com a língua na bochecha, enquanto embala Max para dormir, mas é óbvio para qualquer um que possa vê-lo que seus olhos estão marejados.

— O que me leva a Miller. — Kai está com um sorriso no rosto quando volta sua atenção para ela. — Droga, eu amo essa mulher louca. — Uma pequena risada se instala na multidão. — Você é a segunda melhor coisa que já me aconteceu e eu sei que você entende o que eu quero dizer quando falo isso, porque você sente a mesma coisa. — Miller acena rapidamente com a cabeça em concordância, olhando para ele. — Quem poderia imaginar que uma única viagem de elevador nos levaria ao ponto em que estamos hoje? — Ele ri com a lembrança. — Obrigado por me amar. Por amar o Max. Obrigado por voltar para casa quando estava pronta. Obrigado por me fazer rir quando eu me esquecia de fazê-lo e obrigado por apoiar meus sonhos enquanto perseguia os seus. Você é a luz absoluta da minha vida e não acredito que vou passar o resto dos meus dias com você.

Miller enxuga as bochechas, assim como seu pai. Assim como metade da plateia quando meu irmão fala, mas eu me contenho. Joelhos balançando, garganta entupida de emoção. Não quero que minha equipe me veja assim. Eles nunca me viram assim. Eu sou o divertido. O pateta. Aquele que nunca deixa que nada me afete, mas não sei como me conter quando sei exatamente o que virá a seguir.

— Dito isso — continua Kai — Miller e eu temos alguns novos

sonhos que estamos ansiosos para perseguir. Já falei sobre aposentadoria algumas vezes ao longo dos anos, mas a maior parte disso se deveu ao fato de eu sentir que precisava liberar tempo para poder cuidar de minhas responsabilidades. Sentia-me atolado e incapaz de fazer malabarismos com tudo ao mesmo tempo.

Kai faz uma pausa, olhando diretamente para mim. Nós conversamos no início da semana. Sei que esse anúncio está chegando, mas isso não significa que doa menos.

— Eu estou anunciando oficialmente minha aposentadoria do beisebol profissional. — Um murmúrio começa na multidão, mas ele continua. — Mas quero que todos saibam que isso não tem nada a ver com o fato de eu me sentir sobrecarregado ou tentar encontrar tempo suficiente para cuidar de todos os outros. É com absoluta alegria que deixo essa carreira que tanto amo para fazer algo que amo ainda mais, que é estar presente para minha família. Estou ansioso para apoiar minha futura esposa em sua carreira e começar a trabalhar para dar alguns irmãos ao Max.

Kai solta uma risada, embora um pouco engasgada, e isso quebra a tensão na multidão quando eles começam a rir também.

— Sinto-me honrado por estar me afastando deste jogo para ser um marido e pai presente. É realmente meu trabalho favorito.

A multidão bate palmas para ele, mas eu não consigo. Estou feliz por ele. Feliz pelo Max e por Miller também. Mas jogo beisebol com meu irmão há quase trinta anos e não sei como vou continuar jogando sem ele.

Ele levanta a mão para acalmar o grupo. — Há uma última pessoa que ainda preciso abordar. — Sua atenção me encontra, mas ele imediatamente quebra o contato visual, demorando um momento para se recompor enquanto segura o pódio com as duas mãos, esticando-se para trás, com a cabeça baixa. Quando ele olha para cima novamente, fica claro que algumas lágrimas já caíram por trás de seus olhos.

— Há um único motivo pelo qual eu amo esse esporte desde

sempre. Não é a vitória, as eliminações, a torcida ou a glória. Eu amo o beisebol por causa do meu irmão. Isaiiah tinha quatro anos de idade e eu tinha seis quando entramos no mesmo time de beisebol infantil. Tecnicamente, ele ainda não tinha idade suficiente, mas eu disse à nossa mãe que não jogaria a menos que ele estivesse comigo. E tem sido assim para nós desde então. Ele e eu juntos.

Com os lábios arreganhados sob os dentes, aceno com a cabeça em concordância, a queimação no nariz e a ardência evidente atrás dos olhos. Quero me conter na frente dessas pessoas. Quero me esconder no banheiro para poder chorar do jeito que eu quero.

Mas quando Kennedy desliza sua mão entre a minha e a minha coxa, entrelaçando nossos dedos e apertando a palma da minha mão em sinal de incentivo, não consigo mais me conter.

Avalio rapidamente a área ao meu redor. Não há nenhum dono de equipe nos observando, apenas ela olhando para mim. Ela *está* aqui para mim.

Eu seguro sua mão com mais força quando a primeira lágrima cai.

Eu odeio você por isso, digo ao meu irmão no palco.

Ele ri, com lágrimas ainda caindo pelo rosto, porque nunca teve medo de admitir quando as coisas são tristes, difíceis ou dolorosas.

— Por mais que eu ame esse jogo, o que mais sentirei falta é de dividir o campo com você. De viajar com você. Passar todos os dias com você. Que sorte a minha ter um melhor amigo e um irmão ao mesmo tempo! Há coisas que ninguém mais entenderá além de nós. Coisas que vivemos, pessoas que perdemos e, o tempo todo, nosso objetivo era estar aqui, nesta liga, juntos. Bem, nós conseguimos, irmãozinho. Você e eu, e você estava certo. É uma sensação boa quando você termina assim.

Um soluço sufocado sacode meu peito, mas eu contenho o barulho. No entanto, isso não faz nada para evitar que as lágrimas escorram pelo meu rosto. Não quero nem saber o que meus colegas de equipe vão pensar depois de me verem desse jeito.

Mas essa preocupação desaparece rapidamente quando, de repente, vejo Kennedy dar um tapinha no rosto com as costas de uma das mãos enquanto segura a minha com a outra.

Minha garota de temperamento equilibrado nunca chora. Ela quase chorou uma vez, no primeiro dia em que a conheci, mas nunca mais chorou. E agora ela está chorando por mim.

— Você está bem? — eu sussurro para ela.

Kennedy me lança um olhar que indica que ela não está chateada por si mesma. Ela está chateada por mim.

Ela leva minha mão à boca, beijando-a antes de colocá-la no colo, cobrindo-a também com a outra mão.

Fico feliz que ela não tenha perguntado se eu estava bem, porque a única resposta que tenho é não. Não estou nem um pouco bem.

Meu irmão está deixando a equipe na próxima temporada e ela também.

— Então, eu queria contar a todos vocês agora — continua Kai.
— Antes que eu anuncie publicamente amanhã. Esta será minha última temporada, e vou aproveitar cada minuto que me resta dela. Obrigado a todos vocês.

CAPÍTULO 22

Kennedy

Com o coquetel na mão, observo Isaiah e Miller na pista de dança. Kai tem estado muito ocupado desde o seu discurso, conversando com colegas e funcionários, então Isaiah tomou para si a responsabilidade de levar Miller para dar uma volta.

A amizade deles é leve. Acho que é porque eles são parecidos de certa forma. De espírito livre, relativamente tranquilos, sabem como ser a alma da festa, se necessário. É evidente o quanto eles se importam um com o outro, e acho que seu apreço mútuo se deve ao fato de saberem o quanto o outro se importa com Kai.

O homem do momento agradece a um sócio do clube antes de se voltar para a pista de dança e encontrar seu irmão e sua noiva juntos. Ele sorri com isso e depois volta sua atenção para mim.

— Você está ótima, Ken — ele diz quando atravessa a pista de dança, batendo sua garrafa de vidro na minha bebida.

— Aposentadoria, hein?

— Está na hora. Faço 34 anos no ano que vem. Não quero ser um daqueles caras que tentam jogar muito além do que o braço permite. Eu quero poder segurar meus filhos e, sinceramente, sempre que estou em campo, penso em estar em casa atualmente. Parece certo.

— Você não precisa me explicar. Acho que você tem sorte de ter pessoas com quem se importa tanto a ponto de querer ficar com elas. Acho que essa é a esperança de toda mulher, que alguém pense nela da mesma forma que você pensa em Miller. Pelo menos, é a minha.

Eu o sinto me observando com o canto do olho. — Você realmente não precisa esperar por isso, Kennedy.

Deixo a insinuação pairar no ar, mas não concordo. Verbalmente ou internamente.

— O que você quis dizer? — pergunto, virando-me para ele. — Em seu discurso, quando estava falando com Isaiah. O que você quis dizer quando disse que ele estava certo? Que foi bom terminar dessa maneira.

Kai ri baixinho para si mesmo. — Anos atrás, costumávamos falar sobre como seria a nossa aposentadoria um dia. Eu ficava apavorado com a ideia, porque isso era tudo o que eu conhecia. Tudo o que eu sempre quis e pelo que trabalhei. Mas Isaiah disse que estava ansioso por isso. *Imagine que, quando tudo isso acabar, ele dizia, você terá sua mulher, ela estará em casa esperando que você termine, e então você terá toda essa vida com ela. Pense em como isso vai ser bom.* — Kai sorri para si mesmo, observando Miller na pista de dança. — Ele estava certo. É uma sensação muito boa.

Meus olhos se estreitam em confusão, apontando para a pista de dança. — Você nem sempre soube que queria essa vida?

— Absolutamente não. Naquela época, essa era a última coisa que passava pela minha cabeça. Depois que Isaiah entrou na liga, tudo o que eu queria era me divertir e não me preocupar com nenhum tipo de responsabilidade. Eu estava tentando compensar os anos em que senti que havia perdido a oportunidade de ser um garoto normal. Eu não via um futuro além disso, mas Isaiah via. Isso é tudo o que ele sempre quis.

Minha cabeça se inclina para trás. — O que exatamente ele queria?

— Uma família. Estabelecer-se com uma pessoa. Você sabe, todas as coisas domésticas que estou prestes a fazer.

— Isaiah Rhodes? — Eu rio com incredulidade. — Ele já quis isso?

— Ainda quer — ele diz as palavras como se fossem tão óbvias, tão aparentes para todos ao seu redor.

Mas Isaiah é um playboy. Claro, já vi um lado mais sério e vulnerável dele, mas isso não nega o fato de que esse homem nunca diminuiu o ritmo por uma única mulher. Sim, ele tem sido paciente e compreensivo comigo, mas o quê?

É como se todo o meu sistema de crenças estivesse em questão diante da ideia de que Isaiah Rhodes realmente queira se acomodar.

Kai se volta para mim. — Talvez você não saiba disso, mas Isaiah costumava ser um cara que gostava de relacionamentos. Ele sempre teve namoradas sérias. Comprometido. Fiel. Nunca o vi procurando outra pessoa quando estava em um relacionamento. São os mesmos atributos que o tornam um amigo tão bom, mas sim, o cara adorava a estabilidade de estar em um relacionamento. Bem, até não estar mais.

Minha atenção se desvia de Kai para seu irmão na pista de dança. Isaiah está com a cabeça jogada para trás, rindo, graças ao que Miller disse, e a marca de nascença ao lado do olho desaparece com o sorriso.

Já olhei para Isaiah muitas vezes antes, mas se o que Kai está dizendo é verdade, eu nunca o vi de verdade. É claro que Kai poderia mentir pelo irmão se quisesse, mas sei que ele não está mentindo. O que só me faz questionar...

— Por que ele parou? De ser um cara que gosta de relacionamentos, quero dizer.

A cabeça de Kai cai para trás com um gemido, dando uma rápida olhada em seu irmão. — Ele me mataria se eu lhe contasse.

— Diga-me mesmo assim.

— Droga, Ken. Por ser da área médica, você não está nem um pouco preocupada com meu bem-estar.

— Deixe-me tentar ser egoísta aqui, Ace.

Kai exala um sinal de resignação. — Dean, seu meio-irmão, foi o

que aconteceu. Bem, mais ou menos. A culpa não é inteiramente dele, mas em parte é.

— O que aconteceu exatamente? Porque Isaiah não quer me dizer.

— É muito gentil da parte dele. — Seu tom é todo de sarcasmo. — Ele não quer que você saiba o quanto seu meio-irmão não presta, mas ficarei feliz em lhe contar. Dean estudou em uma escola rival, mas ele sempre teve uma rixa com Isaiah. Como eu era mais velho, ele não tentava nada diretamente comigo, mas sempre perseguiu meu irmão. Tudo começou quando éramos crianças, as coisas que ele dizia... — Kai balança a cabeça. — Em nosso primeiro jogo depois da morte de nossa mãe, lembro-me de ele mencionar algo ruim sobre ela enquanto Isaiah estava correndo pelas bases. Começou uma briga enorme. A partir daí, nunca mais parou. Sempre que nossos times se enfrentavam, havia uma briga. Então, quando Isaiah ficou um pouco mais velho e começou a sair com garotas, Dean encontrou uma nova maneira de mexer com ele. Isaiah era um garoto doce e leal, mas eu não conseguiria citar uma única garota com quem meu irmão tenha saído que não tenha mexido com seu meio-irmão pelas costas. Sim, essas garotas também foram culpadas por isso, mas, porra, Dean também, porque ele correu atrás delas intencionalmente. Depois de ser traído sabe-se lá quantas vezes, Isaiah nunca mais tentou um relacionamento.

— Isso foi há bem mais de dez anos — é a única coisa que consigo dizer, porque meu coração dói com a simples ideia de um Isaiah gentil e ingênuo descobrindo que suas namoradas estavam secretamente saindo com a pessoa que ele mais detestava.

— Você tem que entender, Ken, ele tinha treze anos quando nossa mãe morreu. Logo depois disso, na idade em que ele está aprendendo sobre relacionamentos, todas as garotas por quem ele já teve sentimentos também o deixaram. Ele está um pouco fodido por causa disso, e eu não o culpo. Tudo o que o cara sempre quis foi que alguém ficasse e o amasse de volta, mas ele nunca teve isso. Ele tem permissão para ser desencantado, e eu tenho permissão para odiar o Dean por

causa disso.

Acho que também tenho permissão para odiar o Dean por causa disso. Não me importa que ele fosse apenas um adolescente na época, ele e eu teremos algumas palavras sobre como ele tratou meu atual marido.

— Você é a primeira pessoa com quem ele esteve em mais de uma década, e...

— Mas não estamos juntos. Pelo menos, não dessa forma.

Kai acena com a cabeça para a aliança de sua mãe em meu dedo.
— Tem certeza de que ele sabe disso?

— Cla... claro que sim. — As palavras saem com uma leve gagueira, porque não tenho certeza se até *eu* acredito nelas.

Sim, estamos fingindo. Jogando um jogo. Mas o modo como ele olha para mim, o modo como cuida de mim... essas coisas parecem muito reais.

Kai continua. — É bom vê-lo assim novamente, com você, e a última coisa que eu quero é que ele se sinta tão queimado depois que tudo acabar que volte a ser o cara que foi nos últimos dez anos. Não estou dizendo que você precisa aceitá-lo em troca, mas proteja-o por mim, está bem?

Mas e se eu quiser? Se eu o quiser. E se ele pudesse querer mais do que apenas uma noite, como eu sempre acreditei? E se isso não for algo definitivo para ele?

Meus olhos o seguem na pista de dança, movendo-se lentamente com Miller, com a mão apoiada no meio das costas dela e a outra segurando a dela para o lado. Ele me vê observando-o do outro lado da pista e um sorriso lento e sensual se espalha por seus lábios. Isso está se tornando rapidamente a minha coisa favorita de se ver, mas ao mesmo tempo, eu o acho igualmente bonito quando não está sorrindo. Quando ele está vulnerável e real.

— Kai, você acha que ele vai ficar bem no ano que vem? Sem você.

Ele exala uma respiração profunda. — Eu não sei. Quero que ele fique, mas será uma grande mudança. Mesmo quando não estávamos na mesma equipe, ainda tínhamos a mesma vida. Ainda tínhamos o mesmo emprego. Ele vai perder a mim e a você na próxima temporada, e mesmo que você pense que é temporária na vida dele, não é.

Ele também não é temporário em minha vida. No mínimo, Isaiah Rhodes está rapidamente se tornando meu amigo mais próximo. E, talvez pela primeira vez, posso admitir que, quando me mudar, também sentirei falta dele.

— Kai Rhodes — alguém nos interrompe, com a mão batendo na parte de trás de seu ombro. — Sou um grande fã. Temos ingressos para a temporada desde...

Não ouço o resto da frase do torcedor, mas me afasto para deixá-lo babar pelo nosso arremessador Ace.

Eu perambulo, cumprimentando alguns colegas de trabalho e jogadores da equipe. Evito o Dr. Fredrick como se fosse uma praga, pois ele usa o sorriso mais brega que existe enquanto bajula o máximo possível, principalmente Arthur Remington. Mas se eu fosse ele, voltaria meu foco para Reese. Afinal, ela será a chefe dele no próximo ano.

Mas por outro lado, a ideia de o Dr. Fredrick beijar o traseiro de qualquer mulher, mesmo uma que seja sua superior direta, parece uma tarefa impossível.

Com o copo vazio, vou até o bar, subo em um banco e me sento. — Vodca com soda, por favor.

Dou uma gorjeta ao barman antes de colocar as mãos entre as coxas cruzadas e esperar pelo meu coquetel.

— As bebidas são por minha conta. — Alguém se aproxima do balcão ao meu lado, não se senta na banquetta, mas fica entre a próxima e a minha.

Um homem. Trinta anos. Objetivamente atraente.

— É open bar — eu o lembro.

Um sorriso lento se espalha em sua boca. — Bem, então parece que vou ter que levá-la para sair depois disso e comprar uma de verdade.

Solto uma risada. — Isso foi sutil.

— Vincent. — Ele estende a mão e eu a aperto em sinal de saudação.

— Kennedy.

— Você é fã de beisebol, Kennedy?

— Algo parecido com isso.

Ele se aproxima um pouco mais de mim. Perto demais, para ser sincera, mas é nisso que estou trabalhando, em estar bem com o contato físico. Se eu estivesse no mundo real, dando em cima de alguém em um bar de verdade, estaria lotado. Eles ficariam próximos. Isso é bom.

Estou bem.

— Então, o que você faz no trabalho, Srta. Kennedy?

Sra., meu cérebro grita, mas eu o desligo.

— Eu sou... médica.

Os olhos de Vincent se arregalam. — Impressionante. De que tipo?

— Medicina esportiva.

— Atletas, hein? Aposto que eles adoram você. Fui atleta a vida inteira, você sabe. Ainda jogo de vez em quando.

— Ah, sim? Para quem você joga?

— Eu jogo na academia.

Solto uma gargalhada, mas rapidamente a cubro com minha mão.
— Desculpe.

— O clima fica quente lá fora. É intenso. Alguns desses caras

jogaram na faculdade e realmente tiveram a chance de se tornar profissionais se não se machucassem. Foi o que aconteceu comigo. Arrebentei meu joelho no primeiro ano. — Ele balança a cabeça, incrédulo, como se o rolo de destaques do ensino médio estivesse passando repetidamente em sua mente. — Então, com que tipo de atletas você trabalha?

— Do tipo profissional. Eu trabalho aqui, para os Warriors.

— Ah, droga. Bem, eu pareço um idiota, tentando impressioná-la quando você está aqui trabalhando com atletas profissionais.

Também sou casada com um. É a primeira coisa que me passa pela cabeça, mas não digo. Porque, em breve, não estarei mais.

— Está tudo bem. Você não precisa tentar me impressionar.

Seu sorriso malicioso cresce à medida que ele se aproxima ainda mais.

Minha pele fica instantaneamente quente, não de uma forma boa, mas de uma forma desconfortável. Seu quadril roça minha coxa. Ele o deixa ali, em contato total e intencional, e eu odeio isso. Tento me afastar, mas há um casal do meu outro lado, então não há espaço.

Isso não deveria ter acontecido. Eu estava praticando. Eu deveria estar melhorando no contato físico e no toque casual. Isso é inocente, mas não consigo respirar por causa do quanto desprezo esse simples roçar em minha coxa. Não quero que ele me toque.

E isso me assusta muito, porque será que algum dia vou querer que alguém além de Isaiah me toque? Será que ele sempre será o único homem com quem me sentirei confortável? E se for assim, o que diabos estamos fazendo com essas lições? Qual é o objetivo de tudo isso se for apenas ele?

Put a que pariu. É só ele? Sempre foi ele?

— Estarei no jogo na segunda-feira — diz ele, colocando a palma da mão em minha coxa.

Eu recuo e nem tento esconder a reação visceral do meu corpo ao

seu toque.

Ele não parece notar ou se importar, deixando a mão descansar ali quando diz: — Meu pai tem um ingresso para a temporada. Então, depois do jogo, talvez eu possa levá-la para tomar aquele drinque?

— Desculpe, mas pode tirar a mão de mim, por favor?

Ele solta uma risada desconfortável. — O quê?

Viro meu corpo para longe dele, nos poucos centímetros de espaço que tenho. — Sua mão. Pode tirá-la de mim, por favor?

— Ok... — A palavra é arrastada como se minha pergunta me tornasse uma aberração absoluta. Talvez eu seja.

Ele levanta as mãos, as duas, erguendo-as em sinal de rendição, como se o que eu tivesse dito a ele fosse uma ameaça, e não um simples pedido.

Gostaria que Isaiah estivesse aqui.

Vincent tenta salvar o momento. — Então, o que você faz para se divertir?

— Eu, uh... trabalho muito. Ou estudo. Estou sempre tentando me manter atualizada sobre as pesquisas mais recentes em minha área e gosto de passar meu tempo sozinha. Tornei-me muito boa em me entreter ao longo dos anos.

A cara que ele faz... *oh, Deus.*

— Então você claramente está solteira há algum tempo, não é?

Como posso ser tão ruim nisso?

— O que você faz em seu tempo livre? — pergunto.

— Passo muito tempo na academia. Jogo golfe. Trabalho para meu pai, então faço meu próprio horário.

Ele é literalmente todos os garotos com quem cresci.

Sinto falta de Isaiah.

Sua conversa. A maneira como ele olha para mim. Como ele

conhece meus sinais, quando acelerar. Quando desacelerar.

Ele está simplesmente do outro lado do campo e sinto sua falta.

— Você tem um sobrenome, Kennedy? — Vincent pergunta ao entrar mais uma vez em meu espaço e colocar a mão em meu ombro, ignorando completamente o fato de eu ter pedido que ele não o fizesse.

Eu me encolho, mas isso só acontece por menos de um segundo antes de sua mão ser retirada à força.

Isaiah o empurra um passo para trás.

— Rhodes — diz ele. — O sobrenome dela é Rhodes. Agora tire suas mãos da minha esposa.

— Uau, cara — diz Vincent com uma risada incômoda. — Legal. Sou um grande fã seu.

— Eu não dou a mínima para quem você é. — Isaiah coloca seu corpo entre nós. — Ela pediu que você não a tocasse.

— Ela não me disse que era casada.

— Ela não precisa lhe dizer nada. Você claramente não ouve, de qualquer forma. — Isaiah agarra minha mão esquerda que está entre minhas pernas e a coloca sobre o tampo do balcão. — Mas aí está sua maldita prova.

— Está tudo bem aqui? — um segurança se aproxima e pergunta.

— Não. Ele precisa ir embora.

— Eu nem sequer fiz nada.

— Tire-o daqui.

— Isaiah — eu digo, tentando argumentar com ele.

— Por favor — Isaiah diz apenas para o segurança, com os olhos implorando. — Tire-o daqui antes que eu faça alguma besteira.

— Você ouviu o homem. — O guarda de segurança estende o braço para indicar o caminho para a saída.

— Eu não fiz nada de errado — argumenta Vincent.

— Bem, é a cerimônia de premiação do irmão dele e eu trabalho para eles, então você está fora daqui.

O guarda de segurança acompanha Vincent até a saída.

Há uma tensão incômoda no ar, com outras pessoas no bar olhando para nós.

E Isaiah está *furioso*.

— Isaiah, isso...

— Não estou tendo essa conversa agora.

Sua voz é abafada para que apenas nós possamos ouvir antes de ele vestir o paletó como se nada tivesse acontecido e usar suas longas pernas para colocar o máximo de distância possível entre nós. Ele atravessa o campo e desce para o banco de reservas em um piscar de olhos.

Estou presa em um estado de descrença antes de engatar a marcha e ir atrás dele.

— Isaiah! — grito assim que passo pelo abrigo, onde estamos apenas nós.

Ele não para, continuando no corredor que leva à sede do clube.

— O que há de errado com você? Por que diabos está tão irritado?

Essas palavras finalmente o detêm, fazendo-o voltar a me encarar, com raiva e mágoa estampadas em seu rosto.

— O que há de errado *comigo*? — Ele solta uma risada seca. — Ah, eu não sei. Talvez meu irmão tenha acabado de anunciar sua aposentadoria e eu esteja uma bagunça do caralho agora, Kennedy. E sim, eu entendo. Você também está indo embora, mas se quiser fazer essa merda enquanto ainda estamos casados... — Ele aponta para o campo e o bar de onde acabamos de sair. — Você pode ir em frente e me dar os papéis do divórcio agora mesmo.

Isso me faz parar onde estou, com os pés colados ao chão. — O quê?

— Você me ouviu. — Ele afrouxa a gravata em seu pescoço. — Eu entendo o que isso significa para você. Sei que você vai ver outras pessoas depois de mim, mas com certeza isso não vai acontecer enquanto você ainda estiver casada comigo.

— Eu não fiz nada! — Minha voz me trai, a frustração aumentando porque, durante todo o tempo em que outro homem estava dando em cima de mim, eu estava pensando *nele*. Queria que fosse *ele*.

Essa constatação é incômoda demais para ser admitida, por isso não o faço. Eu o coloco de volta no lugar dele.

— Eu não queria que ele se aproximasse de mim. Não queria que ele me tocasse. Mas você não pode ficar aí e dizer que não tocou em outra garota desde que estávamos em Las Vegas.

Sua cabeça se inclina visivelmente para trás. — Você está brincando comigo agora?

— E não tínhamos nenhum acordo que dissesse que você não poderia. Só estou dizendo que você não pode me dizer para não conversar inocentemente com alguém quando você está...

— Quando eu estou o quê, Kennedy? — Sua voz é alta e irritada. — Quando estou sempre pensando em você? Quando estou me esforçando ao máximo para que você me note? Ou quando estou ocupado demais para *não* tocar em outras mulheres. Porque eu não encostei um dedo em ninguém além de você. Nem uma única vez. E não apenas desde que nos casamos. Eu nem sequer olhei para outra mulher desde o dia em que descobri que você terminou o noivado. Eu teria esperado por você desde o dia em que a conheci se soubesse que você não estava apaixonada pelo seu noivo. Durante anos, achei que você estava feliz com outra pessoa. Mas só descobri isso há dez meses, Ken. Nos últimos dez meses, achei que poderia ter uma chance real, então dei o meu melhor. Esperei que você me visse e esperaria o resto da minha vida se achasse que teria uma chance real com você, mas

não tenho. Será que tenho? Nunca tive.

Fico atordoada e em silêncio, bem aqui no corredor, com o campo atrás de mim e ele na frente.

— Deus. — Sua expiração é cheia de agonia. — Por que você não pode ver isso? Por que não consegue me ver?

Eu... não sei o que dizer, o que fazer. Tudo o que eu achava que sabia sobre esse homem foi completamente virado de cabeça para baixo esta noite. Embora eu ache que já esteja mudando há semanas.

Lembro-me do dia em que Isaiah soube do fracasso do meu noivado. Eu já não estava usando aquele anel vistoso há meses, mas ele não percebeu até uma tarde de domingo na sala de treinamento.

Ele me assustou enquanto eu estava trabalhando em seu corpo, agarrando minha mão esquerda para inspecionar o dedo nu. Ele rapidamente perguntou se eu estava bem e, quando lhe disse que sim, o rosto do cara se iluminou como uma maldita árvore de Natal.

Naquela época, eu não sabia o que sei agora, que ele mudou completamente seu modo de agir – ou voltou ao antigo Isaiah, de acordo com o que seu irmão me disse esta noite.

Por minha causa.

Porque ele me quer.

Porque ele quer que eu o deseje.

Nunca me senti tão confortável. Nunca me senti tão atraída por alguém como me sinto por ele. Nunca quis tocar alguém como toco nele. Nunca quis que alguém *me* tocasse como ele faz naturalmente. Nunca quis estar perto de alguém como me sinto atraída para a órbita dele.

Que diabos estou fazendo?

É como se, durante todo esse tempo juntos, eu estivesse treinando para ser boa o suficiente para que alguém me quisesse, e ele estivesse aqui o tempo todo, esperando.

Meus olhos podem ter ficado fechados por muito tempo, mas não

estão mais.

Eu o vejo.

Levantando a cabeça inclinada, ele exala um fôlego difícil de ser conquistado. — Preciso de um minuto. Não me siga — diz ele antes de virar em um corredor lateral, mas eu sei exatamente para onde ele está indo.

CAPÍTULO 23

Kennedy

Quando abro a porta do banheiro feminino onde nos conhecemos, encontro Isaiah com as mãos apoiadas no balcão da pia, com a gravata solta e os botões superiores da camisa abertos.

Ele está olhando para seu reflexo como se não pudesse reconhecer a pessoa que está olhando para ele. Então, sua atenção se volta para mim.

— Estou irritado agora, Kenny, e não quero falar com você.

Tento ignorar a dor de suas palavras. Ele está chateado. Está tendo um dia ruim e não acredita que possa tê-lo.

— Ótimo. — Tranco a porta atrás de mim. — Fique bravo comigo. Eu não vou a lugar nenhum. O fato de você estar irritado não me assusta.

Seus olhos castanhos brilham com confusão.

Deslizo para o espaço entre ele e a pia, estendo a mão para passar a gravata por cima de sua cabeça, jogando-a para o lado antes de meus dedos encontrarem os botões ainda apertados de sua camisa social.

— Tudo bem se você não quiser conversar — continuo, desabotoando sua camisa até que ela se abra. — Não preciso usar palavras para mostrar que quero você.

Ele fica confuso, como se não acreditasse nas palavras que eu disse. E isso é culpa minha. Eu o confundi. Nunca o deixei acreditar que havia uma chance entre nós.

Porque eu nunca me permiti perceber que ele estava ali.

Então, faço algo que nunca imaginei que faria na frente dele: começo a me ajoelhar.

Ele solta um suspiro audível ao ver isso, mas eu mantenho meus olhos fixos nos dele, esperando permissão, com as mãos nos joelhos enquanto me abaixo.

Estou esperando que sua determinação desapareça. Que sua raiva desapareça, mas isso não acontece.

— Pare — diz ele com severidade, dando um passo para trás e me forçando a ficar de pé.

Meu estômago se afunda de vergonha diante de sua ordem.

Por mais que eu estivesse tentando fingir, não me sinto *confortável* fazendo isso. Mas eu queria fazer isso, por ele. Esse é o meu pior medo, afinal de contas, deixar-me desejar alguém para que essa pessoa perceba que está bem sem mim. É por isso que nunca fiz isso.

— Desculpe-me — peço, com os braços cruzados sobre o meio do corpo.

— Não se desculpe, porra. — Ele me observa com atenção enquanto tira o paletó do terno e o coloca no chão do banheiro entre nós. — Agora você pode se ajoelhar na minha frente.

Oh.

Não há absolutamente nenhuma brincadeira em seu tom. É imponente e áspero de uma forma que nunca pensei que o ouviria falar comigo. Mas ao mesmo tempo, adoro isso. Ele se sente seguro o suficiente para ser quem quer que precise ser quando estou por perto. Ele não é o Isaiah bobo e alegre agora, e eu tenho o privilégio de ver esse outro lado dele.

Com uma confiança fingida, caio sobre o paletó do terno dele, apoiando-me nos joelhos em frente a ele, com as palmas das mãos apoiadas em seus quadris. Minhas mãos parecem comicamente pequenas em comparação com suas pernas, e o anel em meu dedo

brilha como um maldito farol.

— Olhe para você — diz ele, passando o polegar sobre minha boca. — Lábios carnudos entreabertos e prontos para mim. Olhos castanhos grandes e tão inocentes.

— Você pode me ensinar o que fazer?

Sua ereção é evidente contra o zíper, enquanto sua mandíbula se contrai visivelmente.

— Você nunca chupou um pau antes?

— Já. — Minhas palavras são calmas quando começo a tirar seu cinto. — Mas me disseram que eu não era muito boa nisso, e eu quero ser. Então, preciso que você me ensine como fazer isso.

Ele passa a palma da mão sobre meus cabelos, com as narinas dilatadas como se estivesse tentando manter o controle. — Vou ensiná-la a ser boa, querida, mas com certeza não vou ensiná-la para mais ninguém. Vou ensiná-la a ser boa para *mim*.

Foda-se.

Giro os quadris em um círculo lento, procurando atrito, mas não há nenhum com os joelhos abertos do jeito que estão. Então, em vez disso, concentro-me em desabotoar a calça dele e abaixar o zíper.

Ele usa o dedo indicador para levantar meu queixo e minha atenção para ele.

Jesus, ele é completamente feroz.

— Não quero ser gentil com você neste momento, Kenny. Estou irritado e não estou com vontade de fingir.

Passo a língua sobre meu lábio inferior e ele acompanha tudo, parecendo um predador.

— Não quero que você finja nada comigo.

As palavras ficam pesadas no ar, porque não estou mais me referindo ao fato de ele fingir seu comportamento.

Não quebramos o contato visual, eu de joelhos e ele em pé sobre

mim.

Sua mandíbula treme. — Coloque-o para fora.

Faço o que ele diz, abaixando sua calça até os tornozelos e puxando a cueca boxer para baixo com ela. Seu pau se solta, bem na minha frente, fazendo um som desesperado do fundo de sua garganta enquanto ele me observa. Ele traça cada centímetro do meu rosto como se planejasse pintá-lo em breve.

Seu pau está a poucos centímetros do meu rosto, e eu não consigo desviar o olhar. Veias irritadas e ponta vazando. Porra, eu o quero. Eu o quero tanto.

Ele passa a palma da mão sobre minha cabeça novamente, meu cabelo escorregando entre seus dedos, segurando a parte de trás do meu crânio para me manter na posição exata.

— Molhe-o.

Meus olhos se voltam para os dele.

— Cuspa nele. Lamba-o. Não estou nem aí, mas deixe-o molhado para mim, Kenny.

Jesus. Sou uma bagunça que se contorce enquanto uso a ponta da língua para lambar um caminho sobre a fenda, limpando a gota de sêmen.

Seus olhos se arregalam instantaneamente.

— Mmm — ele cantarola, seu corpo inteiro vibrando. — Assim mesmo.

Suas palavras me estimulam enquanto eu agarro seu pau com uma mão e lambo um caminho da raiz até a ponta.

— Sim — ele sibila entre os dentes. — Eu queria isso há tanto tempo.

Tento fazer com que a espera valha a pena quando olho para ele, agito os cílios sobre os olhos pesados e arredondo os lábios para sugá-lo. Com a cabeça balançando, acaricio minha língua em conjunto com meus lábios, mas ele atinge o fundo da minha garganta cedo demais,

porque é muito maior do que eu já tive. Eu o mantenho ali, engolindo em volta da ponta até que meus olhos se fecham forçadamente, com lágrimas nos cantos, e minha garganta se contrai com um engasgo.

— Jesus, porra. — Ele se inclina para frente, apoiando-se na pia com uma das mãos e usando a outra para puxar meu cabelo, forçando-me a recuar e respirar fundo. — Quem lhe disse que você não era boa nisso?

Não respondo, porque ele já sabe. Simplesmente aspiro um pouco do oxigênio conquistado com muito esforço.

Sua mandíbula se flexiona enquanto ele se inclina, o rosto pairando a poucos centímetros do meu, o pênis brilhando com a minha saliva. — Ele é um maldito mentiroso. Não preciso lhe ensinar nada.

Isaiah passa o polegar no canto do meu olho, recolhendo a umidade que se acumulou ali.

— Vou estragar sua maquiagem. — Não há nenhum aviso em seu tom. É simplesmente uma afirmação. — Então vou arruiná-la para qualquer outra pessoa. Entendeu?

Aceno ansiosamente com a cabeça em concordância.

— Use suas palavras.

— Sim — eu exalo.

— Agora continue fazendo o que está fazendo.

É o que faço. Com meu punho, acaricio-o, girando a mão para criar fricção. Em seguida, adiciono minha boca, sugando-o profundamente antes de sair dele com um estalo lascivo.

— Muito bom, Kenny. Não dê ouvidos a mais ninguém. Ouça-me. Você sabe exatamente o que está fazendo.

Não sei o que estou fazendo, mas sigo os sinais dele. Todo o abdome dele se contrai quando uso os lábios para acariciá-lo, então continuo fazendo isso. Sua respiração se acelera quando passo a língua na parte inferior de sua cabeça e, em seguida, para completamente

quando estendo a mão para cima e acaricio suas bolas enquanto o empurro para o fundo da minha garganta novamente.

— Porra. — Sua maldição é aguda quando ele sai de dentro de mim. — Eu vou gozar. Já faz tempo demais e já vou gozar.

Aceno ansiosamente com a cabeça, em meu vestido elegante no chão do banheiro, com rímel escorrendo pelas bochechas e cuspe acumulado no canto dos lábios.

Como a mulher elegante que fui criada para ser.

Ele se inclina sobre mim, segurando meu queixo. — Você vai me deixar gozar em sua boca?

— Sim. — Minhas respirações são curtas e agitadas. — Por favor.

— Você vai ser uma boa esposa e engolir tudo para mim?

Aceno com a cabeça com entusiasmo demais.

— Ótimo. — Ele lambe meus lábios e termina com um beijo. — Agora, respire fundo, porque é o último que você vai ter por um tempo.

Ele passa o polegar gentilmente sobre minha maçã do rosto, contrastando fortemente com o aviso de que não queria ser gentil comigo, mas esse é o único momento de ternura que ele dá antes de guiar minha cabeça para frente.

Assim que meus lábios estão ao redor dele, ele estabelece o ritmo, fodendo meu rosto em um ritmo constante. Com as palmas das mãos cobrindo meus ouvidos, é como se todo o resto se afogasse ao meu redor. É apenas ele e seu corpo reagindo a mim.

Meu Deus, a maneira como ele está me olhando, sua raiva misturada com tanta necessidade. É a coisa mais sexy que já presenciei, e nunca me senti tão poderosa como agora, sabendo que sou capaz de desvendá-lo.

Uso suas pernas como apoio, com as unhas cravadas em sua carne para me segurar.

— Hmm — ele murmura.

Isaiah observa como minhas mãos se movem sobre ele, explorando suavemente suas coxas até se curvarem e apertarem sua bunda. Ele segura minha cabeça e empurra seu pau para o fundo da minha garganta quando faço isso.

Ele é grande, elevando-se assim sobre mim. É uma posição vulnerável, à mercê de alguém do tamanho dele, mas nunca confiei em alguém como confio em Isaiah. Ele se aproxima de mim, mas nunca demais. Ele mantém o ritmo, mas sempre se certifica de que posso respirar, verificando visualmente se estou bem.

— Meu Deus, você é tão boa, Kenny, e isso me deixa chateado por você ser tão boa para qualquer outra pessoa.

Com os olhos fixos nos dele, sacudo a cabeça.

— O que é isso? — ele pergunta em um tom ameaçador, sabendo que não sou capaz de responder com palavras. — Você não vai ser boa para mais ninguém?

Balanço a cabeça enquanto ele continuava a foder minha boca.

— Você só vai ser boa para mim?

Suas investidas são tão frenéticas quanto suas palavras, e eu adoro isso. Aceno com a cabeça, meus olhos implorando para que ele acredite em mim.

— Só eu, Kenny?

Eu gemo em torno de seu corpo, com meus quadris buscando ritmicamente a fricção.

— Puxa vida, querida. Você está excitada por estar me chupando?

Ele se retira de dentro de mim, dando-me um momento para respirar adequadamente. Dando-me a chance de *pensar* corretamente. — Sim.

— Passe os dedos por baixo desse seu vestido e me mostre.

O calor faz cócegas em minha pele. Sinto-me um pouco tímida, um pouco exposta. Um pouco contraditório, já que é ele quem está quase totalmente nu, com o pau para fora no banheiro do nosso local

de trabalho.

Ele usa uma única mão trêmula para passar pelo seu cabelo perfeito. — Mostre-me.

Tentativamente, enfio a mão por baixo do vestido e recolho minha excitação em dois dedos, mostrando a evidência para ele ver.

— Porra — ele rosna, seus olhos escurecem quando se fixam em meus dedos. — Você faria qualquer coisa que eu mandasse agora mesmo, não faria?

— Qualquer coisa.

Isaiah se inclina, agarra minha mão e desliza meus dedos em sua boca quente e úmida antes de passar a língua nas pontas de uma forma que ele poderia fazer em uma parte muito diferente do meu corpo.

Ele acena com a cabeça para seu pênis, coberto com minha saliva, duro e pronto para gozar. — Termine o trabalho, Ken.

Não consigo conter meu sorriso, vendo-o um pouco desequilibrado, um pouco selvagem comigo.

— Você acha que isso é engraçado? Estou fora de mim neste momento. Nunca mais quero ver outro homem tocá-la novamente.

Em resposta, mantenho contato visual, agarro seu pau e trago minha boca de volta para cobri-lo.

— Sim — ele geme, com a cabeça caída para trás. — Nunca mais.

— Nunca.

Eu trabalho seu comprimento com uma mão, envolvendo meus lábios ao redor da cabeça. Não demora muito para que seus quadris se sacudam em movimentos curtos e desleixados. Sua respiração é áspera, seus sons são hipnotizantes.

— Kenny — ele grita, seguido por um gemido de desespero.

Ao contrário de suas palavras, Isaiah segura com ternura a minha outra mão – a mão esquerda, esfregando o polegar sobre o meu anel –

e então ele goza em minha boca.

Eu observo tudo isso. A maneira como ele se dobra e se apoia em um braço, usando a pia atrás de mim. A maneira como ele tenta manter seus olhos fixos nos meus até que a sensação os force a se fechar. A maneira como cada músculo se enrola quando pulsos quentes atingem o fundo da minha garganta. A maneira como ele segura minha mão o tempo todo, como se precisasse de alguma parte dele para ser gentil comigo da maneira como ele normalmente é.

Ao reabrir os olhos, toda a raiva foi dissipada.

Ele tira meu cabelo do meu rosto com cuidado. — Tão bonita assim — diz ele. — A boca cheia do meu espermatozoide. — A ponta de seu polegar percorre a linha de minha garganta. — Agora engula.

Nem sequer hesito e faço o que me manda.

Em um movimento rápido, ele puxa a calça para cima e cai sobre os quadris para ficar na altura dos meus olhos. — Eu a machuquei?

Sua pergunta é frenética, seu tom é preocupado.

— Não.

— Diga-me a verdade, Kennedy. — Ele rapidamente tenta limpar minhas manchas de rímel, seus polegares tentando freneticamente limpar qualquer evidência do que acabou de acontecer. — Eu não deveria ter falado com você daquele jeito.

— Estou lhe dizendo a verdade.

Ele faz uma pausa, como se não pudesse acreditar em mim, com aqueles olhos castanhos preocupados encontrando os meus.

Meu marido atencioso está de volta.

— Eu gostei — eu o tranquilizo.

Seu sorriso é torto e preguiçoso antes de ele me puxar para um beijo ardente. É um beijo desesperado e apologetico ao mesmo tempo. Ele se levanta e me puxa para ficar de pé com ele, mantendo-me presa à pia enquanto se aproxima por trás de mim e molha uma toalha. Ele se demora, limpando gentilmente meu rosto, as olheiras e os lábios.

— Estou bem, Isaiah.

— Você está mais do que bem, Kenny. Você está perfeita.

— Você ainda está com raiva de mim?

Enganchando as mãos sob minhas coxas, ele me levanta, envolvendo minhas pernas em sua cintura enquanto me carrega até o sofá que fica do outro lado do banheiro. Não sei se alguém já se sentou nele, já que sou uma das duas pessoas que vêm aqui, a menos que Isaiah esteja passando seu tempo livre relaxando no sofá do banheiro feminino.

Ele se senta e me posiciona em seu colo, com o vestido enrolado nos quadris.

Sua voz é baixa, mantida em silêncio no pequeno espaço entre nós. — Você me seguiu quando eu lhe disse para não fazer isso.

— Às vezes, não gosto de ouvir você.

Seus olhos brilham com malícia. — E às vezes você ouve e obedece muito bem. — Solto uma risada quando ele empurra meu cabelo para trás, com as mãos grandes segurando minha mandíbula. — Mas por quê? — ele pergunta.

— Porque não tenho medo de que você seja humano. O fato de você ter um dia ou um momento ruim não vai fazer com que eu queira ficar menos perto de você. Eu tenho muitos momentos ruins e ainda assim você volta para mais.

— Eu sempre voltarei para mais quando se trata de você.

— Então por que você não acredita que eu faria o mesmo por você? — pergunto.

Com os lábios entreabertos, os olhos de Isaiah se cruzam com os meus, mas ele não responde. Em vez disso, ele me puxa e me beija.

Suavemente no início, mas logo se torna duro, áspero e desesperado.

Um gemido me escapa quando ele passa um braço em volta da minha cintura, usando a outra mão para empurrar meus quadris

contra os dele. Ele está ficando duro novamente.

— Já? — pergunto contra seus lábios, continuando a me balançar em seu colo.

— Eu ando por aí com um tesão constante graças a você, esposa. — Em um movimento rápido, estou de costas e Isaiah está em cima de mim, seu corpo comprido entre minhas pernas. — Mas estou mais preocupado com isso agora.

Com a palma da mão cobrindo minha barriga, seu polegar traça uma linha lenta sobre meu clitóris.

— Você está muito molhada por ter feito sexo oral em mim no banheiro do nosso local de trabalho?

— Estou encharcada.

Ele geme.

— Pingando — continuo. — Senti que escorria pelas minhas coxas quando você me segurou no lugar e usou minha boca.

— Você gostou disso?

Um sorriso se ergue em meus lábios. — Adorei.

Seu sorriso combina com o meu quando ele se inclina e encosta sua boca na minha. Sua língua se aproxima e a maneira como ela se move me faz imaginar como ela deslizaria sobre uma parte diferente do meu corpo.

— O que você precisa? — ele sussurra.

— Preciso que você me foda.

Isaiah está parado acima de mim.

— O quê?

— Eu. Preciso. Que. Você. Me. Foda. — São palavras que nunca pensei que diria.

— Esta noite?

— Agora.

— Ken. — Sua testa cai sobre meu peito. — Tenho sonhado com o dia em que você poderia dizer isso para mim, mas não posso. Não desse jeito. Estou tendo uma noite de merda. Você viaja amanhã. Há muitas emoções acontecendo e não quero que você se arrependa disso pela manhã.

— Não vou — discordo rapidamente. — Sei que não vou me arrepender.

Ele não acredita em mim, e eu não o culpo. Eu resisti a isso por anos. Do ponto de vista dele, parece que mudei de ideia de repente. E, droga, talvez eu tenha mudado. Talvez tudo o que aprendi sobre ele esta noite seja o que eu estava desejando dele o tempo todo. Talvez agora eu saiba que seus sentimentos em relação a mim não são estimulados pelo desejo de algo que ele não pode ter.

— Tudo bem — eu me permito. — Então vou aceitar sua boca.

Seus lábios se inclinam, aquele sorriso diabólico e conhecedor que ele dominou ao longo dos anos. — Onde?

Um calor sobe por minhas bochechas, mas logo se acalma quando me lembro com quem estou. — Na minha boceta.

— Porra — ele rosna. — Minha esposa, muito certinha, não acabou de dizer *boceta* para mim. Se continuar falando assim, vou gozar de novo.

Eu dou uma risadinha abaixo dele. — Eu realmente adoraria se parássemos de conversar e você começasse a trabalhar. Mostre-me o que você tem, Rhodes.

Ele ri. — Você sabe que eu gosto quando você é um pouco má para mim, Kenny. Faz com que eu queira trabalhar mais para você.

Com a mão envolvendo sua nuca, passo os dedos pelo seu cabelo, passando as unhas pelo couro cabeludo até chegar à coroa e empurro para baixo, conduzindo-o pelo meu corpo.

Ele ri para si mesmo enquanto se ajoelha, encontrando um lugar confortável entre minhas pernas abertas.

Ele levanta lentamente meu vestido, empurrando-o para cima das minhas coxas. — Qual a cor da calcinha que vou encontrar aqui embaixo?

Meu vestido se ajunta sobre o meio, com a parte de trás ainda presa sob minha bunda, e observo os olhos de Isaiah se aquecerem instantaneamente, suas narinas se dilatando quando sua atenção se fixa no ápice de minhas coxas.

— Você não vai encontrar nada.

Sentado, com os calcanhares na bunda, ele não tira a atenção de mim. Ele esfrega uma palma grande sobre a boca enquanto traça cada centímetro do meu núcleo com os olhos.

— Você não estava usando calcinha esse tempo todo?

Balanço a cabeça em negativa. — Ela causava marcas no meu vestido.

— Não tenho a menor ideia do que isso significa, e não me importo. — Ele passa a ponta do polegar na parte interna da minha coxa, limpando minha excitação. — Que merda. Você realmente estava pingando, não estava?

— Em todo lugar.

— Temos que limpar você, querida. Não pode ficar andando por aí assim. Deus, isso deve estar doendo pra caramba.

— Muito. Preciso que você me ajude.

— Eu vou.

Isaiah desliza pelo sofá, prendendo os antebraços sob minhas pernas e usando os dedos para me separar. As pontas de seus polegares percorrem o meu centro e nossos gemidos combinados ecoam nas paredes do banheiro.

— Eu deveria saber — diz ele, lambendo um caminho pela parte interna da minha coxa, limpando minha bagunça anterior — que sua boceta seria tão perfeita quanto o resto de você.

— Você já havia pensado nisso antes desta noite?

— Você está brincando comigo, porra? — Seus olhos encapuzados saltam para os meus enquanto ele lambe outro caminho na perna oposta. — Inúmeras vezes, Kenny. Eu pensei em como você seria. — Sua língua sai para limpar o lábio inferior. — Aliás, é divina. Pensei na maneira como você se contorceria sob mim. Pensei na maneira como você agarraria meus dedos e, um dia, talvez meu pau. Pensei em tudo isso. Mas minha imaginação não era nem de longe tão boa quanto a realidade.

Ele lambe uma linha no centro da minha boceta, com os olhos fixos nos meus quando minhas costas se inclinam para fora do sofá. Ele zumbe contra meu núcleo, enviando uma vibração perversa por todo o meu corpo.

— Quero ser tão bom para você.

Aceno rapidamente com a cabeça. — Você sempre é.

— Alguém já fez isso com você?

— Sim. Poucas vezes.

Seus olhos brilham com irritação. — Você gozou?

— Não. Você é a única pessoa que já me fez gozar, além de mim mesma.

Ele dá um beijo suave em meu clitóris. — Você se toca, Kenny?

— Às vezes.

— Ótimo. — Ele me lambe em um movimento longo e lânguido.
— Mostre-me.

— O quê?

— Você quer aprender, mas eu também quero. Ensine-me como você gosta de ser tocada.

Isaiah gentilmente pega minha mão com a sua, conduzindo-a pelo meu corpo, por cima do meu vestido justo e entre as minhas pernas.

— Ensine-me.

Sua respiração está ofegante, seu peito exposto se expande e

contraí em um ritmo acelerado, mas sua respiração para completamente quando deslizo meus dedos para baixo, passando a ponta do meu dedo médio sobre meu clitóris.

— *Foda-se.* — O silêncio é total, como se ele tivesse se esquecido de usar a voz.

— Eu começo assim. — Meus quadris seguem meus dedos. — Depois, faço pequenos círculos.

— Assim? — ele pergunta quando afasta meus dedos e se inclina, sua língua espelhando meus movimentos, circulando sobre meu clitóris em um padrão rítmico.

— Oh — eu gemo. — Sim, exatamente assim.

— O que mais? — Ele substitui meus dedos enquanto se afasta para observar, seus lábios brilhando com minha excitação, e essa imagem por si só quase me faz perder o controle.

— Isso. — Para cima e para baixo, para cima e para baixo em movimentos curtos e fluidos.

Ele segura minha mão para fora do caminho, usando sua língua para combinar com meus dedos.

Mas a sensação é infinitamente melhor. Ele demora, lambendo-me com pressão, e não consigo evitar perseguir sua boca com meus quadris enquanto eles se levantam do sofá, em busca de mais.

Ele geme. Ele geme ao me saborear.

Nada disso é apressado. Pela primeira vez em minha vida, isso não parece apenas uma simples ação a caminho do sexo, feita de forma rápida e desatenta, pronta para passar para a próxima coisa.

Isaiah está me provando como se não houvesse outro lugar em que ele preferisse estar.

Ele está esparramado no sofá, com uma perna dobrada e a outra esticada, deitado como um maldito atirador de elite enquanto me devora. Ele nunca esteve tão bonito quanto agora, entre minhas pernas, com os cabelos desgrehados e os lábios brilhantes.

— E quanto aos dedos? Você já se dedilhou?

— Às vezes.

— Mostre-me.

Não há um único momento de hesitação. Eu me sinto embriagada por ele, sem pensar e solta, enquanto coloco meus dedos entre as pernas e empurro o do meio para dentro.

— Droga — Isaiah exala. — Essa é a coisa mais gostosa que eu já vi.

Eu o retiro e o coloco novamente.

— Você está encharcada, Ken.

— Eu realmente quero gozar. — Minha voz é um lamento, meu dedo se move freneticamente, como se eu mesma pudesse fazer isso acontecer.

— Eu sei, baby. Você está perto, não está?

Aceno com a cabeça, com os olhos desesperados e suplicantes conectados aos dele.

— Posso lhe mostrar algo que acho que você vai gostar?

— Por favor.

Ele puxa o meu dedo e o coloca em sua boca para limpá-lo antes de prender os lábios ao redor do meu clitóris novamente. No mesmo instante, meu único dedo é substituído por seus dois. Eles se curvam para cima, acariciando um ponto que eu nunca havia tocado antes, e estou acabada. Estou uma bagunça. Estou totalmente à sua mercê.

Meu corpo inteiro está quase fora do sofá, contorcendo-se com a sensação. Sua boca nunca me deixa, movendo-se em conjunto com seus dedos, nossos corpos balançando juntos como se ele estivesse realmente me fodendo e não apenas com a boca e a mão.

— Puta que pariu, Ken. Você é tão apertada. Posso sentir você pulsando ao meu redor.

Quando seu cabelo cai sobre os olhos, deslizo meus dedos por ele,

empurrando-o para trás, segurando-o na cabeça para me dar uma visão mais clara do que ele está fazendo.

Ele sorri maliciosamente para mim, com sua língua se movendo em movimentos longos e lânguidos.

Isaiah coloca o polegar em meu clitóris, esfregando pequenos círculos sobre o broto, sua língua o acaricia em conjunto, e eu fico fora de mim.

A pressão é muito grande. Ela fica bem no limite até transbordar e eu cair.

— Isaiah — é tudo o que posso dizer antes de desvanecer.

Uma onda após a outra me invade. Mantenho minha atenção nele até não poder mais, meus olhos se fecham com a força do meu orgasmo. Ele não para. Parece que dura minutos a fio, e Isaiah mantém sua boca em mim o tempo todo, lambendo as evidências.

Posso sentir seus olhos em mim antes de ouvi-lo entoar meu nome como uma oração desesperada e suplicante, e isso só aumenta meu orgasmo.

Quando finalmente desço, meus músculos se desenrolam e eu caio de volta no sofá. Minha respiração é áspera e ofegante, e só posso imaginar o quanto pareço estar arrebatada.

Cabelos castanhos espalhados por baixo de mim. Maquiagem arruinada e um vestido amassado.

Nada polida e imperfeita.

É o mais confortável que já me senti.

— Merda — Isaiah exala quando se ajoelha, com os olhos focados na virilha da calça.

— Você...

— Gozei? — ele termina a frase para mim. — Sim.

— De...

Esse homem confiante não se desculpa em seu olhar quando olha

para mim, com um sorriso diabólico nos lábios.

— De comer você. De ver você gozar. Ouvir meu nome enquanto você gozava. Não pude evitar. Você me excita, Kenny. Não deve ser uma grande surpresa que eu tenha gozado como um novato inexperiente, já que você sabe exatamente como sou obcecado por você.

Ele pode não corar, mas eu sim.

Ele se arrasta por cima do meu corpo, deitando-se sobre mim no sofá e, com um suspiro pesado e exausto, derrete-se em meu ombro.

— Deveríamos levá-lo para casa e para a cama — sussurro.

— Eu sei. É melhor eu ir embora. Não é como se eu pudesse voltar lá fora assim, de qualquer forma.

Eu o seguro aqui, com meus braços em volta dele. Há um momento de hesitação antes de eu perguntar: — Posso ficar com você esta noite?

— Sim. — Ele se levanta para olhar para mim, concordando rapidamente como se eu fosse mudar de ideia. — É claro que você pode.

Ele se inclina para me beijar antes de repousar a cabeça em meu ombro mais uma vez, exausto demais por tudo o que aconteceu esta noite.

Meus dedos enrolam as pontas de seu cabelo. — Acho que nunca vou conseguir me sentir confortável com alguém como me sinto com você.

Droga, isso não saiu direito.

Uma pausa pesada permanece entre nós.

— Tenho certeza de que você chegará lá — diz ele. — Sei que é isso que você quer.

Isso deveria ser dito de forma encorajadora, mas sua voz está cheia de derrota.

Mas e se eu não quiser isso? A pergunta está na ponta de minha língua, porque é isso que quis dizer.

Acho que não há nenhuma parte de mim que *queira* se sentir tão confortável com outra pessoa.

CAPÍTULO 24

Isaiah

O trajeto até meu apartamento é silencioso.

Eu me ofereci para passar na casa dela hoje à noite, deixá-la trocar de roupa e pegar a mala para amanhã, mas ela me garantiu que teria tempo antes do voo e que preferia que fôssemos para casa.

Sim, *casa*. Como se fosse nossa e não apenas minha. Como se ela não tivesse seu próprio apartamento de cobertura a oito quadras de distância. Fantasias ridículas estavam se repetindo depois que ela disse essa palavra, e tive de encerrá-las rapidamente.

Estou dirigindo com a mão esquerda no volante e a direita apoiada na coxa dela, acariciando um padrão repetido com o polegar. Para frente e para trás. Para frente e para trás.

Como um pedido de desculpas silencioso que ela diz não precisar.

Eu odiei cada palavra que saiu da minha boca naquele corredor, independentemente de ser verdade. Eu nunca quis admitir para ela que sabia que ela não estava interessada, simplesmente porque não estava pronto para que ela concordasse.

Se fosse em qualquer outro dia, talvez eu pudesse ter dado risada, deixado que ela me explicasse como um cara deu em cima dela enquanto eu guardava minha amargura em relação à nossa situação complicada. Talvez eu não tivesse demonstrado o quanto dói não apenas saber que ela vai seguir em frente depois de mim, mas ter que ver isso acontecer fisicamente diante dos meus olhos.

Ela mal o entretinha, apenas falava com ele o suficiente para não

ser rude. Mas ele parecia ser outro babaca rico com quem os pais dela a teriam forçado a se casar, e eu me irritei.

Hoje estou arrasado, emocionalmente abalado com o fato de que, na próxima temporada, estarei mais uma vez sozinho. Kennedy embarca para sua entrevista amanhã e, com certeza, Kai ainda estará morando em Chicago, mas é diferente saber que ele não estará em campo comigo nunca mais. Eu não esperava que sua aposentadoria chegasse tão cedo.

E eu descontei nela.

Porque ela também está me deixando. Todos nós sabemos que ela está conseguindo aquele emprego, e estou cansado de ver as pessoas de quem gosto não ficarem por perto. Jogo pelo seguro, na esperança de que, se eu for engraçado o suficiente, se elas se divertirem o bastante comigo, elas ficarão. Isso nunca funciona. Kennedy está indo embora de qualquer maneira, então acho que pensei que ela poderia ver todas as facetas de mim que tenho muito medo de mostrar a todos antes de partir.

Exausto, amargo, realmente cansado.

Meu Deus, estou tão cansado.

Quando estaciono na vaga do lado de fora do meu apartamento, desligo o motor e fico sentado. Exausto demais para me mexer e envergonhado demais de como agi com ela para dizer qualquer coisa.

Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos até que Kennedy sai do carro e dá a volta no capô para abrir minha porta.

— Vamos — diz ela, com aquele lindo vestido branco.

— Eu ia abrir a porta para você. Você não me deu uma chance.

Um sorriso astuto surge em seus lábios. — Você ia cair no sono se ficasse sentado aí por mais tempo.

Ela estende a mão para a minha e me conduz ao prédio onde moro, como se já tivesse estado aqui inúmeras vezes e conhecesse o caminho.

Eu gosto muito disso.

Ela ri para si mesma quando vê o capacho de *Bless this Mess* e, quando entra, não hesita em colocar os sapatos de salto alto perto do sofá e se vira de costas para mim, prendendo o cabelo com as duas mãos.

Atravessando a sala, eu me dedico a desabotoar os botões superiores do vestido dela, esperando que ela use uma mão no peito para segurar o tecido.

Ela não usa.

Ela continua a prender o cabelo, deixando o vestido dobrar sobre sua cintura.

E quando eu abro lentamente o zíper da parte que se conecta logo acima de sua bunda, eu praticamente engasgo quando ela deixa a coisa toda cair e se acumular a seus pés.

Minha esposa está aqui, com a bunda nua, no meio da minha sala de estar. A única coisa em seu corpo são suas joias.

Com as mãos soltas, seus cabelos castanhos caem sobre as costas e ela vai direto para o meu quarto, movendo-se lentamente e permitindo que eu a observe, de modo que sua bunda em forma de coração balance a cada passo.

É hipnotizante ver Kennedy Kay entrar nua em meu quarto.

— Pensei que você quisesse que eu fosse para a cama — eu digo.

— Você está indo. Mas pensei em lhe dar um pequeno lembrete de que você me disse que não faria sexo comigo esta noite.

— Você não é uma mulher legal. Não tenho certeza se alguém já lhe disse isso.

Ela me lança um sorriso devastador por cima do ombro e, quando chega à porta do meu quarto, bate com os dedos na placa *Live, Laugh, Love*. Aquele sorriso instantaneamente se torna fofo e provocador antes de ela entrar no meu quarto.

Quero segui-la, jogá-la na cama e mudar de ideia sobre não

transar com ela esta noite. Talvez ver se a próxima lição que ela quer aprender é como montar meu pau.

Mas não estou errado. Foi uma noite emocionante e acho que não sobreviveria se Kennedy acordasse amanhã e olhasse para mim com arrependimento.

Sem mencionar que a lembrança do que ela disse no campo está pesada em minha mente. Que ela não sabe se conseguirá se sentir tão confortável com outra pessoa. Isso não muda o fato de que ela quer conseguir. Afinal de contas, é isso que estamos fazendo aqui.

Continuando casados para que ela possa conseguir um emprego no outro lado do país. Jogando um jogo que eu gostaria que fosse real. Ensinando a ela coisas que ela não precisa aprender, porque ela é muito natural nelas quando as faz porque *quer*.

E eu estou tão fundo que não há como escapar.

Essa decepção que evitei durante toda a minha vida adulta está se transformando em uma pessoa pela qual me deixei apaixonar de verdade. Que me permitiu realmente acreditar que poderia ter uma chance com ela. Não importa que nosso casamento seja falso. O coração partido vai ser muito real.

A porta do meu quarto se abre, e meu gemido é involuntário. — Você está brincando.

Ela fica parada na soleira da porta, vestindo uma das minhas camisetas que pode muito bem ser um vestido, e então levanta levemente a bainha, revelando a cueca boxer com a qual está planejando dormir.

— O que é seu é meu — ela provoca. — Não é assim que funciona todo esse negócio de casamento?

— Você pode ter literalmente o que quiser, desde que esteja usando isso quando pedir.

— Então, você vai fazer sexo comigo?

— Ken...

— Brincadeira. — Ela inclina a cabeça em direção ao meu quarto.
— Vamos lá. Preparei o chuveiro para você.

Meus pés arrastados me levam até o quarto, onde Kennedy me guia para sentar na beirada da cama. De pé entre minhas pernas abertas, ela tira minha gravata e desabotoa minha camisa.

— Eu posso fazer isso. — Minha declaração não chega a ser um protesto e não faço nenhum movimento para impedi-la.

— Eu também.

— Kenny...

— Deixe que eu cuide de você pelo menos uma vez. Você está sempre fazendo coisas por mim. Está na hora de retribuir o favor.

Deus, e é bom deixá-la fazer isso. Minha cabeça se inclina quando ela passa as mãos por baixo do tecido da minha camisa, empurrando-a sobre meus ombros e, depois de tirá-la de mim e colocá-la na cama, encosto a testa em seu estômago.

— Desculpe-me por ter descontado em você esta noite tudo o que eu estava sentindo. Nada disso foi culpa sua.

Ela desliza os dedos em meu cabelo, segurando-me junto a ela. — Você não precisa se desculpar comigo.

— Mas eu quero. — Deslizo as pontas dos dedos até a parte de trás de sua coxa, traçando suavemente a pele macia. — Eu só... foi um dia difícil, e não estou acostumado a mostrar às pessoas meus dias difíceis. Então, obrigado por ter voltado para me encontrar.

— Sempre.

Minha cabeça se levanta com isso. Quero acreditar que ela realmente quer dizer *sempre*, mas o fato é que, amanhã, ela sairá para uma entrevista pela qual esperou durante toda a sua carreira.

Sempre tem um prazo muito limitado para nós.

Ela demora a me despir, e é um momento de verdadeira humildade quando ela se agacha para tirar meus sapatos e, em seguida, minha calça. Observo quando ela vai até a minha cômoda e

tira uma cueca boxer nova para eu usar depois do banho.

Ela se vira para ir, mas agarro sua mão, puxando-a de volta para ficar entre minhas pernas abertas e encontro sua boca com um beijo suave.

— Posso roubar um pouco de pasta de dente? — pergunta ela.

— Sim. — Eu a beijo novamente. — Você precisa disso.

Ela zomba com falso horror e me dá um tapa no peito. — Se você está me dizendo que tenho mau hálito, pode assumir toda a responsabilidade por isso. Afinal, eu estava com seu pau na boca.

— Oh, com certeza, você estava. — Eu a puxo para baixo e a beijo novamente. Mais forte dessa vez. — Mudei de ideia. Não escove seus dentes. Gosto de saber que meu pau foi a última coisa que esteve aí dentro.

Sua cabeça cai para trás em uma risada leve, e Deus, como isso é lindo.

— Mmm. E você ainda tem o gosto da minha boceta.

— Pelo amor de Deus, Ken. Eu já gozei em minha calça uma vez esta noite. Você pode não dizer *boceta* tão casualmente assim, sem nenhum aviso?

Ela se afasta e entra no meu banheiro, mas não antes de olhar por cima do ombro e dizer a palavra *boceta* enquanto desaparece.

Uma explosão de energia me atinge e eu me levanto da cama e a sigo.

— Não escove os dentes até que eu termine de tomar banho.

— O quê? — ela pergunta com uma risada. — Por quê?

Deixo cair minha cueca boxer no chão e meu sorriso brilha como um maldito bastão luminoso pela forma como seus olhos me seguem.

— Porque — falo, completamente nu — parece algo doméstico pra caralho que eu gostaria de fazer com minha esposa.

Meu banho é rápido, apenas um enxágue para tirar o dia de cima

de mim, mas eu a vejo me observar pelo box o tempo todo. Em menos de cinco minutos, já estou fora do chuveiro, usando a toalha e vestindo minha cueca nova, porque, aparentemente, cheguei à fase do amor em que até uma parede de vidro é uma distância muito grande para nos separar.

Isso provavelmente será um grande problema para mim quando ela viajar para a Califórnia amanhã.

Ela pega minha pasta de dentes do copo ao lado da pia, com o dedo indicador oposto esticado como se fosse usá-lo como uma escova de dentes improvisada.

— Espere um pouco — digo a ela, remexendo em algumas de minhas gavetas. Enfiada no fundo da segunda gaveta do móvel, pego a escova de dentes que comprei para ela semanas atrás. — Esta é para você.

Ela fica paralisada com a escova de dentes ainda embalada na mão.

— É a certa?

Pelo que me lembro, é exatamente a mesma que comprei para ela na primeira noite em que dividimos um quarto de hotel. Cerdas macias. Cabo roxo. Bem, pelo menos, o caixa me disse que era a de cabo roxo.

— Há quanto tempo você está com isso aí?

Tirando minha escova de dentes do copo, tento ser indiferente ao dizer: — Comprei quando voltamos da viagem. Depois que jantamos e você me pediu para lhe ensinar algumas coisas, pensei que talvez houvesse uma noite em que você pudesse ficar aqui. — Vejo seu reflexo no espelho. — Eu esperava, pelo menos.

Sua expressão se derrete completamente, e a Kennedy, às vezes fria, nem tenta esconder o que sente. — Eu deveria ter ficado da última vez que estive aqui.

Eu ergo meus ombros. — Eu segui você até em casa de qualquer maneira.

— O quê? — Ela solta uma gargalhada. — Você não fez isso, seu stalker.

— Você achou mesmo que eu ia deixá-la sair da minha casa no meio da noite sem me certificar de que chegaria em segurança? Passei de carro, vi você entrar, antes de voltar para cá para lidar com meus três amigos bêbados. Durante todo esse tempo, minha mente não conseguia se livrar da lembrança do quanto você me fez gozar e do quanto gostei de vê-la com aquela calcinha de renda e sutiã combinando.

Ela abre sua nova escova de dentes e eu coloco uma linha de pasta de dente nela antes de fazer o mesmo com a minha. Nós dois estamos de frente para o espelho, ela em pé na minha frente enquanto escovamos os dentes.

— Um pouco mais sexy do que esta roupa, não? — pergunta ela, com a boca cheia de espuma.

— Oh, porra, não. Isso... — Faço um círculo com meu dedo em sua direção. — Isso vai para a memória.

Ela dá risada com a boca cheia, e juro por Deus que, se eu pudesse engarrafar esse som, eu o faria.

O restante dos dois minutos é silencioso. Nós escovando os dentes como o casal doméstico e casado que estamos fingindo ser.

Ela sorri para mim sempre que me vê observando-a no reflexo.

Eu seguro o cabelo dela quando ela vai cuspir na pia, depois me inclino sobre ela e faço o mesmo.

Eu quero isso. Esses momentos simples e normais que os casais têm, mas eu só os quero com ela e quero que sejam reais.

— Vamos para a cama — diz ela, colocando sua escova de dentes no copo ao lado da minha. — Você está exausto.

Eu não queria presumir, mas estava tão esperançoso na viagem até aqui que, quando ela pediu para dormir em minha casa esta noite, ela queria que eu dormisse ao lado dela.

O mártir em mim se ofereceria para ficar no sofá. Esperaria até que ela dissesse claramente que queria que eu dormisse na cama com ela, mas estou cansado demais para bancar o mártir esta noite.

Quero dormir em minha cama com minha esposa.

Eu a sigo, apagando as luzes atrás de mim. Kennedy se enfia debaixo das cobertas do mesmo lado que usou na última vez em que estive aqui, e eu dou a volta na cama até o meu, parando aqui.

Há uma parte de mim que está esperando que ela mude de ideia. Depois de todas essas semanas em que dormi no chão, estou esperando que ela me diga para fazer o mesmo esta noite.

— O que está esperando? — Ela está com um sorriso brincalhão nos lábios. — Você não vai me ensinar a dormir de conchinha ou algo assim?

— Você é uma idiota. Sabia disso?

Eu me enfiio debaixo das cobertas com ela.

— E você adora isso.

Ela está com os lençóis erguidos até o queixo, com um sorriso radiante na boca, como se estivesse muito entusiasmada com essa festa do pijama e, sinceramente, também estou.

— Sim — eu exalo, afundando no travesseiro e ficando de frente para ela. — Eu gosto.

— Obrigada por me deixar ficar aqui. Depois de dividir o mesmo quarto com você na estrada, meu apartamento tem se parecido um pouco solitário ultimamente.

— Você pode ficar aqui a qualquer momento, Ken. Você sabe disso.

— Está bem.

Eu me aproximo dela, com meus pés se enrolando sobre os dela sob o lençol. — Ok.

Sua mão escorrega de debaixo do cobertor, segurando minha

bochecha, com o polegar passando sobre o osso. — Você está cansado. — Aceno com a cabeça, inclinando-me em seu toque. — Você vai ficar bem?

Seus olhos saltam sobre meu rosto, procurando minha resposta.

— Não sei — digo a ela com sinceridade. — Mas estou me sentindo bem agora.

Uma suave inclinação levanta seus lábios. — Alguém já lhe disse que você é um garoto apaixonado?

Com uma risada, eu me viro, deitando minha cabeça em seu ombro e, ao mesmo tempo, ela me envolve com os dois braços, enquanto o meu fica em volta do meio dela.

— Acho que ninguém mais viu muito esse meu lado, mas sim. Você não faz ideia.

Inclinando-se para baixo, seus lábios encontram meu cabelo. — Acho que estou começando a entender.

Alguns minutos silenciosos se passam entre nós e eu já estou quase dormindo, com uma calma avassaladora me dominando, dizendo que neste momento tenho tudo o que sempre quis.

Mas esse é o problema, minha ansiedade grita. É apenas neste momento.

— Kenny — sussurro. — Você ainda estará aqui quando eu acordar?

— Claro. — Sua voz é sonolenta. — Eu não vou a lugar nenhum.

CAPÍTULO 25

Kennedy

Acordei com um homem gigante de 1,80 m esparramado em cima de mim. Suas pernas estavam entre as minhas e seu tronco me prendia ao colchão. Sua cabeça estava enfiada na curva do meu pescoço e seu braço estava enrolado sob minhas costas.

Fui um travesseiro humano para Isaiah Rhodes, e nunca dormi melhor.

Quando fui tomar banho hoje de manhã, encontrei um exemplar do *Times* de hoje com as palavras cruzadas já dobradas para mim. O exemplar estava acompanhado de um café e dois Eggos torrados.

Ele quase pirou quando eu disse que nunca tinha comido Eggo⁵ antes, mas ainda mais quando mencionei que não tinha certeza se teria tempo de comer antes do trabalho.

Minha casa de infância tinha um chef que morava em casa, então comida congelada e divertida nunca foi uma opção. E pular o café da manhã hoje também não era. Isaiah tem uma estranha afinidade com a questão de me alimentar e acho que pode ser minha linguagem amorosa recém-desbloqueada. Porque ele sempre causa um efeito em mim.

E agora, aqui estou eu em seu carro, a caminho do aeroporto, deixando o que acho que pode ser o que sempre procurei.

Antes do treinamento de rebatidas, fomos para o meu apartamento para que eu pudesse fazer as malas e vestir roupas que não fossem dele e, mais uma vez, deixei meu carro no campo e optei por ir com ele. Mas ele ficou em silêncio a maior parte do trajeto,

totalmente concentrado em seus pensamentos.

Não nos beijamos hoje. Não nos tocamos. Está claro que nenhum de nós sabe qual é a nossa postura sob a luz do dia, e não ajudou o fato de que, depois que saímos do apartamento dele, ficamos no campo a manhã toda para o treino de rebatidas de domingo, incapazes de realmente falar sobre o assunto antes de sair para a minha entrevista.

— Você tem tudo o que precisa? — Isaiah finalmente pergunta.

Uma mão forte no volante, com aquele boné de beisebol ao contrário que me faz imaginar todo tipo de coisa que eu gostaria que ele fizesse comigo enquanto o usasse.

— São apenas alguns dias — eu o lembro.

Ele mantém seus olhos na estrada. — Alguns dias podem mudar muita coisa.

— Ou talvez eu não consiga o emprego.

E eu não deveria estar considerando essa opção. Isso é tudo o que eu sempre quis. Um cargo com o qual sonhei. Uma cidade onde adoraria morar.

Ele me lança um olhar rápido e sem palavras antes de voltar a se concentrar na estrada à sua frente. — Você consegue, Kenny. — Seu tom é cheio de incentivo, como se fosse isso que ele achasse que eu estava procurando. — Caso você ainda não saiba, estou muito orgulhoso de você.

Minha garganta fica imediatamente espessa. Impossível de engolir.

Ninguém nunca havia me dito isso antes. Tirei uma nota alta nos meus MCATs⁶ e minha mãe me perguntou quando eu estava marcando a data do casamento. Achei que tinha conseguido o cargo que queria em Chicago e Connor perguntou quantas vezes por ano eu deveria visitá-lo.

Minha voz é constrangedoramente fraca. — Você está?

— Claro que sim. Mesmo quando eu não a conhecia, no primeiro dia em que a ouvi com o Dr. Fredrick, fiquei muito impressionado com você. Não preciso dizer que há poucas mulheres envolvidas no esporte profissional, e você está fazendo isso, Kennedy. Caso você ainda não tenha percebido... — ele ri para si mesmo — ... sou um grande fã seu.

Isaiah encosta o carro no meio-fio do lado de fora do terminal dois, e para. Finalmente, ele solta o cinto de segurança e se vira totalmente para mim.

— Vá, mostre esse seu grande cérebro e seja você mesma. É impossível que eles não a amem da mesma forma que eu... — Ele se interrompe.

Meus olhos se arregalam e os dele se espelham neles.

— Vivo, rio, amo você — conclui ele. — Da forma que eu vivo, rio, amo você.

Ele diz isso com tanta confiança na segunda vez, mas ainda assim não faz o menor sentido. De qualquer forma, não posso deixar de rir.

— Você vive, ri e me ama?

— Deus, muito mesmo!

O carro se enche com nossas risadas mútuas, e uma parte de mim quer ficar aqui o dia todo, nessa bolha de apenas eu e ele. Sem pensar na minha carreira pela qual trabalhei duro, sem pensar no fato de que esse casamento é falso e sem me preocupar com o fato de que, independentemente de qualquer coisa diferente que eu possa estar sentindo, na próxima temporada não trabalharei para os Warriors.

Porque esses são os fatos. Quer eu consiga ou não esse emprego, meu trabalho em Chicago já acabou. Isaiah concordou em consertar nosso acidente de embriaguez pelo período de uma temporada de beisebol. Não por toda a eternidade.

— Você vai fazer suas palavras cruzadas no avião?

— Esse é o meu plano.

— Sabe, eu sempre me perguntei, mas nunca soube. Por que você

faz isso todos os dias?

Dou de ombros. — Quando eu era mais jovem, não recebia muita atenção dos meus pais. Eu era filha única e ficava entediada quase todos os dias. Mas meu pai mandava entregar o *Times* todas as manhãs para ler a seção de negócios, então comecei a roubar as palavras cruzadas para me manter ocupada. Sentia-me menos solitária quando minha mente estava ocupada, sabe?

As sobrançelhas de Isaiah se franzem como se ele odiasse essa resposta. — E você ainda se sente assim? Você faz isso porque se sente solitária?

— Acho que sim. — Solto uma risada seca. — Mas acho que o fato de eu não ter terminado uma há semanas diz alguma coisa, não é?

Seu sorriso se torna orgulhoso.

Uma batida na minha janela assusta a nós dois.

— Siga em frente — diz o guarda de segurança.

Os carros estão entrando e saindo ao nosso redor e está na hora de eu ir embora.

A expressão de Isaiah muda mais uma vez, e algo que aprecio nele é o fato de ser fácil de ler. Ele usa suas emoções na manga e fica claro que ele não quer que eu vá embora. Mas independentemente disso, ele sabe que eu preciso ir, então sai do carro, abre o porta-malas e tira minha mala. Eu me junto a ele, de pé no meio-fio com ele no asfalto. Isso ainda não ajuda em nada nossa diferença de altura.

— Então, vejo você em breve. — Suas palavras são uniformes, sem emoção, indiferentes.

Posso ler através dele. Ele não quer se machucar. — Alguns dias.

Ele levanta o boné e passa a palma da mão no cabelo antes de recolocá-lo no lugar. — Divirta-se. Fique em segurança. Beba água.

— Tudo bem, mamãe.

— Não se esqueça de mim — acrescenta ele com um toque de humor, mas seu sorriso provocador cai rapidamente.

Nem que eu tentasse, não conseguiria.

— Amanhã, antes do jogo, se for o Sanderson que estiver colocando fita adesiva em seus pulsos, certifique-se de que ele o faça da maneira que lhe mostrei. Porque às vezes ele aperta demais. Se precisar, faça Facetime comigo antes do jogo, posso orientá-lo.

O sorriso provocador de Isaiah está de volta.

Ainda não perdi um jogo ou treino desde que comecei a trabalhar com os Warriors, e estou com um ataque sério de ansiedade, sabendo que o jogo noturno de amanhã será o primeiro sem mim.

— Tenho certeza de que ele se sairá bem — corrijo.

— Ele não é você, isso é certo. Você fará falta, Kenny, e não apenas para mim. Os rapazes também sentirão sua falta na sede do clube amanhã.

— Não se esqueça de mim — repito suas palavras.

— Eu não conseguiria nem se tentasse.

— Ei! Vamos lá. — É o mesmo guarda de segurança de antes. — Esta é uma zona de desembarque. Tire seu carro daqui.

— Eu deveria... — Eu jogo um polegar sobre meu ombro, gesticulando em direção ao local de entrega de bagagens.

Ele concorda com a cabeça, mas não diz nada.

— Ok. Então, vejo você em breve?

Ele acena novamente com a cabeça. — Alguns dias.

O silêncio é constrangedor, e nenhum de nós sabe o que fazer, então eu me viro e caminho em direção à entrada, puxando minha mala atrás de mim.

Talvez eu não tenha respostas concretas sobre o que está acontecendo entre nós, mas com certeza não é isso.

Quando me viro para trás, Isaiah está de cabeça baixa, com as mãos nos bolsos, contornando o carro em direção à porta do motorista.

— Isaiah! — eu grito para impedi-lo.

Quando ele se levanta para olhar para mim, é com muita esperança.

— Sabe o que eu nunca fiz antes? Um daqueles longos e arrebatadores beijos de despedida no aeroporto.

Ele tenta conter o sorriso. — É mesmo?

— Eu gostaria de ter mais um desses primeiros, se você não se importar.

Ele balança a cabeça para frente e para trás em uma falsa contemplação. — Eu não sei.

— Vamos, Rhodes. — Meu tom é de provocação. — Entre no jogo.

Sua cabeça cai para trás em uma risada e ele corre em minha direção. Eu o encontro no meio do caminho, abandonando minha mala por ele.

Com as mãos segurando minha mandíbula, seus lábios se chocam contra os meus em um beijo lento e abrangente. Lábios macios, mas firmes e dominadores. Estou totalmente sob seu feitiço quando minha boca se abre, permitindo que sua língua deslize contra a minha.

É quando eu gemo contra ele. *Em público*. Eu me inclino para ele. *Em público*. Estou me arqueando e me curvando como se houvesse uma maneira de me aproximar dele. Minhas mãos seguram seu rosto, puxando-o para mim.

Um de seus braços contorna até o meu pescoço, envolvendo-o, enquanto sua outra mão desliza para baixo para acariciar minha bunda. Bem aqui, em frente ao aeroporto.

E, com total controle do meu corpo, ele se inclina para baixo, mergulhando em mim como se estivéssemos em algum tipo de filme da Lifetime, e ainda assim sua boca nunca sai da minha.

Nós nos endireitamos, sem nunca perder o contato, e quando meus braços estão ao redor de seus ombros, ele se arqueia para trás,

levantando-me dos meus pés. Quando meus dedos deslizam para o seu cabelo, o boné de Isaiah cai no chão, mas isso não nos detém.

Acho que alguém assobia ao nosso lado, mas não estou prestando muita atenção. Meu foco principal é esse homem de quem sentirei mais falta do que o normal nas próximas quarenta e oito horas. O homem que eu achava que não suportava durante a maior parte do tempo em que o conheci.

Eu não poderia estar mais enganada.

Estou possuída por ele. Eu mal havia tocado Connor enquanto estivemos juntos, e nunca em público. E aqui estou eu, fazendo isso como uma adolescente incontrolável e excitada com o cara com quem me casei bêbada em Las Vegas.

— Droga — alguém diz ao nosso lado.

Isso finalmente interrompe o momento, nossas bocas se separam. Estamos ambos com falta de ar e tentando recuperá-lo quando nossa atenção se desvia para o lado, encontrando o mesmo segurança nos observando.

— Deixe-me adivinhar — diz ele. — Recém-casados?

— Sim. — Isaiah ri. — Algo parecido com isso.

Ele me coloca de pé novamente. De volta aos meus Vans de plataforma, e quando ele se abaixa para pegar seu boné descartado do chão, ele bate neles, silenciosamente me provocando por usar constantemente os sapatos com os quais nos casamos.

— Você vai se sair bem, Kenny. Não perca seu voo. — Ele coloca o boné do time na minha cabeça. — Isso é para que você não se esqueça de mim.

Eu o seguro para que não caia. — Não conseguiria nem se eu tentasse.

— E esta é a sala de musculação.

Equipamentos imaculados e de última geração estão alinhados na parede. As toalhas estão cuidadosamente dobradas e prontas para o dia seguinte. O logotipo do San Francisco pinta todas as superfícies livres, tornando impossível não saber a que time pertence essa sala.

— Há uma sauna e uma sauna a vapor lá atrás — diz Josh. — Tudo o que temos é para uso da equipe e dos funcionários, portanto, quando você chegar oficialmente aqui, sinta-se em casa. A direção é boa para seus funcionários aqui.

Josh era coordenador de viagens da equipe de Dean em Atlanta, mas agora trabalha em São Francisco. Lembro-me de Dean mencionar que ele ficaria feliz em me mostrar a cidade, mas não planejei que meu meio-irmão o dispusesse para também me buscar no aeroporto.

— Tudo é tão... bonito. Essa é uma palavra estranha para usar quando se fala de equipamentos de ginástica?

Ele dá uma risadinha. — De modo algum. Concordo plenamente. Os proprietários construíram esta arena há menos de cinco anos, portanto, tudo é praticamente novo. Tudo o que você precisar, eles conseguirão para você. Se uma peça do seu equipamento estragar, eles terão um substituto para você no dia seguinte. É realmente uma franquia excelente para se trabalhar. As pessoas deixam outras equipes e aceitam rebaixamentos só para trabalhar aqui.

Josh nos leva para fora da sala de musculação e para a sala de treinamento médico.

É a perfeição total. O sonho molhado de um funcionário da área médica. Organizada e limpa, abastecida com tudo o que eu poderia precisar. Meu olhar se volta para o escritório no canto. *Dr. Tran* está impresso em uma placa de identificação presa à porta, com seu título — *Chefe de Saúde e Bem-Estar* — abaixo dela.

— E esse será seu novo consultório — afirma Josh.

Ele não diz *talvez*.

Ele não acrescenta *se você conseguir o emprego*.

Ele fala sobre isso como se o cargo já tivesse sido oferecido a mim.

— Dr. Tran trabalha com os jogadores, ou na maioria das vezes ele trabalha no consultório e faz consultas quando necessário?

É algo que preciso saber antes de minha entrevista de amanhã. Não tenho certeza se poderia aceitar o cargo se não houver flexibilidade que ainda me permita fazer o que amo.

— Ah, ele quase não está lá. Ele tem uma gerente de escritório que faz a maior parte de suas tarefas burocráticas. Candice é ótima. Ela cuidará das tarefas administrativas para você, mas, sim, o Dr. Tran é muito prático na sala de treinamento e no banco de reservas durante os jogos.

— A maneira como você fala sobre ele... ele parece ser um médico querido.

— É verdade. Ele está aqui há vinte e seis anos e vai fazer falta. Mas sei que ele está animado para conhecê-la amanhã.

— Estou ansiosa para conhecê-lo. Ele estará na entrevista?

— Sim, ele já participou de todas elas. Pelo que ouvi, você é a terceira e última.

Há uma parte de mim que quer saber do Josh as informações internas sobre os outros candidatos. Ele parece saber um pouco sobre tudo o que acontece por aqui, mas eu me abstenho. Sei o que tenho a oferecer, tanto em minha experiência quanto em minha formação, e se *não conseguir* o emprego, é porque não era a função certa para mim.

O que me fez perguntar: — O Dr. Tran e o restante do comitê de contratação sabem que sou mulher?

Josh para em seus passos, totalmente confuso. — Claro que sim. — O alívio me inunda. — Vamos lá — diz ele. — Quero lhe mostrar minha vista favorita de todo o estádio.

Eu o sigo até um elevador e desço por alguns corredores. Passamos novamente pela sede do clube, que é a mais bonita que já vi.

O logotipo do time está centralizado no meio, e os vestiários são iluminados individualmente. O equipamento dos jogadores já está esperando para o jogo de amanhã, apesar de terem terminado o jogo de hoje há apenas algumas horas.

Ele abre a porta para mim novamente e, assim que entro na sala, entendo perfeitamente o que ele quer dizer com a melhor vista da casa. Talvez seja a melhor vista de toda a cidade de São Francisco.

— Puta merda — ouço-me dizer, totalmente hipnotizada pela água cintilante da baía atrás da seção da arquibancada.

Os barcos se alinham na marina, e o placar... Jesus, nunca pensei que ficaria sem palavras por causa de um maldito placar. O sol está começando a descer, lançando um brilho âmbar e rosa sobre a água.

Eu poderia me acostumar com isso. Eu poderia me imaginar trabalhando aqui, passando a maior parte de meus dias aqui. Este deve ser o estádio mais bonito de todo o beisebol.

Mas ele não tem a história do estádio em Chicago. Não tem o icônico placar virado à mão, nem o infame tijolo coberto de hera. Não tem a marquise vermelha do lado de fora nem os melhores torcedores do mundo. E nem me fale dos cachorros-quentes.

São Francisco não tem as pessoas – a equipe, Miller, Monty e, acima de tudo, não tem Isaiah. Mas pelo lado positivo, também não tem o Dr. Fredrick.

E o que ele pode me oferecer, além de um estádio deslumbrante e instalações de última geração, é o emprego para o qual passei toda a minha vida adulta ralando. Oportunidades como essa não aparecem com frequência, se é que aparecem, e não vou desperdiçá-la porque de repente percebi que sinto algo pelo meu marido.

— Você está pronta para a entrevista de amanhã? — Josh pergunta do meu lado.

— Acho que sim. Mas estou um pouco nervosa. A última vez que pedi um emprego, o resultado não foi exatamente o melhor.

— O que você quer dizer com isso?

Eu o afasto. — Longa história.

— Bem, você não precisa ficar nervosa. Você é praticamente uma aposta certa. A equipe médica tem falado sobre você a semana toda e você é a única candidata que o Dr. Tran escolheu a dedo.

Isso chama minha atenção. — Sério?

O sorriso de Josh é genuíno. — Sério.

Acenando com a cabeça, volto a me concentrar no estádio à minha frente. Eu posso fazer isso. Tudo o que eu sempre quis pode ser meu amanhã.

Ele limpa a garganta. — Peço desculpas se estou sendo atrevido. Notei a aliança em seu dedo. Dean me deu a impressão de que você era solteira, então eu esperava levá-la para jantar hoje à noite, mas...

Não pensei no fato de que não precisaria usar minha aliança de casamento se não quisesse. Não há ninguém aqui que eu precise convencer de nada.

— Sou casada — digo simplesmente.

— Mais uma vez, não quero parecer muito agressivo, mas isso é sério? Com você se mudando para o outro lado do país e tudo mais. — Levanto a sobrancelha e ele ergue as mãos em sinal de rendição. — Muito atrevido. Entendi.

Dou uma risadinha para quebrar a tensão. — Não foi muito atrevido, mas também não sei como responder a isso. E mesmo que eu fosse solteira, a última coisa que eu deveria fazer como a única mulher na equipe é sair com um possível novo colega de trabalho, mas estou lisonjeada por você ter perguntado.

— Entendo. Quando aceitei esse emprego e saí de Atlanta, minha ex-esposa e eu sabíamos que estava tudo acabado. Foi uma forma de nos distanciarmos e, finalmente, terminarmos. Então, eu não tinha certeza se isso seria o mesmo para você.

Balanço a cabeça negativamente. Não sei o que acontecerá com nossa situação, mas sei que não é isso.

— E a propósito — ele continua — você não será a única mulher.
Eu nem saberia dizer quantas mulheres trabalham na equipe aqui.

Eu me animo com isso. — Sério?

— Ah, sim. Boa sorte para entrar no banheiro feminino no andar do vestiário. Há uma fila constante.

CAPÍTULO 26

Isaiah

— Mills acabou de mandar uma mensagem. — Kai coloca o telefone de volta na cabine do armário. — Eles estão no corredor.

Pego meu boné – um diferente do que enviei com Kennedy – e sigo meu irmão até o saguão da sede do clube.

Zanders, Stevie, Ryan, Indy, Miller e Rio estão esperando por nós.

— Olá, pessoal. Obrigado por terem vindo — digo, aproximando-me do grupo.

Zanders coloca sua mão na minha, a outra dá a volta e bate na parte de trás do meu ombro. — O irmão mais velho anunciou sua aposentadoria, achamos melhor ir ao máximo de jogos que pudermos.

Cumprimentamos todos individualmente, antes de Kai ficar com Miller, com os braços cruzados na frente dos ombros dela.

Além do Rio e de mim, todos estão em pares.

Eu odeio isso.

Estou muito acostumado a ter Kennedy ao meu lado, especialmente aqui no campo. Tudo isso é uma prévia da próxima temporada. Mas meu irmão não estará em seu uniforme. Ele visitará, assim como o resto dos caras.

— Kennedy vai sair, ou aquele médico idiota a está mantendo muito ocupada? — Indy pergunta.

— Não, na verdade ela não está aqui. Ela está em São Francisco.

— Ah, é isso mesmo! — diz Stevie, com tanta empolgação em sua

voz. — Como foi a entrevista dela?

Eu hesito, porque a verdade é que ainda não sei. Tenho tido muito medo de perguntar.

Meus olhos se voltam para os de Miller, implorando silenciosamente por sua ajuda.

— Kennedy disse que nos contaria tudo quando chegasse em casa — diz ela em tom de socorro.

— Jantar em família no domingo à noite — lembra-me Ryan. — Já está na hora de você levá-la, não acha?

— Aí está a minha garota. — Monty sai de seu escritório para o corredor, com os olhos fixos em Miller.

— Oi, papai.

Ele abre os braços para um abraço, mas Kai não à solta.

A atenção de Monty se volta para ele. — Sêrio?

— O quê? — O tom do meu irmão é inocente demais enquanto ele mantém sua noiva presa.

— Não tenho nenhum problema em colocá-lo no banco esta noite.

Kai solta uma risada. — É minha primeira partida depois de anunciar minha aposentadoria. Acho que isso não vai agradar muito aos fãs.

— Pergunte se eu me importo com isso?

Kai revira os olhos de brincadeira e solta Miller.

— Onde está meu neto? — Monty pergunta enquanto abraça sua filha.

— Emily, da padaria, está cuidando dele e de Taylor hoje à noite.

A cabeça de Rio aparece na parte de trás da multidão. — Emily da padaria, hein? Ela é solteira?

— Por favor, pare. — O tom de Zanders é exausto.

Monty cumprimenta nossos amigos. — Tenho que ir lá fora. —

Ele me dá um tapinha no ombro. — O mesmo vale para você. Quero vencer rapidamente. Vai chover um pouco mais tarde e não quero ficar preso em um atraso por causa da chuva. Amo você, Millie. Vejo você depois.

— Tchau, papai.

Stevie vira a cabeça para Miller. — Desculpe?

— O quê?

Indy está olhando para Miller como se não pudesse acreditar no que acabou de ver. — Seu pai é gostoso.

— Que nojo. — Ela faz uma careta física.

— Estranhamente... — Rio levanta uma sobrancelha. — Eu concordo com ela.

— Você tem um pai gostoso, Miller — diz Stevie.

— Faça isso parar.

Zanders dá de ombros. — Eles não estão errados. Eu sou heterossexual como a porra de uma flecha, mas aquele é um homem bonito.

— E esta conversa está encerrada. — Miller se volta para Kai, dando-lhe um beijo. — Amo você. Boa sorte.

— Amo você, baby.

Ela me abraça. — Também amo você, mas um pouco menos do que ele.

— Sempre me mantendo humilde.

— Alguém tem que fazer isso. — Ela fica de olho no corredor enquanto o resto do grupo sai e, quando Kai se dirige para a sala de treinamento, ela volta sua atenção para mim. — Você não falou com ela?

— Claro que sim. Só não perguntei a ela como foi a entrevista.

— E por que não?

— Porque sei que ela arrasou e estou em negação. Mas estou feliz por ela, realmente estou. Só quero comemorar quando ela me contar pessoalmente, porque todos nós sabemos que não estou comemorando agora. Até que ela chegue em casa, vou me afundar como uma vadiazinha em particular.

— Ela lhe disse que Dean basicamente combinou um encontro com o amigo dele que a buscou no aeroporto? — Miller tenta conter a risada. — Aposto que você adorou isso.

— Sim, ela me contou. Aquele maldito idiota. Como se eu já não odiasse o cara o suficiente.

Miller inclina a cabeça para o lado. — Eu sei que os rapazes o criticam há anos por causa da sua paixão por ela, mas eu vejo isso, Isaiah. Vejo o modo como você olha para ela e vejo o modo como Kennedy praticamente brilha quando está com você. Seu casamento pode ser falso, mas o resto é obviamente real. Não perca a esperança, está bem? Talvez ela nem aceite o emprego.

— É melhor que ela aceite o trabalho.

Miller ri, dando um tapinha no meu braço. — Vá ajudar seu irmão a conseguir uma vitória em seu recorde de partidas fazendo alguns pontos, sim?

— Farei o meu melhor.

Eu fiz o meu melhor. Ou, pelo menos, o melhor que eu tinha a oferecer esta noite. Mas a única vez que meu taco se conectou com uma bola foi quando eu cometi algumas faltas ou quando acertei um grounder fraco e fui eliminado muito antes de chegar à primeira base.

Fui rebatido duas vezes e não sei dizer qual foi a última vez que estive tão mal no bastão. Mas juro por Deus, toda vez que minha música de entrada tocava era como se o estádio inteiro estivesse me provocando, cantando nossa música de casamento, enquanto minha esposa estava do outro lado do país conseguindo o emprego dos sonhos.

E a chuva que preocupava Monty acabou se transformando em uma verdadeira tempestade de verão.

Independentemente do meu jogo de merda, os caras conseguiram uma vitória determinante, terminando em entradas regulares, então cheguei em casa com bastante tempo antes que a chuva realmente começasse. Assim como meus amigos que foram assistir ao jogo, e também Cody, Travis, Monty, Miller e Kai.

Sei disso porque verifiquei cada um deles.

A única pessoa de quem não tive notícias foi a primeira para quem liguei.

Sete ligações não atendidas estão indo para o correio de voz, e ainda não tenho ideia se Kennedy chegou em casa. Se seu voo aterrissou. Se ela pediu um carro para ir para o seu apartamento ou para o estádio onde está seu carro. E não faço ideia se ela chegou em casa antes desse tempo ruim.

Em vez disso, tento falar com Miller.

— Você tem notícias dela? — pergunto assim que ela atende.

— Ainda não. Tentei ligar, mas ela não atende. Sei que ela aterrissou, porque mandou uma mensagem para saber como estava o jogo durante a oitava entrada.

— E depois? Ela pegou um carro para seu carro no estádio? Ou voltou para seu apartamento? — Meu tom é frenético. — Por que ela não estaria atendendo?

— Talvez ela esteja dirigindo.

— Miller.

— Merda, — ela exala. — Coisa errada de se dizer.

— Vou ligar para ela novamente. Avise-me se tiver notícias dela.

Desligo o telefone antes que ela possa responder e tento a

Kennedy pela oitava vez.

Mais uma vez, ela não responde.

Um estrondo alto e barulhento sacode o prédio onde moro, a chuva batendo com tanta força e rapidez nas janelas que mal consigo me ouvir pensar.

A ansiedade percorre todos os meus nervos, fazendo com que eu não consiga ficar parado em um só lugar. Ando pela sala de estar, pela cozinha, entro e saio do meu quarto, revirando os olhos para cada placa estúpida que passo e das quais não tenho capacidade de rir agora.

O telefone toca na minha mão e eu o viro rapidamente, esperando e rezando para que o nome de Kennedy esteja na tela.

Não está. É Kai.

Meu polegar passa sobre o botão verde para responder, mas não consigo. Tudo em que consigo pensar é no tom de sua voz e na expressão de seu rosto quando eu tinha 13 anos, quando ele chegou e me disse que nossa mãe havia morrido em uma tempestade exatamente igual a esta.

Ainda me lembro do cheiro da pizza que comemos naquela noite. O som da porta da frente se fechando quando os policiais saíram. A roupa suja que eu tinha empilhado em uma cadeira no canto do quarto e que minha mãe me disse para dobrar antes do treino de beisebol, mas eu não dobrei.

E me lembro do tom exato da voz de Kai quando ele me contou o que aconteceu com ela.

Só por esse motivo, eu não atendo.

Chame isso de irracional o quanto quiser. Sei que não é lógico. A ansiedade não produz pensamentos racionais. Ela cria os piores cenários possíveis e reconhecer isso ainda não muda o fato de que a ansiedade toma conta de todo o meu corpo e mente, tornando-me incapaz de me concentrar em qualquer outra coisa.

Kai liga de novo e, dessa vez, tenho coragem de atender.

— O que há de errado? — é a primeira coisa que pergunto.

— Nada. Eu só estava ligando para saber como você estava.

Uma explosão de luz atravessa as janelas quando outro raio atinge o solo.

Eu me sento no sofá, com os joelhos balançando. — Que diabos há de errado comigo?

— Nada. Não há nada de errado com você.

— Kennedy não está respondendo.

— Ela aterrissou de seu voo?

— Sim. Ela mandou uma mensagem para Miller enquanto o jogo ainda estava acontecendo, dizendo que tinha acabado de aterrissar.

— Ok. Quer que eu e Miller passemos pelo apartamento dela para ver como ela está?

— Não! Não entre na porra do carro.

— Está bem. — Sua voz é suave. Meu irmão, o zelador. Sempre cuidando de mim quando eu não posso fazer isso por mim mesmo. — Ligue para ela mais uma vez.

— Já se passaram dezoito anos, Kai. Por que não posso simplesmente superar isso?

Ele suspira do outro lado. — Você descobrirá como mudar seu raciocínio, Isaiah, mas ninguém que o conheça jamais diria para você simplesmente superar isso. Se mamãe morresse em um acidente de avião, ninguém acharia estranho se você não gostasse de voar. Se mamãe morresse afogada, ninguém o envergonharia por ter medo do mar. Então, em que isso é diferente? Pare de ser duro consigo mesmo e dê à sua mente um pouco de misericórdia, está bem?

Percebo meu calcanhar criando o mesmo padrão contínuo no tapete, como se o movimento rítmico pudesse me distrair e me acalmar.

— Estou tentando.

— Eu sei que Kennedy está bem e provavelmente deixou o celular em algum lugar fora de alcance. Sei que é uma resposta simples, mas não faz mal que sua mente ainda não o deixe acreditar nisso. Um dia você vai descobrir, mas tudo bem que hoje não seja esse dia.

Aceno com a cabeça, mesmo que ele não possa me ver. — Está bem.

— Eu amo você. Ligue se precisar de alguma coisa.

— Amo você.

Desligo e me levanto do sofá. Enquanto ando em um círculo completo em minha sala de estar, ligo para minha esposa.

Mais uma vez, ela não responde.

— Atenda a porra do telefone, Ken — murmuro sem ninguém para ouvir.

Não há um pensamento que passe pela minha cabeça para me impedir, nem um momento de hesitação que faça minha mão parar quando pego as chaves do carro no balcão da cozinha e me dirijo à porta da frente.

Enfio os pés em um par de sapatos e abro a porta ao mesmo tempo em que o elevador do corredor pousa no meu andar.

Meus olhos se voltam imediatamente para lá.

Kennedy está lá dentro, com as roupas totalmente encharcadas e o cabelo grudado no rosto enquanto tenta recuperar o fôlego. Aqueles malditos Vans estão em seus pés, mas pingando água por todo o chão do elevador, quando ela olha para cima e me vê observando-a da porta do meu apartamento, com as chaves do carro na mão.

— Oi — diz ela entre respirações difíceis.

Exalo pela primeira vez desde que essa maldita tempestade começou.

Uma onda de alívio do tamanho de um tsunami se abate sobre

mim, meu corpo fisicamente caindo devido à tensão que se desenrolava. Mas não consigo me mexer, atordoado com o fato de ela estar aqui. Ela está bem, e só quando ela corre pelo corredor até mim é que percebo que todos aqueles pensamentos ansiosos começam a se acalmar e a se racionalizar.

Mas ainda assim, não há nada de suave ou doce na maneira como pergunto: — Que diabos você está fazendo *aqui*?

Ela está respirando pesadamente quando para do outro lado da minha porta, com a água encharcando o chão ao seu redor.

— Você veio dirigindo até aqui, porra? — eu continuo.

Ela balança a cabeça negativamente, o que me tranquiliza por apenas um momento antes de admitir: — Eu corri para cá.

— São oito quarteirões, Kennedy.

— Sim. Estou ciente.

Posso me sentir acelerado novamente. Consigo sentir os nervos se reacendendo, frágeis e crus. Será que ela não entende como é perigoso sair em um clima como esse? Ela está pingando da cabeça aos pés, provavelmente vai ficar doente por causa disso, e tem sorte de não ter acontecido algo pior no caminho para cá.

Meu medo fala por mim por meio de minha voz elevada. — Por que diabos você faria isso?

Seus ombros estão retos, sem hesitação em seu tom quando ela diz: — Porque eu não queria que você ficasse sozinho.

Suas palavras me derrubam novamente, o pico constante de medo acompanhado pela queda drástica está deixando minhas emoções fora de controle. Meus olhos ardem instantaneamente. Minha garganta se contrai.

— Não faça isso por mim, Kenny. — Minha voz se quebra com o nome dela.

— Eu quis. — Ela balança a cabeça. — Não sei por quê. Não sei quando isso mudou. Mas você sempre me diz para fazer o que me faz

sentir bem, e nunca me senti melhor do que quando estou com você.

Inspiro fundo, tentando me acalmar, tentando não deixar que ela veja o quanto significa para mim o fato de que, mesmo sabendo que vou estar no meu pior momento, ela está aqui. Mesmo quando minha mente me prega peças, ela valida meus medos.

Mesmo quando os outros me chamariam de irracional, ririam de uma tempestade de verão boba, ela correu em vez de entrar no carro para ver como eu estava.

Ela estende a mão, envolvendo a minha para desenrolar meus dedos. Eles amolecem nos dela, deixando cair as chaves do carro em sua palma.

— Por que você tem isso?

— Porque eu não conseguia falar com você e precisava ter certeza de que estava bem.

Sua cabeça se inclina, seu rosto se suaviza. Ela coloca minhas chaves no bolso da jaqueta ao mesmo tempo em que tira o celular. A água escorre do aparelho, então ela limpa a tela, permitindo que ele exiba minhas inúmeras chamadas perdidas.

— Sinto muito. Não ouvi quando vinha para cá por causa da chuva.

— Você me assustou.

Ela balança a cabeça, com as sobrancelhas franzidas, como se realmente não conseguisse entender o conceito de alguém preocupado com seu bem-estar. Que alguém se importaria com ela o suficiente, sentiria sua falta o suficiente para entrar no carro e verificar como ela está.

Um estrondo de trovão sacode todo o meu apartamento, e o relâmpago que se segue explode em faixas no belo rosto de Kennedy.

Tento não prestar atenção em nada além dela, mas não consigo evitar o leve estremecimento em minha expressão.

Kennedy se aproxima e sua mão pequena segura minha

mandíbula. Eu a cubro com a minha, deleitando-me com seu toque, orgulhoso de como isso é fácil para ela agora.

— Deixe-me distraí-lo — ela sussurra.

CAPÍTULO 27

Isaiah

Pisando no corredor, pego o rosto de Kennedy com as duas mãos e pressiono minha boca na dela, desesperado para tocá-la.

Seus dentes rangem quando eu me afasto.

— Meu Deus, você está congelando, Kenny.

— Não me importo — ela suspira contra meus lábios. — Eu não poderia deixar de ver você.

Que se dane essa confissão. Ela sabia que eu ia ter uma noite ruim e, mesmo assim, queria estar aqui.

Curvando-me, envolvo suas pernas molhadas em meus quadris e a carrego para o meu apartamento. Fecho a porta com um chute, mas ainda assim não a coloco no chão. Não me importo que haja um rio de água em nosso rastro. Não me importa que eu esteja ficando tão encharcado quanto ela.

Com os dedos enfiados em meus cabelos, ela beija meu pescoço enquanto eu a carrego. Seus lábios são frios, causando pequenos choques em meu sistema, como se eu já não estivesse excitado.

— Porra, Ken — eu exalo. — Senti sua falta.

Ela se afasta para olhar para mim, com o cabelo encharcado colado ao rosto e as sobrancelhas franzidas em confusão.

Paro meus passos. — O quê?

— Sempre me perguntei qual seria a sensação de fazer falta a alguém.

Não há palavras suficientes para descrever o quanto eu odeio isso. Que ela tenha se sentido tão desconsiderada por alguns poucos que não acredita que alguém em sã consciência sentiria sua falta. *Poderia* sentir sua falta.

Se ao menos ela entendesse o quanto eu ansiava desesperadamente por ela enquanto estive fora. Porra, eu anseio por ela quando já está aqui. Não parei de desejar essa mulher desde o dia em que a encontrei no banheiro e ela me pediu conselhos sobre a porra de um emprego.

— E como você se sente com isso? — pergunto.

Um sorriso tímido aparece em seus lábios. — Importante.

— Sim — concordo com um aceno de cabeça. — A mais importante para mim.

Ela se esconde de volta na curva do meu pescoço enquanto eu sigo para o banheiro.

— Isaiah?

— Sim?

— Também senti sua falta.

E juro por Deus que estou vivendo em uma realidade alternativa, porque em que mundo posso ouvir que Kennedy Kay sentiu minha falta?

— Ah, mesmo? O quanto você sentiu minha falta?

— Muita. — Seus lábios encontram minha orelha. — Eu tive que me tocar pensando em você todas as noites em que estive fora, só para conseguir dormir.

Foda-se.

Mantendo-a de pé com um braço, uso a outra mão para ligar o chuveiro na configuração mais quente. — E no que exatamente você pensou enquanto se tocava?

— Pensei em sua boca. — Ela pressiona sua boca contra a minha.

— Sua língua. — Sua língua lambe o caminho do meu lábio inferior, arrancando de mim um gemido profundo e carente. — E pensei no quanto preciso de você dentro de mim.

— *Foda-se.*

— Por favor, diga-me que o fará esta noite.

Eu a coloco de pé em frente ao chuveiro, com o braço ainda segurando-a contra mim, tentando mantê-la aquecida, antes de passar por trás dela e testar a água.

— Eu vou, baby. Você não sairá da minha cama até que tenha sido completamente fodida.

Afasto o cabelo molhado de seu rosto, aproximando minha boca da sua enquanto começo a tirar suas camadas. Primeiro, a jaqueta. Ela cai em uma pilha molhada no chão de ladrilhos. Levanto sua camisa pesada e encharcada pela chuva e a passo sobre sua cabeça, e é apenas por um momento que nossas bocas se desconectam antes que ela me puxe de volta para baixo para encontrá-la.

Ela tira os sapatos enquanto eu passo a palma da mão sobre seu estômago, curvando-me sobre sua lateral, uma mão cobrindo quase toda a extensão de sua coluna. Ela está congelando ao toque, sua pele pálida está pintada de arrepios. Com um simples movimento do meu pulso, seu sutiã cai entre nós e, por mais bonito que seja, está encharcado e precisa ser retirado.

Os mamilos dela se contraem entre nós, e eu tenho que me afastar de sua boca, encostando minha testa na dela para poder olhá-la. De alguma forma, é a primeira vez que os vejo sem a barreira do tecido que os cobre.

Perfeita, como todo o resto dela. Pele macia, e pintada com inúmeras sardas. Seus mamilos são duros e imploram por minha boca. Passo a ponta do meu polegar sobre um deles enquanto nós dois observamos o toque, da mesma forma que farei com minha língua.

Com a mão em seu peito, eu aperto.

Ela se arqueia contra mim, acompanhada de um gemido bonito.

— Como é que cada parte de você é tão perfeita, Kennedy?

— Você não acha que eles são muito pequenos?

Faço uma pausa, com minha mão ainda segurando-a.

Claro, minhas mãos têm um tamanho acima da média e, sim, Kennedy é baixa e a maior parte dela é pequena, mas eu não dou a mínima para o tamanho de seus peitos.

Antes de dissipar imediatamente a preocupação dela, pergunto: — Você se sente assim ou alguém lhe disse que você deveria se sentir assim? — Ela não responde. — Ele fez você acreditar nisso?

Ela balança a cabeça, tentando me afastar. — Foi só um comentário breve.

— Que você e ele tiveram quantas vezes?

Seus olhos se desviam dos meus. — Algumas vezes.

Minha mandíbula se contrai, mas apesar de minha cabeça estar zangada com seu ex, minhas mãos são suaves enquanto continuam a percorrer sua pele, tentando aquecê-la.

Nem me fale do fato de que ele nunca a ajudou, não a deixou crescer, explorar ou tentar. Ele nunca dedicou tempo para reiterar que ela é desejada e digna. No entanto, ele a lembrava continuamente de que ela estava relutante em relação à intimidade, e agora estou sabendo que ele deixou essa mulher – que eu considero a mais perfeita do mundo – acreditar que não era.

— Kenny, não estou nem aí para a aparência do seu corpo, mas para que você saiba, nunca vi alguém tão perfeito para mim. E se você está tão preocupada com o tamanho dos seus peitos, não tenho nenhum problema em colocá-la de joelhos, fazê-la segurá-los juntos e mostrar o tamanho perfeito que eles têm para eu foder.

Sua boca se abre ligeiramente, seus olhos se iluminam de intriga. — Você faria isso?

— Sim, baby, eu vou foder seus peitos, mas esta noite, preciso foder isto. — Minha mão desliza pelo seu zíper, meus dedos

deslizando ao longo da costura do jeans, criando fricção exatamente onde está o seu clitóris.

Ela solta um gemido desesperado, e esse som só aumenta quando cubro seu mamilo com a boca e o chupo.

— Oh, meu Deus. — Suas mãos deslizam para o meu cabelo, prendendo-me a ela. — Continue fazendo isso.

Passo a língua antes de colocar seu mamilo entre os dentes e puxá-lo com cuidado.

Ela puxa meu cabelo com isso, e eu memorizo a informação, descobrindo outra coisa que minha esposa gosta.

Com a água esquentando atrás dela, eu me ajoelho, beijando seu peito para me concentrar em seu outro mamilo. Minhas mãos continuam ocupadas abrindo sua calça jeans. Eu a puxo para baixo, tirando o jeans molhado de suas pernas e deixando-a apenas de calcinha.

Com as mãos em sua bunda, eu a puxo para mim e deixo minha boca cair para beijar sua boceta, bem sobre a renda. Ela se dobra sobre mim quando passo minha língua áspera em sua fenda, usando o tecido para criar uma deliciosa fricção.

— Preciso de você — ela implora, agarrando a parte de trás da minha camisa e puxando-a até que esteja levantada e sobre a minha cabeça. — Por favor. — Ela a joga de lado antes de me pedir para ficar de pé com ela. Kennedy tira a calcinha, deixando-a totalmente nua, quando agarra meu pulso e leva meus dedos para roçar em seu âmago. — Por favor.

Com uma das mãos quente contra ela, traçando cada dobra de sua boceta, Kennedy trabalha rapidamente em minha calça enquanto eu tiro meus sapatos. Ela se encarrega de puxar minha cueca boxer, deixando meu pau duro e pronto para ser liberado.

Ela geme, com um som faminto e desesperado, lambendo os lábios enquanto olha para mim.

Introduzo um dedo dentro dela, roubando sua atenção. — Nem

pense em lamber os lábios novamente enquanto estiver olhando para o meu pau, ou isso vai acabar muito mais rápido do que qualquer um de nós gostaria.

Em vez disso, ela coloca uma mão firme em torno dele, dando-lhe um longo puxão.

— Jesus, droga. — Caindo para frente, bato minha mão livre contra o vidro do box para me segurar. — Por favor, Ken. Eu preciso fazer isso durar.

Meus quadris caem diretamente sobre os dela enquanto ela me acaricia, minha coxa pressionando contra seu núcleo. Eu movo minha mão e empurro minha perna contra ela, observando a forma como minha pele brilha em seu rastro enquanto ela rebola sobre ela.

Ela beija meu peito, levantando-se na ponta dos pés para agarrar meu pescoço, continuando a me acariciar. E Deus, já estou tão duro que é um pouco preocupante o que essa mulher pode fazer comigo tão rapidamente.

Vou gozar se não fizer algo para impedi-la.

Com o vapor saindo de dentro do chuveiro, coloco um braço em volta de sua cintura, pego-a e a levo para dentro.

Ela se arrepia assim que entra na ducha quente, como se a mudança de temperatura tivesse sido muito rápida, mas logo seu corpo se ajusta, acalmando-se e derretendo-se à medida que a água corre sobre ela.

Ela joga a cabeça para trás, deixando a água lavar seu rosto e escorrer por seus lindos cabelos. Kennedy ainda está segurando meus antebraços para se apoiar, e não consigo tirar os olhos dela.

A maneira como a água rola sobre suas curvas, mesmo aquelas que ela acha que são muito discretas. A maneira como ela aperta as coxas quando me ouve cantarolar minha avaliação. A maneira como ela me puxa para dentro dela, como se não quisesse que eu me afastasse demais.

Passo por baixo do jato com ela, em seus braços, minhas palmas

deslizando por suas costas e sobre a curva de sua bunda enquanto traço um caminho de beijos quentes por seu pescoço e atrás de sua orelha.

Eu o mordo.

— Em que tipo de feitiço você me enfiou, Kenny?

Ela balança a cabeça como se não tivesse ideia, seu corpo agora quente se moldando ao meu. Ela levanta os quadris, procurando meu pau e esfregando-o contra ela.

— Eu quero você — diz ela, dobrada sobre mim.

— Quer?

— Mais do que eu jamais desejei algo ou alguém.

Juro que meu pau fica mais duro com a confissão dela, e quando minha mão passa sobre sua bunda, meu dedo médio escorrega entre suas bochechas e desce para acariciar seu centro, posso sentir o quanto ela está sendo sincera.

Eu me envolvo em sua excitação.

— Mais do que você quer gozar agora? — eu provoco.

— Eu quero... — ela repete — ... que você me faça gozar.

Rindo, eu me aproximo por trás dela e tiro o chuveiro do suporte.

Mantendo a água sobre ela na esperança de mantê-la aquecida, eu a viro de costas. Com o braço pesado em volta de sua cintura, eu a seguro de costas em meu peito, meu pau deslizando entre sua bunda.

Ela se encosta em mim.

— Kenny. — Meu tom está cheio de advertência. — Eu também vou transar com isso um dia, mas o que acabei de dizer?

Ela se arqueia novamente. — Que você precisa fazer isso durar.

— Exatamente. Então, deixe-me fazer você gozar antes que eu goze em suas costas.

— Por mim, tudo bem. Nós dois sabemos como seu tempo de

resposta é rápido. Pelo menos você não está usando calça desta vez. Isso seria constrangedor.

De brincadeira, mordisco seu pescoço. — Pirralha.

Ela ri, mas a risada morre rapidamente quando afasto seus pés e coloco minha mão entre suas pernas. Dou alguns toques em sua boceta antes de abri-la com os dedos, mantendo-a assim quando abaixo o chuveiro para bater em seu clitóris inchado.

— Oh — ela geme, sua cabeça caindo de volta em meu peito.

Eu a mantenho na posição vertical, colocando um dedo em seu clitóris, aumentando a pressão da água pulsante.

Seus dentes batendo estão de volta, mas desta vez são acompanhados por joelhos dobrados e nós dos dedos brancos enquanto ela segura meus braços no lugar.

— Quantas vezes você se fez gozar enquanto estava fora?

— Três — ela diz.

— E você não pensou em me ligar? Fazer Facetime? Tem noção do quanto você é bonita quando goza, Kennedy?

— Não durou muito — diz ela, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados. — Toda vez que eu imaginava seus dedos em vez dos meus, eu gozava.

Esfrego círculos lânguidos em seu clitóris. — É isso que você estava imaginando?

Ela acena com a cabeça freneticamente.

— Você terá que gozar três vezes hoje à noite para compensar as vezes em que não pude vê-la.

Ela acena novamente com a cabeça, com um gemido suave escapando.

Aproximo o chuveiro, certificando-me de que a pulsação rítmica atinja exatamente onde ela precisa, e quando arrasto o polegar para baixo para aumentar a fricção, sinto toda a sua boceta vibrar contra

mim quando ela goza.

Estou obcecado por essa garota, isso é bastante óbvio, então provavelmente não é surpresa que eu esteja obcecado pela maneira como ela goza – com meus dedos em seu clitóris e meu nome em seus lábios, entoado como uma oração suplicante.

Ela cai em meus braços, seu cabelo molhado grudado em meu peito.

Sempre me perguntei como o cabelo de Kennedy Kay Auburn ficaria escuro quando estivesse molhado.

Imaginava como seria se estivesse enfiado em meus dedos.

Imaginava como seria se ela estivesse em meu colo.

E, em breve, vou descobrir exatamente como ele fica esparramado no meu travesseiro enquanto eu a fodo.

Recolocando o chuveiro em seu devido lugar, mantenho um braço possessivo ao redor dela, tomando cuidado para não a deixar cair. A essa altura, não confio nem um pouco em seus joelhos.

Dando alguns passos para trás, eu a arrasto comigo para que ela se sente na borda da parte de trás do chuveiro. Uma quantidade suficiente de água ainda consegue chegar até nós, mantendo-a aquecida, embora eu tenha certeza de que seu orgasmo a mantém bastante quente, a julgar pela temperatura de sua pele.

— Uma garota tão boa para mim — sussurro contra seu pescoço, decorando a inclinação de seu ombro com beijos.

— Você vai ser um bom garoto para mim?

Dou uma risadinha, lembrando-me daquele dia no campo em que eu lhe disse que ela poderia me chamar de bom garoto enquanto me abraçava nua.

— Deixe-me entrar em você e eu serei um bom garoto para você, baby.

Para minha surpresa, Kennedy se levanta do meu colo, virando-se, com seu belo corpo nu à mostra. Ela usa meus ombros como apoio,

colocando um joelho de cada vez contra o banco para ficar de frente para mim.

Eu quase gozo quando ela cai no meu colo, sua boceta esfregando círculos lentos contra meu pau.

— Faça isso de novo.

Minha cabeça cai de volta para o box atrás de mim quando ela rebola os quadris, sua excitação cobrindo a ponta do meu pau.

Ela desliza uma mão por trás do meu pescoço, puxando-me de volta para cima, trazendo sua boca para bater na minha. Concentro-me em seus lábios quentes, sua língua quente, seus quadris criando pequenos círculos apertados, aumentando a fricção.

— Você é tão gostoso — ela grita, suas mãos descendo para passear pelo meu peito.

— Porra. Adoro a maneira como você me toca.

Ela choraminga com o elogio, seu rosto se encosta na curva do meu pescoço, e é então que me lembro: *ela nunca tocou ninguém como me toca.*

Sinto-me muito possessivo com esse fato.

Seus seios balançam e suas coxas se flexionam enquanto ela se balança contra mim. Para frente e para trás. Para frente e para trás, e toda vez que ela levanta os quadris, a cabeça do meu pênis encosta em seu clitóris.

Até que, finalmente, ele escorrega, entalando em sua entrada. Nós dois ficamos parados. Todos os músculos de suas pernas e abdome estão contraídos para evitar que ela afunde.

Falo contra sua pele úmida. — Você quer me foder, ou quer que eu foda você?

Se ela quiser estar no comando, terei prazer em vê-la afundar em meu pau, aqui mesmo no chuveiro. Mas se ela quiser que eu a foda, preciso levá-la para a minha cama, onde poderei fazê-lo adequadamente em nossa primeira vez.

Ela faz uma pausa, contemplando enquanto o vapor se espalha ao nosso redor. As impressões de suas mãos estão gravadas nas paredes do box e meu pau está posicionado em sua entrada.

— Quero que você me foda — ela finalmente decide.

Isso é tudo o que preciso ouvir para pegá-la no colo, desligar o chuveiro e nos levar para a cama.

Estamos ensopados, a água escorrendo de nós, mas eu não poderia me importar menos quando seguro a parte de trás de sua cabeça, protegendo-a para que ela se recoste contra o colchão. Cabelos molhados, pele corada. As pernas abertas e brilhando entre elas.

Maldito anjo.

Fico aqui, observando, tentando descobrir o que fiz para ter tanta sorte a ponto de acabar nessa posição. Se você tivesse me dito, há três anos, que Kennedy Kay estaria deitada nua e esparramada no meu colchão, eu provavelmente teria dado a mão à palmatória, mas definitivamente não teria acreditado em você.

— No que você está pensando? — ela pergunta.

Balanço a cabeça, subindo na cama para me sentar entre suas pernas, com os calcanhares na bunda.

— No quê?

Eu observo cada centímetro dela. — Deus certamente demorou em você, querida.

Seu sorriso se torna suave e um pouco tímido.

Beijo sua barriga, meu cabelo pingando água nela, no peito, no pescoço, até que estou sobre ela, segurando-me em um único antebraço.

— No que *you* está pensando? — pergunto, meus lábios pressionando os dela.

Ela passa a mão pela minha coluna vertebral nua, enganchando a perna no meu quadril. — Acho que já está na hora de consumarmos esse maldito casamento.

Meu pau salta com a ideia e eu dou uma risada, um sorriso brilhante que se reflete nos lábios de Kennedy.

A chuva bate contra as janelas do meu apartamento e outro estrondo de trovão abafa nossas respirações ofegantes, mas meu único foco é essa mulher embaixo de mim. Estou tão consumido que quase me esqueço da tempestade.

Ela afasta o cabelo do meu rosto, seu polegar passa sobre a marca de nascença ao lado do meu olho antes de sua mão seguir o caminho do meu braço, das laterais, da minha bunda, até fechar o punho em volta do meu pau.

Eu empurro em sua mão. — Tenho preservativo na mesa de cabeceira.

Ela não faz nenhum movimento para pegá-lo, continuando a me acariciar, então, depois de um tempo de silêncio, eu me aproximo dela para pegar.

— Estou bem sem um — diz ela para me impedir.

Funciona. Paro ali mesmo, com o braço na metade do caminho até minha mesa lateral.

Eu nunca, em um milhão de anos, consideraria não usar. Mas como sempre, Kennedy é minha exceção. Ela é minha esposa, pelo amor de Deus. Se ela está bem sem preservativo, eu também estou.

Não preciso explicar que fiz testes, já que ela tem acesso a todos os meus registros médicos e já sabe. E desde o último fim de semana, ela também sabe que não há mais ninguém há muito tempo.

— Eu também estou bem.

Ela acena com a cabeça contra o travesseiro, trazendo meus lábios de volta aos dela.

Nós nos beijamos por um tempo, nossos corpos se contorcendo um contra o outro, nossos quadris procurando freneticamente por fricção. Kennedy passa o polegar sobre sua boceta, empurrando o líquido para baixo e cobrindo meu pau.

Com os lábios desconectados, mantemos contato visual enquanto ela me posiciona para a sua entrada. Ficamos ali por um segundo, com a tensão e a expectativa pesando no quarto. Eu a observo, essa linda garota de quem não consigo tirar os olhos há anos.

E não está sendo diferente agora.

Esfrego-me para cima e para baixo em sua fenda, cobrindo-me com ela antes de pressionar o polegar na cabeça do meu pau, curvar os quadris para a frente e empurrar para dentro dela.

Lentamente. Tortuosamente devagar. Centímetro a centímetro, porra.

Minha ponta mal passou da sua entrada e estou a ponto de perder o controle. Ela é tão apertada. Tão quente.

— Mais — ela implora, mas é como se fosse um grito.

Recuo e empurro novamente, vendo mais do meu comprimento desaparecer dentro dela dessa vez, mas rapidamente encontro resistência.

Seu corpo inteiro está apertado quando estou apenas na metade do caminho.

— Se estiver doendo, diga-me para parar, e eu paro.

— Não. Não pare. Eu posso aguentar.

Um sorriso presunçoso se ergue em meus lábios. — Sim, você pode, mas tem que relaxar para mim, Kenny.

Seus olhos castanhos estão implorando para que eu a ajude.

Inclinando-me, eu a beijo e a distraio. Deixo que minha língua se concentre na dela por um tempo, enquanto lentamente me introduzo dentro dela. Kennedy se estica ao meu redor, seu clitóris pulsando contra o meu polegar enquanto eu o circundo, na esperança de tornar isso mais fácil para ela.

— Você está sendo tão boa para mim, baby. Está me recebendo tão bem.

Sinto seu corpo relaxar no colchão, suas mãos percorrendo livremente minhas costas quando deslizo o resto em direção à *minha* casa.

Porra.

Meu osso pélvico está alinhado com o dela, e as pernas de Kennedy estão abertas para me acomodar. Nunca senti nada tão apertado, tão quente, tão molhado que juro por Deus que terei sorte se lhe der três bombadas sólidas antes de gozar dentro dela.

Ela passa as pontas dos dedos para cima e para baixo em minha coluna. Beijo lentamente sua mandíbula e seu pescoço enquanto nos ajustamos.

Quando ela empurra os calcanhares em minha bunda, incentivando-me a me mover, eu deslizo os quadris e me afasto um pouco antes de empurrar novamente.

Ela geme e eu quase perco o controle mais uma vez.

Respirando pelo nariz para me conter, concentro-me na maneira como entro nela, com um ritmo lento e cauteloso no início. Mas quando começo a sentir menos resistência, aumento a velocidade, mantendo meu peito junto ao dela, rolando por todo o seu corpo a cada passada.

— Sim, Isaiah — grita ela, com as unhas cravadas em minhas costas.

— Meu Deus, Kennedy. Isso é tão bom. Olhe para você agora. É irreal, porra.

Eu paio sobre ela, usando meus braços em cada lado dela para me apoiar. Pego sua mão esquerda com a minha, entrelaçando nossos dedos e prendendo-a ao colchão. Ela envolve a outra mão em meu pescoço, puxando meus lábios para encontrar os dela.

Estamos transando lentamente, com as mãos entrelaçadas e as línguas emaranhadas.

E, *porra*, se isso não for diferente do que sempre foi. *Melhor do*

que nunca.

Eu sabia que seria diferente com ela, mas não sabia que seria assim.

Suave e íntimo, e ainda assim muito sexy.

Ela geme em minha boca enquanto eu a pressiono novamente, ao mesmo tempo em que passo a ponta do meu dedo sobre a pedra de seu anel.

Ela solta um risinho contra mim. — Eu sei o que você está fazendo.

— Ah, sim? — Eu me afasto de sua boca. — E o que é isso?

— Você está tentando fazer com que eu me apaixone por você, transando comigo desse jeito.

Um sorriso malicioso desliza por meus lábios. — Está funcionando?

Ela encosta seu nariz no meu, com um sorriso doce em sua boca. — Não me faça responder isso.

Vou considerar essa resposta como uma vitória, então continuarei fazendo o que estou fazendo. Transando com ela como missionário, beijando-a sem sentido e segurando sua mão o tempo todo. Ela se aperta ao meu redor, sua boceta cria uma deliciosa fricção enquanto eu me aproximo entre nós, mexendo em seu clitóris ao mesmo tempo em que dou minhas investidas.

— Eu vou gozar — ela geme, com a respiração forte e rápida.

— Por favor — eu imploro. — Por favor, goze em meu pau. Eu preciso disso. Deus, isso é tudo o que eu sempre quis.

Seu lábio inferior começa a tremer quando o orgasmo toma conta dela, e eu tenho um lugar na primeira fila para assistir a tudo. O tremor de seus cílios enquanto ela tenta manter contato visual. As marcas que suas unhas deixam em meu braço. A maneira doce como ela diz meu nome quando consegue encontrar palavras novamente.

Estou hipnotizado por tudo isso.

Ela me abraça a ela, tão perto que posso sentir cada respiração desesperada que ela dá, cada gemido que escapa do fundo de sua garganta, e eu adoro isso.

Essa garota, que antes se sentia tão desconfortável até mesmo com os toques mais simples, agora está me segurando o mais apertado possível enquanto goza.

Quando fica claro que ela está se recuperando, noto como seus músculos relaxam, pressionando-a de volta ao colchão. Eu me retiro lentamente, meu pau pingando de sua excitação, seus gemidos suaves como música para meus ouvidos quando a deixo vazia.

Sem hesitar, deslizo pelo colchão e coloco meu rosto entre suas pernas.

— Isaiah — ela geme. — Estou sensível.

Sim, caralho, ela está. Ela ainda está vibrando contra minha língua enquanto eu lambo cada pedacinho de sua liberação.

— Merda — ela pragueja, rebolando os quadris ao mesmo tempo que minha boca.

Suas pernas tremem ao meu redor, suas coxas pressionando minhas orelhas. Eu poderia facilmente fazê-la gozar novamente assim, mas posso dizer que ela não aguentará muito mais esta noite, e preciso gozar com ela apenas uma vez.

Ao me sentar, coloco um braço em volta de sua cintura.

— Venha cá — eu digo, embora seja eu quem a esteja arrastando comigo. Ela é tão fácil de jogar, de posicionar onde eu preciso dela.

E é isso que eu faço, com as costas contra a cabeceira da cama e as pernas abertas, eu a coloco no meu colo. Ela se senta em minhas coxas, com o corpo ainda rolando com os tremores de seu orgasmo.

Ela é tão perfeita assim. Tão desfeita. Cabelos molhados, uma bagunça emaranhada, lábios inchados dos meus.

Com o pau na mão, faço carícias longas e lentas, torcendo a cabeça enquanto a observo.

Seus olhos castanhos estão fixos no meu pau, com as pupilas dilatadas quando espremo uma gota de sêmen da ponta.

Kennedy recua alguns centímetros em minhas pernas antes de se dobrar, tirar minha mão do caminho e engolir meu pau.

— *Porra, sim, Kenny.* Você é muito boa nisso. — Eu pego seu cabelo, minha atenção seguindo o comprimento de sua coluna vertebral até sua bunda em forma de coração perfeita apoiada no ar. Estendo a mão e dou um tapinha nela. — *Faça-me gozar, baby.*

Ela se movimenta, levando-me mais fundo, gemendo a cada passada.

— *Sim. Sim. Porra. Tão perto.*

A boca de Kennedy sai do meu pau latejante, dando-lhe mais uma longa lambida antes de se sentar e rastejar de volta para o meu colo. Ela envolve meu pênis com um punho, apoiando-se nos joelhos e nos alinhando.

— *Goze em mim? — ela pede.*

Assinto com entusiasmo, com a cabeça jogada para trás contra a cabeceira da cama, enquanto a vejo afundar em mim.

— *Porra, estou tão duro. Estou tão perto. Só preciso que você aguento, está bem?*

Acenando com a cabeça em concordância, ela inclina o pescoço, aproximando os lábios dos meus enquanto gira os quadris. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

É uma sensação incrível, mas meu corpo tem uma necessidade irresistível de penetrar nela.

Com as mãos, agarro sua bunda, ajudando-a a encontrar o ritmo de que preciso.

Ela geme, seus lábios se movem para o meu pescoço enquanto eu nos uno. Dobrando os joelhos, eu nos ajusto ainda mais, fodendo-a por baixo enquanto a mantenho em uma posição estável.

Ela grita meu nome, com a cabeça jogada para trás, beliscando os

próprios mamilos quando chega o terceiro orgasmo e, dessa vez, quando ela goza, estou bem ali com ela. Eu me derramo dentro dela, dizendo-lhe o quanto ela é perfeita, o quanto eu a quero, o quanto ela é boa.

Eu seguro seu corpo quente contra o meu, nossos peitos pesados se expandindo e contraindo juntos. Ela me beija durante todo o tempo em que descemos e juro por Deus que sou uma pessoa diferente depois de tudo o que foi dito e feito.

Mas é ela quem expressa meus pensamentos em voz alta.

— Eu não tinha ideia — ela sussurra entre beijos — que poderia ser assim.

Passo as palmas das mãos em suas costas, tentando mantê-la aquecida. — Eu também não, Ken. Nunca me senti assim antes.

Afastando o cabelo de seu rosto, acaricio sua bochecha, antes que meus olhos sejam atraídos para o ponto em que estamos conectados.

Meu esperma está saindo de dentro dela e escorrendo pela perna.

— Estou tomando — ela exala pesadamente — pílula. Eu deveria ter lhe contado isso. E não estive com ninguém desde...

— Diga o nome de outro homem agora mesmo — eu a interrompo. — Eu desafio você, porra.

Ela sorri, pressionando sua boca contra a minha. — Possessivo.

— Você achava que eu era possessivo antes de transarmos? Agora estou me sentindo muito *louco*.

Todos os tipos de pensamentos possessivos passam por minha mente. Como eu quero marcá-la. Guardá-la. Transar com ela até que ela se esqueça da ideia de me deixar.

E, sem mais nem menos, a pergunta que eu deveria ter feito quando a vi grita na vanguarda do meu cérebro, forçando-me a falar em voz alta.

Ainda estou dentro dela. Ela ainda está se balançando lentamente em meu colo.

— Como foi sua entrevista?

Kennedy faz uma pausa, com um suspiro cheio de derrota. —
Foi.. melhor do que eu poderia esperar.

Bem... foda-se.

CAPÍTULO 28

Kennedy

Isaiah chega a uma casa incrivelmente bonita a trinta minutos da cidade. Eu conheço essa casa. Vim para cá no ano passado em uma noite aleatória de verão, quando fiquei bêbada com Miller, Indy, Rio e uma Stevie sóbria.

Miller estava percebendo que queria ficar com Kai mais do que na estrada. Na época, Stevie estava grávida, e Indy ainda não estava.

E eu.... bem, eu ainda estava remoendo toda a história do Connor e totalmente irritada porque, quando voltei para a casa do Kai naquela noite, o irmão dele estava sentado no sofá.

Mal sabia eu que, menos de um ano depois, eu estaria muito apaixonada pelo cara.

O sol de verão está começando a se pôr ao longe, lançando um brilho quente sobre a propriedade. Não sei como explicar isso, a não ser que me sinto bem por estar aqui. Como um maldito abraço, o que deixa claro como me senti acolhida da última vez que conheci essas pessoas.

Isaiah estaciona seu carro ao lado de alguns outros e desliga o motor.

— Então, isso se chama Jantar em Família? — pergunto, tirando o cinto de segurança.

— Sim. Acontece todo domingo à noite na casa dos Shay.

— Você vem toda semana?

— Se não tivermos um jogo, sim. Eu venho toda semana desde o verão passado. Há um grupo que está sempre aqui. Às vezes, os outros rapazes trazem seus colegas de equipe. Às vezes, Cody e Travis vêm comigo. Eu queria trazer você desde que fomos ao seu jantar de família. — Passando a mão pelo console central, ele aperta minha perna. — Eles não deveriam ser assim. Você deve se sentir bem depois. Você se sentirá bem depois desse.

Recostando-me no encosto de cabeça, sorrio para ele. — Tenho gostado de fazer coisas que me fazem sentir bem.

— Isso significa que você está gostando de me ter?

— Muito mesmo.

Ele solta uma gargalhada ao sair do seu lado do carro e contorna o capô até a porta do passageiro, abrindo-a.

— Você está muito bonita hoje, Kenny.

Estou com um blazer grande demais, uma camiseta branca justa e uma calça jeans bem ajustada. É casual, mas elegante, e não poderia ser mais diferente do que ele me viu usar a semana toda. Que é a minha polo de trabalho ou o meu uniforme.

Eu me inclino para frente e encosto meus lábios nos dele como um agradecimento silencioso antes de sair do carro.

Faz dias que voltei da Califórnia para casa e mal nos separamos um instante.

Vamos e voltamos do trabalho juntos.

Pegamos as roupas em meu apartamento e as levamos para o dele, onde dormi ao seu lado todas as noites.

Todas as manhãs, ele me pede para escolher suas roupas para garantir que combinem.

Cozinhamos juntos, e Isaiah ainda não parou de me alimentar.

Nós transamos. Muito.

E passamos pelo menos uma hora conversando na cama todas as

noites antes de dormirmos, evitando totalmente qualquer assunto relacionado à minha entrevista.

Eu não tinha ideia de que poderia ser assim. Perfeitamente imperfeito, e a perfeccionista em mim não se importa com as falhas e peculiaridades que nos fazem funcionar.

A maior delas é que sinto que estou namorando meu marido.

Com a mão na parte inferior das minhas costas, ele me guia até a casa, mas antes de chegarmos aos degraus da varanda da frente, estendo a mão atrás de mim, deslizando minha mão na dele.

Isaiah olha para baixo, para nossos dedos entrelaçados, e é a primeira vez que ele não olha em volta procurando alguém da equipe para invalidar o que está acontecendo.

— Você está bem? — pergunto.

— Perfeito. — Ele a aperta. — Gosto de segurar sua mão em público. — Ele nem tenta baixar o tom de voz quando acrescenta: — E eu gosto de segurar sua garganta em particular.

Dou um tapa em seu peito com uma risada. — Perverso.

— Quando se trata de você? Sem dúvida. Você deveria ver todas as coisas sujas que estão flutuando na minha cabeça e que eu planejei. — Ele segura a porta aberta para mim, passando a ser um cavalheiro completo. — Depois de você, esposa.

Mas, então, essa fachada de cavalheiro vai embora pela janela quando ele bate na minha bunda quando entro.

— Aqui atrás! — alguém diz.

Dessa vez, é Isaiah quem me leva para a parte de trás da casa, onde uma segunda sala de estar fica ao lado da cozinha.

— Ei, pessoal! — Indy chama do sofá. Ela está com os pés levantados e a mão alisando a barriga de grávida. — Kennedy, estou tão feliz por você estar aqui!

— Oi. — Eu lhe ofereço um pequeno aceno e noto a maneira como seus olhos seguem para onde minha mão está conectada com a

de Isaiah. — Obrigada por me receber.

— Ken, este é o Zanders — diz Isaiah, apontando para a cozinha.

Ele é alto, tão alto quanto os rapazes Rhodes, usa um colar de corrente de ouro e é coberto de tatuagens.

— Ele é o marido de Stevie e defensor do Chicago Raptors.

— E nessa exata ordem — diz Zanders, largando a faca que estava usando para fatiar tomates antes de enxugar as mãos em uma toalha e contornar a ilha da cozinha até mim. Aperto sua mão estendida, observando os infinitos anéis de ouro que a decoram. — Pode me chamar de Zee.

— Kennedy.

Isaiah interrompe do meu lado. — E você pode chamá-la de Sra. Rhodes.

Zanders solta uma gargalhada. — Ainda não acredito que você conseguiu fazer isso. Kennedy, esse homem tem falado de você sem parar há meses.

— Anos — corrige Indy.

— Anos — concorda Zanders. — Parte de mim achava que você não existia e a outra parte de mim sente que já sabe tudo o que há para saber sobre você.

Vejo Isaiah pelo canto do olho, com o calor subindo por suas bochechas. É estupidamente adorável quando esse homem arrogante fica sem palavras.

Max chega correndo do quintal, com as pernas vacilantes que o trazem direto para mim, mas Isaiah o pega no caminho e Max imediatamente se dobra em seu peito em um abraço.

— Este é o meu favorito dos homens Rhodes.

Passo a mão nas costas de Max. — O meu também.

Max dá uma risadinha. Isaiah faz uma careta para mim.

— Ken — diz Max, apontando seu dedo mindinho até que ele se

conecte com minha bochecha.

— Ei, e quanto a mim?

Em seguida, ele se vira e faz o mesmo com seu tio. — Zaya.

Ele repete isso algumas vezes, apontando entre nós dois e dizendo nossos nomes.

— Onde está Stevie? — Isaiah pergunta a Zanders, ajustando o sobrinho em seu quadril.

— Ela está colocando Taylor para dormir.

— É exatamente o que vamos fazer — diz Kai, vindo do quintal.
— Oi, Ken. Que bom que você conseguiu vir.

Ele se inclina para me abraçar e eu não recuo nem hesito antes de abraçá-lo de volta.

É muito estranho não ter dúvidas sobre mim mesma, mas também é muito bom.

— Muito bem, garoto Maxie. Hora de dormir. — Kai pega seu filho de Isaiah.

Max se senta e olha em volta da casa. — Mamãe.

— Ela está chegando, Bug. Mills — ele diz. — Você vem?

Pela porta dos fundos aberta, Miller entra na casa com uma bandeja vazia. Posso ouvir e sentir o cheiro da churrasqueira no quintal.

— Estou indo — diz ela. — Kennedy! Oi! Que bom que você veio.

— Sério? — Isaiah estende as mãos. — Minha própria família e ninguém vai dizer oi para mim?

— Não — responde Kai rapidamente.

— Sinceramente, eu o vejo bastante — diz Miller por cima do ombro enquanto segue Kai e Max até as escadas. — Estou muito mais animada por ver minha amiga.

Mais duas pessoas chegam do quintal. Rio e um homem que, se

eu já não soubesse que era Ryan Shay, seria bastante óbvio pelas semelhanças que ele tem com sua irmã gêmea.

Mas é impossível não saber quem é Ryan Shay, especialmente em Chicago.

— Oi, Kennedy. É bom ver você de novo, eu acho. — A voz de Rio não tem nenhuma inflexão.

Zanders solta uma gargalhada da cozinha.

— Recomponha-se, Rio! — Indy chama.

— Que bom que você veio — ele corrige antes de lançar um olhar fixo para Indy.

— Que história é essa? — pergunto.

— O cara está um pouco sensível por ser o único de nós que não está com um par atualmente. — Ryan estende a mão para mim. — Ei, eu sou Ryan.

— Kennedy.

— Já ouvi esse nome tantas vezes. — Ryan ri para si mesmo.

— Pelo amor de Deus — Isaiah murmura em voz baixa.

Ryan lhe dá um tapinha nas costas antes de colocar outra bandeja suja na pia. A julgar pelas porções que Zanders está cortando, é noite de hambúrguer aqui na casa dos Shay.

— Você precisa de ajuda com a churrasqueira? — pergunta Isaiah.

— Eu posso ajudar! — Indy grita.

— Você não — Ryan discorda rapidamente. — Fique dentro de casa, Blue. Levante seus pés e não faça nada.

Ela revira os olhos.

— Eu ajudo você — diz Isaiah antes de se virar para mim, com a mão em volta do meu quadril. — Você está bem?

Quando aceno com a cabeça, ele se inclina para beijar minha

têmpora antes de seguir Ryan para fora, Zanders e Rio não muito atrás.

Dirijo-me à Indy na sala de estar e pego uma das cadeiras confortáveis em frente a ela, assim que Stevie e Miller descem as escadas para se juntar a nós. Stevie ocupa o lugar ao lado da cunhada e minha cunhada ocupa a cadeira ao meu lado.

— Você está ótima, Kennedy. Adoro esse blazer.

— Você também, Stevie. É bom ver você de novo.

Honestamente, todas as garotas estão lindas, com estilos que são exclusivos delas.

Stevie em uma calça jeans folgada, com uma flanela amarrada na cintura.

Indy com um vestido de verão lavanda e um Converse de cano alto.

Miller com seu macacão característico, óculos escuros colocados no topo da cabeça e pés descalços.

— Então, Ryan está um pouco...

— Superprotetor — conclui Indy, apontando para sua barriga. — Nem me fale, mas demorou muito para chegarmos aqui, então eu o deixo em paz.

— Eu acho isso muito gentil. Ele se preocupa com você.

Pelo canto do olho, vejo os rapazes em volta da churrasqueira, conversando e rindo uns com os outros. Isaiah levanta o boné para passar a mão no cabelo, ouvindo algo que um deles está dizendo, mas eu o vejo olhando pela janela para mim.

Ele sorri com um sorriso de menino, com as bochechas rosadas por ter sido pego, o que me diz que não é a primeira vez que ele olha para cá desde que saiu. Ele me dá mais uma olhada antes de voltar a se concentrar em seus amigos.

Esse é outro fato inédito. Ter alguém do outro lado da sala olhando para mim, verificando como estou. Parece um ato tão

simples, mas é algo que eu sempre desejei e não imaginava que teria.

Não importava se havia duas mil pessoas ou apenas nós dois sozinhos em uma sala, Connor nunca me procurava e eu não o procurava.

Éramos, de certa forma, parceiros de negócios de nossas famílias.

Isaiah e eu somos algo totalmente diferente. Não sei exatamente o que é, mas é uma sensação boa, quente e certa.

— Você parece feliz. — Miller encosta seu pé no meu, roubando minha atenção.

Faço um pequeno aceno de cabeça em concordância. — Sim, eu estou.

— Então, quando você e seu marido começaram a transar? — Indy diz sem rodeios.

Minha boca se abre quando me viro para Miller.

Ela levanta as mãos em defesa. — Eu não disse uma palavra.

— Ela não precisava — diz Stevie. — Qualquer pessoa com olhos poderia perceber.

— Como está a sensibilidade da sua vagina? — Indy se volta para Miller. — Miller, você está com o irmão, provavelmente é comparável. Como ela está se sentindo?

Miller balança a cabeça de um lado para o outro. — Dolorida.

— Meu Deus, depois de todo esse tempo. — Indy ri. — Eu não saberia dizer qual foi o último domingo em que Isaiah apareceu e não falou nada sobre você. Ou como você fez algo impressionante no trabalho ou como você usou seu cabelo naquele dia.

— Você é a única pessoa de quem ele já falou — acrescenta Stevie. — E agora olhe para vocês dois. Casados por acidente e apaixonados de propósito.

Quero argumentar que não estamos apaixonados. Estamos jogando um jogo e isso é tudo, mas sei que esse não é mais o caso.

Não sei exatamente o que é isso, mas também sei que nunca me senti tão bem quanto nos últimos dois meses e, mais especificamente, como me senti nesta semana por finalmente ver o que sempre esteve bem na minha frente.

Mais uma vez, Isaiah chama minha atenção pela janela quando mostra a aliança de casamento para seus amigos verem. Peito inchado, ombros para trás.

Nunca conheci um homem mais orgulhoso de uma joia do que Isaiah Rhodes de sua aliança de casamento. Desde que a colocou pela primeira vez, nunca mais o vi sem ela. O único momento em que seu dedo está nu é quando ele troca a aliança de metal pela de silicone antes de um treino ou jogo.

Mas é aí que reside a confusão. *O que estamos fazendo?*

Namorar é uma coisa. Até mesmo entrar em um relacionamento. Mas casamento? Um casamento *de verdade*? Nenhum de nós se propôs a isso. Não quando já tínhamos tomado muitas doses de tequila e não quando estávamos tramando para salvar meu emprego.

O fato de estarmos dormindo juntos agora e passando todo o tempo um com o outro não significa que nosso casamento falso tenha se tornado real de repente.

— Então — diz Miller. — Conte-nos sobre a entrevista.

E ainda há isso... o possível emprego que me espera a 3.000 quilômetros de distância.

Ela sabe a essência da história. Que tudo correu bem. Que Dean tentou me apresentar a um cara que trabalhava lá. Que a cidade e o estádio são lindos, mas ainda não lhe dei mais detalhes.

— Foi melhor do que eu poderia esperar. Todos foram simpáticos, gentis e acolhedores. Conheci muitas pessoas que trabalham na equipe e todas as pessoas que indaguei disseram que adoram seu trabalho.

— Isso é raro — diz Stevie.

— Ainda mais raro é o fato de que há muitas mulheres que

trabalham para a franquia. E elas são *felizes e respeitadas*. Só na equipe médica há duas outras mulheres. Eu nunca tive isso. O estádio é maravilhoso. Os equipamentos são todos novinhos em folha. E a entrevista em si não pareceu nem um pouco uma entrevista. Parecia que eu já tinha o emprego, e eles estavam animados para que eu fosse para lá o mais rápido possível.

— Isso é incrível para você — diz Indy com um sorriso.

Miller permanece em silêncio, então eu olho para ela para ver se ela quer acrescentar algo, mas ela não o faz.

— O que foi?

Ela balança a cabeça. — Sei que estou sendo egoísta, mas não quero que você vá embora.

— Miller...

— Eu sei. Eu sei. — Ela ergue as mãos. — Você e Isaiah estão sendo tão esquisitos sobre isso, mas as coisas parecem tão boas para você ultimamente. Você parece feliz, e eu quero você aqui. Só estou me perguntando se vale a pena desistir de tudo por uma mudança de carreira paralela. Entendo que você teria um novo médico chefe para trabalhar lá, mas...

Miller, e todos em Chicago, não fazem ideia de que *não se trata* de uma mudança lateral. Eu me tornaria a primeira médica líder da MLB. Ganharia alguma liberdade financeira que é minha e não acompanhada pelo nome Kay. Estaria encarregada de um departamento inteiro em uma grande cidade com um cenário esportivo próspero.

Mas, felizmente, a porta dos fundos se abre antes que eu tenha que responder.

— Bem, droga. — Isaiah solta um assobio baixo enquanto joga algo na pia da cozinha. — Vocês quatro estão muito bem.

— Flerte — murmura Miller.

— Sou um homem casado, Montgomery. Eu não flerto. — Ele se

inclina sobre o encosto da minha cadeira enquanto eu ergo o pescoço para olhá-lo. — Exceto com você. Gosto de flertar com você. Quer queijo em seu hambúrguer?

— Sim, por favor.

— É para já. — Ele dá um beijo rápido em meus lábios e sai para o quintal mais uma vez.

Minha atenção se volta para Miller ao meu lado. Ela não precisa dizer nada. Ela está silenciosamente gritando para acrescentar que eu também estaria desistindo de Isaiah.

Como se não fosse a única coisa em que pensei esta semana.

CAPÍTULO 29

Isaiah

Quando os hambúrgueres terminam de ser grelhados do lado de fora, vejo as meninas se levantando de seus assentos na casa. Não consigo ouvi-las, mas posso vê-las rindo, principalmente a baixinha de cabelos ruivos.

Cabeça jogada para trás. Garganta bonita exposta.

Não posso deixar de sorrir ao observá-la.

Então eu paro, aqui mesmo com a espátula na mão, e vejo minha esposa abrir os braços e tomar a iniciativa de abraçar primeiro Stevie e depois Indy. Indy se eleva sobre ela e isso só faz com que elas riam ainda mais.

— Você está bem? — pergunta Kai, ao entrar no pátio dos fundos depois de colocar Max para dormir.

— Você viu isso? Kennedy abraçando-as?

As sobrancelhas de meu irmão se franzem, com os olhos fixos em mim. — Sim? Qual é o problema?

O grande problema é que Kennedy, que se diz pouco acostumada e desconfortável com o afeto, acabou de abraçar duas mulheres que ela está apenas começando a conhecer.

E eu estou aqui assistindo como o marido mais orgulhoso do mundo, porque ela deu alguns abraços.

As quatro se dirigem para o quintal, para o pátio, onde uma mesa ao ar livre está posta para o jantar. O sol já desapareceu quase que por

completo, mas as luzes penduradas sobre a mesa lançam bastante luz para que eu possa ver Miller colocar o braço sobre o ombro de Kennedy como se ela fosse sua irmã mais nova, embora Kennedy seja a mais velha das duas.

Kennedy passa o braço em volta da cintura de Miller antes de escolherem os assentos uma ao lado da outra. Minha cunhada pega uma cerveja do refrigerador e segura uma Corona para ver se Kennedy também quer uma.

Ela acena com a cabeça em concordância e, de repente, há quatro garrafas de cerveja entre os dedos de Miller, que ela leva até a mesa.

— Quanto você quer apostar que essas cervejas não são para nós? — pergunto ao meu irmão ao meu lado enquanto as observamos, de braços cruzados sobre o peito.

— Não há a menor chance de que as segundas sejam para nós.

— Essa é sua noiva — eu o lembro.

— E essa é sua esposa.

Não consigo evitar o pequeno sorriso que se insinua em meus lábios. É o que eu mais gosto de ouvir.

Zanders e Ryan levam as carnes e os condimentos do hambúrguer para a mesa, enquanto Kai e eu levamos os pães e os hambúrgueres, incluindo um vegetariano para Indy. Rio vem atrás com as batatas fritas e uma garrafa de tequila.

— Quem quer? — ele pergunta enquanto eu me sento no lugar vazio ao lado de Kennedy. — É uma tequila para bebericar, já que todos vocês estão ficando velhos demais para tomar shots.

— Sinto muito por não termos mais 25 anos — diz Zanders.

Stevie levanta a mão. — Não posso. Fico com muito sono por causa da tequila.

— Sério? — pergunta Miller. — Eu fico muito excitada com tequila.

— Jesus, mulher. — Kai balança a cabeça. — Você é uma mãe.

— Claro que sim, eu sou.

— Eu costumo me casar com tequila. — Kennedy estende a mão para que eu lhe dê um *high five*.

Junto minha mão com a dela. — Claro que sim, você sabe.

— Vocês são fofos. — Miller sorri para nós do outro lado de Kennedy. — Ken, você é minha cunhada favorita.

— Ela é sua única cunhada — acrescenta Kai.

— E Isaiah, eu simplesmente vivo, rio e amo você.

Minha atenção se volta para Kennedy, sentada entre nós, mordendo o maldito lábio inferior para não rir. — Você contou a ela?

Ela simplesmente dá de ombros.

Eu me inclino até o nível dela, mantendo minha voz baixa para que somente ela ouça. — O que aconteceu com a confidencialidade entre médico e paciente?

— Isso não se aplica aqui.

Eu estreito meus olhos para ela, tentando ficar bravo, mas não consigo. Estou tão obcecado com a garota que a única coisa que consigo fazer estando tão perto dela é me inclinar e beijá-la rapidamente.

— Vou usar o banheiro rapidinho. — Kennedy se levanta de seu assento enquanto todos os outros começam a preparar seus hambúrgueres.

— Você se lembra onde fica? — Indy pergunta.

— Eu sei. Volto já.

Assim que ela entra em casa, pego seu prato e preparo a comida para ela, de modo que esteja pronta para comer assim que ela voltar. Com um tomate espetado na ponta do garfo, paro com ele no meio do prato de Kennedy, porque está tudo muito quieto ao meu redor. Ao olhar para cima, vejo cada um dos meus amigos me observando.

— Sim? — eu arrasto a pergunta, meus olhos saltando para cada

pessoa.

— É melhor você dizer a ela que não quer que ela vá — diz Zanders, recostando-se em sua cadeira.

— Sim. — Solto uma risada antes de continuar a preparar o prato de Kennedy. — Isso não vai acontecer.

— Por que não? — pergunta Stevie.

— Porque o objetivo de ficarmos casados nesta temporada era mantê-la em boa situação, de modo que, quando chegasse a hora de fazer a entrevista para o novo cargo, ela não teria uma rescisão em seu registro de trabalho.

— Mas as coisas mudaram — Indy interrompe. — Isso foi antes... — ela acena com as mãos, gesticulando entre mim e o assento vazio de Kennedy — ... disso.

— Você iria com ela? — pergunta Ryan.

Minha atenção se volta imediatamente para Kai. Ele mantém meu contato visual por um momento antes de voltar sua atenção para o colo.

— Minha vida está aqui.

As palavras não têm o sabor certo quando saem da minha língua, porque quando Kennedy se for, grande parte da minha vida irá com ela. Mas Kai, Miller e Max estão aqui. Assim como meus amigos. Assim como meus colegas de equipe. Assim como o time em que jogo.

— O que você acha, Rio? — Miller pergunta. — Você tem estado tão quieto.

Maldito encrenqueiro. Todos nós sabemos que a única coisa que o Rio tem a dizer é...

— Só não entendo por que sou o único solteiro que resta. Isso não está certo.

A mesa ecoa com risadas.

— Estou falando sério. Você sabe há quanto tempo estou

procurando?

— Você tem 25 anos. — Zanders ri. — Não pode ser tanto tempo assim.

Indy interrompe: — Acho que a parte mais difícil para você será encontrar uma mulher segura o suficiente em seu relacionamento para que ela não se importe em saber que você sempre estará mais apaixonado pelo meu marido do que por ela.

Ryan balança a cabeça.

— Com certeza. — Rio aponta para ele.

— Honestamente, Rio — diz Stevie. — Existe alguém com quem você não estaria aberto? Você parece bastante aberto a todos.

— Sedento, Vee — interrompe Zanders. — Ele tem bastante sede de todo mundo.

— Isso não é verdade — diz Rio. — Há uma pessoa a quem eu nunca concederia o meu tempo. — Ele deixa a declaração pairar no ar. — E não é que eu queira uma namorada só para ter uma namorada. Estou procurando algo sério, e tudo o que Isaiah teve de fazer foi ficar bêbado em Las Vegas e ele conseguiu uma esposa. Eu já tentei isso. Não deu certo.

Kennedy abre o controle deslizante da porta dos fundos e se junta a nós na mesa. Deixo o prato dela em frente ao seu assento antes de começar a preparar o meu próprio.

Ela se senta, mas não pega a comida, simplesmente fica olhando para ela.

— O que há de errado? — pergunto baixinho enquanto o resto da mesa está ocupado demais conversando para me ouvir.

— Você colocou batatas fritas no meu hambúrguer.

— Sim. É assim que você come seus hambúrgueres.

Olhos grandes e castanhos olham para mim. — Como você se lembrou disso? Eu comi uma vez com você.

Solto uma risada. — Eu me lembro de cada coisa sobre você, Kenny. Caso ainda não tenha percebido, você é minha matéria favorita para estudar.

Ela passa a mão pelo meu colo, enganchando-se para segurar meu antebraço. Sua voz é calma quando ela se apoia em meu ombro e diz: — Obrigada.

— De nada, querida.

Sentada, ela usa as duas mãos para pegar o hambúrguer, com as batatas fritas enfiadas embaixo do pão e tudo.

Ela faz uma pausa e o leva até a boca. — Ei, Isaiah?

— Sim?

— Eu vivo, rio e amo você também.

CAPÍTULO 30

Isaiah

— Acho que meu pau caiu oficialmente. — Os dentes de Cody rangem em suas palavras enquanto ele sofre com um banho de gelo. — Kennedy, meu tempo já acabou?

Ela nem sequer levanta os olhos do computador. — Mais seis minutos.

— Vamos, Ken — ele se lamenta. — Quero ter filhos um dia. Isso não pode ser bom para os nadadores.

Sua boca se contrai levemente, sua atenção ainda está presa na tela do laptop enquanto ela se senta de pernas cruzadas em cima de uma mesa de treinamento.

— Rhodes — ele diz. — Diga à sua esposa para parar de ser tão má comigo.

Eu estou no chão, esticando o flexor do quadril sobre um rolo de espuma, sem me preocupar em olhar para ele. — Desculpe, cara. Eu gosto dela malvada.

Ela e eu nos olhamos assim, e não perco a maneira como seus lábios se separam ligeiramente quando ela olha para mim. Apoiando-me em meus antebraços, giro meu corpo novamente, movendo-me de uma forma muito parecida com a maneira como a fodi na noite passada, quando caímos na cama depois de um longo jogo que foi para a prorrogação.

Minha voz é toda de provocação. — Está se saindo bem aí, doutora?

Ela engole com dificuldade. — Eu odeio você.

— Essas não foram as palavras que você usou quando estava montando meu rosto esta manhã.

— Que nojo — resmunga Trav. — Estamos no trabalho. Vocês dois podem parar de foder com os olhos agora.

São meus dois melhores amigos e minha esposa, tratando da terapia extra pós-jogo na sala de treinamento, sem mais ninguém por perto. Mal estamos no trabalho.

— Não posso evitar, Trav — é Kennedy falando. — Você viu o cara?

Eu ergo minhas sobrancelhas para ele do outro lado da sala.

Ele resmunga. — Literalmente, a única coisa que manteve o ego dele sob controle foi o fato de você não gostar dele, Kennedy. O que diabos devemos fazer agora?

— Meu tempo já acabou? — Cody grita.

— Quatro minutos.

A porta da sala de treinamento se abre e o Dr. Fredrick fica parado na soleira da porta quando nos vê. — O que está acontecendo?

— Banho de gelo — diz Cody.

Não o respeito o suficiente para olhar para ele quando digo: — Ainda estou me alongando.

Sua atenção se volta para Kennedy. — Por que você não me disse que ainda havia jogadores aqui? Você deveria ter esvaziado e limpadado a sala há uma hora.

Ela abre a boca para responder, mas Travis fala primeiro. — Pedimos a ela que ficasse aqui e mantivesse a sala aberta. A culpa é nossa, não dela.

A mandíbula do Dr. Fredrick fica tensa, com a atenção voltada para Kennedy quando ele fala. — Bem, já que você gosta tanto de estar aqui, pode ir em frente e limpar o chão e o equipamento quando

eles terminarem. Os suprimentos estão no armário.

Kennedy concorda silenciosamente com a cabeça.

Ele olha para nós três, depois se vira para sair sem dar a Kennedy um segundo olhar.

Vejo os ombros dela se soltarem assim que ele se vai. Por ela, mal posso esperar pelo dia em que não terá de lidar com ele nunca mais.

— Desculpe, Ken — desculpa-se Cody.

— Nós a ajudaremos — interrompe Trav.

Ela não responde, apenas balança a cabeça e continua a navegar no computador.

Levantando-me do chão, vou para trás dela, passando um braço pela frente de seus ombros e depositando um beijo no topo de sua cabeça. — Você está bem?

— Ele é um maldito idiota.

— Eu sei — acalmo-a. — Mas logo você não terá mais que lidar com ele. — Mais uma vez, ela não responde. — O que você está pesquisando hoje?

Ela fecha o computador e se vira de frente para mim, com as pernas abertas de cada lado das minhas.

Seu sorriso é cauteloso, sua voz baixa para que apenas eu possa ouvir. — Na verdade, eu estava conversando com uma velha amiga minha da faculdade. Ela agora é psicóloga.

Kennedy deixa a palavra *psicóloga* pairar no ar enquanto eu me sento ao lado dela na mesa, de costas para meus amigos.

— Conversando com ela sobre o quê?

Seus olhos percorrem meu rosto, seu tom apreensivo. — Eu esperava que ela tivesse algumas técnicas que pudessem ajudá-lo quando...

Quando não consigo pensar direito, porque minha ansiedade está me falando sobre os piores cenários possíveis.

Eu engulo. — O que ela disse?

— Ela enviou alguns artigos. Algumas pesquisas sobre terapia cognitivo-comportamental que ela descobriu serem úteis para seus pacientes quando estão tendo crises de ansiedade. Eu estava apenas digitando para você de uma forma mais digerível.

Eu dou uma risadinha. — Quer dizer, simplificando.

— Não. — Ela sorri. — Mas a última coisa que eu quero é que você tenha que vasculhar pesquisas médicas quando sua mente está pregando peças em você.

Porra, eu amo essa garota.

— Pode ser útil. Você disse que queria trabalhar nisso e pensei que talvez eu pudesse usar meus contatos para ajudar. — Ela está tão insegura, explicando-se demais. — Mas eu não queria bombardeá-lo com isso, então está aqui, no meu computador, se você quiser, mas falando sério, sem pressão de qualquer maneira. Eu só...

— Kenny.

Com as sobrancelhas franzidas de preocupação, ela olha para mim.

— Obrigado. — Passo a palma da mão em seu cabelo. — Isso significa muito para mim. Eu estava pensando em fazer disso uma prioridade, talvez até mesmo conversar com alguém. Vou usar isso. E obrigado por simplificar tudo para mim. Sei que você adora suas coisas médicas, mas isso não é comigo.

Inclinando-me para baixo, pressiono meus lábios nos dela.

— Se você quiser conversar com alguém, e não precisa fazer isso se não estiver pronto, mas ela disse que ficaria feliz em se encontrar com você por meio de uma chamada de vídeo a qualquer momento. Ou até mesmo lhe dar uma indicação, se você quiser consultar alguém da região de Chicago.

— Eu amo você.

As palavras saem de minha boca antes que eu possa pensar

demais nelas, mas que se dane. Elas já são realidade há muito tempo.

Seus olhos arregalados se voltam para os meus, seus lábios se separam ligeiramente para dizer algo em resposta.

— Você sabe que sim, Kenny.

— Kennedy Kay Rhodes, seja lá qual for a porra do seu nome hoje em dia! — Cody grita do banho de gelo. — Meu tempo acabou?

— Pelo amor de Deus, Cody! Estamos no meio de uma coisa.

— Merda. — Ela olha a hora em seu telefone. — Sim, você está bem.

Nesse momento, enquanto olhamos para a tela do celular dela e estamos sentados na tensão da minha confissão, ela recebe uma ligação.

Com um código de área 415. De São Francisco.

— Atenda — eu a incentivo.

Sua atenção se desvia de mim para o telefone e volta para mim novamente.

— Atenda ao telefone, baby.

Ela salta da mesa de treinamento, deixando o computador para trás e indo direto para a saída. Pouco antes de abrir a porta, ela atende ao telefone e o leva ao ouvido.

— Alô?

Depois disso, não há nada. Não consigo ouvir sua conversa. Não consigo ouvir sua reação quando lhe oferecem o emprego. Tudo o que posso fazer é observar pela pequena janela de vidro enquanto ela caminha pelo corredor com o telefone encostado no ouvido.

Ela está sorrindo para a linha enquanto fala com quem acabou de ligar para ela.

Seus olhos me encontram, observando-a do mesmo lugar onde acabei de dizer que a amo e, antes que eu possa continuar observando, ela se afasta da porta e sai de vista.

— Você está bem, cara? — Trav pergunta.

Com os dentes batendo, Cody responde: — Está muito frio e não consigo encontrar meus testículos, mas vou ficar bem.

— Não você, idiota. Estou falando com Isaiah.

— Não — respondo simplesmente.

— Isso foi por causa da oferta de emprego? — Cody percebe.

Ambos atravessam a sala e ficam na minha frente. Posso senti-los me observando com preocupação, mas toda a minha atenção está voltada para o corredor do lado de fora da sala.

Dou risada para mim mesmo, mas não tem graça. — Não sei por que achei que teria mais tempo com ela.

— Talvez eles ainda não tenham decidido e estejam ligando apenas para avisá-la que não estão prontos para tomar uma decisão. Talvez eles esperem até o final da temporada.

— Não vão. — Nem sequer tento me convencer do contrário. Sei, em meu íntimo, do que se trata essa chamada.

Trav me dá um tapinha no ombro e Cody me deixa à vontade durante o que parecem ser os cinco minutos mais longos da minha vida.

Enquanto ela está planejando um cronograma para sair de seu apartamento e pegar um voo para a Costa Oeste, eu estou colado em meu lugar esperando que ela volte e me diga que acabou. Com meus amigos ainda em algum lugar da sala, a porta finalmente se abre.

Aquele lindo cabelo avermelhado, aquelas sardas pintadas de que sentirei falta.

Kennedy fica parada na porta, olhando para mim e diz: — Eu não consegui o emprego.

CAPÍTULO 31

Isaiah

Ela não conseguiu o emprego.

Em que mundo ela não conseguiu o emprego?

É a única pergunta que consegui fazer a mim mesmo nas últimas vinte e quatro horas.

Quero dizer, eles não a conheceram? Perceberam como o cérebro dela é inteligente? Perceberam o quanto ela é superativa? O quanto ela trabalha duro? Ela estava tão perto de tudo o que queria e, sem mais nem menos, tudo se foi.

As últimas vinte e quatro horas foram *estranhas*. Entre um dia de jogo e ver Kennedy fingir que não estava chateada enquanto estava no trabalho, até processar o resultado daquele telefonema e contemplar o que isso significa para nós no futuro.

Eu mal dormi.

Por outro lado, ela estava apagada como uma luz, dormindo como um bebê em meu peito na noite passada. Mas acho que ela aceitou seu destino mais rápido do que eu. Ou isso, ou ela nunca teve permissão para demonstrar sua decepção enquanto crescia, e agora não sabe como fazê-lo.

Não sei como entender isso. Nunca foi uma questão de saber se a Kennedy iria se mudar. A única dúvida que eu tinha era como sobreviveria quando ela se mudasse.

Tudo o que fizemos foi para essa oportunidade. O casamento, a atuação que não era realmente uma atuação da minha parte. Os meses

em que fomos forçados a dividir o mesmo quarto de hotel enquanto aguardávamos sua entrevista. O tempo que passamos juntos permitiu que eu realmente a conhecesse, que me apaixonasse por ela.

E eu a amo. Caramba, como eu amo essa mulher.

E agora ela está, mais uma vez, presa ao trabalho para um médico chefe sexista, sem nenhuma luz no fim do túnel para se livrar dele.

Nosso casamento era um jogo, um trampolim para coisas melhores para ela.

Tínhamos um plano.

Depois, há a parte egoísta. Minha primeira reação às notícias e o lado positivo que se repete constantemente. Ao contrário da decepção que sinto por ela, também me sinto extremamente aliviado.

Kennedy está morando em Chicago. *Eu* estou em Chicago. Nada precisa mudar entre nós. Podemos continuar fazendo exatamente o que estamos fazendo agora.

Se é isso que ela quer, quero dizer. Acho que é isso que ela quer. Acho que ela me quer.

Não, ela não disse nada em troca quando eu disse que a amava, mas não foi por isso que falei em primeiro lugar. Além disso, Kennedy sempre esteve alguns passos atrás de mim nesse relacionamento. Eu me apaixonei por ela há três anos. Estou perfeitamente feliz em esperar que ela me alcance.

Mas o fato de ela não poder viver essas novas experiências de vida em uma nova cidade não significa que eu não possa continuar a proporcioná-las a ela aqui. E mesmo que ela não admita, eu sei que ela deve estar chateada e minha especialidade é fazer as pessoas sorrirem. Ela, especificamente.

Bato em sua porta e espero que ela atenda. Presumo que a mulher da recepção ligou para ela e a avisou que eu estava a caminho, já que tive que ser liberado pela lista de convidados aprovados de Kennedy.

O prédio dela é muito luxuoso. Pisos de mármore branco. Música

de cordas tocando nos alto-falantes do saguão. Um acompanhante que me levou até o andar dela.

— Quem é? — ela grita de trás da porta de seu apartamento.

— Sou eu, Ken.

Confusão total é a primeira coisa que vejo quando ela abre a porta. — O que está fazendo aqui? Eu só estava arrumando uma mala para levar para a sua casa para passar a noite.

— Posso entrar?

Seus olhos acompanham meu rosto e observo sua garganta fina engolir enquanto ela abre a porta de seu apartamento, permitindo que eu entre.

Está impecável, exceto pelo punhado de palavras cruzadas inacabadas descartadas sobre a mesa da entrada. Como se toda vez que ela voltasse aqui, percebesse que estava preocupada demais para fazer uma palavra cruzada, e a jogava de lado e nunca mais a pegava.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

— Sim, mas você está bem?

— Estou bem — ela me afasta mais uma vez. — Não quero falar sobre isso.

Ela não quis falar sobre isso nenhuma vez.

— Está bem.

— Eu não vou lá para sua casa hoje à noite?

— É claro que você vai passar a noite lá em casa. Você acha que eu consigo dormir sem você a essa altura? Provavelmente não, mas também não quero testar essa teoria.

Seu rosto se suaviza com a diversão.

— Achei que talvez você quisesse se distrair esta noite. Eu estava indo ver se havia outra coisa que eu pudesse marcar em sua lista imaginária. Já teve a chance de assistir aos fogos de artifício do 4 de julho no Navy Pier com seu marido?

Com os lábios apertados, observo o sorriso crescer. — Não posso dizer que tive a chance de vivenciar esse cenário específico.

Aproximando-me dela, deslizo meus dedos no seu cabelo, inclinando levemente sua cabeça para trás. — Quer? — Passo o polegar sobre seu sorriso. — Mas só para avisar, a equipe inteira vai estar lá.

Ela não hesita quando acena com a cabeça para mim. — Parece perfeito.

* * *

O prédio de apartamentos de Kennedy tem vista para o Navy Pier, portanto, a caminhada não leva mais do que alguns minutos para chegar lá. Na verdade, a julgar pela foto da janela que tirei enquanto ela se trocava, ela teria uma vista tão boa dos fogos de artifício de sua casa quanto teria daqui.

Mas depois de perder o emprego que ela tanto queria, preciso que ela se divirta com todas as pessoas que ficarão felizes em saber que ela vai ficar.

Sua mão está enfiada na minha e ela está usando o boné com o qual a mandei para a Califórnia. Camiseta cinza simples, shorts jeans cortados e aqueles Vans de cano alto. A noite ainda está muito úmida, mesmo com o sol começando a cair. Uma noite de verão perfeita na cidade que eu amo, com a garota que eu amo, saindo com o time que eu amo.

Sorte. Eu me sinto muito sortudo por ela ter ficado.

Atravessando a multidão, meu irmão é o primeiro que vejo, elevando-se sobre o resto dos presentes. Encostado na grade de metal, de costas para a água, ele levanta a mão para chamar nossa atenção.

— Lá estão eles.

— Não consigo ver nada — diz Kennedy, tentando encontrar

nossos amigos em meio à massa de pessoas, apoiando-se na ponta dos pés e tudo mais.

Eu me esforço ao máximo para conter meu sorriso conhededor.

Isso não funciona. Ela me dá um tapa no peito. — Cale a boca.

— Olá, pessoal — diz Miller assim que chegamos até eles. Ela está com Max nos braços, de costas para a frente do meu irmão.

— Zaya.

— Oi, Bug.

— Os meninos estão perto da roda. — Kai acena com a cabeça naquela direção.

Dou um beijo rápido na bochecha de Max quando Miller o coloca no chão, antes de encontrar a mão de Kennedy para não a perder no meio da multidão.

Meu sobrinho parece ter o mesmo pensamento quando pega a outra mão da minha esposa e depois a de sua mãe, ficando entre as duas com muito orgulho.

Kai ri para si mesmo enquanto abraça Miller e nós cinco saímos para encontrar a equipe parecendo uma grande família feliz.

— Maxie boy! — Cody grita, agachando-se ao seu nível.

Meu sobrinho corre – se é que se pode chamar assim – até ele antes que Cody o pegue, e a atenção do time muda imediatamente. Alguns deles têm acompanhantes, outros vieram sozinhos. Não importa, cada um deles se concentra em Max, dando-lhe um high five ou tentando fazê-lo rir.

Isso é algo que eu amo muito nesses caras, a maneira como eles aceitaram totalmente o Max quando ele entrou em nossas vidas. Nunca houve uma reclamação sobre um bebê viajando com a equipe no ano passado.

Todos eles se uniram ao meu irmão para garantir que ele sentisse seu apoio.

Eles são bons, e me sinto incrivelmente abençoado por tê-los como colegas de time.

Miller passa o braço por baixo do braço de Kennedy, puxando-a para uma das barracas de concessão e me deixando com Kai.

— Ela parece estar indo bem.

— Sim — concordo, observando-a à distância. — Melhor do que eu imaginava.

— Como está se sentindo em relação a tudo isso?

— Feliz. — Não há hesitação em minha resposta. — Estou feliz por ela ter ficado.

— E a longo prazo? Porque você achava que isso era uma solução temporária. Está se perguntando o que isso significa para vocês?

Minha cabeça gira em sua direção. — Bem, droga. Agora eu estou.

Kai ri, colocando o braço em volta de mim e me puxando para me juntar ao pessoal. — Um conselho, irmãozinho. Você provavelmente deveria pensar em perguntar à sua esposa falsa como ela se sente em relação a ser sua *esposa de verdade*, agora que ela está ficando.

Felizmente, essa conversa termina pouco antes de braços envolverem minha cintura por trás.

— Eles têm camisetas feitas com aerógrafo aqui — diz Kennedy, com a bochecha apoiada em minhas costas.

— Você está pensando no que eu estou pensando?

— Que deveríamos comprar uma para o Max com o nome dele?

— Oh. — Meu lábio se enrola. — Não, eu estava pensando que deveríamos comprar camisetas para casais. Você usa a minha. Eu uso a sua.

— Por que tenho a impressão de que você já deve ter feito isso?

— Estamos prontos — diz Travis na frente da fila. — Podemos levar o Max em nossa gôndola. Há espaço.

— Tem certeza? — Miller pergunta. — Você não se importa?

— Você quer ir com os meninos, Bug? — Kai dirige sua pergunta ao filho.

Max acena com entusiasmo, batendo palmas enquanto Cody o leva para a gôndola.

O restante da equipe se dispersa em várias outras, e Kai e Miller ficam com a sua, assim como nós.

Assim que a porta se fecha, Kennedy toma a iniciativa de deslizar para o meu colo enquanto estamos de frente para a janela. — Nunca andei em uma roda-gigante antes.

— O quê? — Eu rio. — Sim, você já andou.

Ela balança a cabeça negativamente, observando enquanto lentamente nos aproximamos do horizonte de Chicago. Demoro apenas um momento para registrar com quem estou falando. Às vezes, esqueço que Kennedy não teve uma educação normal. Que sua mãe pretensiosa não a levaria de jeito nenhum aos parques de diversões ou à feira local.

— Mas já cheguei perto uma vez.

— Ah, sim? Como assim?

— Meus pais tinham uma casa nos Hamptons e, em um verão, quando eu estava em casa, estávamos indo para uma grande festa que minha mãe havia organizado. Acho que eu tinha onze ou doze anos e não queria ficar sentada enquanto pessoas mais velhas fingiam que gostavam umas das outras. Então, enquanto o carro estava sendo arrumado para o fim de semana, fugi, peguei o metrô determinada a passar o fim de semana em Coney Island. Havia uma roda-gigante antiga lá. Parecia divertida e eu nunca tinha andado em uma.

— Você não fez isso.

Ela solta uma risada. — Eu fiz.

— Certo, rebelde. E você conseguiu?

— Não. No entanto, consegui chegar ao Brooklyn antes que um

dos motoristas da família me pegasse e me levasse direto para os Hamptons. Minha mãe nem sequer me repreendeu quando cheguei lá. Nem mesmo minha tentativa de fugir conseguiu chamar sua atenção. — Ela se acomoda novamente em meu peito. — Muitas pessoas se impressionavam com meu sobrenome, mas não foi muito divertido crescer como Kay.

Passo o braço ao redor de seu quadril, encontrando sua mão dobrada no colo para passar a ponta do meu polegar sobre seu anel. — Não me importa qual era o seu sobrenome, Kenny. Só me interessa qual é agora.

Ela dá uma risadinha. — Você sabe que meu sobrenome não é Rhodes, certo? Só porque somos casados, não significa que eu tenha adotado automaticamente o seu sobrenome.

— Bem, provavelmente deveríamos fazer algo a respeito disso.

Ela não responde. Assim como não respondeu quando eu disse que a amava.

E isso não é problema.

— Quando foi a última vez que você falou com sua mãe? — pergunto.

Ela dá de ombros. — Não falei. Não desde aquele jantar em Atlanta.

— De jeito nenhum?

Ela se acomoda novamente contra mim. — Ela tentou me dizer que minha *presença era obrigatória* no casamento de Connor e Mallory, mas Dean e eu decidimos que não iríamos. Não falei com ela desde então e não tenho planos de falar. Estou cansada de tentar ser perfeita para eles. De qualquer forma, eles não se importam, então estou tentando me concentrar no que me faz feliz.

Caramba, eu adoro isso.

— Estou orgulhoso de você, Ken.

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios. — Eu também.

— Falando em Dean, posso apenas expressar o quanto odeio que vocês dois estejam hospedados em sua casa enquanto ele está na cidade para esses próximos jogos?

— Três noites rápidas. Você nem vai perceber que eu fui embora.

Isso é uma grande mentira e ela sabe disso.

A roda nos leva até o topo da minha cidade favorita. O sol está se pondo no horizonte, lançando um tom quente e dourado sobre o Lago Michigan. Os reflexos dos edifícios estão claramente delineados na água.

— Eu adoro este lugar — digo a ela em voz baixa. — Chicago.

Ela simplesmente concorda com a cabeça.

— Você gosta? — pergunto, porque é isso que eu realmente preciso saber. Ela pode ficar aqui? Ela pode ser feliz aqui, mesmo que ficar não tenha sido sua primeira escolha?

— Eu não pensava muito nisso antes, mas recentemente me impressionou.

— Você está falando de mim ou da cidade?

— Eles andam de mãos dadas, na minha opinião. É uma espécie de pacote.

CAPÍTULO 32

Kennedy

Esta noite foi divertida.

Gosto de estar com o time, e tem sido bom passar tempo com eles dentro e fora do trabalho. Eu costumava ter muito medo de me meter em problemas por causa disso, tentando ser a funcionária perfeita. Mas agora, simplesmente não me importo.

Se o Dr. Fredrick fosse me demitir, já teria feito isso há muito tempo, mas ele sabe que não pode, porque não fiz nada que justificasse isso.

Bem, além de me casar com um de seus jogadores.

E ter feito sexo oral nesse jogador no banheiro do trabalho. Meu Deus, isso foi divertido.

— Ken! — Max grita, apontando para mim de onde está sentado nos ombros de seu pai. Ele não tem ideia do barulho que faz, graças aos protetores auriculares gigantes que colocou para proteger sua audição dos fogos de artifício que estão prestes a começar.

— Você está animado, Bug?

Ele apenas sorri para mim, incapaz de ouvir qualquer coisa que eu tenha a dizer, e eu sorrio de volta.

Um beijo pousa na parte superior do meu ombro enquanto Isaiah apoia as duas mãos na cerca de metal à minha frente, enclausurando-me. — Oi.

— Oi.

— Gosto quando você sorri, Ken.

— Eu também.

— Só para esclarecer, acho que você é linda o tempo todo, mas a felicidade fica muito bem em você.

Inclinando-me para trás, minha cabeça bate no meio de seu peito enquanto esperamos o início dos fogos de artifício.

Talvez ninguém nunca tenha deixado você se sentir segura e é por isso que você não é carinhosa.

Lembro-me claramente dessas palavras. Ele as disse na noite em que fomos jantar, quando lhe pedi que me ensinasse a ser melhor com a proximidade física.

Na época, eu não sabia, mas ele estava certo.

Com as mãos deslizando por seus bíceps, puxo seus braços para que se dobrem sobre mim no momento em que os primeiros fogos de artifício começam a voar. Há um suspiro coletivo maravilhoso quando a luz vermelha ilumina o céu escuro de Chicago.

— Você está, certo? — ele pergunta baixinho em meu ouvido enquanto o show começa. — Feliz.

Inclinando-me para vê-lo, a preocupação é evidente em seu rosto.

É claro que estou feliz, mas ele está se referindo a como me sinto por não ir para São Francisco, e não quero falar sobre isso agora.

Não quero falar de jeito nenhum.

— Venha comigo — falo, pegando sua mão e puxando-o para me seguir até o píer.

— Para onde estamos indo?

— Tenho um lugar diferente de onde quero assistir aos fogos de artifício. Um lugar onde posso lhe mostrar o quanto você me faz feliz.

A porta do meu apartamento nem se fechou e eu já joguei o boné que estava usando no chão e passei a camiseta pela cabeça.

— Bem, foda-se — ele diz.

— Exatamente. É exatamente isso que eu quero que você faça. Foda-me. — Atravessando a sala de estar, abro as cortinas, permitindo que elas emoldurem o show de fogos de artifício que ainda está acontecendo lá fora.

— Aqui mesmo.

Tirando os sapatos, desço o short pelas pernas, ficando apenas de sutiã e calcinha, bem aqui em frente à janela. Parecendo a mulher carente que sou.

Estou tão desesperada por ele que seria embaraçoso se eu não soubesse exatamente o que ele sente por mim.

Do outro lado da sala, Isaiah fecha a porta sem desviar o olhar de mim, com a língua molhando o lábio inferior enquanto olha para mim.

Lentamente, deliberadamente devagar, estendo a mão para trás e abro o sutiã.

— Feche a cortina.

— Não.

Sua mandíbula treme. — Kenny, estou pouco me lixando para a vista lá fora, mas tenho certeza de que não vou compartilhar essa sua visão com mais ninguém. Feche a maldita cortina.

Um sorriso rebelde surge quando deixo meu sutiã cair dos ombros.

— Kennedy.

— É um espelho de mão única, homem das cavernas. Nós podemos ver lá fora, mas eles não podem ver aqui dentro.

Passa um tempo antes que ele solte uma risada, mas é seca e sem

humor. Isaiah atravessa a sala de estar e vai até o bar, onde um uísque caro demais está em um decantador. Ele serve-se de um copo, encosta-se no balcão e leva o uísque lentamente aos lábios.

— Quer que eu foda você?

Com as mãos em meus seios, eu os aperto levemente, pois preciso de mãos em meu corpo, mesmo que sejam as minhas. — Achei que isso fosse óbvio.

Seus olhos estão grudados nos meus dedos enquanto eu mexo nos mamilos. Ele toma outro gole lento. — Mostre-me.

— O quê?

— Mostre-me onde você quer que eu foda.

Minhas bochechas se aquecem quando ele se senta para assistir ao seu show pessoal, com os fogos de artifício explodindo em luz atrás de mim.

Minhas mãos ainda estão percorrendo meus seios.

— Seus peitos perfeitos — diz ele. — Vou transar com eles hoje à noite. Mais alguma coisa?

Passo uma única mão pela barriga, deixando o dedo médio deslizar sobre a calcinha, sobre a boceta, provocando levemente o clitóris.

— Não consigo ver o que você está tocando, Ken.

— Estou tocando isso. — Usando o cós dos quadris, puxo a calcinha para cima com força, deixando o tecido escorregar entre a minha boceta, mas ainda sem mostrar tudo a ele.

— Provocadora.

Meu corpo sente seu olhar de apreciação do outro lado da sala quando começa a se mover e balançar por conta própria. Seus olhos estão grudados, concentrados apenas em mim, sem prestar atenção ao show lá fora. Ninguém jamais olhou para mim como ele olha. Nunca fui adorada como ele me adora. Nunca tive que questioná-lo, porque ele é tão firme em seus sentimentos por mim.

Mantenho minha calcinha, mas a empurro para o lado.

— Tire-a — diz ele antes de tomar outro gole.

Então, eu o faço, bem aqui na frente da janela, tiro as roupas e fico totalmente nua, enquanto Isaiah fica do outro lado da sala ainda totalmente vestido.

Meus dedos encontram meu clitóris novamente, e seus olhos saltam dos meus para o meio das minhas pernas e voltam. Ele sorri para mim como se soubesse de um segredo, como se estivesse orgulhoso de mim por estar nua e me dedilhando para ele.

— Você adora fazer tudo o que eu lhe digo para fazer quando está assim, não é? Carente e desesperada por isso.

Meu aceno de cabeça é frenético.

— Então coloque esse dedo dentro dessa sua boceta perfeita e me mostre exatamente onde você quer que eu foda você.

E eu o faço, deslizando meu dedo para dentro. Lentamente no início, apenas até a primeira junta.

Ele balança a cabeça. — Mais.

A segunda junta, e me balanço em minha mão com um gemido de lamento. Minha outra mão agarra meu seio e o aperta.

— Foda-se. — A frase sai como um sopro de ar antes que ele beba o líquido do copo, jogue-o vazio no sofá e atravesse a sala. Em três passos predatórios, ele me prende à janela.

Com as bochechas da bunda pressionadas contra o vidro e o dedo ainda na minha boceta, coloco-o dentro e tiro. É fácil demais. Estou molhada demais.

Isaiah observa entre nós, usando seu pé para afastar minhas pernas. Ele usa um único dedo indicador para deslizar pela parte interna da minha coxa, recolhendo minha excitação.

— Linda — ele murmura sua aprovação e, quando penso que ele vai colocar o dedo em sua própria boca, ele o pressiona contra a costura da minha. — Abra.

Eu abro.

— Você precisa provar isso, talvez então você entenda por que estou com tanta fome. Você tem gosto de paraíso.

Ele introduz o dedo em minha boca, e não hesito em lambar uma longa linha antes de chupar.

Quando ele tira o dedo da minha boca, é com um estalo lascivo, e imediatamente minhas mãos deslizam para sua cintura.

— Eu não disse para você parar de foder seu dedo, Kenny.

Paro por um instante antes de deslizar meu dedo de volta para dentro da minha boceta, apenas para adicionar rapidamente um segundo.

— Droga, você é tão boa. — Ele se apressa em tirar os sapatos e a calça, ficando apenas com a camisa. — Tão inteligente. Tão doce quando você quer ser. Tão minha.

— Sim — é tudo o que consigo dizer, com a cabeça jogada para trás contra a janela. Os estalos estrondosos dos fogos de artifício são apagados pelo orgasmo que está implorando para ser liberado. Meus dois dedos não são suficientes.

Meus olhos estão grudados em seu pau, a forma como ele trabalha em seu punho. Porra, ele já está duro.

Isaiah me vira de costas, com os seios pressionados contra o vidro. — Assista ao show, baby. Era isso que você queria fazer.

Eu gemo, rolando meu corpo contra a janela, com uma mão me apoiando contra ela e a outra trabalhando em mim mesma.

Mas então ele tira meus dedos da minha boceta e, em vez disso, desliza-os até meu clitóris. — Não pare de se tocar, está bem, Ken?

Ele me ajuda a circundar meu clitóris, usando as pontas de seus dedos para pressioná-lo contra o meu.

Minha expiração é quente, deixando uma película de neblina sobre a janela, mas isso não é nem de longe tão sujo quanto quando Isaiah bate a mão contra o vidro para se segurar, espalhando minha

excitação para que nós dois vejamos.

— Arqueie essa bunda para mim, querida.

Não hesito e, no momento em que mais fogos de artifício se erguem no céu, Isaiah encosta a cabeça de seu pau na minha entrada e, quando o estrondo retumbante ecoa ao nosso redor, ele se empurra para dentro.

— *Porra* — eu grito.

Ele se retira e empurra de volta com muita facilidade. Estou tão molhada, tão pronta para gozar.

Nem percebo quando meus dedos param de se mover. Estou tão concentrada na forma como o pau de Isaiah se enterra em mim, roubando-me o fôlego.

— O que eu disse? Continue esfregando seu clitóris.

Então, eu o faço, em círculos rápidos e apertados, porque já estou muito perto.

— Você sabe a sorte que eu tenho, Kennedy? — Eu choramingo contra o vidro. — Você entende o quanto é inteligente, o quanto é capaz, o quanto é especial?

Suas palavras me fazem ficar apertada em torno dele. Eu sei o que ele está fazendo. Ele está tentando aumentar meu ego depois daquele telefonema.

Está funcionando.

— Esperei muito, muito mesmo por isso. Você é a minha oração atendida. Sabe disso? — Meus dedos se movem freneticamente enquanto ele me fode por trás. — Você quer saber qual é a minha parte favorita dos últimos meses, além de poder foder essa boceta que foi feita para mim? É ver você se tornar real. Você sabe disso, Kenny? — Ele dá estocadas profundas, sempre me atingindo exatamente onde eu preciso. — A maneira como você sorri. A maneira como você ri *agora*. Porra, eu poderia gozar só de pensar nisso.

Os nós dos dedos ficam brancos quando ele fecha a mão em

punho contra o vidro, com a outra mão cravada no meu quadril, com as pontas dos dedos que certamente deixarão hematomas para que eu os encontre amanhã.

Inclinando-se sobre mim, sua boca encontra a curva do meu pescoço. — Deus, eu amo você.

Isso é tudo o que é necessário.

— Isaiah — eu grito, apertando-me em torno dele.

Nunca alguém havia dito essas palavras para mim antes. Nem uma única pessoa. Nunca tive alguém que tentasse fingir que estava falando sério.

Mas não tenho dúvidas de que ele me ama. É isso que permite que o orgasmo ofuscante me atinja, contorcendo-me contra o vidro, com os fogos de artifício do lado de fora parecendo realmente inconsequentes em comparação com os que estão assolando meu corpo.

— Porra, você está pulsando — diz ele, ainda enterrado profundamente dentro de mim.

Eu estou e, quando termino, ele desliza lentamente para fora de mim.

— Tão linda — sussurra, com os dedos enfiados em meu cabelo quando me puxa gentilmente para virar meu rosto para ele.

Ele me beija aqui mesmo, recém-fodida e encostada na janela.

Mal percebo quando ele me vira e me coloca de joelhos. Estou concentrada demais nos tremores do meu orgasmo, mas me sento com as pernas trêmulas e cansadas, com os olhos encapuzados fixos em seu pau brilhante.

Seus lábios se inclinam com malícia enquanto ele olha para mim. — Já é hora de você se ajoelhar para mim. Passei os últimos três anos de joelhos para você.

Eu ergo minha cabeça. — Eu adoro ficar de joelhos para você.

— Mmm — ele cantarola, com os dedos e o polegar mantendo

meu queixo erguido e minha atenção voltada para ele. — E você é linda aí embaixo.

Ele mantém os olhos em mim enquanto usa uma única mão para tirar a camisa, jogando-a em algum lugar da sala.

— Lembre-me novamente do que você não gosta nesses seios. — Ele testa o peso, seu polegar circulando meu mamilo pontudo.

— Eles são pequenos.

— Hmm. — Agachando-se por um momento, ele desliza dois dedos em minha boceta sensível, recolhendo meu esperma. — E por que você acha isso?

Porque me diziam isso constantemente.

Mas não me atrevo a dizer seu nome enquanto estou ajoelhada diante do homem com quem sou casada, ainda no auge do pós-orgasmo.

— Você não vai me contar? — ele pergunta enquanto se levanta, usando meu esperma para pintar meu peito. Ele o admira como se tivesse acabado de criar a próxima obra-prima artística. — Tudo bem. Não tenho nenhum problema em provar que você está errada. Agora junte esses peitos lindos.

Mais uma vez, faço o que ele diz e, quando ele dá um passo à frente, desliza seu pau por baixo dos meus seios e o enfia no canal apertado.

Puxa vida.

Uma gota de sêmen me tenta a lambê-la, sempre que sua ponta escorrega pela minha mão.

— Porra, isso vai ser rápido.

Nunca vi nada parecido com ele. Tão desequilibrado, tão desesperado enquanto observa a maneira como desliza em mim.

— Você quer que eu lhe vire? — pergunta ele, entre respirações difíceis. — Você está perdendo o show.

De costas para o píer, olho para cima e digo: — Este é o único show que quero assistir no momento.

— Deus — ele exala, com a palma da mão deslizando sobre minha cabeça. — A melhor garota.

— Sua *única* garota — eu o corrijo.

— Pode ter certeza que sim.

Com os ombros para trás e me exibindo completamente, deixo que ele me foda.

É sexy. É tão sexy a ponto de eu não ver como é possível que fique insegura em relação aos meus peitos novamente. Sempre que eu me questionar, vou me lembrar da forma como seu pau pulsou contra eles, da forma como ele cerrou os dentes pouco antes de gozar. A maneira como ele gemeu meu nome enquanto a porra branca e quente decorava meu pescoço e queixo.

Seus movimentos bruscossos continuam, seu pau se contorce quando ele se aproxima. E o som que ele faz, Deus, nunca vou me esquecer desse gemido profundo e gutural.

Com os braços cruzados sobre o vidro, Isaiah deixa a cabeça cair sobre os antebraços, com o peito erguido enquanto se eleva sobre mim.

— Porra, isso foi gostoso — ele suspira contra a janela, olhando para mim.

Mantendo contato visual, pego o esperma dele do meu pescoço e o trago para baixo para circundar meu mamilo, esfregando-me enquanto ele observa com olhos castanhos famintos.

— Jesus Cristo, Kenny. Juro que, se já não tivesse casado, eu me casaria com você.

Coloco meu lábio entre os dentes em um sorriso. — Somos dois.

CAPÍTULO 33

Isaiah

— Se ainda estiver machucando você esta noite, posso massagear mais tarde.

Minhas sobrancelhas se franzem de interesse quando me sento ereto na mesa de treinamento.

— Tire sua cabeça da sarjeta, Rhodes. — Kennedy fica entre minhas pernas abertas, enrolando o plástico na diagonal no meu tronco para manter a bolsa de gelo presa. — Se o seu *ombro* ainda estiver incomodando quando chegar em casa, posso ir até lá e trabalhar nele antes de dormir.

— E se meu pau ainda estiver doendo quando eu chegar em casa?

— Você tem duas mãos.

Com a boca aberta, coloco minha mão na parte de trás de sua coxa e a puxo para mais perto.

— Entendemos — resmunga Monty. — Vocês estão se curtindo. O que aconteceu com o profissionalismo no trabalho?

— É evidente que eles não são muito bons em seguir essa regra. — Reese entra na sala de treinamento, com salto alto e saia lápis em pleno vigor hoje. — Emmett, preciso falar com você em sua sala, por favor.

Ela passa por ele e entra em seu escritório, com os cabelos loiros balançando a cada passo. Monty fica parado, com os braços cruzados sobre o peito, como se tivesse a opção de não a seguir. Ele respira fundo pelo nariz antes de se lembrar de que quer manter seu emprego

e a segue até o escritório, fechando a porta atrás de si.

— O que é isso? — pergunta Kennedy.

— Não tenho certeza, mas ele tem estado de mau humor ultimamente. Disse que Reese o tem lembrado constantemente de que ele deve renovar o contrato no próximo ano.

— Eles não querem dispensar Monty. O histórico de seus rapazes desde que ele se tornou o técnico de campo é bom. Até ótimo. E todos o adoram.

— Todos, além dela, e a partir do próximo ano, a opinião dela é a única que vai importar.

Kennedy guarda o rolo de plástico, com um sorriso nos lábios enquanto faz isso.

— Você está animada com isso, não é?

— Não se trata de ela não gostar de Monty, mas estou ansiosa para que ela assume o cargo. Se olharmos para os aspectos positivos, vou trabalhar para a primeira proprietária de equipe mulher da MLB.

E ela deveria ser a primeira médica da equipe.

Aí está aquele sentimento contraditório novamente. Sim, Kennedy vai ficar aqui. Podemos continuar fazendo o que estamos fazendo, mas a pessoa que eu amo perdeu uma oportunidade pela qual esperou durante toda a sua vida adulta.

— Rhodes — Sanderson, o outro treinador esportivo, chama. — Alguém está no corredor para ver você.

Olho de volta para Kennedy, confuso.

— Quem é? — ela pergunta para mim.

— É uh.... — Sanderson hesita. — Dean Cartwright.

Solto uma gargalhada. — Sim, claro que não.

— Isaiah.

— Kenny, não discuti com ele durante o jogo de hoje. Ainda

tenho que lidar com ele por mais duas vezes nesta série. Você não vai dormir na minha cama porque ele está aqui. O que mais você quer de mim?

— Quero que você converse com ele.

Ela permanece firme, mantendo meu contato visual.

Já estou irritado porque ela ficou na casa dela ontem à noite para ficar com ele, e agora ele quer falar comigo?

Cada parte de mim está querendo gritar não. Que se dane esse cara. Mas eu realmente não sei como dizer não a essa garota. Nunca soube.

— Tudo bem — eu bufo. — Mas só estou aceitando favores sexuais como agradecimento de sua parte.

Com um pequeno sorriso nos lábios, ela balança a cabeça para mim e sai para trabalhar com outro dos meus colegas de equipe.

Com apenas uma bolsa de gelo e uma bermuda, saio da sala de treinamento e encontro Dean encostado no corredor, esperando por mim.

— O quê? — pergunto, ficando do meu lado do corredor, o mais próximo da porta, para que eu possa sair assim que ele disser alguma besteira que sei que não vou gostar.

Ele limpa a garganta. — Eu preciso me desculpar.

Isso faz com que minha cabeça gire em sua direção, com uma única sobancelha levantada.

— Kennedy me deu uma bronca. Ela descobriu os detalhes de nossa pequena rivalidade de infância.

Ela fez isso?

Tento parecer indiferente. — Bem, eu não disse nada a ela.

— Não o culparia se tivesse dito. — Há uma pausa pesada, o foco de Dean está no carpete sob seus pés, claramente desconfortável. — A verdade é que eu era um pouco ruim naquela época.

— Ainda é.

Seus olhos se voltam para os meus em advertência. — Ainda sou, às vezes, mas eu ficava com raiva quando era criança e descontava em você. Então... sinto muito.

— Qual é o gosto dessas palavras?

— Muito ruim.

— Bem, eu realmente não me importo mais, então tanto faz.

— Sim, você se importa — diz ele. — E você deveria. Foi uma bagunça. Eu mexia com você porque podia, e isso me fazia sentir melhor quando quase todo o resto da minha vida me fazia sentir uma merda.

Do outro lado do corredor, eu o observo, procurando por qualquer sinal de besteira, que é a única coisa que sai da boca de Dean Cartwright.

Só que, desta vez, ele parece sincero.

— Jesus. — Dou uma risada. — O que diabos o Kennedy disse a você?

— Sim, ela está muito irritada. Disse que ficaria mais do que feliz em terminar nosso relacionamento se eu não pedisse desculpas, então aqui estou eu, pedindo *desculpas*.

Eu o afasto. — Você está bem. Vou dizer a ela que você fez isso.

Volto para a sala de treinamento, mas ele me impede.

— Mas sinto muito — diz ele. — Desculpe-me por isso. Sei que você provavelmente não vai acreditar em mim, mas não sou mais aquele cara. Bem... — Ele balança a cabeça de um lado para o outro. — A menos que meu pai esteja por perto. Ele tende a trazer à tona o que há de pior em mim.

— Sim, sua família é uma droga.

— Nem me fale. Tirando Kennedy, todos eles são horríveis. E eu não entendia como minha vida era uma merda e a sua não. Você tinha

tudo o que eu queria, e eu o odiava por isso.

— Eu? — pergunto incrédulo. — Eu não tinha nada. Você era o único com todos os melhores equipamentos de beisebol. Carros novos. Porra, você até pegou todas as garotas que eu já tinha gostado. Eu ia aos jogos em um ônibus urbano. Eu dividia o equipamento com meu irmão e, na maioria das vezes, ele nem cabia.

— Você tinha um irmão que se importava com você. Que faria qualquer coisa por você, e você faria o mesmo por ele. As pessoas amavam você.

Eu poderia tentar argumentar contra o fato, mas ele não está errado. Kai e eu faríamos qualquer coisa um pelo outro, e eu sempre tive a necessidade desesperada de me tornar agradável para as outras pessoas. Do ponto de vista de Dean, eu era um cara naturalmente agradável, mas ele não sabia que passei minha vida inteira me tornando fácil de digerir. Sempre trazendo diversão e risadas, mesmo quando eu não queria necessariamente fazê-lo.

— Meu pai jogava seu cartão de crédito em mim para compensar a ausência — continua. — E no único jogo em que ele foi, jogamos contra vocês, e ele não teve nada para dizer para mim depois, mas elogiou vocês. Eu o odiei por isso. Eu descontei em você por um longo tempo e sinto muito por isso.

Do outro lado do corredor, Dean estende sua mão para que eu a aperte.

— Droga. Kennedy realmente fez um estrago em você, não é?

— Eu nunca a vi tão brava.

Por ela, quero perdô-lo, mas ainda mais por mim mesmo. Eu simplesmente não me importo mais, não quando sinto que finalmente tenho tudo o que sempre quis.

Então, aperto sua mão.

— O quanto você ficou chateado quando descobriu sobre nós? — pergunto, com um tom divertido.

— Oh, nem me faça começar. Eu finalmente tinha alguém nessa família fodida com quem eu gostava de conviver e ela vai e se casa com você, entre todas as pessoas. — Ele solta uma risada, balançando a cabeça em descrença. — Eu fiquei furioso. E não só porque era você, mas por causa do que ela passou, só para acabar casada com alguém com quem ela não queria estar.

— Entendo.

— Mas você não sabe, Rhodes. Não sei o que ela lhe contou sobre como foi crescer do jeito que cresceu, mas eu tive de ficar sentado e assistir a tudo. Nos primeiros anos, quando nossos pais fizeram os primeiros arranjos para que ela se casasse com Connor, ela costumava chorar até dormir à noite. Eu ouvia o choro através da parede do meu quarto e, todas as manhãs, ela agia como se nada tivesse acontecido. Quando nos aproximamos o suficiente, ela finalmente admitiu o quanto era infeliz, mas ao mesmo tempo, disse que não sabia o que era felicidade. *Isso não é muito ruim?*

Ela está feliz agora, tento me lembrar.

Claro, ela não conseguiu o emprego com o qual sonhava. Não teve o recomeço que queria. Não conseguiu tentar namorar.

Mas ela me tem, e parece feliz. Certo?

— Um dia — continua Dean — ela teve coragem de implorar à mãe que a deixasse sair daquele acordo, e ela é muito perfeccionista, você sabe. Isso inclui todos os anos que ela passou tentando ser a filha perfeita, então você pode imaginar como foi difícil para ela fazer isso.

— Nunca vi alguém ser repreendido verbalmente como ela foi. Ela foi chamada de egoísta, ingrata. A lista continua. E, é claro, eu me sentia culpado, porque a única razão pela qual ela estava naquela situação era por minha causa. Eu não queria assumir os negócios da família, então ela teve que se casar com alguém que quisesse.

Meu estômago se revira ao imaginar aquela pequena e infeliz menina de cabelos ruivos.

Ela está feliz agora, repito para mim mesmo.

— Não consigo explicar como fiquei aliviado quando ele terminou tudo — diz Dean. — Ela finalmente teve um pouco de liberdade para fazer o que quisesse, o que a deixasse feliz. Ela finalmente teve espaço para descobrir o que era felicidade para ela e, pela primeira vez na vida, teve permissão para tomar suas próprias decisões. Então, você pode imaginar como fiquei furioso quando descobri que vocês se casaram e, de repente, Kennedy estava presa em outro relacionamento que ela não queria.

Suas palavras me atingem em cheio no peito.

Eu fiz isso. Eu a prendi em um relacionamento que ela não queria. Não lhe dei a anulação que ela queria. Criei o esquema para salvar seu emprego. E para quê? Ela não conseguiu o emprego dos seus sonhos e agora está presa a trabalhar para aquele médico de merda de novo.

Nos últimos dias, tenho sido egoísta pra caramba, aproveitando a ideia de que posso ter tudo. Ela, esta cidade, minha família. *E o que ela ganha?*

— Pelo que ela me disse, ela queria recomeçar em uma nova cidade, conseguir o emprego que merecia e, algum dia, com sorte, conhecer alguém. Então, sim, fiquei chateado quando descobri que, mais uma vez, tudo isso foi tirado dela. Mas eu estava errado. É evidente que ela não se sente presa. Claramente, ela quer ficar com você.

— Não sei quanto a isso. — Meu tom não tem inflexão, meus olhos estão fixos no chão. Estou parado aqui como um zumbi, enquanto muitas realidades que eu não queria ver estão se tornando realidade. — Talvez ela simplesmente não tenha outra opção.

— Do que está falando? Ela recusou aquela oferta de emprego em São Francisco para ficar com você. Ela tinha outra opção e não quis aceitá-la.

Minha atenção volta à vida. — Do que está falando?

— O emprego que ela não aceitou. Eles ligaram na semana passada e lhe ofereceram o cargo. Queriam que ela começasse a

acompanhar o médico da equipe atual imediatamente. Ela recusou.

Isso não pode ser verdade.

— Que dia foi esse? Terça-feira?

Ele pensa por um segundo. — Sim, acho que sim. Ela disse que estava na sala de treinamento com você quando ligaram.

Mas que porra é essa?

Em que porra de mundo ela pode recusar uma oportunidade como essa por mim? Desde o momento em que conheci Kennedy, ela sempre trabalhou para se tornar uma médica-chefe. Porra, até mesmo para se tornar uma segunda médica. Qualquer coisa para sair do cargo atual para o qual ela é superqualificada. Qualquer coisa para deixar de trabalhar com o Dr. Fredrick.

Ela não pode tomar uma decisão tão precipitada do nada. Eu sou o impulsivo. Ela é a planejadora. Ela vem planejando essa mudança o ano todo.

E o quê? Ela está ficando por minha causa?

Put a merda. Eu disse a ela que a amava pouco antes de ela atender ao telefonema.

Sempre me preocupo com o fato de as pessoas não ficarem por perto quando virem meu verdadeiro eu. Quantas vezes eu disse isso a ela?

Ela está tentando ficar por mim.

— Droga — Dean pragueja. — Você não sabia.

Sem olhar para ele, sacudo lentamente a cabeça em negativa. — Agora eu sei.

CAPÍTULO 34

Kennedy

— Boa noite, Srta. Kay. Seja bem-vinda — cumprimenta-me a senhora que trabalha na recepção do meu caríssimo condomínio. — Você vai ficar em casa novamente esta noite? Gostaria que eu preparasse uma entrega de jantar para você?

Com minhas chaves penduradas na mão, não paro para conversar enquanto atravesso o corredor até o elevador. — Hoje não, mas obrigada! Vou só pegar algumas coisas e já estou indo.

Ela me dá seu melhor sorriso de atendimento ao cliente. — É claro. Por favor, avise-nos se precisar de ajuda com suas coisas.

— Obrigada! — falo assim que as portas do elevador se fecham.

Os funcionários do saguão são todos gentis e muito prestativos, o que faz sentido, já que este é um dos edifícios mais caros da cidade. Mas não posso deixar de me perguntar o que eles pensam do fato de eu entrar todos os dias para pegar roupas antes de sair para ir para a casa de Isaiah minutos depois.

Além das últimas noites em que Dean ficou aqui, não consigo me lembrar da última vez em que dormi aqui. Este lugar não parece mais um lar. Nunca foi, suponho, mas especialmente agora que tanto Isaiah quanto seu apartamento parecem ser a coisa mais próxima de um lar que já senti.

A maioria das minhas coisas está lá, mas ainda não conversamos sobre tornar essa situação permanente. Até a semana passada, eu não estava nem pensando em morar em Chicago, muito menos com ele.

Mas agora, agora as coisas estão diferentes. Agora eu vou ficar, e nenhum de nós teve coragem de iniciar essa conversa. Agora que nosso joguinho acabou, o que estamos fazendo?

E depois há mais uma conversa importante que precisamos ter. Algo que *preciso* lhe dizer. Que, de fato, ofereceram-me o cargo de médica-chefe em São Francisco e que decidi não o aceitar.

Eu estava pensando na opção há dias. Essa oferta era tudo o que eu sempre quis, tudo o que eu achava que estava procurando. Uma nova cidade com a chance de conhecer novas pessoas. A oportunidade de descobrir que tipo de felicidade poderia encontrar com minha nova liberdade.

Mas não precisei ir para uma nova cidade para encontrar o que estava procurando, porque durante todos esses anos, ele estava bem na minha frente.

Quando Isaiah me disse que me amava, eu sabia que tinha encontrado. Ele não disse isso com a expectativa de receber uma resposta. Não disse isso com a esperança de que mudaria nosso resultado quando a ligação chegasse.

Mas foi o que aconteceu.

Pela primeira vez em minha vida, não foi difícil acreditar que alguém pudesse sentir isso por mim, porque ele havia passado meses me mostrando. Suas palavras foram simplesmente um lembrete do que eu já sabia.

Isaiah me ama.

Tanto que, se eu tivesse dito a ele que havia conseguido o emprego e recusado, ele não teria me deixado ficar. Portanto, não dei a ele essa opção.

Antes dele, a solidão era confortável. Era a única coisa que eu conhecia. Eu me divertia de todas as formas possíveis. Tentando me convencer de que não havia problema em viver dessa forma. E agora tenho a chance de ter um futuro em que talvez não esteja tão sozinha, e não quero estragar tudo.

Então, recusei o trabalho.

Por ele. Mas também por mim.

Não o tenho visto tanto quanto gostaria nos últimos dias. A equipe de Atlanta esteve na cidade para a série contra os Warriors, e Dean ficou em meu apartamento, mas hoje é a noite em que poderei voltar para a casa de Isaiah.

Ao destrancar a porta da frente da minha casa, jogo minhas chaves na mesa de entrada e vou direto para o meu quarto. Com uma bolsa aberta na cama, arrumo as coisas. Roupas íntimas, meias, o que mais vou precisar, e levo comigo o suficiente para não ter de voltar aqui por um tempo.

É tranquilo aqui, nesta enorme cobertura com grandes janelas com vista para a cidade e pisos de mármore que ecoam o silêncio.

E *odeio* isso.

Quero estar aquecida na cama de Isaiah, ou estar com Miller em um jantar de família, ou ouvir os caras falando mal uns dos outros na sala de treinamento.

Quero estar em um lugar que me faça sentir bem e certamente não é neste apartamento que minha família possui.

Continuando a fazer as malas, ligo a TV para ouvir um pouco de barulho de fundo, na esperança de que ela possa abafar o silêncio até que eu possa sair daqui. A estação está sintonizada na mesma que deixei na noite passada, que é uma rede da MLB que exhibe continuamente os destaques dos jogos ao longo do dia, com alguns comentários de analistas de beisebol.

É isso que está acontecendo agora. Quatro pessoas estão sentadas ao redor de uma mesa em arco, analisando os possíveis resultados com a proximidade do prazo final de negociação na liga. Eles falam sobre as equipes que não estão nas eliminatórias e que vão se desfazer de jogadores que serão liberados na baixa temporada. Eles falam sobre o que algumas das equipes que vão para os playoffs estão procurando.

Então eles dizem um nome que eu nunca esperei ouvir.

— Isso acabou de chegar à minha mesa — diz um deles. — E quem sabe se é verdade, mas estão circulando rumores de que Isaiah Rhodes, do Windy City Warriors, está interessado em uma troca.

Congelo aqui mesmo, com um par de meias pendurado em uma mão e uma legging limpa na outra.

— Não é possível que isso seja verdade — sugere outro. — De jeito nenhum os Warriors o deixariam ir embora. Ele está trabalhando com a média de rebatidas mais alta da carreira este ano, e eles estão atualmente em uma posição bastante segura na pós-temporada.

— E ele está jogando com seu irmão.

— Exato. Mas Kai Rhodes vai se aposentar no outono, e Isaiah tem uma opção de renovação na próxima temporada. Talvez ele esteja procurando outros clubes, querendo sair de Chicago. Duvido que ele vá a algum lugar no meio da temporada, mas existe a possibilidade de ele ir para outro lugar no ano que vem se a oferta certa aparecer.

— Novamente, nada está confirmado, mas tem havido algum barulho na liga nas últimas 24 horas e, normalmente, onde há fumaça, há fogo.

Estou congelada em meu quarto.

Que diabos está acontecendo?

Ele não quer ir embora. Não tem condição.

E se esses rumores forem verdadeiros, por que ele iria querer ir embora?

Todos os seus amigos estão aqui. Sua família. Seu irmão. Ele adora jogar para Monty.

E eu.

Eu fiquei aqui por ele.

Por ele.

Eu fiquei aqui por ele, mas durante toda a temporada, nós dois pensamos que eu iria embora. Durante todo esse tempo, sabíamos que nosso casamento era temporário. Um dia nosso jogo acabaria.

Mas eu fiquei, e agora ele está tentando ir embora.

Sim, eu sei que Isaiah me ama, mas ele não se comprometeu a ficar para sempre. Ele se inscreveu para o agora.

Tantos pensamentos intrusivos estão se infiltrando em minha mente e, em vez de me deixar acreditar neles, caio na cama e pego o telefone para ligar para ele.

Ele não atende.

Tento novamente e, quando o telefone vai para o correio de voz, as mensagens começam a chegar.

Miller: *Que diabos está acontecendo?*

Kai: *Onde está Isaiah? Ele não está atendendo.*

Cody: *Esses rumores são verdadeiros?*

Miller: *Kai está enlouquecendo.*

Travis: *Você já ouviu falar sobre o que está acontecendo?*

Kai: *Ken, preciso que você diga ao meu irmão para me ligar agora mesmo. Ele não está atendendo ao telefone.*

Minha mão está tremendo enquanto leio as mensagens recebidas. Claramente, há verdade suficiente por trás do que foi dito para que até mesmo seu irmão saiba que algo está errado.

Acho que vou vomitar. *E por que diabos ele não atende ao telefone?*

Vou chamá-lo novamente quando batem à minha porta. Saio da cama e corro para abri-la, sabendo exatamente quem vou encontrar do outro lado.

CAPÍTULO 35

Isaiah

A porta se abre em um movimento rápido e frenético.

Os olhos de Kennedy estão arregalados e sua respiração está pesada.

— O que há de errado? — pergunto rapidamente. Dou um passo para dentro de seu apartamento, e ela se retrai instantaneamente, mantendo a distância. — O que está acontecendo?

— É verdade?

— O que é verdade?

— Você vai analisar as opções de contrato quando a temporada terminar? Ou pedir uma troca? Ou o que quer que seja que eles estejam falando?

Porra.

Meus olhos arregalados refletem os dela, meus lábios se separam sem palavras para dizer.

— Oh, meu Deus. — Uma única mão trêmula cobre sua boca. — É verdade.

— Onde você ouviu isso? — Tirando meu celular do bolso de trás, encontro inúmeras chamadas e mensagens perdidas. Dela, do meu irmão e dos meus colegas de equipe. — Merda.

— Estava na TV. Eles estavam discutindo rumores de negociação e seu nome apareceu.

Fechando os olhos, exalo um longo suspiro. — Meu maldito

agente não sabe como manter sua maldita boca fechada.

Liguei para ele ontem mesmo para falar sobre a possibilidade de eu entrar na free agency na próxima temporada, se a oferta certa aparecesse.

Mas ele também sabe que vai receber um pagamento enorme no próximo contrato que eu assinar, e não consegui guardar essa notícia para si mesmo nem por vinte e quatro horas.

Deixando cair o envelope de papel pardo que trouxe comigo na mesa de entrada, tento entrar em seu espaço novamente. — Ken...

Ela se encolhe. — Não me toque.

Meu estômago se afunda com essas palavras, com a maneira como ela reage. Isso me deixa no lugar.

Isso vai ser muito mais difícil do que eu imaginava. Foi ela quem mentiu sobre a oferta de emprego e agora, de repente, acha que não pode confiar em mim. — Eu queria ser o único a lhe contar, a lhe explicar.

— Você está terminando comigo?

Mas que porra é essa?

— O que você acabou de dizer?

— Você está querendo sair de Chicago por minha causa? Sei que isso deveria ser apenas temporário e que eu é que deveria ir embora, portanto, se está fazendo isso porque não quer ficar comigo...

— De jeito nenhum você está questionando se eu quero ficar com você. De jeito nenhum.

— Eu só...

— Nem pense em tentar justificar alguma situação ridícula sobre eu estar fugindo de você. Não quero ouvir isso. Eu amo você. Você sabe que amo. Continuarei a amar você, esteja você em São Francisco ou em qualquer outra cidade. Isso não vai mudar, mas com certeza você não vai ficar em Chicago, Kennedy.

Ela fica ali, atônita e sem palavras. Os lábios beijáveis se separam em confusão.

— Não estou indo para São Francisco. Não consegui.... do que está falando?

— Sim, você conseguiu! — Levanto minhas mãos. — Eu sei que quando eles ligaram para você, ofereceram o emprego e você recusou. Mas você vai embora. Não posso deixar você ficar aqui por minha causa.

Olhos nervosos passam por mim. — Como... como você descobriu?

Meus ombros caem diante de sua admissão, e minha respiração me deixa em um sopro.

Portanto, é verdade.

— Dean.

— Maldição, Dean. — Com os olhos fechados de frustração, ela começa a andar pela sala. — Achei que a conversa dele com você duraria dois minutos. Achei que ele seria completamente falso e que vocês dois voltariam a se odiar logo em seguida. Eu nunca teria contado a ele se soubesse que ele contaria a você.

— E graças a Deus que ele fez isso! O que você está pensando, Kennedy?

— Estou pensando que não quero ir! Está bem? Eu não lhe contei porque sabia que você reagiria assim.

— Pode ter certeza de que vou reagir assim! Não vou deixar que você jogue fora tudo o que conquistou sem sequer pensar no assunto. — Aproximando-me dela, pego seu rosto com as duas mãos, não permitindo que ela hesite em meu toque. — Kenny, desde o dia em que conheci você, essa é a única coisa que você sempre quis. Na primeira conversa que tivemos, você pediu meu conselho sobre se deveria aceitar o emprego em Chicago. Bem, estou lhe dando esse mesmo conselho agora. Aceite o maldito emprego.

Sua expressão se suaviza, como se minhas palavras estivessem finalmente se encaixando e lembrando-a de quem ela é e pelo que trabalhou.

Passo o polegar em sua maçã do rosto. — Você não pode ficar aqui, baby.

— E por que não?

— Porque você vale mais do que a forma como foi tratada nos últimos três anos, e eu amo você o suficiente para garantir que saiba disso. Amo o suficiente para garantir que você comece a viver de acordo com seu potencial.

Observo a maneira como seus olhos se movem entre os meus, catalogando cada coisa de merda que o Dr. Fredrick fez ou disse a ela ao longo dos anos.

Observo o amanhecer da percepção.

Observo a aceitação tomar conta dela.

É ao mesmo tempo aliviador e devastador ver isso.

— Você tem que aceitar esse emprego, Kenny. Acho que eu não conseguiria viver comigo mesmo se você não aceitasse.

Soltando minhas mãos dela, dou um passo para trás, dando-lhe espaço para pensar claramente sem que eu interfira.

— Tudo entre nós mudou tão rapidamente. — *Para ela*, quero acrescentar. Não para mim. Eu sempre soube o que sentia por ela. — Você é uma planejadora, mas não planejou isso. E preciso que pare um pouco para pensar sobre isso. Pense *de verdade*. Pense em *nós*.

Seus olhos estão começando a brilhar, minha garota às vezes fria que é tão calorosa comigo.

Mas posso garantir que o que estou prestes a dizer é mil vezes mais doloroso para mim do que para ela ouvir. São palavras que nunca pensei que me pegaria dizendo.

— Quando começamos o jogo, era exatamente para esse final. Chegamos aqui. O jogo acabou, mas não estou jogando há muito

tempo. Isso é real para mim. Eu amo você. Você é a pessoa com quem quero ficar pelo resto da minha vida, mas sei que naquela noite em Las Vegas, você não queria me escolher. — Minha garganta fica apertada com a admissão. — Então o jogo mudou, e tudo se resumia a você se sentir pronta para o que viria a seguir. Não era para ser eu, Ken. Você nunca quis que fosse eu, e tudo bem.

— Isso não é mais verdade. — A primeira lágrima cai por sua bochecha sardenta, e eu a espelho com uma das minhas.

— Não quero prendê-la — continuo.

— Você não vai!

— Kennedy — eu exalo calmamente. — Você nunca teve a oportunidade de escolher sua pessoa. Nem com ele, nem comigo. Eu preciso que você tenha uma escolha.

Pego o envelope da mesa.

Seus olhos o rastreiam antes de finalmente perguntar: — O que é isso?

— Você sabe o que é isso.

— Isaiah...

Ofereço-lhe o envelope, mas ela se recusa a aceitá-lo.

— Preciso que você tenha uma saída. Esse sempre foi o plano, e não vou usá-lo contra você se assinar isso. Para começar, você nunca quis se casar comigo. Preciso que entenda que, seja o que for que queira que aconteça em seguida, você tem essa opção. Se quiser ir para São Francisco sozinha e começar a vida que tanto deseja, assine isso. Se você for e quiser que fiquemos juntos, ótimo. Terei prazer em lidar com a distância. E se você quiser ir e quiser que eu vá com você, vou me esforçar ao máximo para que isso aconteça. É por isso que esses rumores de troca estão circulando. Liguei para o meu agente e disse a ele que estaria aberto a uma oferta do San Francisco na próxima temporada, se fosse isso que você quisesse. Mas eu só iria para onde você está indo e somente se você me quisesse lá.

As lágrimas estão escorrendo por todo o seu rosto agora.

— Você nunca teve voz ativa em sua própria vida, e a última coisa que vou fazer é tirar isso de você novamente. Todas as opções são suas, Kenny. Seja o que for que você queira fazer, eu serei seu maior apoiador. Mas eu não conseguiria viver comigo mesmo se não lhe desse espaço para cumprir suas metas, para viver de acordo com tudo pelo que você trabalhou tão arduamente.

Seu lábio inferior está trêmulo por causa das lágrimas e, quando entro em seu espaço novamente, ela me encontra no meio do caminho, puxando minha camisa para me colocar em seu nível.

Ela me beija. E eu quero dizer, ela me beija.

Profundamente, e com tudo o que ela tem. Como agradecimento ou como despedida, não tenho certeza, mas a ideia de que poderia ser a segunda opção faz com que meu medo fale por mim, incapaz de ouvir sua decisão nesse exato momento.

— Tire o fim de semana — sussurro contra seus lábios.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Por favor, Ken — eu peço. — Entre no jogo mais uma vez por mim. Tire o fim de semana.

— Eu não quero.

— Eu sei, mas você precisa.

Ela hesita, usando as costas das mãos para limpar o rosto antes de fazer um leve aceno com a cabeça.

Cada parte de mim está gritando para lembrá-la de que a amo mais uma vez, mas da última vez que lhe disse isso antes de uma decisão importante, ela baseou essa decisão em mim.

Desta vez, preciso que ela escolha por si mesma.

É o que me faz encostar meus lábios nos dela mais uma vez antes de deixar os papéis do divórcio sobre a mesa e fechar a porta atrás de mim quando saio.

CAPÍTULO 36

Isaiah

Bato e espero, com as mãos apoiadas nas bordas do batente da porta, porque meu corpo parece pesado demais para se sustentar. Tentei ir para casa, mas assim que entrei no estacionamento, dei ré e vim para cá. Não queria ficar lá sozinho.

Eu fiz a coisa certa com Kennedy. Sei que fiz, mas isso não torna as coisas mais fáceis, sabendo que dei a ela a opção de não estar comigo.

Normalmente, escondo os momentos ruins, tranco-me em meu apartamento para que ninguém os veja. Merda, esconder-me no banheiro feminino enquanto estava tendo um dia ruim foi o que me trouxe aqui em primeiro lugar.

Mas estou cansado disso. Estou exausto de tentar convencer os outros de que sou inquebrável. Que sou a pessoa divertida que não se preocupa muito com a vida, que não leva nada muito a sério.

Sou frágil e, no momento, estou em meu ponto de ruptura.

Por isso, vim para cá em vez de me esconder.

— Espere um pouco. Tem alguém na minha porta — ouço Monty dizer antes de abrir a porta, com o telefone encostado no ouvido. Ele olha para mim por um momento antes de exalar um suspiro de alívio. — Ele está aqui. Eu ligo para você depois. — Ele desliga o telefone para me dar toda a sua atenção. — Que diabos está acontecendo, Isaiah?

— Posso entrar?

Ele me olha, provavelmente notando como estou arrasado, antes de abrir totalmente a porta para que eu entre. Mal consigo entrar e ele já está segurando minha nuca para me abraçar.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Não exatamente. — Dou alguns tapinhas em suas costas e o abraço em troca, antes de me afastar.

Com uma mão estendida em meu ombro, posso senti-lo tentando me ler, tentando descobrir o que está acontecendo. — Vamos — diz ele, acenando com a cabeça em direção ao seu sofá.

Eu caio nele, deixando meu corpo pesado afundar nas almofadas. Monty vai até a cozinha e pega uma água para mim, antes de se acomodar em uma poltrona à minha frente.

— Gostaria de explicar por que meu telefone está explodindo a noite toda devido a rumores comerciais sobre você?

— Desculpe-me por isso. — Essa é a minha resposta automática sempre que sinto que estou tornando a vida de alguém mais difícil do que precisa ser.

— Não preciso que você peça desculpas, Isaiah. Só quero ouvir de você, e não de alguns analistas de TV aleatórios, que um dos meus jogadores, que considero parte da minha família, está possivelmente pedindo uma troca.

Tomo um longo gole da água, deixando-a esfriar minha garganta ardente. — Não era para ter saído assim. Eu ia falar com você assim que contasse a Kennedy, mas aí meu agente abriu a boca. Ele está querendo fazer barulho em torno disso, eu acho. Colocá-lo no radar de outras equipes.

A mágoa é tão evidente no rosto de Monty. Por ser esse cara sólido que parece ser um durão a menos que você o conheça, ele parece arrasado.

— Então você está — ele afirma. — Você está tentando ir embora.

— Não. — Com a cabeça baixa, mantenho os olhos grudados em meu colo. — Não necessariamente.

Há uma grande pausa, uma indicação clara de que Monty quer que eu continue falando.

— Só vou sair se Kennedy quiser que eu vá com ela. Não vou procurar ofertas ou algo do gênero. Os únicos times em que estou disposto a jogar são o Chicago ou o time em que ela conseguir um emprego. São Francisco, neste caso.

Suas sobrancelhas se franzem em confusão, balançando a cabeça enquanto tenta entender. — Ouvi dizer que ela não recebeu uma oferta deles.

— Ela recebeu sim. Ela só disse que não queria porque estava tentando ficar. Por mim.

Ele se enche de compreensão. — E você não quer que ela fique.

— Claro que não. Fredrick ficou fora de controle com ela. Estou cansado disso. Eu o vi tratá-la como lixo durante anos, e agora ela tem a oportunidade de se afastar dele e ter a carreira pela qual trabalhou tanto. Não vou ser o motivo pelo qual ela não aproveitará a chance.

Monty não diz nada, então olho para cima e vejo que ele está me observando.

— O que foi? — pergunto.

— Eu gostaria que você tivesse dito algo antes. Eu vi algumas coisas, mas nada grande o suficiente para levar à direção. Mas se a situação realmente ficou tão ruim, você precisa fazer uma reclamação formal para que possamos lidar com isso.

Não posso fazer isso, e ela não fará isso por si mesma. Anos atrás, prometi a ela que não diria nada e, independentemente de o Dr. Fredrick ser repreendido ou não pelo tratamento dado a Kennedy, o problema real é o cargo atual dela.

— Quando ela terá que decidir? — ele pergunta.

— Não sei. Já faz mais de uma semana que ela recusou, então

espero que, quando ela disser que mudou de ideia, a vaga ainda seja dela. Eles queriam que ela fosse para lá o mais rápido possível para treinar com a atual... equipe médica.

— E eles não a deixarão ficar até o final da temporada? É quase inédito pedir esse tipo de compromisso de uma posição júnior.

Foda-se.

Detesto mentir para Monty, mas guardei o segredo de Kennedy por muito tempo. Não vou revelar agora. Além disso, todo mundo vai descobrir assim que ela sair.

Inclinando-me para a frente, apoio os cotovelos nos joelhos, com as mãos entrelaçadas. — Só não quero que você fique chateado comigo se eu explorar outro clube. A última coisa que quero fazer é desapontá-lo, Monty. Sei que não somos como você e Kai, mas você tem sido uma grande parte da minha vida desde que chegou a Chicago, e não quero que pense que tem algo a ver com minha partida.

— Isaiah — ele suspira. — Nosso relacionamento não é como o que tenho com Kai porque você não é seu irmão. Ele deixa bem óbvio quando precisa da minha ajuda, mesmo que não diga isso diretamente, mas você... você age como um merdinha na maior parte do tempo, porque é nisso que você quer que os caras da equipe acreditem, então eu entro no jogo. Mas sei que você não é assim. Eu vejo quem você realmente é e, quer queira ou não, quer *vá embora* ou não, você sempre fará parte da minha família. Você e seu irmão. Eu me sinto abençoado por vocês dois terem me deixado preencher o papel que outra pessoa deixou, sabe?

Porra, eu adoro esse cara.

— E não estou desapontado com você. Muito pelo contrário. Estou orgulhoso de você. É preciso ser um homem realmente altruísta para abrir mão do que você está se oferecendo para abrir mão, para garantir que a pessoa que você ama encontre o que a faz feliz.

Tento não pensar muito em tudo de que posso estar abrindo mão.

Meu irmão está aqui. Meu sobrinho. Meus colegas de equipe. Meu técnico. A lista continua.

Vou passar minha baixa temporada em Chicago e poderei ver todo mundo. Mas a única pessoa de quem não posso abrir mão é Kennedy, e só espero que ela não esteja planejando abrir mão de mim.

É com esse pensamento que a porta de Monty se abre e Kai entra na sala.

— Que porra está acontecendo, Isaiah?

— Sente-se. E acalme-se. — O tom de Monty não dá margem a discussões. — Deixe o cara se explicar.

E é o que faço. Conto ao meu irmão tudo o que contei a Kennedy. Tudo o que expliquei ao Monty. Observo a frustração no rosto de Kai começar a se dissipar, substituída por um pouco de tristeza, mas principalmente compreensão. Observo como a raiva que ele sentia se transforma em compaixão pela minha situação.

— Bem, porra — ele exala, afundando no sofá ao meu lado.

— Não fique chateado comigo.

Ele balança a cabeça: — Não estou, Isaiah. Tudo o que eu quis durante toda a minha vida foi que você fosse feliz. E eu sei que é por isso que você finge esse sorriso de merda às vezes, porque você não quer que eu me preocupe com você. — Ele faz uma pausa com um suspiro. — Mas só porque não estou feliz com isso, não significa que não estou feliz *por você*.

— É que... você fez muito por mim. Abriu mão de muita coisa por mim, e não quero que sinta que estou deixando você.

— Tomei uma decisão sobre minha carreira que é melhor para minha família. Não posso culpá-lo por fazer o mesmo. — Ele bate em minha perna. — E merda, estou me aposentando. Sabe quanto tempo vou ter em minhas mãos para ir vê-lo? Nós faremos com que isso funcione. Você não precisa se preocupar com isso.

Eu concordo com a cabeça.

— Vocês dois vão ficar aqui por um tempo? — pergunta Monty.

— Está tudo bem?

— É claro. Vou pedir um jantar para nós.

Monty sai com o telefone na mão, deixando meu irmão e eu sozinhos.

Há um silêncio pesado antes de Kai falar novamente. — Mamãe ficaria orgulhosa de você.

Aceno rapidamente com a cabeça, limpando a garganta para liberar a emoção presa ali.

— E eu estou também.

Monty pede comida chinesa suficiente para cobrir a mesa de sua sala de jantar. Nós três passamos a noite juntos, jantando e assistindo aos destaques dos jogos de hoje de toda a liga. Não falamos sobre a possibilidade de eu ir embora. Não falamos sobre Kennedy, mas pela primeira vez, também não finjo que estou bem.

Passo a noite inteira sem um sorriso no rosto e, de certa forma, é bom não estar bem. Até mesmo libertador.

Mas independentemente da distração, há apenas uma pergunta que se repete em minha mente: o que diabos vou fazer se Kennedy não quiser que eu vá com ela?

* * *

Não haverá chuva esta noite.

Apenas os estrondos dos trovões e os flashes dos relâmpagos que os acompanham.

É uma tempestade seca e, se ela não me assustasse, eu poderia encontrar a beleza nela. Riscos roxos pintam o céu. A luz brilhante brilha atrás dos edifícios icônicos do horizonte de Chicago.

Mas isso não diminui a ansiedade. Como um tipo de interruptor,

ele me acelera, forçando minha frequência cardíaca a saltar, incentivando meus nervos a dispararem.

Por mais que eu ame este lugar, talvez sair do Meio-Oeste não seja uma coisa tão ruim. Gostaria de saber se o norte da Califórnia lida com tempestades de verão aleatórias como essas.

Esse é um dos motivos pelos quais não fui ao jantar em família hoje. Eu sabia que a tempestade estava passando, mas mais ainda, sabia que seria impossível ignorar a ausência dela. Já é difícil ir dormir todas as noites sabendo que ela não está em minha cama, quanto mais sentar em um jantar que finalmente parecia completo porque ela estava lá.

Já faz duas noites que não a vejo. Faz duas noites que não tenho *notícias* dela.

Tivemos o dia inteiro de folga no campo ontem, então não tive a chance de encontrá-la na sala de treinamento. Hoje, no entanto, ela se declarou doente para o treino de rebatidas da manhã de domingo.

Ela nunca, nem uma única vez, faltou ao trabalho por motivo de doença.

E isso me assusta muito, porque sei que ela não está.

Ela está naquele apartamento, fazendo as malas, e eu estou sentado esperando para saber se também vou.

Sei que disse a ela para tirar o fim de semana, mas uma grande parte de mim não acreditava que ficaria sem notícias dela por dois dias inteiros. E quanto mais tempo passamos separados, mais eu temo que a decisão que ela está tomando seja aquela que não me inclui.

Eu me senti mal ao redigir os papéis do divórcio, mas isso não é nada em comparação com o que sentirei se ela realmente os assinar.

Sim, quero que ela tenha uma escolha, mas isso não significa que eu não esteja totalmente desesperado para que ela me escolha.

Outro estrondo de trovão sacode minhas janelas e preciso de tudo para não pegar meu telefone e ligar para ela. Ligar para Kai. Ligar

para cada um de meus amigos.

Mas eu disse ao meu irmão para não me ver hoje à noite. Preciso me desafiar e não vou melhorar se continuar a permitir que qualquer um de nós permita meus pensamentos ansiosos.

Mas, porra, se não é difícil ficar sentado e simplesmente torcer para que Kennedy não esteja dirigindo hoje à noite.

Pego meu celular, mas não para ligar para ninguém. Em vez disso, percorro minhas fotos, na esperança de me distrair. Há algumas de Max, algumas das coisas estúpidas que meus colegas de equipe fizeram no vestiário e uma quantidade excessiva dela.

Ela gosta de me chamar de stalker e, caramba, acho que sou mesmo.

A primeira é recente, ela deitada em meu peito na cama, sorrindo para a câmera enquanto eu tirava nossa foto. Outra é dela comendo uma tigela de macarrão que fiz para ela, com um único macarrão espaguete pendurado em seus lábios e na tigela. Uma das minhas favoritas é dela e de Miller com os braços em volta uma da outra, agachadas com Max entre elas, todos os três com sorrisos radiantes. E, por fim, há outra em que ela tenta usar um jornal dobrado, suas palavras cruzadas, sem dúvida, para cobrir o rosto e se esconder de mim, mas quando toco a versão ao vivo, é possível ouvir sua risada clara como o dia.

Quando continuo rolando a tela, encontro fotos mais antigas. Fotos da última temporada. Ela está no fundo de algumas que foram tiradas ao redor do campo.

Tenho uma foto de Cody me repreendendo enquanto tomava um banho de gelo. Ela está ao lado, vestindo a camisa polo do time e fazendo cara feia.

Há uma de Max sentado no banco de reservas, sorrindo para mim. Ela está no fundo, com os olhos tristes olhando fixamente para o campo.

Outra foto dela e de Miller, do ano passado, quando se

conheceram. Kennedy está com os braços cruzados sobre o peito e todo o seu corpo está rígido, enquanto ela se inclina na tentativa de aproximar a cabeça da cabeça de Miller e entrar na foto. Mas sua linguagem corporal é tão desconfortável e o olhar desesperado em seu rosto grita que ela gostaria de não estar.

Muita coisa mudou nesses últimos meses e, se nada mais, posso me deleitar com o fato de que, durante nosso tempo juntos, ela aprendeu a se sentir confortável. Ela aprendeu que existem pessoas que a amam. E ela aprendeu que eu sou uma delas.

Volto para as fotos mais recentes e para a captura de tela que fiz da capa da seção de esportes do *Chicago Tribune*.

É a manhã em que nos casamos, sem que nenhum de nós tivesse a menor ideia do que nos esperava. Ela com seu vestido branco e jaqueta jeans e eu segurando seus saltos acima da minha cabeça.

Sim, eu estava apaixonado, mas não era nada em comparação com o amor que tenho por essa garota agora.

Um trovão faz um estrondo alto e eu fecho os olhos, tentando abafar o som, quando meu celular toca na minha mão.

Com uma mensagem de Kennedy.

Sra: Oi.

Meu peito se acalma.

Eu: Oi.

Sra: *Você está bem?*

Sra: *Sei que você me disse para tirar o fim de semana, mas se precisar que eu vá até aí, estarei aí.*

Preciso de tudo em mim para não ligar para ela agora só para

ouvir sua voz, mas não o faço, porque disse a ela para pensar.

Não ligo para ela, porque nós dois precisamos saber que posso controlar minha ansiedade sem a ajuda dela, quer estejamos juntos ou não.

Eu: *Vou passar por isso sozinho, mas sinto muito a sua falta.*

Há uma longa espera até a próxima mensagem. Os pontos cinzas dançam na tela antes de desaparecerem e reaparecerem.

Sra: *Estou orgulhosa de você.*

Sra: *E sinto sua falta.*

Eu: *Você comeu hoje?*

Sra: *Não finja que não foi você quem mandou entregar comida na minha casa três vezes hoje. Sim, eu comi.*

Sra: *E obrigada.*

Eu: *Você não estava doente hoje, estava?*

Sra: *Eu só precisava de um tempo longe de lá.*

Longe de mim? Quero perguntar, mas me abstenho, porque ela envia outra mensagem.

Sra: *Meu laptop está aí. Ele está na cômoda do seu armário.*

Seu laptop com a versão CliffsNotes da pesquisa que sua antiga colega havia enviado. Técnicas derivadas de um tipo específico de terapia, reescritas de uma forma que eu pudesse entender.

Sra: *Ligue-me se precisar de mim e eu vou, mas Isaiah, você é muito*

mais forte do que deixa transparecer.

E assim eu faço. Eu passo a noite sem permitir que minha ansiedade se instale em ninguém, sem pedir ajuda a ela, porque ela precisava saber que eu poderia fazer isso sozinho.

CAPÍTULO 37

Kennedy

Pura determinação irradia de mim quando estaciono meu carro no estacionamento dos funcionários. Estou um pouco atrasada. A conversa estimulante que tive comigo mesma no espelho hoje demorou um pouco mais do que eu havia planejado.

Mas estou aqui e pronta.

Não vou ao campo desde sexta-feira, e é verdade que é apenas segunda-feira, mas não sei dizer qual foi a última vez que passei dois dias longe do time durante a temporada regular, além da minha viagem de entrevista a São Francisco.

Ontem, falei que estava doente porque me recuso a passar mais um dia trabalhando para o Dr. Fredrick, e Reese só voltou ao trabalho hoje para que eu lhe contasse. Enviei-lhe um e-mail frenético no sábado à noite, solicitando uma reunião, e na segunda-feira à tarde foi o horário mais rápido disponível para conversarmos.

Trancando meu carro e com esse maldito envelope de papel pardo debaixo do braço, vou direto para a sede do clube.

Isaiah é um monte de coisas, mas se ele pudesse parar de tentar ser um mártir, seria ótimo. Dois dias com esses malditos papéis no balcão da minha cozinha. Dois dias pensando nas coisas.

Eu não precisava de tempo, mas a única coisa que esse fim de semana sozinha conseguiu foi me dar espaço para decidir que nunca mais trabalharei para o Dr. Fredrick. Foi preciso ficar longe dos jogadores com quem gosto de trabalhar. Foi preciso ficar longe da pessoa com quem mais sentirei falta de trabalhar, dividindo quartos

de hotel na estrada e participando de seus dias de jogo aqui em Chicago.

Os corredores estão ocupados com os jogadores e a equipe se preparando para o jogo desta noite e, pela primeira vez em três anos, quando o primeiro arremesso for feito, não estarei deste lado das coisas. Estarei na seção da arquibancada, assistindo como qualquer outro torcedor.

Sem hesitar, abro a porta da entrada principal do vestiário. Não vou começar a bater agora, pois nunca bati antes. Além disso, qualquer coisa que possa encontrar, eu já vi, e estou com muita adrenalina correndo em mim para diminuir a velocidade.

— Kenny. — Meu nome sai como um sopro de alívio, e não demoro muito para encontrá-lo. De pé em frente ao seu armário, Isaiah está claramente exausto, a falta de sono é evidente nas bolsas sob os olhos e na queda dos ombros.

Meu querido, divertido, atencioso e idiota marido deu entrada nos papéis do divórcio. Entendo que ele queria que eu tivesse uma escolha, mas eu já tinha tomado minha decisão. Esses papéis ficaram no balcão da minha cozinha durante todo o fim de semana, então é a vez de ele lidar com eles.

Ao atravessar o local, sinto toda a equipe nos observando, mas principalmente catalogo o olhar de Isaiah, vendo-o perceber que não estou com o uniforme do time.

Porque não estou trabalhando no jogo desta noite e nunca mais trabalharei em um. Pelo menos, não aqui.

— Eu os assinei — digo, segurando o envelope para ele.

Seus lábios se separam, as palavras lhe escapam enquanto ele me olha com incredulidade.

Eu os empurro em sua direção. — Dê uma olhada neles.

Ele balança levemente a cabeça como se estivesse tentando afastar a imagem de mim segurando os papéis do divórcio para ele, até que, finalmente, ele os pega de mim. Mas ainda assim ele não abre

o envelope.

Em vez disso, sua atenção se volta para minha mão esquerda para ver se ainda estou usando o anel de sua mãe.

— Apenas dê uma olhada neles, ok? — Verifico o relógio na parede. — Tenho que ir. Tenho uma reunião com Reese. Podemos conversar depois.

Há uma combinação de derrota e orgulho em seu tom quando ele pergunta: — Você está se encontrando com Reese?

— Sim. Agora mesmo. Eu tenho que ir.

Virando-me, corro em direção à porta, ainda sentindo todos os olhos em minhas costas, observando-me.

— Ken — ele chama.

Com a mão na porta, olho para ele por cima do ombro.

Ele oferece um sorriso. Não o sorriso falso de Isaiah que ele força a sair mesmo quando está chateado, mas um sorriso real e genuíno. — Eu estou orgulhoso de você.

Essa parece ser a coisa que mais gostamos de dizer um ao outro ultimamente.

Sorrio de volta para ele. — Eu também.

Não desvio o olhar para a sala de treinamento quando passo por ela, não me permito verificar se o Dr. Fredrick está sentado atrás de sua mesa, como sempre está. Com a cabeça erguida e os ombros para trás, vou direto para o escritório de Reese.

Bem, o escritório de Arthur Remington, mas ele raramente está por perto atualmente e, no próximo ano, será oficialmente o dela.

— Oi, Denise — digo à secretária de Arthur, a mesma que me ligou no dia seguinte ao meu retorno de Las Vegas. — Tenho uma reunião com a Reese.

Seu sorriso é brilhante. — Na hora certa. Eles estão esperando por você.

— Ah, o Sr. Remington também está aqui hoje?

— Por que você não entra? Boa sorte, Sra. Rhodes.

Meu corpo não se retrai como da última vez que ela me chamou assim. Não, desta vez, tenho que conter meu sorriso ao ouvir o nome.

Mas o sorriso diminui quando abro a porta do escritório e encontro Reese e Monty esperando por mim.

— Entre — diz Reese de trás da escrivaninha.

Monty está sentado em uma das cadeiras em frente a ela, a mesma em que Isaiah se sentou quando descobrimos que nossas decisões bêbadas seriam tornadas públicas. Eu me sento na cadeira ao lado dele.

— Você está aqui por causa do Isaiah? Prometo que não pedi a ele para ir embora. Eu nunca sugeriria isso.

Monty balança a cabeça. — Isso não tem nada a ver com Isaiah.

Isso é estranho, em parte porque Monty está nessa reunião quando deveria ser apenas com Reese, mas principalmente porque os dois estão na mesma sala e não estão discutindo.

— Você convocou esta reunião — diz Reese, com as mãos cruzadas sobre a mesa. — Em que posso ajudá-la?

Tento me lembrar de tudo o que ensaiei no espelho hoje, as mesmas coisas que disse a mim mesma durante todo o fim de semana.

Cruzando uma perna sobre a outra, eu me sento ereta e começo.

— Sei que você e eu não trabalhamos juntas há muito tempo — digo a ela. — Mas adorei trabalhar para esta organização nas últimas três temporadas e meia. A equipe, você, Monty... — gesticulo para ele — ... foram pontos altos quando olho para trás e vejo meu momento aqui, mas a partir de hoje, não vou mais trabalhar para os Warriors.

Reese olha rapidamente para Monty, mas a expressão de nenhum dos dois muda. Claramente, Isaiah já os informou.

— Algum motivo específico pelo qual você está desistindo? —

pergunta Reese.

Isso. Esta é a parte.

— Sim. — Limpo minha garganta, engolindo o nervosismo. — Quando vim para cá, há três anos, pensei que eu seria a segunda médica da equipe. Porque esse era o cargo para o qual eu estava qualificada.

Mais uma vez, nenhuma de suas expressões muda, mas dessa vez é mais surpreendente. Eu realmente achei que Isaiah nunca contaria a ninguém. Ele guardou esse segredo por tanto tempo.

— Sou médica, especializada em medicina esportiva — continuo. — E o Dr. Fredrick me contratou para ser sua segunda em comando, mas quando nos encontramos pessoalmente pela primeira vez e ele percebeu que eu era mulher, o cargo oferecido foi o de preparadora física.

Isso finalmente me provoca uma pequena reação quando a mandíbula de Reese se flexiona, como se ela estivesse triturando os molares.

— E não me entenda mal, eu adorava meu trabalho, mas não posso mais me permitir ser tratada da maneira como ele me tratou todos esses anos. Acho que uma parte de mim permaneceu na esperança de que ele visse minhas capacidades, mas isso era um sonho bobo. Ele não se importava.

— Quando fui a São Francisco, há algumas semanas, foi para fazer uma entrevista para ser a nova diretora de saúde e bem-estar da empresa. Eles me ofereceram o emprego.

— Você acabou aceitando? — pergunta Monty.

— Não. — Eu me viro para encará-lo, na esperança de assegurá-lo. — Não precisa se preocupar. Isaiah não vai sair de Chicago, porque eu não vou sair de Chicago. Vou fazer entrevistas em algumas universidades locais enquanto espero para ver se surge uma vaga de médico em uma das outras equipes profissionais da cidade. Mas minha vida está aqui. Não posso deixá-la para trás.

O sorriso de Monty é de satisfação. — Kennedy, não se trata de Isaiah. Trata-se de você. Eu entendo perfeitamente que ele tenha se oferecido para ir embora por você.

É bom ouvir isso. Tive muito medo de que Kai e Monty ficassem chateados comigo, apesar de não ter sido eu quem sugeriu que Isaiah explorasse as oportunidades no próximo ano.

— Obrigada por dizer isso. — Volto-me para Reese. — E obrigada a você. Foi ótimo trabalhar com sua família e estou ansiosa para vê-la assumir o comando na próxima temporada. Acho que você vai se sair muito bem.

Com as mãos nos apoios de braço, vou me levantar do meu assento para sair quando ela desliza uma pasta pela mesa até mim.

— O que é isso?

— Seu arquivo de funcionária.

— Ok? — sai como uma pergunta. — Acho que vou levá-lo comigo?

— Não, é apenas para uso interno. Mas ele lista seu histórico de trabalho, incluindo sua formação e experiência anterior. Recebi isso do setor de recursos humanos na sexta-feira à noite.

Com os lábios entreabertos, direciono minha atenção para Monty e depois para ela novamente. — Você já sabia? Isaiah lhe contou?

— Não.

— Emmett suspeitou que algo estava acontecendo. Ele me ligou na sexta-feira, depois que Isaiah lhe disse que você estava indo embora, e eu fiz algumas investigações. Gostaria que você tivesse dito algo antes. Meu avô, que Deus o abençoe, é um homem gentil, mas às vezes pode ser um pouco descontrolado e desatento. Notei a maneira como Fredrick tem tratado você nesta temporada. Isso estava sendo observado por mim. Eu estava de olho e teria acreditado em você se tivesse me contado a verdade.

Puxa vida.

Abro a boca para falar, mas não sei nada.

— Eu deveria ter visto isso antes — interrompe Monty. — Mas minha atenção está voltada para a administração de uma equipe inteira. É difícil ver os meandros de tudo o que acontece na sede do clube.

— Não — eu discordo. — Não, eu mantive o silêncio de propósito, e também nunca deixei Isaiah dizer nada.

— Bem, muitos dos outros jogadores entrevistaram em seu nome — diz Reese. — A notícia de que estávamos investigando as coisas se espalhou e, ontem à noite, todos os jogadores apresentaram uma queixa formal em seu nome, relatando em primeira mão as coisas que ouviram Fredrick dizer a você. Ele foi demitido esta manhã.

Todo o meu corpo recua como se as palavras tivessem me dado um tapa na cara. De certa forma, deram.

O quê?

Reese ri ao ver a expressão em meu rosto. Olhos arregalados e sem piscar, boca aberta, repetindo internamente suas palavras novamente para ter certeza de que as ouvi corretamente.

— Sério? — Minha voz é rouca.

— Sério.

— Bem... — gaguejo, tentando organizar meus pensamentos, tentando encontrar algumas palavras, mas não consigo. *Que diabos está acontecendo?*

Reese fala antes que eu possa falar. — Parece que estou em busca de uma nova diretora de saúde e bem-estar.

Isso não pode estar acontecendo. Eu vim para cá com a intenção de nunca mais andar por esses corredores e agora... oh, meu Deus.

— Não posso. — Eu balanço minha cabeça. — Will. Esse trabalho deveria ir para o Will. Ele é o segundo médico e chegou aqui primeiro. Ele é o próximo na classificação.

— Ele não chegou primeiro. Foi você. E foi exatamente isso que

ele disse quando falei com ele hoje de manhã. Ele concorda comigo que o cargo deveria ser seu.

— Ele disse isso?

— E ele não ficou nem um pouco surpreso quando lhe contei sobre suas qualificações.

— Nenhum de nós está — diz Monty. — Kennedy, você é impressionantemente boa em seu trabalho.

Meus olhos ardem. — Obrigada.

Reese se senta à frente. — Então, o que você acha? Como a primeira proprietária de uma equipe, seria uma honra ter a primeira médica na equipe.

Não acredito que isso esteja acontecendo, mas antes de responder, minha atenção se volta para Monty e, como se ele pudesse ler minha mente, ele dissipa minha preocupação mais uma vez.

— Isso não é por causa de Isaiah — ele repete. — Isso não é para mantê-lo aqui, é para manter *você* aqui. Eu o trocarei de bom grado se você precisar de provas.

Uma risada brota de mim. — Por favor, não faça isso.

Seu sorriso é suave.

— Então... — Reese insiste. — O que você acha?

— Com uma condição.

— Oh, ela está fazendo exigências agora. — Seu tom é de provocação. — Vá em frente.

— Quero um gerente de escritório. Não quero ficar cuidando da papelada o tempo todo. Quero trabalhar na sala de treinamento e no campo.

— Feito.

Bem, que merda. Isso foi fácil.

— Mais uma coisa.

Reese acena com a cabeça para que eu continue, tentando conter o riso.

— Meu cargo anterior precisará ser preenchido. Quero ser a única a contratar meu substituto.

— Bem, isso faz parte de sua nova descrição de trabalho.

Caramba, é mesmo.

— Então, isso é um sim? — ela insiste.

Meu sorriso é tão largo que minhas bochechas se contraem. — Isso é um sim.

— Perfeito. Vou redigir seu novo contrato. E Kennedy, eu sei que meu avô estabeleceu algumas diretrizes arcaicas, dizendo que se você e Isaiah terminassem seu relacionamento, um de vocês teria que sair. — Ela balança a cabeça. — Não me importo com isso. Se você não quer ficar com ele, não vai perder seu emprego por causa disso.

— Agradeço, Reese, mas isso não será um problema.

Seus lábios se contraem em um sorriso de conhecimento, como se ela já soubesse de certos detalhes há algum tempo. — Certo. É bom saber, mas.... — Seus olhos percorrem minhas roupas. — Há alguma chance de você trabalhar no jogo hoje à noite? Estou com falta de um médico.

— Acho que posso fazer isso.

Monty se levanta de sua cadeira. — Tenho que me preparar para esta noite, mas Kennedy, estamos todos felizes por você ficar.

— Obrigada, Monty... por tudo.

— Não me agradeça. Foi só você. Mas preciso de uma vitória hoje à noite, então é melhor você ir dizer ao seu marido que vai ficar por aqui.

CAPÍTULO 38

Kennedy

Estou completamente atordoada ao sair do escritório de Reese. Minha visão está confusa e zonha, concentrada em nada em particular quando fecho a porta atrás de mim.

O que diabos acabou de acontecer?

Como tudo isso aconteceu?

Bem, acho que sei a resposta para isso, então a verdadeira pergunta que estou me fazendo é: *como tive tanta sorte?*

— Kenny.

A voz me faz voltar à realidade, e meu foco se concentra em um Isaiah frenético enquanto ele corre em minha direção.

Por falar em sorte.

Quão sortuda eu sou por poder chamá-lo de meu?

Isaiah está usando sua calça de beisebol – apenas sua calça de beisebol. Seu cabelo perfeitamente desgrehado parece que suas mãos não pararam de passar por ele a manhã toda.

Ele está com o envelope pardo, segurando-o, quando para na minha frente, com o peito arfante e olhos desesperados e suplicantes. — Veja — ele começa. — Sei que dei a você uma escolha. Queria que você tomasse sua própria decisão, mas tenho que ser honesto, não gosto muito dessa.

Meu rosto se suaviza em um sorriso.

Como é possível que não tenha havido um dia em que eu não

estivesse completamente apaixonada por esse cara?

Há muitas coisas que aprendi em nosso tempo juntos, mas a maior lição que meu marido me ensinou foi a sensação de ser amada pela primeira vez na vida.

Nunca poderei agradecê-lo o suficiente por ser inabalável em seus sentimentos por mim, mas vou passar o resto da minha vida me certificando de que ele se sinta tão seguro e protegido comigo quanto ele me faz sentir com ele.

— Talvez devêssemos adiar essa parte — continua ele. — Não sei se precisamos necessariamente protocolar isso neste momento.

— Isaiah — eu o interrompo com diversão. — Você não deu uma olhada neles?

Há uma pausa pesada enquanto sua garganta engole. — Eu não consegui fazer isso, Ken.

Meu marido doce e sensível. Palavras que eu nunca pensei que usaria para descrevê-lo, mas as sutilezas de Isaiah são uma das coisas que mais gosto nele. Ele só permite que certas pessoas vejam esse seu lado, e eu não sou apenas uma dessas pessoas sortudas em quem ele escolheu confiar, mas também sou a pessoa que ele escolheu amar.

Os membros da equipe ocupam os corredores, indo de um lugar para outro, enquanto nós dois ficamos parados em frente ao escritório de Reese. Estamos totalmente expostos para que todos nos vejam, e Isaiah está segurando os papéis do divórcio em sua mão.

— Venha comigo — digo a ele, pegando sua mão e puxando-o para trás.

Na sede, entramos no mesmo banheiro onde nos conhecemos.

— Abra-os — eu insisto.

Ele balança a cabeça. — Não me obrigue a fazer isso aqui, de todos os lugares.

— Isaiah. — Dou uma risadinha. — Confie em mim. Abra o envelope.

A confusão é clara como o dia em seu belo rosto, olhando para mim como se eu estivesse tentando torturar o homem no lugar onde tivemos tantos de nossos grandes momentos.

Nós nos conhecemos aqui. Trocamos alianças aqui. Discutimos e fizemos as pazes aqui.

Posso dizer a ele que o amo aqui.

Inclinando-se para trás na pia, ele levanta cuidadosamente os pinos de metal, abre a aba e retira a pilha de papéis.

Seus olhos percorrem a primeira página antes de passar para a segunda, procurando o que quer que eu esteja tão empenhada em que ele veja. Eu não o apresso. Dou a ele o tempo que precisa para absorver tudo. Mas logo, a derrota óbvia toma conta dele enquanto lê os papéis que *ele* redigiu para nós.

Isto é, até ele virar a página final, onde nossas assinaturas deveriam estar.

Isaiah não os assinou quando os deixou em meu apartamento, como se não pudesse fazê-lo a menos que tivesse que fazê-lo – a menos que eu os assinasse primeiro.

Seus olhos ficam suaves quando passam sobre as palavras, seguindo o caminho da caneta que usei para escrever cada letra na linha da assinatura.

— Kennedy.

— Sim.

Eu ri um pouco com essa palavra que nos trouxe até aqui em primeiro lugar.

— Sério?

— Muito, Isaiah.

Ele finalmente tira os olhos da página para olhar para mim.

— Eu amo você — digo a ele, usando as mesmas palavras que ele encontrou escritas na linha da assinatura de nossos papéis de divórcio.

— Talvez eu tenha demorado um pouco mais para abrir os olhos e ver isso, mas não tenho dúvidas de que amo você. Cada parte de você. As partes que você mostra a todos e as partes que mostra somente a mim.

Seus olhos percorrem meu rosto, seus lábios se entreabrem sem palavras para dizer. Tão claramente preso em um estado de descrença.

Então eu me repito. — Eu amo você, Isaiah.

Aquele sorriso malicioso está de volta. — Mais uma vez para mim, Kenny. Acho que não entendi direito.

Pegando os papéis de sua mão, coloquei-os sobre a pia atrás dele, tirando-os do caminho para que eu possa me colocar entre suas pernas, com as mãos deslizando ao redor de seu pescoço, precisando tocá-lo.

— Eu amo você.

Ele dobra o braço atrás do pescoço para cobrir minha mão com a sua. Em seguida, ele circula o anel que nunca tirei desde que ele o deu para mim. — Deus, depois de todo esse tempo, parece irreal ouvir você dizer isso.

Suas palavras saem como um sopro de alívio, como se ele pudesse finalmente me dizer como se sente, sabendo que eu responderei.

Sua testa cai sobre a minha. — Eu amo você, Kenny.

Faça o que lhe parecer bom.

Isso aqui, isso é bom.

Parece certo.

Durante todo esse tempo, eu queria praticar, planejar e programar como isso aconteceria. Queria estar perfeitamente pronta para o amor quando chegasse a hora.

Mas apaixonar-me por Isaiah não foi um evento grande e planejado. Foi comprar escovas de dentes e oferecer comida quando eu estava muito ocupada para comer. Foi o anel da mãe dele e o jantar juntos em uma cabine no Chili's.

Foi sua paciência e seu compromisso inabalável em me mostrar minha importância em sua vida.

Quão sortuda eu sou por poder amar e ser amada tão facilmente?

Meus polegares passam sobre suas maçãs do rosto enquanto eu começo o outro discurso que ensaiei no fim de semana.

— Passei minha vida inteira procurando validação, buscando atenção, esperando apenas um pouco de reconhecimento de que existo, e você... — Balanço a cabeça. — Você entrou na minha vida e nunca mais me deixou em paz.

Ele solta uma risada seca.

— Obrigada.

Seus dedos desenham círculos lânguidos na parte inferior das minhas costas, incentivando-me a continuar.

— Nunca precisei implorar por sua atenção, e não sei se algum dia você entenderá totalmente como isso se tornou seguro para mim, sabendo que você estava me dando isso de bom grado. Nunca precisei pedir que você me visse, que me entendesse, e lamento não ter permitido que você pudesse dizer o mesmo. Mas eu prometo a você, Isaiah, que agora que meus olhos foram abertos, não posso mantê-los longe de você.

Seu sorriso floresce, um sorriso devastador que ilumina toda o ambiente.

Mas ele é assim mesmo. Ele é muito bom. Contagiosamente brilhante.

Brilhante o suficiente para iluminar meus cantos intocados e não descobertos. As partes de mim que ninguém mais se deu ao trabalho de procurar. Ele me deu a confiança e a segurança para ganhar vida com ele, para nunca ter que questionar sua sinceridade.

Não me surpreende o fato de ele ser raro.

— Eu... — Limpo minha garganta. — Sinto que não mereço ser tão feliz quanto você me faz.

Ele solta uma gargalhada simpática. — Oh, Kennedy.

— Eu me sinto muito sortuda.

— Não é sorte, baby. As coisas boas em sua vida existem por sua causa. Você é boa, inteligente, capaz e muito merecedora, Kenny. Sim, eu sei disso há anos, mas acho que, pela primeira vez, você está finalmente vendo isso por si mesma.

Ele se inclina e me beija, pressionando suavemente seus lábios nos meus. Tão sem pressa, tão paciente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

E nós temos. Só que ele ainda não sabe disso.

— Quando você vai embora? — ele sussurra contra meus lábios.
— Quanto tempo temos?

Deslizo minhas mãos por seu torso. — Não vou.

— Kennedy...

— Você disse que eu tinha uma escolha. E eu escolhi ficar. Escolhi você e continuarei escolhendo todos os dias depois deste. Pronto. Fiz uma escolha, e foi a decisão mais fácil que já tomei.

Com as mãos em minhas bochechas, ele me segura como se eu pudesse escapar. Ele olha para mim como se eu fosse tudo para ele. — Kenny, você não pode.

— O Dr. Fredrick foi demitido esta manhã.

Isaiah reage a isso.

— Toda a equipe apresentou reclamações neste fim de semana em meu nome.

Ele inclina a cabeça para trás, com o pomo de Adão exposto enquanto olha para o teto. — Eu adoro esses caras.

— E Reese acabou de me oferecer seu cargo.

— Besteira.

Rapidamente sacudo a cabeça em descrença, com um sorriso

radiante nos lábios.

— Cale a boca, Kennedy.

— Eu não disse nada. — Eu rio.

— Bem, é melhor você ter dito sim.

— É claro que eu disse sim. Fui até lá com um plano. Eu ia me demitir, inscrever-me em algumas universidades locais e esperar que uma das outras equipes profissionais da cidade tivesse uma vaga. Mas agora... agora não preciso mais.

Ele exala em descrença e eu fico observando enquanto ele se dá conta de tudo.

— Você vai ficar aqui.

— Eu vou.

— Podemos trabalhar juntos. Viajar juntos.

— Nós podemos.

— E você me ama.

— Muito.

O sorriso aumenta.

— Mas eu juro, Isaiah, se você me trazer os papéis do divórcio novamente, ficarei muito tentada a assiná-los com algo que não seja um *eu amo você*.

Nós dois sabemos que isso está longe de ser verdade. Embora esse casamento devesse ser temporário e eu quisesse me separar assim que acordamos naquela manhã em Las Vegas, eu não consigo imaginar essa ideia agora.

Seu sorriso se torna envergonhado. — Mas será que ficar casado é realmente o que você quer? Podemos começar do início, reescrever nossa história. Podemos continuar juntos sem estarmos casados. Posso chamá-la de minha namorada se você não estiver pronta para ser minha esposa.

— Não posso ser as duas coisas?

— O quê? — ele diz com uma risada.

— Não quero reescrever nada. Quero namorar você, mas já o amo. Quero aprender sobre você enquanto já sei que você é a pessoa certa. Sei que pulamos alguns marcos do relacionamento, mas não há regras que digam que não podemos estar casados enquanto voltamos e os marcamos.

— Sim, gosto dessa ideia. — Ele passa os braços sobre meus ombros. — Ultimamente, tenho pensado em um certo marco. Estamos casados e você ainda não mora comigo.

— Esse é um grande problema.

Seus olhos se suavizam com um sorriso. — O que você acha, esposa? Você quer vir morar comigo?

Não há dúvidas sobre onde devemos morar, entre a casa dele e a minha. A casa dele me faz sentir em casa desde o momento em que entrei pela primeira vez pela porta da frente.

— Sim — eu concordo. — Eu viveria, riria e amaria ir.

Rindo, ele me aproxima de seu peito, com os lábios tocando minha testa quando fala.

— Obrigado por se casar comigo, baby.

— Foi o melhor erro que já cometi.

A porta do banheiro se abre, desviando instantaneamente nossa atenção. Reese entra, com os olhos fixos no celular, indo direto para uma cabine.

Olhamos um para o outro, imaginando o que diabos fazer, antes que Isaiah limpe a garganta para chamar a atenção dela. Aparentemente, o homem levou apenas três anos para aprender a marcar sua presença quando está ocupado se escondendo no banheiro feminino.

— Oh — ela se sobressalta, sua atenção se desviando entre Isaiah e eu. — Desculpe. Estou claramente interrompendo alguma coisa.

— Vamos — sugiro, saindo do controle de Isaiah, e nós dois nos dirigimos para a porta.

Ela está a meio caminho de uma cabine antes de parar e se virar, olhando de volta para nós. — Desculpe, mas é muito estranho ver outra pessoa aqui. Normalmente venho a este banheiro para ter privacidade. Todos esses meses em que ele ficou vazio, comecei a considerá-lo meu.

Isaiah e eu compartilhamos um olhar conhecedor, com sorrisos estupidamente maliciosos em nossos lábios.

— A propósito, Kennedy — continua Reese. — Eu estava indo procurá-la. Solicitei uma mudança de nome na porta de seu novo consultório. Até o final da semana, deverá estar escrito Dra. Rhodes.

— Dra. Kay — Isaiah corrige. — Deveria estar escrito Dra. Kay. Ela fez tudo isso sozinha, muito antes de mim ou meu sobrenome.

Aperto sua mão na minha. — Na verdade, Dra. Rhodes está perfeito.

Reese me dá um sorriso doce, entrando em uma cabine.

Saímos do banheiro antes que Isaiah pergunte: — Tem certeza?

— Certeza. — Prendo sua atenção. — Como você disse, não me importa qual era meu nome antes. Só me importa o que é agora.

EPÍLOGO

Isaiah

DOIS ANOS DEPOIS

É o pior dia do ano.

Pelo menos, costumava ser.

Eu costumava associar essa data à perda, mas agora não consigo deixar de pensar em tudo o que ganhei nesse dia ao longo dos anos.

Meu sobrinho nasceu há quatro anos nesta data. Conheci minha esposa há cinco anos e hoje tenho o privilégio de me casar novamente com ela em nosso aniversário de dois anos.

Sim, perdi minha mãe nessa data, mas ela passou os últimos vinte anos enviando os melhores presentes aos filhos em sua ausência, e tornou-se impossível pensar nesse dia com outra coisa que não seja uma gratidão e um amor imensos.

— Como está se sentindo? — pergunta meu irmão por trás de mim, enquanto me ajuda a vestir o paletó.

— Animado. Estou ansioso para me lembrar de tudo dessa vez. Sua caminhada até o altar. Ouvindo-a dizer *aceito*. Coerentemente, devo acrescentar.

Ele ri para si mesmo.

Kennedy não queria se desviar muito dos detalhes de nosso primeiro casamento, mas a maior diferença deste, além da falta de tequila em nossos corpos, é a intenção por trás dele.

Estamos nos casando porque nós nos amamos, confiamos um no outro e somos os melhores amigos um do outro. Passamos os últimos dois anos aprendendo um com o outro, namorando um com o outro e nos apoiando mutuamente. E embora eu esteja animado para criar algumas lembranças desta vez, não posso deixar de ser grato por aquela noite de bebedeira nesta mesma cidade há dois anos.

Não sei se estaríamos realizando este casamento sem aquele. Ele nos deu a oportunidade de ver o outro como ele realmente é, e desde então não conseguimos mais tirar os olhos um do outro.

Kai sorri para si mesmo através do reflexo no espelho enquanto alisa o tecido do meu paletó sobre meus ombros. — Quem poderia imaginar, hein? Éramos apenas dois garotos tentando sobreviver por conta própria e olhe para nós agora. Quem diria que seríamos tão abençoados como somos?

— É uma loucura pensar que passamos todos esses anos apenas nós dois e agora veja quantos Rhodes existem.

— Bem, poderia haver sete Rhodes se você e Ken decidissem dar um primo para Max e Emmy.

Solto uma gargalhada. — Juro que você e Miller tentaram colocar isso em todas as conversas que tivemos desde que Emmy nasceu.

— E não tenho planos de parar.

A verdade é que Kennedy e eu não pensamos muito em ter nossos próprios filhos. Adoramos ser tia e tio dos filhos do meu irmão, mas também estamos nos divertindo muito só nós dois, trabalhando juntos, viajando juntos.

Um dia, quando eu me aposentar do beisebol profissional, talvez isso aconteça ou talvez não. De qualquer forma, a vida é muito boa.

Batem na porta do quarto em que estamos nos arrumando.

— Somos nós — diz Miller do outro lado.

— Entrem.

A porta está aberta apenas por uma fresta antes de meu sobrinho

entrar com seu melhor terno.

— Aí está o aniversariante! — Eu o levanto em meus braços, segurando-o na altura dos olhos. — Quantos anos você tem hoje? Parece que não consigo me lembrar.

Com muito cuidado, ele levanta quatro dedos.

— O quê? Não tem como. Pensei que você ainda fosse um bebê.

— Não. Eu tenho quatro anos. — Ele dá uma risadinha, apontando por cima do meu ombro. — Emmy é um bebê.

Viro-me para encontrar minha sobrinha adormecida nos braços de Miller, a garotinha com os olhos verdes da mãe e os cabelos escuros do pai. Batizada com o nome do pai de Miller e de nossa mãe, Emmy Mae Rhodes nasceu logo depois que meu irmão se aposentou, e qualquer dúvida ou hesitação que eu tivesse sobre ele deixar o jogo para sempre foi dissipada no momento em que vi como ele estava centrado em casa com os três.

Foi uma temporada inteira sem jogar ao lado dele, a segunda começando na próxima semana, mas a combinação de ter Kennedy comigo e saber que o trabalho favorito de Kai é fora do campo facilitou a transição.

Mas isso não quer dizer que ele não tenha sentido falta de estar perto do esporte. Mal tínhamos passado pelo treinamento de primavera do ano passado quando Monty contratou Kai como um de seus técnicos de arremesso. Ele não está presente em todos os treinos ou jogos, de forma alguma, mas ainda está por perto e tem sido muito divertido.

— Obrigado por compartilhar seu grande dia comigo e com a tia Ken, Bug — digo ao meu sobrinho. — Vamos comer um grande bolo de aniversário hoje à noite, não é?

— A tia Ken está bonita.

— Você chegou a vê-la?

Seus olhos azuis se arregalam, seu sorriso é igualmente enorme e

ele acena com a cabeça.

— Cara de sorte. Mal posso esperar para vê-la. Conte-me tudo. Como ela está usando o cabelo? Como é o vestido dela?

— Ei! — Miller interrompe. — Não tente usar meu filho para obter informações. Você a verá em breve.

— Não quero esperar mais. Isso é uma tortura.

— Jesus, Isaiah. — Kai ri. — Faz apenas algumas horas que você não a vê.

— Você não tem o direito de dizer nada — rebato. — Você foi muito pior no dia do seu casamento.

— Foi diferente. Miller estava grávida. Eu precisava ver como ela estava antes da cerimônia.

Miller solta uma gargalhada. — Eu estava perfeitamente bem, e você sabia disso.

Kai sorri para si mesmo antes de se inclinar para beijá-la e, em seguida, pressionar os lábios na cabeça da filha. — Minhas meninas. — Ele se vira para mim e para seu filho, tirando Max de mim. — E meus rapazes. Você tem um grande trabalho hoje, Max. Está pronto?

Ele acena com entusiasmo. — Vou levar o anel da tia Ken.

— Com certeza, você irá — eu o encorajo. — Você sabe de quem era o anel antes de Kennedy?

Seu sorriso se alarga. — Vovó Mae.

O quarto fica em silêncio. Estamos ensinando Max sobre nossa mãe há alguns anos, então não é chocante ouvi-lo dizer o nome dela, mas hoje, no dia em que ela morreu, no dia em que ele nasceu, no dia em que vou me casar com o amor da minha vida, é importante dizer o nome dela em voz alta.

— Sim — eu exalo. — Ela teria adorado estar aqui.

Kai coloca uma mão em meu ombro. — Ela está aqui.

Meu irmão e eu nos olhamos por um momento, dizendo todas as

coisas em silêncio.

— Bem — diz Miller. — Eu lhe ofereceria uma foto do dia do casamento, mas todos nós sabemos como foi o resultado da última vez.

O quarto se transforma em um local de risos, a especialidade de Miller.

— Obrigado por isso, Mills.

— Venha cá — diz ela, abrindo o braço livre para um abraço, e eu envolvo o meu em torno dela e de Emmy.

— Ela está bem? — pergunto calmamente.

— Ela está indo muito bem. Está animada para ver você.

— Obrigado por ser uma boa amiga para ela.

— Bem, obrigada por ter se casado com ela. Quanta sorte eu tenho de envelhecer com uma de minhas melhores amigas?

Ela passa a mão em minhas costas quando nos separamos.

— Vou ao banheiro antes de sairmos. — Eu jogo um polegar sobre meu ombro em direção à porta. — Volto já.

Com meu terno de casamento, fecho a porta do quarto atrás de mim, entrando na sala de estar da enorme casa alugada em que ficaremos no fim de semana. Ela fica fora do circuito de Las Vegas e é grande o suficiente para abrigar todos os nossos amigos e seus filhos. Os últimos dias têm sido incríveis, com todos nós passando o tempo aqui. Dias na piscina e noites fazendo o jantar juntos, jogando jogos de tabuleiro e ficando acordados depois que todas as crianças estão dormindo, apenas para acordar e fazer tudo de novo.

— Aí está ele! — Cody chama do sofá, vestido para a cerimônia, com cerveja na mão.

A sala aplaude e eu dou uma volta com eles, mostrando meu terno de casamento.

Zanders e Stevie, Ryan e Indy, Rio, Cody e Travis, todos eles

aumentam meu ego enquanto atravesso a sala de estar em direção a um dos banheiros de hóspedes. Somente quando chego à porta, minha atenção é imediatamente atraída para o quarto em que Kennedy e eu estamos dormindo. O quarto em que ela está agora, preparando-se para o nosso casamento.

Olhando por cima do ombro para me certificar de que ninguém está me observando, dirijo-me silenciosamente para a porta, batendo nela suavemente com os nós dos dedos.

— Quem é? — pergunta ela, e só de ouvir sua voz, meus ombros se acomodam e um sorriso desliza por meus lábios.

— Sou eu, Kenny.

— Isaiah? Você não está me vendo.

— Por favor — eu imploro. — Porra, sinto sua falta.

Ela dá uma risada doce que faz com que minha testa caia na porta ao ouvir o som.

— Só se passaram algumas horas — ela me lembra. — Não deveríamos nem ter dormido na mesma cama ontem à noite e dormimos. Não deveríamos ter nos visto hoje de manhã e você ainda nos preparou o café da manhã para comermos juntos.

— Bem, se eu não me certificar de que você coma, quem o fará?

Sua risada é suave.

— Por favor, baby. Sinto sua falta. Deixe-me ver você.

Ela abre um pouco a porta, apenas o suficiente para permitir que sua mão sardenta passe pela fresta – sua mão esquerda com o dedo anelar descoberto porque, pela primeira vez em dois anos, ela tirou a aliança de casamento para que eu pudesse colocá-la de volta ainda hoje.

Eu me ofereci para comprar algo novo para ela, algo que fosse estritamente dela, algo que pudéssemos acrescentar para significar que estamos fazendo isso da maneira certa hoje, mas ela só queria o anel da minha mãe. E, desta vez, quando eu o colocar em seu dedo, não

será como uma manobra para salvar seu emprego, mas como uma promessa de amá-la pelo resto da minha vida.

— Segure minha mão — diz ela por trás da barreira de madeira.

Entrelaço meus dedos com os dela, palma com palma, sentindo-me instantaneamente centralizado com ela.

— Você não deve ver a noiva antes do casamento.

— Mas...

— Vamos, baby. Entre no jogo.

Solto uma risada. — Você não pode continuar dizendo isso para mim.

— E por que? Isso tem funcionado para mim há anos.

— Exatamente. Esse é o problema, Ken. Eu nunca fui capaz de dizer não. Não antes de você usar meu sobrenome e, com certeza, não agora. É algo em que preciso trabalhar.

— Não tem problema. Vamos continuar assim.

Aperto sua mão na minha. — Mal posso esperar para me casar com você... de novo.

Ela aperta de volta. — Eu amo você.

— Eu amo você. Vejo você lá?

— Eu serei a de branco.

— Uau. Ok, talvez seja melhor lançar um alerta de spoiler da próxima vez.

Ela dá uma risadinha. — Não haverá uma próxima vez. Esta é para sempre.

* * *

Chegar à pequena capela onde demos o nó pela primeira vez parece surreal.

Não tenho muitas lembranças claras daquela noite, e estou ansioso para mudar isso desta vez, mas o exterior está tão nítido em minha mente. Talvez seja por causa daquela foto que foi publicada no *Chicago Tribune* ou talvez seja uma lembrança verdadeira da noite em que minha vida mudou para sempre, não tenho certeza.

O grupo inteiro sai dos carros e é deixado bem na frente. Toda a minha equipe está aqui, alguns estão hospedados em nossa casa alugada, outros em suas próprias casas. Essa viagem de confraternização da pré-temporada parece um pouco diferente das típicas, mas sou grato por tê-los todos aqui para renovação do nosso casamento.

Kai carrega Emmy na cadeirinha do carro e Max coloca sua mão na minha enquanto saímos do carro.

As maçanetas das portas são duas metades de um coração que se conectam quando a porta é fechada, a entrada tem um letreiro de neon parcialmente queimado com o nome da capela e um maldito imitador de Elvis nos recebe na recepção.

É perfeito.

Monty já está esperando por nós lá dentro, fazendo algumas anotações sobre o que planeja dizer enquanto oficia a cerimônia, enquanto o restante dos meus colegas de equipe e amigos encontram assentos, amontoando-se nos pequenos bancos de madeira que ladeiam os dois lados do corredor.

Não posso deixar de rir comigo mesmo sabendo que escolhemos nos casar aqui, não apenas uma, mas duas vezes. Mas é a sensação certa. Tenho certeza de que, enquanto crescia, Kennedy imaginava que teria uma cerimônia grandiosa em algum lugar como o Plaza, em Nova York, com seu noivado anunciado publicamente no *Times*.

Em vez disso, estamos fazendo isso aqui. Nessa capelinha decadente com flores de plástico coladas no púlpito como decoração. A iluminação é péssima e o tapete vermelho que cobre o corredor é de mau gosto.

Mas eu não mudaria nada, especialmente agora que nossos familiares e amigos mais próximos estão aqui para testemunhar esse momento.

Por falar em família, Dean é o último a chegar, entrando pela porta da frente minutos antes da chegada de Kennedy.

Todos os meus colegas de equipe se viram em seus assentos para olhar para ele.

— Foi mal. O voo atrasou. — Ele acena com a cabeça para mim.
— Ei, cara.

Com a mão na dele, eu o envolvo com meu braço, batendo em suas costas algumas vezes. — Ainda bem que você conseguiu, idiota.

— Obrigado pelo convite, idiota. Desculpe-me pelo atraso.

— Momento perfeito. Kenny está a caminho. Alguma notícia de sua família?

Ele balança a cabeça, com uma expressão descuidada no rosto. — Não. Eles estão muito ocupados tentando encontrar um marido para Mallory para comemorar a felicidade de Kennedy. Você sabe como eles são.

Eu sei como eles são, embora nem minha esposa nem eu tenhamos tido que lidar com as besteiras deles por quase dois anos. A mãe dela raramente tenta entrar em contato com ela, e Kennedy não a procurou nenhuma vez desde a noite em que os conheci.

O que parece ser o melhor. A única coisa que essas pessoas conseguiram foi fazer com que Kennedy questionasse seu valor e, nos últimos dois anos, fiz o possível para garantir que ela nunca mais questionasse isso.

Irônico, na verdade, que a única razão pela qual Kennedy e eu nos casamos foi porque ela estava se sentindo mesquinha e magoada pelo fato de seu ex-noivo estar se casando com sua meia-irmã. Mas o tempo mostraria as verdadeiras cores de todos. Connor e Mallory nunca chegaram a se casar porque, de acordo com Dean, eles brigavam constantemente por causa da falta de confiança um no

outro.

Acho que é isso que acontece quando você se une por traição. Você sempre estará preocupado com a possibilidade de isso acontecer com você.

— Vejo vocês depois — diz Dean, ocupando o assento da primeira fila, no lado mais próximo de onde Kennedy estará.

— Elas estão aqui — diz Kai, segurando a filha que ainda está dormindo contra o peito.

Monty fica na frente e no centro, de frente para a multidão, e eu ocupo o lugar à sua esquerda, com meu irmão atrás de mim.

Monty coloca a mão em meu ombro. — Você está pronto?

Estou pulando na ponta dos pés de tanta empolgação. — Sim.

— Max — ele diz ao meu sobrinho, que está ao meu lado, com a mão deslizando para dentro da minha. — Você está pronto? Lembra-se do que fazer quando sua mãe chegar?

Com os olhos azuis brilhando para o avô, ele acena com entusiasmo.

Elvis dá um sinal de positivo para Monty do fundo da sala e as portas se abrem.

Miller é a primeira, com o buquê nas mãos. Ela se alinha no final do corredor, sorrindo para o pai, o filho, o marido e, por último, para mim.

Max corre até ela, cumprimentando meus colegas de equipe pelo caminho, antes que Miller lhe entregue as alianças e o direcione de volta ao corredor até nós. Os rapazes o aplaudem, e fico aqui feliz ao ver como suas bochechas estão coradas e como seu sorriso é largo. Esses rapazes são bons em muitas coisas, mas são excelentes em garantir que Max saiba o quanto ele é importante.

Quando ele volta, entrega os anéis ao pai e Miller começa a caminhar.

Não faz muito tempo que os papéis se inverteram. Eu era o

padrinho de Kai e Kennedy era a dama de honra de Miller. Monty também oficiou essa cerimônia e Max ficou conosco o tempo todo, da mesma forma que fica hoje.

Miller mantém sua atenção no meu irmão o tempo todo e dá uma piscadela para ele quando está na frente dele.

— Obcecado por essa garota — ele sussurra para que apenas Monty e eu possamos ouvir.

— Nós sabemos — dizemos ao mesmo tempo.

Por falar em obcecado...

A porta se abre mais uma vez, e a primeira coisa que vejo é a cor que chamou minha atenção na primeira vez em que nos encontramos – Kennedy Rhodes Auburn.

O ar da porta se fechando sopra seu cabelo, permitindo que ele caia em torno de seu rosto, e eu juro por Deus que ela parece um anjo da vida real quando ele se acomoda.

Um buquê de flores em suas mãos. Amarelas, creio eu. Escolhida porque, afinal, é minha cor favorita. Vestido branco, feito para seu corpo. Ao contrário de seu último vestido, esse é mais justo e vai até o chão, com o tecido se moldando a cada curva. Simples e discreto, permitindo que ela seja a estrela do show. Tão clássico e elegante quanto ela.

E aquele sorriso. Aquele maldito sorriso que me faz estremecer a terra. Ele rouba meu fôlego com o quão fundamentado e satisfeito ele é. Como se ela soubesse, assim como eu, que é aqui que pertencemos.

Oi, ela diz do corredor, com o tapete vermelho à sua frente.

Oi, eu retorno. Balanço a cabeça em descrença, porque em que porra de mundo eu acertei tanto a ponto de ter o privilégio de ser a pessoa com quem ela vai caminhar até o altar?

Se eu pensasse mais a fundo, provavelmente poderia dar algumas centenas de razões pelas quais não sou bom o suficiente para ter esse momento, mas sou um homem egoísta. Então, em vez disso, apenas

mantenho contato visual com ela e conto minhas bênçãos.

A música muda, não para a música original que ela cantou no altar, mas para algo um pouco mais clássico. A multidão se levanta, e é então que ela dá o primeiro passo em minha direção.

Ela está deslumbrante e confiante, sem dúvidas ou hesitações em seus movimentos, e tenho certeza de que é uma imagem que, desta vez, não conseguirei esquecer.

Especialmente quando ela dá um passo em minha direção e a ponta de seu sapato aparece na bainha de seu vestido. Não há saltos em seus pés, apenas um par de tênis pretos que comprei para ela quando estava desesperado para que ela se sentisse confortável o suficiente para estar disposta a passar um pouco de tempo comigo.

Não posso deixar de rir para mim mesmo e, quando meus olhos voltam para aquele rosto lindo e sardento, ela está rindo comigo, sem parar de andar.

Porra, eu a amo.

Mal posso esperar para me casar com ela novamente.

* * *

O quintal da casa alugada está lotado com nossa família e amigos. Comida, sobremesa e bebidas estão em todas as mesas. Há uma pista de dança improvisada no meio do quintal e luzes de corda iluminando o céu noturno de Nevada.

A recepção do nosso casamento está a todo vapor, e tem sido uma explosão.

Nós nos misturamos, comemos e Kennedy vestiu sua roupa para a festa, que foi uma surpresa especialmente para mim.

Aquele minivestido branco, o tênis de plataforma e a jaqueta jeans do nosso primeiro casamento. Só que, dessa vez, ela fez com que Indy bordasse a parte de trás dela. Com *Sra. Rhodes* costurado com

linha branca e é aí que meus olhos estão grudados, vendo-a dançar com Max na pista de dança.

Ele está com as mãos nas dela, com os pés apoiados em cima de seus sapatos, sorrindo para ela como se ela fosse a garota mais bonita que ele já viu.

Ele não está errado nisso.

Eu amo muito minha família.

— O homem do momento. — Travis fica atrás da minha cadeira, com as mãos em meus ombros, antes de ele e Cody se sentarem um ao lado do outro, todos nós três olhando para a pista de dança.

— Você fez o impossível. Conseguiu que aquela garota se apaixonasse por você — diz Cody, conectando sua garrafa de cerveja à minha. — Qual é a sensação?

Tomo um longo gole. — Fantástica, porra.

— Deseje-me sorte para fazer o mesmo — acrescenta Travis.

Cody e eu caímos na gargalhada.

— Sem a menor chance — diz Cody. — Natalie nunca faria isso.

Dou de ombros. — Nunca se sabe. Pode ser que sim.

Natalie é a nova preparadora física que Kennedy contratou para substituí-la na última temporada. Trav tem uma queda por ela desde o primeiro dia. Não posso dizer que invejo o cara que sofre essa rejeição constante, mas posso me identificar.

— Da última vez que a vi, ela me disse que meus glúteos estavam apertados. Você sabe o que isso significa.

Cody lhe lança um olhar fixo. — Não é o que você acha que significa. Significa apenas que você é um apanhador e que toda a sua parte inferior do corpo está fodida.

— Isso significa que ela estava olhando para a minha bunda.

— Meu Deus, você parece Rhodes.

Inclino minha garrafa de cerveja para a pista de dança. — E veja aonde isso me levou.

Natalie ainda é nova no campo da medicina esportiva, o que é parte do motivo pelo qual Kennedy a contratou. Ela queria ajudar a orientá-la e proporcionar-lhe uma experiência positiva logo no início. Ela adorou ter outra mulher na equipe e, assim como fizeram com Kennedy, os rapazes não tratam Natalie de forma diferente dos homens da equipe médica.

Bem, a não ser quando Travis faz o possível para flertar com ela.

Houve uma mudança desde que Reese assumiu o cargo de proprietária e Kennedy se tornou a diretora de saúde e bem-estar. Muito do que Kennedy queria realizar era simplesmente provar que havia espaço no esporte para as mulheres, e ela fez exatamente isso.

Reese contratou algumas mulheres em outros departamentos e Kennedy dividiu a equipe médica igualmente. Dois homens. Duas mulheres.

Foi uma boa mudança, e estou orgulhoso dela por ter sido o início dessa mudança.

A música que ela está dançando com meu sobrinho começa a desaparecer, então eu me levanto da cadeira e deixo minha cerveja na mesa.

— Tenho que cuidar de uma coisa — digo a eles antes de ir embora.

Passando pela cabine do DJ, peço uma música e vou até a pista de dança para roubar minha esposa.

Chamo sua atenção quando atravesso a pista de dança até ela, com um leve sorriso nos lábios e as mãos ainda segurando as do meu sobrinho.

— Desculpe-me, Bug, mas preciso roubar minha esposa de você.

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça ao tirar a garota bonita de vestido branco de perto dele.

— Não.

Eu me assusto com uma risada. — Max, é o dia do meu casamento.

Ele aponta para seu peito. — Meu aniversário.

Bem, droga. Ele me pegou aí.

— Ei, Bug — diz Miller, cruzando a pista até nós. — Que tal você dançar comigo no seu aniversário?

Ele avalia rapidamente sua mãe antes de concordar e trocar as mãos e os pés de Kennedy pelos de Miller.

É com um suspiro de alívio que deslizo minha mão contra a parte inferior das costas de Kennedy, puxando-a contra mim. Ela se derrete em meu toque, com a bochecha apoiada em meu peito, uma mão em volta da minha cintura e a outra segurando a minha para o lado.

— Senti sua falta.

Ela dá uma risadinha. — Foram duas músicas.

— Você acha que isso importa?

Houve uma época em que Kennedy se perguntava como era sentir falta dela, mas agora ela nunca mais terá que se perguntar. Não há um dia sequer em que eu não sinta falta dela. Se ela entra em outro cômodo, sinto sua falta. Se ela sai para o trabalho antes de mim, sinto sua falta.

E tenho certeza de dizer a ela todas as vezes.

Chamo a atenção do DJ e aceno com a cabeça em sinal de aprovação pouco antes de começar a tocar a música que Kennedy cantou pela primeira vez.

A música “Obsessed”, de Mariah Carey, invade os alto-falantes e a cabeça de Kennedy cai instantaneamente em gargalhadas.

— Você não fez isso.

— Claro que sim. Ainda estou considerando essa como nossa música de casamento.

Os convidados ao nosso redor aplaudem a música que todos conhecem como minha música de entrada. Não a alterei em duas temporadas e não tenho planos de alterá-la no futuro.

— Ainda não acredito que você escolheu isso naquela noite.

Ela dá de ombros, com um sorriso doce e conhecedor nos lábios.
— Eu estava errada?

— Nem um pouco. Nem naquela época e nem agora.

Minha mão desliza pela curva de sua bunda, e é estranho pensar que houve um momento em que ela recuava ao meu toque. Ou quando ela não abraçava seus amigos, ou quando se sentia desconfortável com a perspectiva de segurar minha mão.

Agora, Kennedy inicia o contato físico tanto quanto eu, seja um beijo rápido no trabalho ou pegar na minha mão quando estamos caminhando lado a lado. E não há um dia sequer em que ela não abrace Miller, Indy ou Stevie quando as vê.

— Você está feliz? — pergunta ela, olhando para mim.

— Você precisa perguntar?

— Não. — Seu sorriso é suave. — Você demonstra. Como sempre fez.

— Você também, Ken. Nunca vi a felicidade brilhar tanto quanto a que você tem usado nos últimos dois anos.

— Acho que isso se deve ao fato de eu ter sido o oposto por muito tempo, sabe? Antes de nós.

Inclinando-me para baixo, eu a beijo, encostando meus lábios nos da minha esposa no dia do nosso casamento, dançando a música que ela cantou no altar, usando a roupa com a qual ela disse *sim* pela primeira vez.

— Eu lhe disse.

— Cale a boca. — Ela ri.

— Mas eu sabia! Eu sempre soube.

— Você é irritante. — Ela me beija novamente. — Mas fico feliz que você tenha sido persistente o suficiente para nós dois.

Não há muita coisa que tenha mudado entre nós nos dois anos desde que dissemos *sim* pela primeira vez. Nós nos apaixonamos ainda mais. Fomos morar juntos e recentemente compramos uma casa perto do meu irmão e da Miller. Namoramos, continuando a marcar todas as primeiras experiências que Kennedy ainda não havia experimentado.

Comecei a fazer terapia bimestral para lidar com a reação traumática ao acidente da minha mãe, aprendendo a controlar meus pensamentos e a não depender de Kennedy para me acalmar. Agora, quando surge uma tempestade, encontro a parte racional da minha mente para me guiar pelas etapas que aprendi, em vez de pegar instantaneamente o telefone e ligar para as pessoas mais próximas.

Ficamos e dançamos durante toda a música, dançando lentamente ao som de uma música que não foi feita exatamente para isso. Mas nenhum de nós se importa enquanto dançamos lentamente sob as luzes.

— Eu amo você — ela sussurra para mim enquanto a música termina.

Nunca vou me esquecer de ouvi-la dizer essas palavras.

— Amo você, querida. — Aceno com a cabeça em direção ao bar.
— Quer tomar uma dose comemorativa comigo?

Ela ri, com os olhos brilhando em um sorriso. — Tequila?

— Obviamente.

Com a mão dela na minha, encontramos o bar improvisado montado no canto da recepção.

— Parabéns, vocês dois. O que desejam? — pergunta o barman.

— Duas doses de tequila, por favor.

Ele serve o licor transparente, cobrindo o copo de shot com uma fatia de limão.

Kennedy o segura para mim em um brinde. — Por ter feito certo

da primeira vez, mesmo que tenha sido um acidente.

Junto o copo dela com o meu. — Para sempre.

— Para sempre.

Inclinando-me para baixo, eu a beijo antes de cada um de nós virar nossa dose.

Zanders, Stevie, Ryan, Indy, Kai, Miller e Rio estão todos sentados ao redor de uma mesa perto da pista de dança. Nós nos juntamos a eles, ocupando o último lugar vazio, onde eu puxo Kennedy para o meu colo.

— Parabéns, vocês dois. — Indy se senta à frente, com os cotovelos sobre a mesa e o queixo nas mãos, sorrindo para nós como a romântica que é.

— Obrigada, Ind — diz Kennedy, envolvendo meu pescoço com um braço. — Estamos muito felizes por vocês terem vindo e nos ajudado a recriar nossa primeira festa.

Zanders olha entre nós. — Não perderia por nada.

— Eu preciso saber — diz Ryan. — O imitador de Elvis estava lá na primeira vez?

— Não sei dizer — Kennedy e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Pessoal. Olhem para eles. — Stevie acena com a cabeça para a pista de dança ao nosso lado.

Toda a nossa atenção se volta para a pista de dança completamente vazia, menos os quatro pequenos que dançam juntos em um círculo que eles criaram. Max é o mais velho e o mais coordenado até agora, segurando a mão de Taylor Zanders em uma e a de Iverson Shay na outra. Iverson está com a mão de sua irmã, Navy, do outro lado e ela está conectada com a prima.

Eles estão muito fofos em seus terninhos e vestidos elegantes.

— Você também será assim um dia, garotinha — diz Kai para Emmy adormecida em seu peito.

Miller está com a cabeça em seu ombro, os dedos brincando com as pontas do cabelo dele enquanto observa Max com seus amigos.

— Pequenos humanos fofos, nós entendemos — diz Rio. — Mas vamos falar de mim por um segundo.

Posso sentir a risada silenciosa da Kennedy contra o meu peito, sentada no meu colo, com a cabeça apoiada no meu ombro, enquanto a recepção do nosso casamento começa a se encerrar.

— Sério, quando será a minha vez? Olhem só para vocês. — Rio gesticula ao redor da mesa. — Vocês estão todos casados e eu estou aqui, com 27 anos e ainda procurando.

— Quatro de cinco — acrescenta Kai. — Falta um. Isso vai acontecer em breve, Rio.

— Bem, é bom que eles sejam ótimos, fazendo-me esperar tanto tempo para conhecê-los.

— E se for alguém que você já conheceu e não tem a menor ideia? — pergunta Ryan.

— Não — Rio o afasta. — Não consigo pensar em uma única pessoa que eu já conheça e pela qual eu estaria remotamente interessado.

Zanders balança a cabeça. — Você é o cara mais exigente que conheço e, ao mesmo tempo, o mais sedento. É a combinação mais estranha. Não é de se admirar que você seja solteiro.

— Este é o ano. Está acontecendo. E Cody e Travis só precisam ficar na pista deles e solteiros, porque eu juro por Deus que se tiver que ir a outro casamento sem um par.... — Rio balança a cabeça. — Bem, então eu simplesmente não vou.

— Uau. — Indy ri. — Muito ameaçador.

— Todos vocês *deveriam* se sentir ameaçados. Vocês ficariam entediados como o inferno sem mim por perto.

A conversa continua, mas não estou ouvindo. Estou concentrado na menina de cabelos ruivos que está enrolada em meu colo.

Pressiono meus lábios na pele sob sua orelha, sentindo-a tremer contra mim.

Eu a seguro com mais força antes que meus olhos encontrem os de Kai. Uma mão segura sua filha, a outra segura uma cerveja, apoiada na coxa de Miller. Ele levanta sua cerveja para mim do outro lado da mesa.

Eu aceno com a cabeça, e nós dois temos uma conversa silenciosa, reconhecendo o quanto nossas vidas foram abençoadas. O que antes éramos apenas nós dois, agora somos uma família enorme, alguns relacionados ao sangue, outros não.

A mais importante para mim é a que está em meu colo, usando o anel de minha mãe.

Encostando minha cabeça na dela, sussurro: — Obrigado por se casar comigo, Kenny.

Essa tem sido uma frase que não tenho medo de pronunciar nos últimos dois anos.

Ela se vira para me olhar, com os olhos castanhos quentes traçando meu rosto antes de passar a ponta do dedo sobre a marca de nascença perto do meu olho. — E a qual vez você está se referindo?

Pressiono meus lábios nos dela. — Ambas.

Fim.

Notas

[←1]

No beisebol, o interbases (SS), ou shortstop, é o jogador que ocupa a posição entre a segunda e terceira bases. Essa posição é considerada por muitos uma das mais difíceis e dinâmicas, devido à localização em que joga. A razão se deve a um maior número de rebatedores destros que canhotos e a maioria dos rebatedores tendem a golpear a bola na direção que vai seu taco. Isso resulta em uma grande quantidade de bolas mandadas na direção do interbases.

[←2]

Ruivo.

[←3]

Posição de loga – cachorro voltado para baixo.

[←4]

No beisebol, um jogador que acerta três mil rebatidas ao longo de sua carreira é considerado um grande feito e pode ser chamado de Mr. Three Thousand. Essa é uma conquista rara e prestigiada.

[←5]

Produto da Kellogg's, um tipo de torrada com massa de waffle.

[←6]

O exame MCAT avalia as habilidades e o conhecimento de educadores médicos, médicos, estudantes de medicina e residentes como pré-requisitos essenciais para o sucesso na faculdade de medicina e na prática da medicina.